

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Lucila de Souza Zanelli

A dimensão ético-política da profissão na pesquisa sobre o Movimento Estudantil de
Serviço Social: duas décadas de hegemonia crítica

Mestrado em Serviço Social

São Paulo
2023

Lucila de Souza Zanelli

A dimensão ético-política da profissão na pesquisa sobre o Movimento Estudantil de
Serviço Social: duas décadas de hegemonia crítica

Dissertação apresentada à banca
examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de MESTRE
em Serviço Social, sob a orientação da
Prof.^a Dr.^a Maria Carmelita Yazbek.

São Paulo

2023

Gerenciador de ficha catalográfica:

Obs. Após inserir a ficha deletar este texto

Banca Examinadora

Professora Doutora Maria Carmelita Yazbek
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP (Orientadora)

Professora Doutora Leslieane Caputi
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

Professora Doutora Carola Carbajal Arregui
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

Professora Doutora Luciana Gonçalves Pereira de Paula
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (Suplente)

Professora Doutora Maria Beatriz Costa Abramides
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento nº: 88887.630614/2021-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – 88887.630614/2021-00.

Dedico à estudantes de Serviço Social que
lutam por uma reconstrução da sua própria
relação consigo mesmas e com o mundo.
Ao “Terceirão”, com muito afeto!

À professora Dirce Koga, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, me importa dizer que essa foi a ocasião que mais *idealizei* durante o curso do mestrado. Por agora, não entro nas minúcias da vida; dos afetos diários que troquei (mais recebi), do incentivo nos pequenos gestos, dos mais profundos sentimentos e emoções que me atravessaram e atravessam. Não tem sido, ao cabo, estas as questões as quais os requisitos institucionais me permitem fazer desabrochar. Mas posso dizer que embora poucos os registros em palavras, em meu íntimo tenho perseguido os caminhos que me levem a demonstrar com sinceridade o que me cala fundo no coração. Sim, como é reconfortante ter a certeza de que bons pares estiveram, estão e estarão comigo em minha jornada – da vida. A vocês, esperança dos meus dias, agradeço e serei grata em ação, no dia a dia. Ou melhor, aprenderei a sê-lo, pois me reencontro comigo quando recebo tamanho cuidado e companheirismo e aprendo a compartilhar a vida.

Obrigada, por me ensinarem o significado do *sonhar*.

[...]

*E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas*

*E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar*

*É tão bonito quando a gente pisa firme
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração*

[...]

Gonzaguinha – Caminhos do coração

RESUMO

ZANELLI, Lucila de Souza. **A dimensão ético-política da profissão na pesquisa sobre o Movimento Estudantil de Serviço Social**: duas décadas de hegemonia crítica. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta dissertação de mestrado é resultado de pesquisa no âmbito do Programa de Pós-graduação em Serviço Social realizada entre os anos de 2021 e 2023. O interesse na investigação possui lastros com a experiência militante da pesquisadora no Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) e da realização de estudos em grupo de pesquisa a respeito do tema. Buscou-se identificar qual o significado da produção de conhecimentos sobre o MESS para sua própria direção sociopolítica. Como recursos necessários à investigação, foi feito um levantamento das publicações sobre o tema, em seus variados formatos, para subsidiar posterior análise das tendências no campo da produção científica sobre o MESS. A pesquisa, de natureza exploratória, sustenta-se na teoria social de Marx que, ao desvelar os fundamentos da sociedade burguesa, abre-nos caminhos para a intervenção do ser social na luta de classes com consciência dos processos de alienação e exploração imbricados a um sistema de opressões que almejamos destruir. Este estudo situa-se na área do Serviço Social (subdivisão da grande área das Ciências Sociais Aplicadas), enquanto pesquisa de cunho bibliográfico, com foco na produção acadêmica sobre o MESS dentre os anos de 2000 e 2020, contexto marcado pela massificação do acesso ao ensino superior. Ao final da pesquisa com a totalidade dos 13 (treze) TCC's localizados em meios digitais, identificou-se contribuições históricas e políticas para a ENESSO, ratificando o significado do MESS para a construção de uma hegemonia crítica no campo do Serviço Social.

Palavras-chave: Serviço Social; Movimento Estudantil; Pesquisa; Projeto ético-político; Formação Profissional.

RESUMEN

ZANELLI, Lucila de Souza. **A dimensão política da pesquisa acadêmica sobre o Movimento Estudantil de Serviço Social**: duas décadas de hegemonia crítica. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta tesis de maestría es resultado de una investigación en el ámbito del Programa de Posgrado en Trabajo Social realizada entre los años 2021 y 2023. El interés de la investigación se fundamenta en la experiencia militante del investigador en el Movimiento Estudiantil de Servicio Social (MESS) y llevar a cabo estudios en un grupo de investigación sobre el tema. Buscamos identificar el significado de producir conocimiento sobre MESS para su propia dirección sociopolítica. Como recursos necesarios para la investigación, se realizó un levantamiento de publicaciones sobre el tema, en sus diversos formatos, para sustentar el posterior análisis de tendencias en el campo de la producción científica sobre MESS. La investigación, de carácter exploratorio, se basa en la teoría social de Marx que, al develar los fundamentos de la sociedad burguesa, abre caminos para la intervención del ser social en la lucha de clases con conciencia de los procesos de alienación y explotación entrelazados con un sistema de opresión que pretendemos destruir. Este estudio sitúa-se en el área de Servicio Social (subdivisión de la gran área de las Ciencias Sociales Aplicadas), en tanto investigación de tipo bibliográfico, con foco en la producción académica sobre el MESS entre los años de 2000 y 2020, contexto marcado por la masificación del acceso a la enseñanza superior. Al final de la investigación con los 13 (trece) TCC ubicados en medios digitales, se identificaron contribuciones históricas y políticas a la ENESSO, ratificando la importancia del MESS para la construcción de hegemonía crítica en el campo del Servicio Social.

Palabras clave: Servicio social; Movimiento Estudiantil; Buscar; Proyecto ético-político; Formación profesional.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CASS	Centro Acadêmico de Serviço Social
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CONESS	Conselho Nacional de Entidades Estudantis em Serviço Social
CRESS	Conselho Regional de Serviço Social
DCE	Diretório Central de Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ENESSO	Executiva Nacional dos Estudantes de Serviço Social
ERESS	Encontro Regional de Estudantes de Serviço Social
GEFEPSS	Grupo de Estudo e Pesquisa em Fundamentos, Formação e Exercício Profissional em Serviço Social
GTP	Grupo de Trabalho e Pesquisa
IC	Iniciação Científica
ME	Movimento estudantil
MESS	Movimento estudantil de Serviço Social
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PEP	Projeto Ético-político
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Pesquisa em tempos neoliberais e pandêmicos: apontamentos acerca dos procedimentos metodológicos	20
2	PRESSUPOSTOS TÉORICO-METODOLÓGICOS SOBRE A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS E O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE SERVIÇO SOCIAL	24
2.1	Trabalho: mediações teórico-metodológicas, sócio-históricas e política.....	24
2.2	Uma aproximação do debate com os fundamentos do Serviço Social e a produção de conhecimento científico na renovação do Serviço Social.....	27
3	O SIGNIFICADO POLÍTICO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO SOBRE O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE SERVIÇO SOCIAL	39
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
	REFERÊNCIAS.....	178

1 INTRODUÇÃO

Apresentamos reflexões e sínteses de uma leitura da realidade a partir de estudos desenvolvidos recentemente, com ênfase entre o segundo semestre do ano de 2021 até o penúltimo semestre de 2023, por meio de pesquisa – em nível de mestrado – junto ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Como expressão histórica também da nossa trajetória acadêmica e profissional, resta sublinhar alguns apontamos no que versa sobre nossa relação enquanto sujeito com o tema em estudo. Certamente, um conjunto diverso de questões a substanciam.

No processo da pesquisa social partimos de um “objeto percebido” em busca de um “objeto construído”; conforme Deslandes (2016, p.30-1), iniciando pelas percepções mais imediatas no próprio movimento do real, buscando traduzi-lo cientificamente na cabeça, transformando-o em objetivações teórico-conceituais.

Nesta trajetória investigativa, eivada de motivações de natureza político-acadêmico-profissionais, elencamos como objeto de estudo um fenômeno que tem existência prévia, própria e objetiva, que independe de qualquer ação de pesquisa para existir (Netto, 2011, p. 21-2).

O processo que constitui o desenvolvimento deste estudo possui como marco histórico o ingresso na graduação em Serviço Social em uma universidade pública no interior de Minas Gerais – a Universidade Federal do Triângulo Mineiro/UFTM. Em meados da década de 2010, em Uberaba/MG, nos defrontamos com o movimento estudantil. Este movimento social, expressão de contradições sócio-históricas da sociedade moderna, constitui o tema mais geral da pesquisa, enquanto continuidade de estudos que iniciamos no curso da graduação em Serviço Social.

Tal relação entre pesquisadora e objeto sustenta-se na trajetória de militância política, por intermédio da construção de entidades de representação estudantil no ensino superior e posteriormente, de organizações políticas alinhadas aos interesses mais gerais da classe trabalhadora.

Mas é importante demarcar que ela iniciou-se a partir de questionamentos e estranhamentos, afeições e identificações, que permearam o cotidiano do percurso universitário – em momentos muito específicos: de intervenções pelos membros do Centro Acadêmico durante o decorrer das aulas; do encontro com tantos cartazes colados nos mais variados espaços da universidade; da contemplação de artes

estampadas nas paredes do prédio do Centro Educacional, expressão política da existência de articulação estudantil na universidade; na entrevista que fomos avaliadas por uma assistente social do programa de assistência estudantil; na leitura de um livro sobre a ditadura militar no Brasil e a profissão de Serviço Social; no relato de uma estudante negra na ocasião de uma assembleia geral que tinha como ponto de pauta as greves estudantis que ocorriam por todo o país. Essas e tantas outras situações corriqueiras protagonizadas, sobretudo, por militantes já experimentados, mediaram nossa aproximação com a luta política.

Na universidade, o contato com o conhecimento crítico sobre a sociedade e sua dimensão política vem, desde então, nos permitindo confrontos com valores internalizados sob o mecanismo da alienação. Desde o início desse percurso acadêmico, as experiências junto a movimentos sociais e partidos políticos de esquerda também nos tem potencializado para uma postura crítica. Nos referimos ao processo de aproximações sucessivas pelo qual procedemos com o exame racional do conhecimento acumulado, aprendendo a identificar “[...] os seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites – ao tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais.” (Netto, 2011a, p.18, grifo do autor).

Nos arriscando à uma síntese dos resultados da pesquisa, a partir da premissa enunciada por Netto sobre o significado de uma postura crítica; ou de Deslandes, sobre o objeto construído: ao fim destes estudos do mestrado, concluímos que o Movimento Estudantil de Serviço Social tem à sua disposição um conjunto de pesquisas que o permitem o fortalecimento da ação política da ENESSO.

Vale ainda endossar alguns elementos na gama de processos – interdependentes – que sustentam tanto as projeções político-acadêmico-científicas aqui apresentadas e quanto o propósito de desenvolvimento da pesquisa que nos permitiu tecer tais aproximações com a realidade. Destacamos: o significado de estudos construídos partir de disciplinas no Serviço Social em nível de graduação e pós-graduação; de pesquisa de Iniciação Científica e do Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema do MESS; de grupo de estudos e pesquisas; de projetos de extensão universitária.

Em tempos neoliberais, é importante frisarmos os componentes que nos tem viabilizado a interlocução com o legado da tradição democrática e crítica nas universidades brasileiras. O caminho delineado a partir dessa escolha política nos

convoca a reforçar que em meio a tensões e contradições, o projeto de educação anticapitalista segue produzindo impactos na sociedade e construindo resistência e horizontes emancipatórios.

Apesar do embate constante contra o projeto societário da exploração, dominação e opressão da classe que vive do trabalho, a luta por uma nova sociedade encontra terreno para florescer e fazer raízes. A universidade brasileira tem sido um destes lugares de resistência e enfrentamento programático e, para desgosto de muitos, segue viva também com o protagonismo político da maior categoria que compõe a comunidade acadêmica: a estudantil.

Na área do Serviço Social essa realidade também se apresenta. Em um longo processo histórico, estudantes também se fazem agentes políticos, compondo lutas e tecendo caminhos de redirecionamento teórico-político da categoria profissional no Brasil. Com a formulação de um projeto profissional crítico, o Serviço Social brasileiro opta por demarcar posição aberta e franca no contexto da sociedade burguesa, formulando o que denominamos por Projeto ético-político (PEP), no bojo do qual a organização estudantil perfaz enquanto mediação que lhe confere materialidade (BRAZ, 2008).

Indissociavelmente, pautamos este projeto profissional legitimado em seus instrumentos jurídico-normativos e diretrizes para a formação acadêmica na área, com protagonismo das entidades representativas da profissão – seja na dimensão da pesquisa e do ensino, seja na relacionada à fiscalização, normatização e orientação profissional. A organização política da nossa categoria pautada na defesa das lutas coletivas constitui uma unidade de princípios fundamentais, configurados enquanto parâmetros que perpassam todo o sistema jurídico contido no Código de Ética de 1993 e demais resoluções normativas instituídas pelo Conselho Federal de Serviço Social/CFESS (TERRA, 2012, p.120, 130).

Não obstante, nas Diretrizes Curriculares formuladas com o protagonismo da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social/ABEPSS, em 1996, evidencia-se a necessidade de uma formação que recuse o tecnicismo, apresentando uma nova lógica curricular que acompanhe o redirecionamento ético-político da profissão. A ABEPSS (1996, p.09) incide na construção de possibilidades formativas pautadas na excelência do pensar crítico, substanciadas na investigação como propulsoras da natureza interventiva que particularizam a natureza do exercício profissional.

É nas trilhas do compromisso com esta proposta que situamos o significado deste estudo, que apresentamos nesta dissertação após a conclusão de uma pesquisa relacionada aos processos de organização política de estudantes de Serviço Social e da heterogeneidade de incursões investigativas em torno do tema.

O problema de pesquisa surge em torno da experiência militante no MESS e dos resultados de pesquisas prévias (realizadas à nível de graduação). Como “[...] nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (MINAYO, 2012, p.16), no momento, importa dimensionar que impressões imediatas nos sugeriam um cenário marcado por um parco investimento da categoria profissional no Brasil quanto estudos sobre o MESS; ou seja, de que pouco investigamos e disseminamos o conhecimento relacionado à organização do Movimento Estudantil de Serviço Social no país.

De modo mais geral, situando o MESS enquanto movimento social, cabe destacar acúmulos críticos construídos pela profissão sobre o conteúdo das pesquisas na categoria profissional. Conforme reflexão teórica desenvolvida por pesquisadoras à frente do Grupo Temático de Pesquisada (GTP) da ABEPSS “Movimentos Sociais e Serviço Social”,

[...] investigações em curso permitem falar em um certo distanciamento sobre o debate de movimentos sociais na formação, com o ensino, a pesquisa e a extensão relativas ao temário das lutas sociais estando predominantemente concentrado nas unidades públicas, sendo extremamente insuficientes nas unidades privadas, nas modalidades de ensino presencial e à distância. (MARRO et. al., 2021, p.272).

Tais apontamentos ampliam questões já trazidas pelo próprio GTP em outra oportunidade recente, que privilegiou o estudo dos trabalhos apresentados nas edições do Encontro Nacional de Pesquisadores e Pesquisadoras em Serviço Social (ENPESS) realizadas nos anos de 2014 e 2016.

No que tange ao eixo "Movimentos Sociais e Serviço Social" o mapeamento quantitativo desta produção teórica revelou uma tímida produção acerca do assunto, totalizando apenas 6,7% do total de publicações. Percentual muito próximo ao verificado em eventos anteriores, porém significativamente maior do observado da segunda metade da década de 1990 ao final dos anos 2000 (3,8%). As publicações nos ENPESS de 2014 e 2016 totalizaram juntas 2.128 artigos, dos quais apenas 144 diziam respeito ao tema dos movimentos sociais. (MARQUES; GUIMARÃES, 2019, p.25).

Ainda conforme este mesmo levantamento e sistematização da produção do conhecimento nos ENPESS's, apenas 3,5% dos trabalhos referem-se ao debate do movimento estudantil (ibidem, p. 26).

Contudo, a fase de levantamento bibliográfico da pesquisa que desenvolvemos no período da graduação nos apresentou uma realidade que suscitou outras indagações. A dita “parca” produção científica existente (e publicadas) sobre o tema do MESS seria de conhecimento consolidado dos agentes da sua própria história? Aliás, existiria algum repositório consolidado que reunisse esse conjunto de estudos realizados? Qual o investimento da ENESSO, enquanto entidade representativa de estudantes do curso no Brasil, quanto à produção de conhecimento científico sobre sua própria história?

Embora quantitativamente possamos afirmar que o tema é pouco representado no bojo das diversas linhas de pesquisa pelas quais o Serviço Social transita e institui, a dimensão qualitativa da produção existente nos provocou a continuar no desvendamento da realidade e de novos questionamentos.

O que nos move desde então, fundamentalmente, é o desejo pela busca do significado sociopolítico da produção de conhecimentos sobre o movimento estudantil de Serviço Social, para o próprio MESS brasileiro e para a profissão como um todo, na contemporaneidade. Ao proceder com tal escolha, vislumbramos identificar o papel, o sentido, enfim, o significado do investimento em pesquisas sobre o tema quanto suas incidências no projeto ético-político do Serviço Social hoje, mediado pelo protagonismo dos seus futuros [e atuais] agentes profissionais.

1.1 Pesquisa em tempos neoliberais e pandêmicos: apontamentos acerca dos procedimentos metodológicos

Nos valendo da busca pelo saber fomentada a partir do tema em tela, formulamos um anteprojeto de pesquisa, que veio processualmente sendo reconstruído a partir do ingresso e curso do mestrado no Programa de Pós-graduação em Serviço Social na PUC-SP.

Ressignificamos vários aspectos quanto à fundamentação, estrutura de apresentação e orientação dos objetivos, buscando dimensionar os princípios que sustentaram nossa proposta de pesquisa. Embora mais prolongada do que o desejado, esta fase se mostrou necessária e imprescindível, como momento de imersão nos estudos que nos têm convidado a proceder com a utilização de técnicas e instrumentos que, antes, nos permitissem um processo de *autoentendimento*, uma organização das ideias, de produção de sínteses dos conteúdos estudados, de trocas entre pares com abertura para o exercício de crítica e autocrítica. Esta última dimensão encontrou oportunidade privilegiada no exame de qualificação, realizado de forma híbrida, no terceiro mês deste ano de 2023.

É importante sinalizar que a pesquisa fora realizada em um momento no qual ainda guardamos algum grau de relação com o movimento social que tomamos por objeto – resguardadas as devidas proporções quanto os aspectos de organização acadêmica, em nível graduação e pós-graduação. Certamente, que sob aspectos marcados por outras particularidades e estas, redimensionadas, de todo maneira, pensamos pertinente uma postura permanente de alerta quanto à possibilidade de incorrerem em vícios, omissões, ultra generalizações. Não reivindicamos qualquer valoração sustentada em uma suposta (e falsa) neutralidade; antes, buscamos o rigor teórico-metodológico que caracteriza a investigação científica.

O debate da categoria *cotidiano* nos seria muito profícuo e oportuno neste sentido, de modo que pudéssemos travar investigações sobre possíveis tendências no desenvolvimento de pesquisas realizadas por sujeitos que contraem/estabelecem relações orgânicas e quase simbióticas com os fenômenos que tratam como tema de pesquisa. Porém, não nos propomos a tal ensejo, por limites de natureza objetiva que nos atravessam, bem como em razão das escolhas delimitadas em objetivos de pesquisa.

A pesquisa sustenta-se na teoria social de Marx que, ao desvelar os fundamentos da sociedade burguesa – mediante um longo e inacabado processo de pesquisa – abre-nos caminhos para a intervenção do ser social na luta de classes com consciência dos processos de alienação e exploração imbricados a um sistema de opressões que almejamos destruir. Buscamos mobilizar conhecimentos já construídos e submetê-los à crítica, como base para a apreensão do movimento da realidade, na perspectiva da totalidade – e das aproximações sucessivas, posto que “toda conclusão é sempre provisória” (NETTO, 2011a, p.26).

Retomamos reflexões desenvolvidas na graduação, a partir de Iasi (2011), sobre o processo de formação de consciência e as suas repercussões no MESS. Conforme o autor, em um dado momento, as preocupações que tomam lugar central dos sujeitos dizem respeito não apenas ao sentido anticapitalista que sustentam as ações dos sujeitos que se implicam no processo de transformação da realidade, mas torna-se imperativa a construção propositiva de um horizonte societário alternativo e um debruçar sobre o processo propriamente dito – o *como fazer*.

Considerando que tais militantes do MESS realizam esta reflexão, e supondo que, voluntaria ou involuntariamente, dela extraem conclusões prático-empíricas, nos propomos a investigar qual o papel, o significado político, da pesquisa para o MESS, enquanto instrumento que pode incindir na formação política dos sujeitos que constroem o MESS e a ENESSO.

Em suma, esta pesquisa é desenvolvida na área do Serviço Social (subdivisão da grande área das Ciências Sociais Aplicadas), enquanto estudo exploratório. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, bibliográfica, a ser realizada com aporte no método dialético, a partir do quadro teórico materialista-histórico-dialético.

Considerando as classificações segundo os propósitos mais gerais da pesquisa, compreendemos tratar-se de uma pesquisa de nível exploratório, que nos proporcione “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (GIL, 2022, p.42). Vale-se de dados, sobretudo, qualitativos, razão pela qual empregamos o método misto incorporado, concebido enquanto “coleta de dados quantitativos e qualitativos em uma única fase, mas com um método predominante” (GIL, 2022, p. 57).

O delineamento da pesquisa conforme objetivos apresentados será de cunho bibliográfico, portanto, “elaborada com base em material já publicado”, que congrega uma “ampla variedade de material impresso, como livros, revistas, jornais, teses,

dissertações e anais de eventos científicos [...] bem como o material disponibilizado pela Internet.” (ibidem, p.43). Para o estudo da bibliografia, utilizaremos como instrumento, um roteiro norteador para análise fundamentada no método de abordagem dialético, que “penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.106).

A dimensão da pesquisa bibliográfica constitui recurso privilegiado para identificar qual é a síntese do acúmulo das pesquisas desenvolvidas sobre o tema do MESS; ou seja, para identificar quais as principais tendências que elas apontam (conforme objetivo específico do projeto).

A pesquisa bibliográfica tem sido utilizada com grande frequência em estudos exploratórios ou descritivos, casos em que o objeto de estudo proposto é pouco estudado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis. [...] Portanto, a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994). A partir do exemplo de uma pesquisa exploratório-descritiva, apresentar-se-á o percurso construído com utilização da pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. (LIMA; MIOTO, 2007, p.40).

Conforme o Apêndice II, o conjunto de trabalhos localizados foi sistematizado por meio de plataformas online, nas seguintes bases de dados: Portal de periódicos CAPES e Banco Nacional de Teses e dissertações, a partir de uma seleção de palavras-chave. São elas: movimento(s) estudantil(is); movimento(s) estudantil(is) de serviço social; executiva de curso; ENESSO; SESSUNE; MESS; organização política estudantil; luta estudantil; lutas estudantis, centro(s) acadêmico(s).

O tipo de material levantado contemplou os seguintes formatos: livros e capítulo de livros (físicos e digitais), artigos (em periódicos *online*), resumos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado no período dos anos 2000 a 2020. Esse marco temporal se justifica em razão de caracterizar um período no qual se evidencia uma massificação do acesso ao ensino superior – que não corresponde necessariamente à uma ampliação do acesso e permanência em termos de qualidade da formação.

O universo de possibilidade temporal que poderia ser pesquisado é deveras vasto, o que nos direciona para estabelecer escolhas. O campo de estudos de maior proximidade com nossa experiência militante e acadêmica, situa-se neste período

determinado. Tendo em vista diversidade de formato das obras identificadas em paralelo com uma considerável alta quantidade, nos encontramos em dificuldades para proceder com delimitações condizentes com as possibilidades de estudo no tempo de vigência do vínculo com a PUC-SP.

Selecionamos os TCC's como base de estudos, considerando que a sua elaboração condiz com o período no qual a estudante de Serviço Social encontra-se, potencialmente, em um momento de militância política e imersão investigativa com o processo de pesquisa acadêmica.

Planejamos um incursão científico visando a apreensão, no plano da abstração, direcionada ao movimento do concreto pensado; com certeza, longe de esgotar as diversas e ricas possibilidades de estudos sobre o tema. Assim se constitui este trabalho, que inicia-se com o propósito de identificar e construir mediações em torno dos objetivos aqui desenhados, na busca do fortalecimento dos contributos existentes para o permanente embate e disputa no campo da direção sociopolítica da profissão, com o protagonismo do Movimento Estudantil.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS SOBRE A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS E O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE SERVIÇO SOCIAL

Nestas reflexões preliminares, pautamos o significado social da produção de conhecimento científico na contemporaneidade e destacamos o campo de estudos sobre o MESS (Movimento Estudantil na área do Serviço Social), partindo da concepção de interesses antagônicos de classes sociais em disputa. Para tal, recorreremos à teoria marxiana e à tradição marxista, que ressoam nas diversas dimensões constitutivas da vida social, considerando que a aproximação com as formulações teóricas-metodológicas de Karl Marx e Friedrich Engels reservam subsídios imprescindíveis no processo de construção de uma sociedade humanamente emancipada. Privilegiamos o estudo sobre a ação política do MESS, fundamentalmente, a partir de suas entidades representativas – a Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) e as entidades de base (os Centros e Diretórios Acadêmicos). Por identificarmos no MESS elementos estratégicos no processo de construção e defesa de um projeto de profissão crítico, que renuncie ao conservadorismo e se vincule ética e politicamente aos interesses mais gerais da classe trabalhadora, situamo-las no preliminar debate da dimensão do conhecimento científico, ancorada em pressupostos a partir de Marx e Engels

2.1 Trabalho: mediações teórico-metodológicas, sócio-históricas e política

Com uma vasta produção que ganha maturidade ao longo dos anos, Marx, em mútua colaboração intelectual junto à Engels, nos legou um conjunto de manuscritos que residem em inumeráveis páginas. São escritos que guardam insuprimível fundamento político, consolidado numa concepção de recusa com um “pensar abstrato” e com a mera contemplação que se encontrava tradicionalmente no campo da filosofia de seu tempo; contrariamente, destacam a transformação do mundo como questão de real importância, como parte da sua teoria (NETTO, 2012, p. 166). Considerando que “não é a consciência que determina a vida”, mas inversamente, que “o ser dos homens é o seu processo de vida real” (MARX; ENGERLS, 2007, p.94), pautamos as reflexões aqui realizadas na concepção marxiana, na qual o primeiro pressuposto da existência humana é o de que temos

[...] de estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX; ENGELS, 2007, p.31-32).

Nos importa destacar aqui o significado destas premissas marxianas, no contexto dos meados do século XIX, posto que nelas encontramos um processo de superação [*Aufhebung*] da filosofia alemã dominante de seu tempo, a partir do pensamento de Hegel (GIANNOTTI, 1999, p.05). Pautando a dimensão material da vida, Marx e Engels reconstituem o movimento da realidade, por intermédio da crítica do pensamento hegeliano – inaugural ao incorporar, na filosofia, a noção de trabalho situando sua centralidade nas condições de vida e consciência humana (SADER, 2007, p.14).

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. [...] Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. (MARX, 2017a, p. 255-256, grifo nosso).

Na cena inicial do clássico 2001 – Uma odisseia no espaço, encontramos uma interessante representação cinematográfica acerca do significado do trabalho, que encontra correspondência com a concepção marxiana, como marco de um salto ontológico⁴⁷. Desta relação com a natureza, a humanidade vem colhendo frutos e abrindo caminhos que podem surpreender, futuramente, até mesmo entusiastas da ficção científica.

Este incursão inicial justifica-se, portanto, na concepção materialista marxiana, de que “é não o fato de pensar, mas sim o de começar a produzir seus meios de vida” (MARX; ENGELS, 2007, p.87) que nos diferencia no conjunto mais geral dos seres vivos. Com aporte na obra introdutória de Braz e Netto (2012), podemos assinalar que o trabalho pressupõe uma atividade teleologicamente pensada – antecipação ideal de uma finalidade – e a tendência à universalização e a linguagem articulada – por se

tratar de uma atividade de caráter eminentemente coletivo. Assim, “mediante o trabalho, os homens produziram-se a si mesmos (isto é, se autoproduziram como resultado de sua própria atividade), tornando-se – para além de seres naturais – seres sociais.” (ibidem, p.49). Constituindo-se enquanto “objetivação primária e ineliminável do ser social” (ibidem, p. 52) o trabalho media o desenvolvimento deste último. Este processo pelo qual satisfaz-se necessidades no campo das condições de sua existência, conduz à novas necessidades, no bojo do processo da procriação (reprodução biológica da espécie) e marca o surgimento de determinados modos de produção (MARX; ENGELS, 2007, p.33-34). Remetendo ao processo de desenvolvimento histórico da humanidade, no campo da tradição marxista, os autores demarcam o fenômeno da produção excedente de produtos do trabalho em relação às necessidades humanas como decisivo para a emergência da possibilidade de exploração do trabalho. Neste ínterim, conforme Marx e Engels (2017b, p. 22):

A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes. [...] opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, [...] que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito. [...] A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez mais do que estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das que existiram no passado.

Estabelece-se uma relação de exploração, na conformação de sistemas organizados que se instituem histórica e socialmente, assumindo contornos particulares, a partir de diversas mediações como as culturais, geográficas. Os modos de produção abarcam uma articulação entre forças produtivas (composta pelos meios, objetos e força de trabalho) e relações de produção e, nesta dinâmica a forma de propriedade constitui o fundamento da composição das classes sociais, nos mais variados modos de produção (BRAZ; NETTO, 2012). Dado os objetivos e limites da natureza deste trabalho, nosso foco é delimitar o trabalho no processo de emergência do modo de produção capitalista, dado que é a partir da sua consolidação que o Serviço Social se institui enquanto profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho (IAMAMOTO, 2014).

E então, o antagonismo fundamental entre burguesia e proletariado – em que, pela primeira, “[...] entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado”; e pela última, “a classe dos assalariados modernos que não tendo meios próprios de produção, são obrigados

a vender sua força de trabalho para sobreviver” (MARX; ENGELS, 2017b, p. 22) – vem dominando a sociedade, desde, aproximadamente, as últimas décadas do século XVIII e início do século XIX.

2.2 Uma aproximação do debate com os fundamentos do Serviço Social e a produção de conhecimento científico na renovação do Serviço Social

Resumidamente, este é o fundamento central que faz emergir a necessidade histórica de uma profissão como o Serviço Social. O debate dos fundamentos do Serviço Social se apresenta como “pedra angular”, de modo que nele, podemos encontrar subsídios para situar historicamente o significado sócio-histórico da profissão no território brasileiro que, por meio dos seus agentes profissionais, defronta-se com a “necessidade de renovação e mudança, como resultado das transformações que ocorrem nas relações sociais que peculiarizam o desenvolvimento do capitalismo no país” (YAZBEK, 2009, p.137).

A gênese da profissão no Brasil emerge no contexto do capitalismo monopolista, numa sociedade profundamente assentada no colonialismo e no racismo. Na base dos fenômenos sociais decorrentes do processo de consolidação do capitalismo monopolista (ABEPSS, 2023), gravitam os elementos que condicionaram a possibilidade de emergência do Serviço Social, encontrando nas expressões da “assim chamada questão social” o seu objeto de intervenção.

[...] a questão social, específica da ordem burguesa e das relações sociais que a sustentam, é apreendida como expressão ampliada da exploração do trabalho e das desigualdades e lutas sociais dela decorrentes: o anverso do desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social. Sua produção/reprodução assume perfis e expressões historicamente particulares na cena contemporânea latino-americana. Requer, no seu enfrentamento, a prevalência das necessidades da coletividade e dos trabalhadores, o chamamento à responsabilidade do Estado e a afirmação de políticas sociais de caráter universal, voltadas aos interesses das grandes maiorias, condensando um processo histórico de lutas pela democratização da economia, da política, da cultura na construção da esfera pública. (IAMAMOTO, 2008, p. 162, grifo nosso).

Atualmente, a categoria profissional vem avançado na formulação de uma concepção da “questão social” a qual, longe de ser “nova”, ganha maior concretude sobre suas características e conformação no território latino-americano. Debates sobre as categorias de raça e etnia, gênero e sexualidade, geração, nacionalidade

entre outras, se identificam nas mais variadas dimensões que constituem a profissão. Merecem destaque produções científicas (como as de Marcia Eurico, Renata Gonçalves, Magali da Silva, Roseli da Fonseca Rocha, Ana Paula Procópio, Tales Willyan Fornazier Moreira, Mirla Cisne), campanhas e materiais de formação e orientação elaborados a partir das entidades representativas da categoria profissional, e o recente lançamento da Plataforma Antirracista no XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS), em 2022.

O papel dos fundamentos na formação profissional, com ênfase na abordagem de Iamamoto (2014), é essencial para uma aproximação crítica quanto aos desafios e possibilidades reservados à categoria profissional, inscrita na divisão social e técnica do trabalho no conjunto das relações sociais, que no Brasil, se coloca em cena nos meados da década de 1930 (ibidem).

O Serviço Social se gesta e se desenvolve como profissão reconhecida na divisão social do trabalho, tendo por pano de fundo o desenvolvimento capitalista industrial e a expansão urbana, processos esses aqui apreendidos sob o ângulo das novas classes sociais emergentes - a constituição e expansão do proletariado e da burguesia industrial - e das modificações verificadas na composição dos grupos e frações de classes que compartilham o poder de Estado em conjunturas históricas específicas. (IAMAMOTO, 2014, p. 83).

Mas enquanto produto que se apresenta como alternativa no campo dos interesses de classe dominantes, as condições de tensionamento dos valores que o alicerça jazem em sua própria natureza; conforme nos explica Iamamoto (2008; 2014), quanto às possibilidades de resistência que podemos construir enquanto classe trabalhadora.

É especialmente no Movimento de Reconceituação Latino-americano, a partir da década de 1960 que podemos identificar uma importante construção histórica da profissão que se defronta, em escala e profundidade expressiva, o núcleo das contradições que fundamentam a sua própria natureza. Esse processo desenvolve-se à nível internacional, constituindo uma erosão às bases tradicionais do Serviço Social (NETTO, 2009a, p.146).

A categoria profissional produz reflexões e análises sobre seus referenciais teórico-metodológicos norteadores, em um contexto de consolidação da profissão, quando se apresentam novas demandas, conforme o desenvolvimento do modo de produção capitalista e o conjunto das relações sociais próprias desse modo de produção e reprodução social da vida. A questão social, fundamento da nossa intervenção,

complexifica-se em suas expressões, convocando-nos a compreendê-la na realidade brasileira em constante movimento.

Não obstante as contradições e limites que perpassam, também, o Movimento de Reconceitualização, a profissão tem se renovado, fazendo a escolha por um projeto profissional de direcionamento sociopolítico comprometido com a ruptura com o conservadorismo, ganhando corpo um Projeto ético-político. Este projeto se consubstancia em embates travados pelas assistentes sociais brasileiras, no contexto da luta de classes entre os anos 1960-1980, em uma América Latina marcada por ditaduras militares financiadas pela principal potência imperialista (EUA). Desde a virada da década de 1980, este projeto vem ganhando maturidade, se constituindo no movimento da realidade e suas contradições, em meios mais ou menos favoráveis.

Em acordo com Braz (2008, p.82), “[...] o projeto ético-político (como uma projeção) pressupõe, em si mesmo, um espaço democrático, aberto, em construção e em permanente tensão e conflito.” Com aporte na concepção do autor quanto à articulação indissociável entre as dimensões que conferem materialidade ao PEP - quais sejam: político-organizativa, jurídicopolítico e de produção de conhecimentos no interior da profissão (ibidem) - buscamos aqui contextualizar um debate para pautarmos, na sequência, o significado da investigação científica e produção de conhecimentos para o Serviço Social.

Conforme Netto (2009a), a caracterização da renovação do Serviço Social no Brasil requer contextualizações acerca do processo mais geral do desenvolvimento do modo de produção capitalista em sua fase de monopólio em conexão com as particularidades da formação sócio-histórico brasileira. Buscamos sinalizar, de início, alguns elementos sobre o campo do debate teórico-metodológico que envolve a produção de conhecimento científico para, posteriormente, retomar o debate sobre seu significado no processo de renovação da profissão em nosso país.

O mundo que percebemos hoje é produto de processos históricos reais de uma riqueza imensurável. Por riqueza, aqui nos referimos à sua complexidade, marca que constitui a vida em sociedade. Desde as nossas mais primárias formas de contato com a realidade – enquanto indivíduos – tudo o que aprendemos a captar através dos sentidos, pelas aparências e por intermédio de interações sociais, carrega significados e contradições que certamente, jamais viremos a conhecer na totalidade. Contudo, historicamente, a humanidade tem buscado cada vez mais superar os níveis e formas

variadas pelas quais limitações de diversas naturezas encontram-se postas no campo do desenvolvimento do ser social.

Há algum tempo, significativamente curto em relação ao todo da história da sociedade, a ciência se estabeleceu como modalidade hegemônica de produção de conhecimento no mundo (MINAYO, 2016). Mas, se a afirmamos como hegemônica, com base na concepção gramsciana, supomos: a afirmação de outras várias formas de conhecer a realidade; que essas formas coexistem, podem se complementar mas, geralmente, se confrontam; que não são expressões de um processo natural da humanidade, mas sim, expressões históricas da vida social; e também que o trabalho se apresenta como mediação privilegiada que possibilita e demanda um contínuo processo de investimento social na produção de saberes, em todas as suas facetas até hoje desenvolvidas.

Se o trabalho, como já mencionado a partir de Braz e Netto (2012) é o “ponto de arranque” no processo de constituição do ser social, há que se considerar que outras formas de objetivação se manifestaram historicamente enquanto possibilidade: a religião, a ciência, a arte e a filosofia. (ibidem, p.52).

Para denotar que o ser social é mais que trabalho [...] existe uma categoria mais abrangente: a categoria de práxis. A práxis envolve o trabalho, que, na verdade, é o seu modelo – mas inclui muito mais que ele: inclui todas as objetivações humanas. [...] deve-se distinguir entre formas de práxis voltadas para o controle e a exploração da natureza e formas voltadas para influir no comportamento e na ação dos homens. [...] no segundo caso, trata-se de relações de sujeito a sujeito, daquelas formas de práxis em que o homem atua sobre si mesmo (como na práxis educativa e na práxis política). (BRAZ; NETTO, 2012, p.53-54, grifo dos autores).

É nesta possibilidade que nos ancoramos, pelas suas potentes incidências sobre nossa construção enquanto sujeitos, pelas alternativas que tais formas de objetivação tem nos permitido desbravar, por compreendermos o conhecimento enquanto “uma das expressões do desenvolvimento da capacidade humana de compreender e explicar a realidade nas suas múltiplas determinações” (ABEPSS, 2023).

Reconhecida como profissão devidamente regulamentada e como área de conhecimento, o Serviço Social situa-se em um contexto também marcado pela disputa dos projetos profissionais que ameaçam conquistas construídas historicamente, posto que “o projeto ético-político (como uma projeção) pressupõe, em si mesmo, um espaço democrático, aberto, em construção e em permanente tensão e conflito.” (BRAZ, 2008, p. 82).

Neste íterim, vale destacar a vinculação do Serviço Social com a obra marxiana/tradição marxista e a repercussão que “contribuiu decisivamente para oxigenar o Serviço Social brasileiro” e constitui “uma nova geração de pesquisadores que se vale competentemente das concepções teórico-metodológicas de Marx” (NETTO, 2009b p. 30). Como Netto (ibidem), importantes referências desta(s) geração(ções) têm nos aberto um conjunto de possibilidades na contemporaneidade, de modo que hoje, temos à nossa disposição – não naturalmente dada – de uma vasta bibliografia e de um conjunto de experiências que pavimentam os caminhos para seguirmos, nesta trajetória crítica. Destacamos algumas dessas concepções – de Iamamoto (2014), Guerra (2009) e Abramides (2019) – que se expressam no campo teórico-metodológico.

Iamamoto (2014) destaca o significado das conquistas emergentes dessa relação que a profissão estabelece com a teoria social de Marx, no contexto do processo de renovação da profissão no Brasil:

[...] nas três últimas décadas, construímos coletivamente um patrimônio sociopolítico e profissional que atribui uma face peculiar ao Serviço Social brasileiro no cenário da América Latina e Caribe e no circuito mundial do Serviço Social. O núcleo desse patrimônio é a compreensão da história a partir das classes sociais e suas lutas, da centralidade do trabalho e dos trabalhadores. Ele foi alimentado teoricamente pela tradição marxista - no diálogo com outras matrizes analíticas - e politicamente pela aproximação de forças vivas que movem a história; as lutas e movimentos sociais. (p. 612-613, grifo da autora).

Tal direção expressa por Iamamoto é fruto também do estreitamento da categoria profissional, justamente com a teoria social fundada por Marx, a qual nos fornece uma análise da sociedade burguesa – essa que é o chão histórico da emergência do Serviço Social. Sobre o significado social dos processos investigativos e a realização de pesquisas para a categoria profissional, apontamentos consolidados encontram-se em Guerra (2009, p. 03).

[...] no cumprimento das atribuições e competências socioprofissionais, há que se realizar permanentemente a pesquisa das condições e relações sob as quais o exercício profissional se realiza, dos objetos de intervenção, das condições e relações de vida, trabalho e resistência dos sujeitos sociais que recebem os serviços. [...] Aqui se reconhece e se enfatiza a natureza investigativa das competências profissionais. Mais do que uma postura, o caráter investigativo é constitutivo das competências/atribuições profissionais de modo transversal.

E Abramides (2019), percursora nos estudos da relação da profissão com movimentos sociais e da própria organização política de assistentes sociais, também nos oferece apontamentos centrais como premissas do debate.

A referência teórica, portanto, é propulsora da práxis cotidiana e da perspectiva ontológica que supõe o fim da sociedade de classes, da propriedade privada dos meios de produção, da exploração do homem pelo homem, que traz como possibilidade histórica a supressão positiva do capital, a dissolução do Estado, na auto-organização livre dos indivíduos sociais. (p. 35).

Cabe mensurar que Netto (2009a) destaca o debate da renovação do Serviço Social situando as suas devidas mediações advindas diretamente da “inserção profissional no circuito universitário”, pois “suas resultantes conformaram espaços de reflexão que foram ocupados e utilizados para gestar uma massa crítica” (p.129).

É com fundamento neste repertório crítico que se situamos a seara da pesquisa, buscando vincular nossos estudos a este acumulado debate que nos aponta a importância de investirmos constantemente na criação e utilização de estratégias nos proporcionem uma leitura que superem o aparente, o posto como dado, o conformismo, o messianismo, enfim, entre outras expressões de tendências marcadas pelo fenômeno da alienação.

1.3 Movimento estudantil de Serviço Social nas trilhas da práxis política: desafios conjunturais

Na era atual do capitalismo monopolista, numa conjuntura de crise econômica, política, social e sanitária (no contexto da pandemia mundial da COVID-19), fortemente caracterizada por inflexões na democracia burguesa, pela radicalização neoliberal (incluindo-se aí a privatização e precarização do Ensino Superior público), demonstra sinais de um sistema que se estrutura com base no esgotamento de qualquer possibilidade civilizatória, como aponta Netto (2013, p. 23):

[...] nos últimos quarenta anos, o modo de produção capitalista experimentou transformações de monta, que se refratam distintamente nas diversas formações econômico-sociais em que se concretiza [...]. [...] duas inferências parecem-me inquestionáveis: 1ª. nenhuma dessas transformações modificou a essência exploradora da relação capital/trabalho; pelo contrário, tal essência, conclusivamente planetarizada e universalizada, exponencia-se a cada dia; 2ª. a ordem do capital esgotou completamente as suas potencialidades progressistas, constituindo-se, contemporaneamente, em vetor de travagem e reversão de todas as conquistas civilizatórias.

As transformações societárias que ganham formas concretas nos tempos atuais conformam um leque de dimensões que nos desafiam na tarefa da análise de conjuntura, porque elas “[...] envolvem a totalidade social, configurando a sociedade tardo-burguesa que emerge da restauração do capital” (ibidem). O projeto restaurador alicerçado no tripé “flexibilização, desregulamentação e privatização” (ibidem) não se consolida em níveis localizados e dispersos; abrange, sim, o conjunto das relações sociais. Com aporte no referencial crítico da profissão acumulado sobre o tema, é incontestável sublinhar que este cenário conforma refrações que incidem numa piora significativamente regressiva das condições de vida e trabalho da grande massa da população.

O processo de organização política da classe trabalhadora constitui-se propriamente no âmago dessas contradições, e não apartado delas. As condições de enfrentamento à ordem societária vigente perpassam contradições de caráter bastante adverso para as forças populares antagônicas ao projeto burguês. Nas diversas frentes de luta e seus instrumentos, as organizações clássicas de trabalhadores e trabalhadoras (partidos políticos e sindicatos) são marcadas por desafios no âmbito da objetividade e da subjetividade e, os movimentos sociais que vinculam as lutas particulares a um projeto de construção de uma nova ordem societária antagônica ao capitalismo, estão na mesma seara – ressalvadas as devidas particularidades de cada forma de organização política.

A profissão conforma-se é no movimento da realidade, a partir de variadas determinações no plano sócio-histórico, econômico, político e cultural, no terreno da sociedade marcada pela divisão de classes sociais, as quais vivem em permanentes embates, dado que são antagônicas (ABRAMIDES, 2019, p. 33).

A quadra histórica contemporânea impulsiona-nos a um combate coletivo teórico, político e programático que se orienta: a) por lutar incessantemente contra o neoliberalismo e o conservadorismo; b) a favor das políticas sociais públicas universais e estruturantes de emprego; c) pela reforma agrária e urbana; d) pelo salário igual para trabalho igual; e) contra a destruição e precarização das relações de trabalho; f) contra a criminalização dos movimentos sociais; g) contra a exploração do trabalho humano; h) contra todas as formas de opressão social, preconceito, discriminação de classe, gênero, raça, etnia e orientação sexual; i) pela soberania nacional; j) contra a ALCA (Área Livre de Comércio das Américas); k) pelo ensino público, laico, estatal, gratuito, de qualidade, para todos e em todos os níveis, na direção do fim da escola de classes, como projeção, e que atenda aos trabalhadores inseridos na produção e fora dela, como os trabalhadores desempregados, mas que só tem a vender sua força de

trabalho, os quais constituem a maioria da população. (ibidem, p. 37-38).

Este sistemático conjunto de bandeiras de luta se constitui como pauta elaborada na coerência da direção sociopolítica que temos construído na profissão, direção essa que tem como marco histórico o "Congresso da Virada" (1979), um marco no reconhecimento de nossa condição de classe trabalhadora, bem como do significado político do trabalho das assistentes sociais, pautado no compromisso com os interesses gerais de trabalhadores e trabalhadoras.

Essa renovação se expressa no Código de Ética de 1986 e posteriormente, aparece mais amadurecida no Código de Ética de 1993, acompanhado da construção do projeto de formação profissional que emerge com a proposta do Currículo Mínimo de 1982 e os posteriores avanços consolidados na dinâmica de construção coletiva das Diretrizes Curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) em 1996.

O marco da redefinição do projeto profissional dos anos 80 foi o tratamento dispensado ao significado social da profissão, enquanto especialização do trabalho coletivo, inserido na divisão social e técnica do trabalho. Esta perspectiva destaca, fundamentalmente, a historicidade do Serviço Social, entendido no quadro das relações sociais entre as classes sociais e destas com o Estado. Implica, pois, em compreender a profissão como um processo, vale dizer, ela se transforma ao transformarem-se as condições e as relações sociais nas quais ela se inscreve. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL, 2023, p. 21).

As tensões e embates no interior da categoria profissional são marcadas pelos interesses de classe em disputa, constituindo-se como pano de fundo no qual se constrói a nova lógica curricular da profissão:

A formação profissional expressa uma concepção de ensino e aprendizagem calcada na dinâmica da vida social, o que estabelece os parâmetros para a inserção profissional na realidade socioinstitucional. A presente proposta parte da reafirmação do trabalho como atividade central na constituição do ser social. As mudanças verificadas nos padrões de acumulação e regulação social exigem um redimensionamento das formas de pensar/agir dos profissionais diante das novas demandas, possibilidades e das respostas dadas. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL, 2023, p. 26).

Nessa dinâmica da vida social, estudantes do curso de Serviço Social são agentes ativos, fundamentais, somando-se historicamente, enquanto sujeitos, nos principais embates travados pelas assistentes sociais brasileiras. Porém, Duriguetto (2014)

alerta para o fato de que, a conjuntura pós-anos 1990, marcada por profundas transformações societárias, imputa-nos relações precarizadas de trabalho sob a égide neoliberal, com uma pressão à delimitação da nossa atuação ao campo da “administração da miséria”, sufocando a dimensão intelectual da profissão (p. 182) - portanto, capturando possibilidades de tensionamento e disputa nos espaços sócio-ocupacionais que nos inserimos, como reforço à tecnificação do Serviço Social.

Aqui situa-se a ofensiva da lógica privatista e precária da educação nos marcos de uma radicalização neoliberal, ao que a autora supracitada nos conclama ao “[...] fomento de intervenções profissionais nos processos de mobilização e organização popular [...]” (DURIGUETTO, 2014, p. 183), como estratégia de enfrentamento dessa realidade.

Consoante às provocações de Yazbek (2019, p. 87, grifo da autora):

Como lutar pela liberdade, pela equidade, pela justiça, pela construção de direitos, contra práticas racistas e homofóbicas, entre outros aspectos, nesse contexto? Como levar adiante esse embate? Luta desigual, mas que deve nos encontrar preparadas(os). Luta que só se luta no coletivo – um traço dessa nossa história, mas que deve ser de cada um, todos os dias. Luta que supõe o estudo, a pesquisa e o debate: não há melhor caminho para qualificar o trabalho da profissão e seu projeto ético-político que o estudo, a pesquisa e o debate.

É defronte tais desafios que pautamos a importância do fortalecimento de pesquisas que se propõem à investigação sobre o MESS e, acreditamos que a trajetória de Marx e Engels, sua teoria e método configuram um legado que vem a servir não como mera inspiração revolucionária desprovida de significado concreto, mas sim como instrumento de edificação para processos de lutas reais – como as de estudantes universitários – constituintes de um amplo projeto de sociedade que enfrente o capital e possibilite a construção de novas relações sociais, na perspectiva da emancipação humana.

Em acordo com a pesquisa de Santos (2007, p. 100): “não foram poucas as vezes que os estudantes assumiram seu papel de protagonista na história, se organizando e lutando ao lado dos segmentos populares e dos trabalhadores de modo geral”. Como nos remetem Duriguetto e Montaño, sobre o ato de fundação da União Nacional de Estudantes (UNE), nos anos finais da década de 1930:

Desde sua criação até a década de 1950, o movimento estudantil, mediante atuação da UNE, participou de lutas importantes no cenário político nacional como das mobilizações contra o Estado Novo; a campanha pelo ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados, a chamada “Campanha contra o eixo”; a defesa do

patrimônio territorial e econômico do país expressa por meio da campanha “O petróleo é Nosso”, entre outras ações. (2011, p. 287-8).

Notamos que o ME construiu-se com nítido compromisso com o fortalecimento das lutas gerais da classe trabalhadora, que demarcam a defesa da soberania nacional, das liberdades democráticas e de um projeto anti-imperialista.

Enquanto Movimento Estudantil de área (que se institui a partir do vínculo de estudantes com determinados cursos de graduação) o MESS abarca o conjunto de estudantes dos cursos de Serviço Social de todo o país. Por meio das entidades representativas de base (Centros e Diretórios Acadêmicos), congrega a entidade máxima de representação de estudantes do curso no país: a Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO). Ela conforma-se, atualmente, sob uma estrutura organizativa própria, e estabelece finalidades e princípios (EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL, 2019) que nos permitem identificar o direcionamento sociopolítico da entidade.

De acordo com pesquisa realizada por Santos (2007, p. 112), no ano de 1963 já se realizavam encontros que promoviam a reunião entre estudantes de Serviço Social. Ainda que se constate articulação política popular no período de forte repressão pelos setores dominantes na ditadura militar (intensificadas após a publicação do Ato Institucional nº 5/AI-5), as forças reacionárias construíram uma série de investidas contra o ME (POERNER, 1968). Os anos amargos deste período histórico incidiram fortemente sobre organizações da classe trabalhadora e movimentos sociais – incluindo, os estudantis – processo ao qual nos elucida Netto (2009a):

A socialização da política, na vida brasileira, sempre foi um processo inconcluso - e quando, nos seus momentos mais quentes, colocava a possibilidade de um grau mínimo de socialização do poder político, os setores de ponta das classes dominantes lograram neutralizá-lo. (p. 18).

Mas o marco da rearticulação do MESS se evidencia de forma ampla por volta do ano de 1978, no qual ocorre o I Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social/ENESS, com o tema: “O Serviço Social e a Realidade brasileira”. Consonante Montaño e Duriguetto (2011), do ponto de vista das articulações mais gerais:

O ano de 1975 marca o ressurgimento do movimento estudantil, que nas décadas seguintes entra em ebulição crescente em várias partes do país. Suas ações centrais foram as ocupações de reitorias, passeatas e greves pelas lutas mais gerais (em sintonia com os outros movimentos e organizações populares e sindicais) pelo retorno ao Estado democrático de direito, como a defesa da anistia, ampla e irrestrita, a participação ativa na campanha pelas “Diretas Já” e por

uma Assembleia Nacional Constituinte, nas mobilizações em defesa do impeachment do presidente Collor (1992), os denominados “caras pintadas”. Nas ações específicas empreenderam lutas por melhoria e gratuidade do ensino, liberdade de organização estudantil, aumento das verbas para a educação, mobilizações contra o ensino pago e o aumento abusivo das mensalidades nas universidades privadas. Sua entidade máxima, a UNE, foi reorganizada em 1979. (p. 288-9).

A história da ENESSO está inscrita na história do Movimento Estudantil Brasileiro; história está permeada de contradições, e inscrita nas tensões da disputa de projetos societários no cenário brasileiro.

No ano de 1981, começa-se a discutir a criação da Subsecretaria de Serviço Social na UNE – SESSUNE [...]. Em 5 de agosto de 1988, durante o ENESS [Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social] foi criada e eleita a primeira gestão da SESSUNE, que ficou com sede na UFRJ, inicialmente sem estatuto devido. [...] O ano de 1993 também marcou consideravelmente o MESS, pois foi neste ano que a SESSUNE passa a se chamar ENESSO – Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social. Esta mudança foi resultado de debates no MESS, onde se evidenciou que o fato de nos tornarmos uma Executiva nos permitiria uma maior autonomia perante a UNE⁵¹. (EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL, 2014, p. 3, 4 e 6).

Essa deliberação do ano de 1993 permanece até os dias atuais, marcando condicionamentos de duas ordens: ao passo que se busca preservar a autonomia política, dada a leitura crítica que fora construída acerca do programa da UNE, também há de se reconhecer que essa desvinculação com as lutas mais gerais do segmento estudantil tende a enfrentar refrações.

Ramos (2011, p. 119) realiza apontamentos estratégicos a respeito do significado da mobilização estudantil no bojo da profissão:

É importante destacar que tal articulação entre o exercício profissional, a formação profissional e os estudantes é uma particularidade da organização política do Serviço Social brasileiro. Os estudantes, por exemplo, não são considerados, em muitos países, partícipes das articulações profissionais como o são no Brasil, onde organizam eventos, participam de campanhas e elaboram documentos em conjunto com as demais entidades representativas da categoria. Nesse sentido, o segmento estudantil é considerado como sujeito fundamental do processo de organização política da categoria dos(as) assistentes sociais, no Brasil. Considerados como profissionais em formação, são incluídos, pelos demais segmentos da profissão, no processo de articulação e mobilização do Serviço Social. (grifo nosso).

Essa relação é valorosa em múltiplas dimensões, representando uma unidade de construção da categoria profissional que, longe de significar ausência de contradições e divergências, possibilita uma troca entre sujeitos de diferentes momentos na

profissão e a congregação de forças conjuntas para construí-la nos caminhos projetados no PEP. Um dos legados do MESS reside inclusive, na produção de conhecimentos sobre sua própria história. O mundo, diz Sader (2022, p.10) “é criado pelos homens, embora não de forma consciente, o que permite explicar tanto a relação intrínseca entre eles quanto o estranhamento do homem em relação ao mundo e a distância deste em relação ao homem.” Pensamos que tais atravessamentos expressam-se também nas particularidades que constituem o MESS.

3 O SIGNIFICADO POLÍTICO DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO SOBRE O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE SERVIÇO SOCIAL

“Certamente que o modo de exposição se tem de distinguir formalmente do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar do material em pormenor, de analisar as suas diversas formas de desenvolvimento e de seguir a pista do seu vínculo interno. Somente depois de completado este trabalho pode o movimento real ser exposto em conformidade. Se se consegue isto e se a vida do material se reflete, então, idealmente [*ideell*] poderá parecer que se está perante uma construção a priori.” (MARX, 1873, Posfácio O Capital Livro I).

Essa citação é bastante oportuna em termos da maneira como pensamos essa exposição. Mais provável que este trabalho expresse que concluímos, com mais afinco, a primeira fase – a da investigação - do que a segunda - exposição. Isso em termos de um processo de aproximações sucessivas com o objeto da pesquisa e sobretudo, tendo em vista os limites demarcados por esta proposta de estudo.

Para Marx, “[...] o ideal [*das Ideelle*] não é senão o material transposto e traduzido na cabeça do homem.” (MARX, 1873). Transpor e traduzir na cabeça o processo de construção do MESS em sua dinâmica de produção de conhecimentos aqui constitui uma tarefa escolhida, selecionada mesmo e tendo por base premissas e critérios acadêmicos, dentre os quais, contrai-se o compromisso da apresentação de uma síntese dos resultados a que se chega. Tal postura constitui uma dimensão político-científica, portanto, o que muitíssimo nos importa tendo em vista alguns condicionantes:

- a natureza do objeto investigado, sua história e significado social;
- a relação entre pesquisadora e o fenômeno;
- o contexto em que se realizou este estudo;
- os valores éticos fundamentais que sustentam nossa visão de mundo, logo, da pesquisa realizada.

Entretanto, uma tal constituição não implica direta e/ou automaticamente em um êxito na formulação de uma exposição que alcance êxito na interlocução com quem dê a conhecer o seu conteúdo. Além de transpor e traduzir o material em nossa “cabeça de homem”, essa dissertação constitui a apresentação deste real a outros homens.

Por intermédio da pesquisa bibliográfica, realizamos estudos de um conjunto de TCC's elaborados entre os anos de 2000 e 2020, em todo o país. Antes de operarmos tal delimitação por *tipo de material* (artigo, TCC, dissertação, tese, por exemplo) procedemos com um levantamento bibliográfico.

Conforme apêndice, identificamos a existência de aproximadamente 20 artigos e 03 resumos de TCC's publicados em periódicos científicos, 4 capítulos de *e-book*, 05 dissertações, 25 trabalhos de conclusão de curso, 20 trabalhos em anais de eventos, e uma dezena de materiais de naturezas diversas. Não identificamos nenhum trabalho de pesquisa realizado em nível de doutorado.

Os materiais de mais difícil acesso foram os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's), já que não possuem uma base de dados própria (como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações/BDTD), ou seja, um recurso unificado para consultas. Além disso, nem todos os TCC's são publicados nos repositórios institucionais das unidades de formação acadêmicas. O mesmo se aplica à resumos e anais de eventos acadêmicos. Os artigos científicos são os mais numerosos e representam a publicação de resultados de pesquisas em diferentes níveis da educação, diferenciando-se por denotar um ato ético-político da escolha pela socialização dos estudos realizados. Considerando a hipótese de que as pesquisas realizadas na pós-graduação *scritu sensu* representam continuidade de estudos realizados anteriormente, selecionamos esta modalidade específica enquanto amostra desta pesquisa bibliográfica.

2.1 Subsídios para o MESS por meio do Trabalho de Conclusão de Curso no Serviço Social

É por meio da interlocução com as próprias pesquisadoras sobre o MESS que queremos elucidar o significado da elaboração do TCC na formação profissional em Serviço Social.

Lucilene da Silva (2008b) discorre, de forma ímpar, como a escolha do tema de pesquisa, representa uma escolha política, que permite ressignificar a dimensão “obrigatória”, logo, impositiva, alienada, que marca a construção de pesquisa com a elaboração de um trabalho final no formato TCC.

A pesquisa se constitui em uma dimensão central para a Formação Profissional do Assistente Social, pois através desta é possível a materialização de um processo de construção do conhecimento. O TCC, requisito obrigatório para conclusão do curso, expressa a concretização desta oportunidade. Seu caráter obrigatório, muitas vezes encarado de forma negativa, não exclui a possibilidade de fazer escolhas. É através deste que o acadêmico pode sistematizar a totalidade do processo de formação pelo qual passou. A partir de indagações que surgirem durante a sua graduação, tem a possibilidade de escolher seu objeto de estudo. Dentro deste contexto obrigatoriedade x campo de escolha, este trabalho se apresenta como uma resposta às muitas inquietações da acadêmica no decorrer dos anos de graduação. O interesse pela pesquisa se deu pela inserção da acadêmica em inúmeros encontros estudantis e da categoria profissional. Sua inserção nestes encontros se iniciou com a participação da acadêmica em um Encontro Regional de Estudantes de Serviço Social – ERESS, que ocorreu em 2005 na cidade de Florianópolis – Santa Catarina. A partir deste momento, a mesma ingressou como militante do Movimento Estudantil de Serviço Social – MESS. [...] Foi com a inserção na ABEPSS, que a acadêmica aproximou-se da temática da Formação Profissional, elegendo-a posteriormente como objeto de estudo em uma perspectiva de compreensão através do MESS (SILVA, 2008b, p.14-15).

Em consonância com Tales, compreendemos que se debruçar a estudar, construir e fortalecer o MESS, sobretudo num cenário tão adverso, também significa o fortalecimento da categoria profissional de Serviço Social, possibilitando a construção de mediações com vistas a se concretizar o Projeto Ético-Político, gestado no seio profissional a partir da década de 1980. Ele diz:

O Trabalho de Conclusão de Curso se constitui enquanto uma exigência para obtenção do diploma do curso de graduação em Serviço Social. Este deve expressar a síntese de todo processo formativo do/a estudante, pois “é o trabalho no qual o aluno sistematiza o conhecimento resultante de um processo investigativo, originário de uma indagação teórica, preferencialmente gerada a partir da prática do estágio no decorrer do curso” (ABEPSS, 1996, p. 19). Esta sistematização, enquanto uma monografia científica elaborada pelo/a estudante sob orientação de um/a professor/a e avaliada pela banca examinadora, deve expressar os conhecimentos construídos ao longo do curso acerca das dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa (FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.63).

Trazemos na sequência, a sistematização analítica acerca das produções de conhecimento científico sobre o MESS através de Trabalhos de Conclusão de Curso – disponíveis digitalmente – no período compreendido entre os anos 2000 e 2020. A análise nos permitiu identificar além das autorias e quantidades de produção, mas sobretudo o significado social e político destas produções, que então nos impulsionou analiticamente trazer um debate sobre os agentes da investigação

científica no MESS, as contradições que marcam o público e o privado na formação profissional em Serviço Social e, em especial, o âmago que constitui as formulações teórico-metodológicas sobre o MESS. Algumas considerações históricas feitas pelos próprios autores em seus respectivos trabalhos merecem destaque, e serão também abordadas no debate apresentado em cada análise de TCC.

2.2 Sistematização analítica da pesquisa bibliográfica TCC's – 2000/2019

2.2.1 Caracterização geral da amostra

Neste item do trabalho, tecemos apontamentos analíticos gerais sobre a amostra da pesquisa bibliográfica. De um universo inicial composto por materiais de natureza diversa, conforme explicitado acima, selecionamos os TCC's disponibilizados na íntegra através de acesso *online*, com sua conclusão e publicação datadas entre os anos 2000 e 2020, somente. Com esta delimitação, realizamos o presente estudo com um total de 13 TCC'S.

2.2.2 Em foco: agentes da investigação científica no MESS

Com relação à autoria dos trabalhos, cabe inicialmente sinalizar que o total de trabalhos no formato TCC é equivalente ao total da quantidade de autoras/autores. Explicamos. Dado que a natureza de um trabalho de conclusão de curso em Serviço Social constitui uma única realização, temos que não se repete a autoria das pesquisas. Uma vez concluído a elaboração do TCC, não se prevê a possibilidade de realização do mesmo trabalho outra vez – mas é possível que se faça uma escolha pela continuidade do desenvolvimento de estudos sobre o tema.

É o que se observa com relação à 02 autoras, quanto ao tema do Movimento Estudantil de Serviço Social, especificamente; 02, no tema da Educação superior brasileira e 01, no tema da organização política da categoria profissional. Tais pesquisas, à nível de mestrado acadêmico (conforme informações extraídas dos Currículos lattes das autoras) constituem um percentual significativo em contraste com a vinculação com o objeto. Destacamos este elemento considerando que a definição do tema de uma pesquisa tem relação com a experiência do sujeito (Minayo, 2016). Uma vez que, com o término da graduação em Serviço Social, encerra-se também o vínculo com o MESS, poderíamos ter um cenário de ausência de pesquisas de mestrado e doutorado referentes ao tema. Se no processo de levantamento

bibliográfico encontramos um cenário de inexistência de produção de teses (de doutorado), o mesmo não pode ser dito com relação à elaboração de dissertações - feitas inclusive apenas por intermédio da investigação de sujeitos que realizaram TCC no mesmo tema. Esse dado da realidade aplica-se, ainda, com relação às dissertações localizadas na internet mesmo no período anterior aos anos 2000.

Sobre as Instituições de Ensino Superior (IES's) com as quais as autoras tiveram seus TCC'S vinculados, elaboramos considerações relativas aos seguintes aspectos: tipo de organização acadêmica, natureza jurídica, categoria administrativa e modalidade de oferta do curso de Serviço Social. Sistematizamos algumas reflexões a este respeito no próximo subitem deste capítulo.

2.2.3 O público e o privado nas pesquisas sobre o MESS

Uma IES é uma “unidade de organização institucional no âmbito do ensino superior, pública ou privada, e que pode ser universidade, centro universitário, faculdade, instituto ou escola” (CNPQ, 2023). Assim, os aspectos elencados sobre o perfil das IES's em questão justifica-se em razão da disputa de projetos de formação na área de educação de modo geral, que também incide sobre o processo formativo na área do Serviço Social. Tais tensionamentos, marcados pelos embates entre classes sociais fundamentam-se nos interesses dos respectivos sujeitos sociais, conformando um cenário mais amplo de confrontos entre projetos societários.

Com relação à amostra, identificamos um cenário no qual 77% das pesquisas foram realizadas em universidades, 31% delas em âmbito federal e, igualmente 31%, estadual; 61% das IES's são públicas, no que versa à categoria administrativa que se enquadram. A totalidade dos cursos de Serviço Social são ofertados na modalidade presencial (100%). Todas essas informações foram sistematizadas a partir de dados extraídos do sistema E-MEC, sistema *online* de acesso aberto que permite a consulta da “situação dos cursos e das instituições da rede federal de educação superior do país”, inclusive de “credenciamento, credenciamento e [...] reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos.” (MEC, 2023).

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA AMOSTRA TCC's SOBRE O MESS (ANOS 2000 – 2020)				
Nome (Sigla)	Org. Acadêmica / Natureza jurídica / Categoria administrativa	Presencial	Ano	Qtdd. TCC's
Faculdade Cearense (FaC)	Faculdade / Privada / Sem fins lucrativos	Sim	2014; 2014	02
Faculdade da Amazônia (FAMA)	Faculdade / Privada / Com fins lucrativos	Sim	2021	01
Universidade do Ceará (UECE)	Universidade / Fundação / Pública estadual	Sim	2008; 2014	02
Universidade Do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)	Universidade / Fundação / Pública estadual	Sim	2014	01
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Universidade / Autarquia / Pública federal	Sim	2006	01
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Universidade / Autarquia / Pública federal	Sim	2008	01
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	Universidade / Autarquia / Pública federal	Sim	2016; 2019	02
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)	Universidade / Autarquia / Pública estadual	Sim	2008	01
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	Universidade / Privada / Sem fins lucrativos	Sim	2003; 2007	02
TOTAL				13

Fonte: elaboração própria (Zanelli, 2023).

Conforme as notas estatísticas do mais recente Censo da Educação Superior:

- Há 312 IES públicas e 2.283 IES privadas no Brasil.
- Em relação às IES públicas: 42,6% são estaduais (133 IES); 38,5% são federais (120); e 18,9% são municipais (59).
- A maioria das universidades é pública (56,1%).
- Entre as IES privadas, predominam as faculdades (79,8%). Quase 3/5 das IES federais são universidades e 34,2% são institutos federais de educação, ciência e tecnologia (IFs) e centros federais de educação tecnológica (Cefets). (BRASIL, 2022, p.09).

É interessante perceber a incidência da realização de mais de uma pesquisa sobre o tema na mesma instituição de ensino. Como o movimento estudantil tem uma característica de transitoriedade dos sujeitos, possuindo uma dinâmica marcada por ciclos de gerações que se renovam, é possível também ocorrer essa sensibilização para a continuidade do desenvolvimento de estudos na área.

O contato a nível local com as pesquisas realizadas e em algumas ocasiões (como na FaC, UFTM e UECE) pode representar uma motivação entre estudantes para a continuidade de desenvolvimento de estudos relacionados ao tema, sobretudo, por permitir o contato direto entre sujeitos pesquisadores.

A necessidade de realização da pesquisa se ancora na concepção de pesquisadores e pesquisadoras que precedem os estudos vinculados ao MESS, os quais defendem que o movimento social em questão desfruta de significado político de extrema relevância para a categoria profissional, posto que a história da organização dos estudantes de Serviço Social articula-se com a trajetória de lutas da classe trabalhadora, e nesse bojo, com o movimento de [re]significação da profissão - a saber: **Fornazier Moreira (2016)**, Ramos (2011) [...]. (ZANELLI, 2019, p.16, grifos nossos).

Mas o elemento mais significativo na análise destes dados reside no protagonismo da universidade pública e da modalidade presencial dos cursos de Serviço Social nos quais as pesquisas foram realizadas. Tal cenário endossa a direção assertiva do projeto hegemônico da profissão que vem historicamente resistindo e enfrentando a destruição da educação pública brasileira: é neste ambiente que estudos que versam abertamente sobre a dimensão política na formação profissional em Serviço Social têm sido feitos.

Estamos em um cenário geral no Brasil em que 87,9% das instituições são privadas – sem distinção com/sem fins lucrativos – o que contrasta com a realidade identificada em nossa pesquisa: 61% dos TCC's foram realizados em IES's públicas.

Conforme os artigos 205º e 206º da Constituição Federal (CF) da República Federativa do Brasil de 1988, alcançamos o reconhecimento jurídico-formal da educação como “direito de todos e dever do Estado”, a partir dos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por

concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - garantia de padrão de qualidade;

VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

IX - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 108, de 2020)

Parágrafo único. A lei disporá sobre as categorias de trabalhadores considerados profissionais da educação básica e sobre a fixação de prazo para a elaboração ou adequação de seus planos de carreira, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006). (BRASIL, 2023).

Essas premissas só puderam ser formalmente reconhecidas pelo Estado em razão da histórica pressão organizada pela sociedade, através da mobilização de movimentos sociais e organizações populares vinculadas luta política da classe trabalhadora. Mas esta proposta não se garante nem consolida por meio de um decreto. A realidade é composta pelo movimento dos sujeitos sociais que fazem a história: que disputam sua direção, provocam e contém tensionamentos políticos, que sobre ela incidem; em suma, que a produzem e reproduzem.

A mesma sociedade brasileira regida por esta CF convive (e se estrutura a partir da) com a contradição. Como alcançar plenamente:

- “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” sem o reconhecimento do racismo estrutural e do combate ao mito da democracia racial?
- “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” e “pluralismo de ideias” em tempos de irracionalismo, expressos em projetos neoconservadores de “combate à ideologia de gênero e ao comunismo”, da “escola sem partido”?
- “gratuidade do ensino público” com a seletividade do acesso instituída por vestibulares e outros sistemas de avaliação para o ingresso no ensino superior, em um contexto no qual o orçamento público vem sendo injetado em IES's privadas, em detrimento do financiamento das universidades públicas?
- “valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas”, quando proliferam-se ingresso por meio de contratos de designação, falta de reajustes salariais e

constante adoecimento da categoria docente, em todos os níveis do ensino?

- “gestão democrática do ensino público” em um período no qual registram-se altas taxas de denúncia de assédio moral e sexual no âmbito educacional, de dismantelamento das estruturas político-organizativas combativas, sejam elas sindicais, estudantis ou comunitárias?
- “garantia de padrão de qualidade” com referências qualitativas desvinculadas das particularidades da população brasileira, que é quilombola, indígena, caiçara, ribeirinha, do campo, das favelas, diversa, enfim, e possui concepções do processo educativo também plurais?
- na definição de um “piso salarial profissional nacional” sem pautar discussões como a redução da jornada de trabalho para 30h semanais sem redução salarial e a urgência da revogação das contrarreformas trabalhista e da previdência (2017)?”
- garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida” mediante o extermínio de vidas negras, desde o período gestacional, perpassando sua infância, juventude e vida adulta?

Em acordo com o CFESS (2022):

A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996, evidenciou as contradições existentes no contexto de avanço neoliberal na política de educação brasileira e sinalizou a necessidade de avançarmos nas mobilizações políticas pelas/os trabalhadoras/es da Educação na disputa do financiamento público, para garantia da universalização da educação pública de qualidade. Nessa perspectiva, compreendemos que perpassam pela Educação os interesses, conflitos e as mediações entre as classes, tendo a escola uma função social, sendo a educação um direito social.

Identificar que há predominância das IES's públicas e com oferta de cursos presenciais nos TCC's de Serviço Social pesquisado nos reforça que, em espaços acadêmicos com estas condições, afloram-se as possibilidades de desenvolvimento de pesquisas com este tema. Reafirmamos a universidade pública como instituição que reúne, no Brasil atual, as melhores condições de potencialização do desenvolvimento de sujeitos críticos, em um processo de formação no qual a dimensão da organização política não seja sufocada, contribuindo para endossar o tecnicismo do projeto conservador que tensiona o Serviço Social.

A partir de estudos das entidades representativas da profissão articuladas – Conjunto CFESS/CRESS, ABEPSS e ENESSO – relacionadas à ofensiva da

expansão do ensino na modalidade à distância no curso, sublinhamos a incompatibilidade entre o Serviço social e o EaD. Os resultados do trabalho apontaram o seguinte cenário até o início dos anos 2010:

Ao lado do EaD, crescem os cursos privados, que muitas vezes são de baixa qualidade, em que pesem os esforços de jovens e comprometidos docentes, em função das condições de trabalho: contrato horista, **ausência de pesquisa** e extensão, turmas enormes, estágios que não asseguram supervisão acadêmica e de campo articuladas. Quanto à graduação à distância, sabemos que realiza, no máximo transmissão de informações, mas jamais formação profissional, como tem denunciado a ABEPSS, o CFESS e a ENESSO em várias notas públicas, inclusive uma que se dirige aos estudantes e profissionais envolvidos nesta modalidade, alertando-os e explicando as razões da nossa luta, que nada tem a ver com preconceitos ou discriminação (ABEPSS, CFESS e ENESSO, 2009). Vale lembrar ainda que as medidas desencadeadas pela aprovação da LDB - exame nacional de curso, mestrados profissionalizantes, substituição dos currículos mínimos por diretrizes curriculares, cursos sequenciais, ensino à distância em todos os níveis - seguem orientações dos organismos internacionais, no sentido do favorecimento da expansão da educação como serviço privado, de diversificação e massificação do ensino e de reconfiguração das profissões, conforme os acordos com a OMC, como vem chamando atenção Leher (2001) e vários textos do Sindicato Nacional do Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN). (CFESS; ABEPSS; ENESSO, 2015, p.14-15, grifos nossos).

Nos são fundamentais os elementos identificados na pesquisa de Santos, ao passo que revela uma realidade que particulariza o MESS nesse cenário - e podemos dizer, o movimento estudantil em geral. Sobre a natureza das instituições de ensino com as quais militantes do MESS possuem vínculos, em relação à natureza jurídica (tecendo reflexões sobre a tensão público x privado), ele pontua:

Se pensarmos a proporção entre, o número de IES privadas e públicas existentes no Brasil – com o curso de Serviço Social – e a quantidade de IES presentes no XXIX ENESS, podemos inferir que as IES públicas possuem maior adesão ao MESS. A maior adesão das IES públicas aos encontros e, talvez ao MESS de forma geral, deve-se pela própria tradição de organização e luta estudantil, devido a maior “facilidade” que a IES públicas dispõem, seja por conceber o MESS como atividade inerente à formação, seja por políticas de Assistência Estudantil, concessão de ônibus, pagamento de inscrições, etc. [...] Não estamos de maneira alguma afirmando que nas IES privadas não haja luta e organização política, no entanto, a de se considerar que, no bojo da precarização do ensino e o surgimento de novas IES privadas, a tradição de luta e organização é muito mais vulnerável, tirando raras exceções, como as PUC’s cuja participação política vem de longa data, tanto no Movimento Estudantil quanto no movimento dos docentes. Segundo experiências do autor enquanto ex-secretário de escola da ENESSO na PUC/SP e das vivências nos encontros, podemos apontar um quadro de dificuldade para fazer movimento

estudantil nas IES privadas, tanto por falta de incentivo, quanto pela repressão utilizada pelas reitorias e diretores de curso e pela lógica mercadológica presente nas IES privadas, reduzindo o processo de formação profissional apenas a sala de aula. (SANTOS, 2007, p.146-147).

Quanto à modalidade de ensino das IES's com as quais os sujeitos da pesquisa de Santos se vinculam: quase a totalidade é são de cursos presenciais; não obstante, o estudante de EAD possui uma visão crítica” dessa modalidade de ensino (SANTOS, 2007, p.148). Conforme Iamamoto:

[...] o Serviço Social no Brasil tem vivido um duplo e contraditório movimento: o mais representativo foi o processo de ruptura teórica e política com o lastro conservador de suas origens; em sinal contrário, verificou-se o revigoramento de uma reação (neo)conservadora aberta e/ou disfarçada em aparências que a dissimulam, apoiada na negação da sociedade de classes (NETTO, 1996). Este conservadorismo tende a se expandir ante o clima cultural e político prevalecente e a massificação da formação acadêmico-profissional, presencial e a distância, enquanto negócio mercantil lucrativo nas unidades de ensino privadas. (IAMAMOTO, 2023, p.33).

Mesmo com um legado crítico que conquistou historicamente sua hegemonia, é inegável que ele vem sendo tensionado pelo “crescimento exponencial do ensino privado que tem a educação superior como mero ‘negócio’, e a monumental expansão do Ensino a Distância (EAD), cujos egressos já ultrapassam os do ensino presencial em Serviço Social” (*ibidem*, p.34).

A pesquisa de Santos ainda revela que, algumas das maiores dificuldades apontadas pelos próprios sujeitos em relação ao curso reside na falta de tempo para estudo, concentrando-se com maior evidência nas respostas de estudantes das IES privadas e “dificuldades financeiras de permanência” (SANTOS, 2007, p.149, 151).

O crescimento da rede privada ainda é uma constante, conforme dados que atestam a atual expansão do número de ingressantes: entre 2012 e 2022, “a rede privada cresceu 92,4%”, enquanto a pública “apresentou queda de -4,1% no mesmo período” (BRASIL, 2022, p.15). A tensão entre projetos de educação é elucidada de forma avassaladora e, nestes mesmos anos, “observa-se um aumento no número de matrículas de 43,3% na rede privada e de 9,4% na rede pública” (*ibidem*, p.18).

Não obstante a predominância das instituições públicas nos TCC's, gostaríamos de destacar três situações particulares identificadas no âmbito de IES's privadas.

1. A Pontifícia Universidade Católica em São Paulo/SP (PUC-SP)

Identificamos 03 TCC's sobre o tema desenvolvidos no âmbito do curso de Serviço Social, porém, um deles não dispõe de exemplar digital. Caso encontrássemos o exemplar físico na PUC-SP, cogitamos incluí-lo na amostra selecionada, uma vez que nosso contato com o material seria facilitado pelo trânsito junto à instituição de ensino com a qual nossa pesquisa se vincula. Entretanto, ele não foi localizado até o presente momento.

Ambos os TCC's encontrados são um destaque no conjunto de trabalhos, sendo importante referência que tem embasado as pesquisas de muitos sujeitos no tema do MESS. Ailton de Vasconcelos (2002) e Tiago Santos (2008) são autores de trabalhos de fôlego, contendo um rico histórico da organização política de estudantes do curso.

Apesar de constituir-se enquanto instituição privada, importa registrar que a PUC-SP vem construindo um legado crítico. O curso de Serviço Social foi o primeiro a ser inaugurado no país, contando atualmente “[...] com amplo reconhecimento nacional por sua excelência acadêmica, corpo docente qualificado e compromisso com a defesa e ampliação dos direitos sociais da população.” (PUC, 2023).

Em relação à dimensão confessional da instituição, é necessário situarmos o papel que a Igreja já exerceu na sociedade, especialmente, no contexto da autocracia burguesa. Em que pese dimensão ideológica que envolve a religião, não há como desprezar o significado de correntes como a Teologia da Libertação no tensionamento da ditadura militar e até mesmo, o seu protagonismo no movimento estudantil brasileiro nos anos de 1940-1950. No contexto da ditatorial:

A Igreja apoiou as vítimas da repressão e seus familiares, os movimentos sociais e sindicais, denunciou as torturas e os assassinatos e fortaleceu a atuação de padres e leigos, seguindo as diretrizes da Teologia da Libertação. Foi a Igreja do Evangelho, da Resistência e da Paz. Não é possível compreender o contexto da implantação e aprofundamento da ditadura que se implantou em nosso país a partir de 1964 sem refletir sobre o lugar da Igreja Católica. E não se pode falar da Igreja Católica neste período sem mencionar o papel de D. Paulo Evaristo Arns: a opção pelos pobres, as suas atitudes frente às perseguições e a sua resistência. Enquanto Grão-Chanceler da PUC-SP os traços que marcaram a atuação de D. Paulo também caracterizaram a PUC-SP. Neste período, ultrapassando tensões e conflitos internos e externos, a PUC-SP se constituiu não apenas como uma Pontifícia Universidade Católica, mas como uma Universidade que defendeu um ensino de qualidade, a produção de conhecimento crítico que ultrapassasse os muros estritamente

acadêmicos e o comprometimento com as lutas sociais de seu tempo. (COMISSÃO DA VERDADE PUC-SP, 2023).

Certamente que esse histórico terreno de lutas que conformam a “comunidade puquiiana” representa um patrimônio político brasileiro, mas este reconhecimento não suprime a natureza privada. Se o fato de não ser pública não a determina em definitivo a direção sociopolítica dessa IES’s, sem dúvida essa característica é algo que a particulariza. Nas palavras das próprias entidades representativas da PUC-SP, contidas em um manifesto conjunto:

Sem ser uma escola pública, no sentido mais técnico e usual do termo, nós a consideramos uma Universidade voltada para a “coisa pública”. [...] Na última década, esse sentido “público” de sua atuação passou a fazer parte integrante de sua consciência e de seu auto-projeto. Passo a passo, dentro de um processo em que muitos tomaram parte, a PUC de São Paulo tornou-se um espaço significativo na vida cultural e científico do país. (APROPUC, AFAPUC, DCE e Reitoria da PUC-SP, 1980 apud QUINTINO, 2021, p.122).

Um dos tantos episódios marcantes na história da PUC ocorreu no período de crise da autocracia burguesa, quando a universidade desfrutou do privilégio de ter como reitora a professora e assistente social Nadir Gouvêa Kfourir.

Noticiada amplamente pela imprensa, permanece na memória a cena histórica protagonizada pela reitora, ao deixar o secretário da Segurança de São Paulo, coronel Erasmo Dias, de mão suspensa no ar, ao se recusar a cumprimentá-lo na noite em que a polícia que ele comandava invadiu violentamente a PUC-SP, onde se realizava um encontro para retomada da UNE, em 1977. “Não dou a mão a assassinos”, disse do alto de sua altiva indignação. (BELFIORE-WANDERLEY, 2016, p.35 apud QUINTINO, 2021, p.99).

Essa mesma universidade, contudo, é mantida por uma entidade com a qual frequentemente registram-se embates travados pelo corpo docente e movimento estudantil, principalmente. Um deles, diz respeito ao movimento grevista e de ocupação que se realizou no ano de 2018, no qual estudantes de Serviço Social construíram a mobilização “Márcia Fica”.

Dois egressos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) foram condenados a indenizar em R\$ 21 mil a Fundação São Paulo (FUNDASP), entidade mantenedora da instituição acadêmica. A decisão é resultado de um processo movido contra os dois pela participação em uma ocupação antirracista ocorrida no campus Monte Alegre em 2018. [...] Uma das principais reivindicações era a permanência de uma professora negra contratada de forma temporária no quadro docente da instituição — ela foi a primeira mulher preta a ocupar o cargo no curso de Serviço Social da PUC. Os alunos também reivindicavam políticas de inclusão no corpo docente e a inclusão de disciplina obrigatória que tratasse da temática de raça

e etnia. Eles propuseram processo seletivo com cotas raciais, medida adotada pela PUC-SP em abril deste ano com objetivo de chegar a 37% do quadro de professores constituído por profissionais negros. (DUARTE, 2023).

Conforme as denúncias, o processo foi interposto pela FUNDASP, mantenedora da PUC-SP. Nessa arena de tensões, de toda maneira, o MESS segue vivo, pulsante e ativo, ainda que persistam desafios contemporâneos. Mas as conquistas não puderam ser freadas e, atualmente, a Professora Doutora Marcia Eurico constitui o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-SP – como efetiva.

2. A Faculdade Cearense (FaC) em Fortaleza

Quanto à FaC, encontramos 02 TCC's, elaborados no mesmo ano. Apesar de tratar-se de uma instituição privada, é fundamental sinalizarmos o esforço investigativo dos autores, sistematizando um conjunto de reflexões densas, em um cenário no qual prevalece o desafio da organização política, sobretudo considerando o perfil prevalente de estudantes em tais instituições.

[...] emergiu, a partir da década de 1990 e nos anos 2000, em um contexto econômico favorável ao país, um segmento populacional que poderia comprar mensalidades escolares – de faixas diversas de preço, assim como planos de saúde e previdência –, mas não tinha possibilidades de acesso aos moldes exigidos pelo sistema público de ensino superior, [...] devido a diversos determinantes, dentre eles: (i) atraso escolar; (ii) dificuldade de concorrer com estudantes recém-formados/as pelo ensino médio; (iii) **incompatibilidade entre tempo de trabalho e de estudo**. (CFESS; ABEPSS; ENESSO, 2014, p.18, grifos nossos).

Ambos os autores que desenvolveram suas pesquisas na FaC (no município de Fortaleza/Ceará) constroem reflexões críticas sobre a contrarreforma do ensino superior. Destacam o papel político desenvolvido por militante do MESS em instituições privadas, construindo ações de fortalecimento da ENESSO. Uma importante iniciativa reside na proposta de realização de um chamado “Encontro das Escolas [de Serviço Social]” que surgiu com o propósito de fortalecer a organização política o MESS no âmbito das IES's privadas. A este respeito, um dos sujeitos de pesquisa entrevistados pela autora Tamiris Diniz (2014) pontua:

Do Encontro das Escolas não sei muito não, mas pelo que eu sei, acredito que tenha sido 2012.2 que tenha iniciado, mas eu não tenho certeza. Eu soube por [...] um convite que veio do próprio centro acadêmico. Pela história que eu sei foram dois estudantes que viram a necessidade de ter esse Encontro para aproximar as escolas, tendo

em vista que são muitas escolas que hoje Fortaleza e Região Metropolitana têm o Curso de Serviço Social e então foi uma forma que eles tiveram de ter essa aproximação e juntar a luta de todas as escolas, principalmente das escolas particulares. Os dois eram da particular (o Marcelo e a Juliana) e, na época, a ENESSO era a Ynaê e teve [...] bastante apoio, inclusive foi uma das pessoas que se dedicou realmente, porque pegou essa ideia junto com os meninos e **levaram para frente**. E foi importante esse **apoio da ENESSO**, porque afinal tem aquele conteúdo, além de ser uma pessoa que era da **UECE, da pública, que tinha embasamento maior, tinha um conhecimento maior sobre o assunto, até politicamente falando** [...] (in DINIZ, 2014, p.86-87, grifos nossos).

Outro pesquisador da FaC, Marcelo Michiles (2014) sinaliza a importância da experiência do MESS no processo de formação profissional, assim como Tamiris Diniz (2014). É importante situarmos tais reflexões neste contexto neoliberal, posto que, longe do voluntarismo, representam a possibilidade concreta de construir enfrentamento ao projeto de educação do capital.

O presente trabalho consiste numa pesquisa que visa pensar o Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS), inserido no contexto de uma Instituição de Ensino Superior Privada. A construção deste trabalho converge com as concepções que insistem que a atuação e participação no MESS devem ser pensadas como possibilidade de construção de uma postura crítica e comprometida, que se põe como elemento potencializador da construção de uma outra sociedade. Com base, ainda, nessa perspectiva, estabeleço uma análise que tende a pensar o MESS também como um processo que influencia significativamente a formação política e profissional das (os) estudantes de Serviço Social. [...] A pesquisa atenta para um processo reflexivo sobre os desafios e avanços postos ao MESS na FaC e busca fortalecer as discussões sobre o ME nas faculdades privadas numa perspectiva de contribuir com uma possível transformação destas realidades, de os estudantes entenderem a importância da luta e organização para que seus direitos sejam efetivados e consigam ter acesso a uma formação qualificante. (MICHILES, 2014, p.06).

A presente pesquisa “A gente quer ter voz ativa e a nossa luta tocar: O Encontro das Escolas de Serviço Social e sua contribuição para o Movimento Estudantil de Serviço Social” analisou a contribuição do Encontro das Escolas para o Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) no âmbito privado de Fortaleza e Região Metropolitana entre o período de 2013.2 a 2014.1. [...] A partir dos resultados, constatou-se que a Reunião das Escolas contribuiu para a integração e organização do MESS de Fortaleza e Região Metropolitana, bem como para a formação política e profissional dos militantes. [...] constatei que ele [o Encontro das Escolas] contribuiu para a integração das escolas e a organização do MESS de Fortaleza e Região Metropolitana através do apoio à criação dos Centros Acadêmicos, bem como para a formação política e profissional dos militantes do Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) das faculdades privadas [...]. (DINIZ, 2014, p. 09, 18).

A potência desta articulação do MESS a partir de escolas de Serviço Social públicas e privadas também é elucidada no trabalho de Inaê Soares Oliveira, por meio de pesquisa realizada no mesmo ano de 2014. Mediante seu vínculo com uma universidade pública, a UECE, a autora também desenvolve pesquisa referente ao tema.

[...] este trabalho salienta a importância do movimento estudantil no ensino superior, em particular, nas instituições privadas. [...] Neste sentido, os principais questionamentos perpassaram sobre as **reais possibilidades da ENESSO e do MESS de contribuírem para a construção e o acúmulo político dos/das estudantes no interior das IES privadas**. Vale ressaltar que esse acúmulo deve ser baseado na apreensão dos valores, legitimados pelo Projeto Ético-Político defendido pela profissão, e ter como horizonte último contribuir para a construção de outra sociabilidade. Essas inquietações se intensificaram ao visualizar a manutenção internacional e hegemônica da ideologia neoliberal; o avanço das teorias pós-modernas que apontavam para o fim da história, para o escamoteamento da luta de classes e para a desqualificação dos processos emancipatórios; a impactante e recorrente criminalização dos movimentos sociais; o reducionismo do direcionamento das políticas sociais ao caráter emergencial e focalista; a flexibilidade e a liquidez no mundo do trabalho; a privatização e mercantilização de direitos sociais; e a descrença nas lutas coletivas.” (OLIVEIRA, 2014, p.08, 17, grifos nossos).

Evidencia-se como a interação entre militantes do MESS de IES's de diferentes categorias administrativas se fortalecem na direção de um só projeto, articulando-se a partir de suas próprias particularidades, convergindo nos pontos que constituem a universalidade. No fim, tratam-se, em suma, de estudantes, que futuramente se defrontarão com a possibilidade de exercer a profissão e dela prover seu sustento. Temos mais em comum do que as aparências indicam, mas ainda assim, é importante dizer que experiências como essas relatadas na capital do Ceará foram exceções encontradas no todo dos trabalhos que analisamos.

Considerando o destaque dado aos TCC's do curso de Serviço Social na FaC, é oportuno elencar que, diferente do contexto geral que caracteriza a proposta das IES'S privadas e em especial as vinculadas ao EaD, o seu Projeto Pedagógico é disponibilizado no *site* oficial da instituição. Interessante notar que o documento apresenta uma proposta pedagógica vinculada às Diretrizes Curriculares da ABEPSS (1996) – ainda que estas não sejam formalmente reconhecidas e sim flexibilizadas pelo Ministério da Educação, que incidiu sobre a proposta original tecnificando-a, conforme a Resolução nº 15 do Conselho Nacional de Educação (2002). Na direção

da ABEPSS, incluindo a organização curricular a partir dos núcleos de fundamentação da formação profissional, assim o curso apresenta seu PPC:

O Projeto Pedagógico visa orientar a condução do processo de formação do profissional em Serviço Social, com o perfil competente, ético-político, e comprometido com o desenvolvimento social e humano, voltados à construção da democracia e da cidadania no país, especialmente da população nordestina, e também capaz de acompanhar a constante transformação da sociedade e enfrentar as condições e relações sociais desiguais. [...] O perfil pretendido é do profissional dotado de formação intelectual/científica e cultural generalista crítica; capaz de inserir-se no conjunto das relações sociais e do mercado de trabalho; que atua nas diversas expressões da questão social, formulando e implementando propostas de intervenção para seu enfrentamento; comprometido com os valores e princípios norteadores do Código de Ética do Assistente Social e do Projeto Ético-político Profissional; com capacidade de favorecer o exercício da cidadania e a inserção criativa e propositiva dos usuários do Serviço Social nas relações sociais e no mercado de trabalho. (CURSO BACHARELADO EM SERVIÇO SOCIAL, 2009, p.09, 24).

Tal posição apresenta uma escolha política de reconhecimento e legitimação das entidades da categoria profissional, contexto que também nos situa quanto às possibilidades de desenvolvimento de pesquisas críticas como as de Diniz (2014) e Michiles (2014).

3. A Faculdade da Amazônia (FAMA) em Vilhena/RO

Encontramos uma pesquisa mais recente, que data do ano de 2019 e discorre sobre o tema do MESS vinculado à FAMA. A instituição dispõe de repositório próprio, o que nos sinalizou inicialmente um possível comprometimento com a socialização dos conhecimentos ali construídos. Buscando conhecer um pouco mais desta IES's, localizamos o seu *site*, a partir do qual obtivemos algumas informações a seu respeito.

Há 18 anos, a Faculdade da Amazônia-FAMA surgia de um **sonho**: o de criar em Vilhena-RO e região uma Instituição de Ensino Superior que incluísse os milhares de jovens e adultos que não dispunham da possibilidade e de tempo para se deslocarem até outras localidades para realizarem um **tão sonhado** curso superior. A partir da **coragem** de uma professora, Dr.^a Rosângela Cipriano dos Santos, surge a ideia de se criar uma instituição que atendesse a esta demanda, e que atuasse de forma **inclusiva** no sentido mais **profundo** da palavra em relação à educação superior. (FAMA, 2023b).

A despeito de uma valoração moral sobre as motivações enunciadas como propulsoras da fundação da FAMA, sabemos que a sua fundação em 2005, assim como a de tantas outras milhares de IES's privadas que ofertam o curso de Serviço Social mobilizam discursos voltados aos atendimentos dos “menos favorecidos” para

se legitimar perante a sociedade. É certo que para se constituir do ponto de vista jurídico, foi necessário bem mais do que a *coragem* de uma professora. As IES's privadas vislumbram o público que historicamente é barrado do acesso ao ensino superior público e gratuito.

O setor privado mercantil obviamente enxergou nessa população um mercado consumidor significativo e tratou de articular forças políticas para moldar uma legislação educacional que o favorecesse, bem como usufruir do fundo público para sua própria expansão. Além disso, o Estado brasileiro foi também parceiro na difusão ideológica de que não haveria diferenças entre o ensino superior público ou privado: se a educação foi largamente difundida como 'bem público' – tanto pela mídia, quanto por inúmeros documentos governamentais -, não fazia diferença se seu desenvolvimento ocorresse em instituições públicas ou privadas. (CFESS; ABEPSS; ENESSO, 2014, p.18-19).

A própria apresentação da proposta do curso de Serviço Social na FAMA se deixa denunciar, como podemos perceber em uma rápida navegação em seu *site* institucional.

Cursar Serviço Social na FAMA é para quem quer... uma formação crítica e busca trabalhar diretamente com a promoção da mudança social, desenvolvimento social e o **empoderamento dos sujeitos (empowerment)**. O Serviço social é uma profissão que reconhece a interação entre os fatores históricos, culturais, políticos e socioeconômicos com os fatores pessoais do indivíduo. (FAMA, 2023b, grifos nossos).

Evidencia-se uma proposta do curso incompatível com as Diretrizes Curriculares da ABEPSS (1996) que estabelece, dentre seus princípios, a opção por uma teoria social crítica que permita a compreensão das relações sociais na totalidade. A lógica do empoderamento dos sujeitos constitui-se como recurso ideológico neoliberal: aposta-se no individualismo – e não na coletividade, no grupo, na organização política – como vetor de transformação societária, negando assim a luta de classes sociais, o racismo estrutural, a constituição milenar do patriarcado. Na contramão do legado crítico que o Serviço Social vem acumulando, a escolha do curso é por alinhar-se aos valores institucionais da FAMA, dentro os quais situa-se objetivo de formar “sujeitos empreendedores” (FAMA, 2023a).

Nas poucas informações sobre o curso encontradas no *site*, localizamos a organização de disciplinas em 08 semestres letivos. Nos chama atenção o fato de constar uma previsão de carga horária de disciplinas na área de Psicologia totalizando mais 100h – superior à de “Ética Profissional” (72h) – e, ainda, de 54h para informática

básica. Evidencia-se um alinhamento com o disposto pelo Ministério da Educação (MEC), contrariamente ao consolidado nas DC da ABEPSS (1996).

Além de não localizarmos a disciplina de Supervisão Acadêmica de Estágio Curricular em Serviço Social curso da FAMA, a carga horária total do estágio prevista é inferior ao instituído pela ABEPSS, em consonância com a qual o estágio supervisionado “constitui-se como momento privilegiado de aprendizado teórico-prático do trabalho profissional tendo como carga horária mínima 15% da carga horária mínima do curso (2700 horas).” (ABEPSS, 1996, p.20) O total da carga horária de estágio deve ser conduzido com, no mínimo, 405h; entretanto, o curso da FAMA não prevê a realização de mais de 300h.

2.4 TCC's 2000/2009

O primeiro TCC que identificamos no escopo do período delimitado nesta pesquisa data do ano de 2003, e foi construído pelo então estudante e militante Ailton Marques de Vasconcelos mediante orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Rosângela Batistoni (PUC-SP), o trabalho é intitulado como: “A trajetória política de organização dos estudantes Serviço Social, 1978 – 2002. E a sua relação com o projeto de formação profissional.” Não encontramos listagem de palavras-chave no documento. A (in)conformidade, ou) ausência pontual de alguns elementos que constituem os TCC's, segundo as normas ABNT, é algo também presente em outros trabalhos. Por exemplo, Vasconcelos (2003) não inclui o Resumo em seu trabalho; Santos (2007) inseriu um elemento denominado “Apresentação”; Schultz, Taquetti e Mattos (2006) inseriram numerais de paginação desde a capa; em vários TCC's, anexos e apêndices foram confundidos e/ou inversamente identificados. O mesmo se aplica quanto aspectos mais gerais de padronização dos trabalhos. Inconformidades quanto à padronização vigente podem ocorrer (e certamente, ocorrem) nas mais variadas produções acadêmicas, é certo. Mas é interessante notar que este dado revela particularidades que possuem também relação com o momento histórico que as autoras das pesquisas no período de graduação, marcado pela iniciação no universo da pesquisa científica.

A versão digital do TCC foi encontrada somente no *blog* da ENESSO (não localizamos o arquivo digital no repositório da PUC-SP). Essa realidade nos convocou a refletir sobre o papel que tem sido desempenhado pelo MESS através da ENESSO, no que versa à disseminação de conhecimentos sobretudo, junto às (imediate e

potencialmente) mais interessadas – estudantes de Serviço Social. Além dos benefícios mais gerais que perpassam a socialização dos resultados de pesquisa, cabe outros destaques quanto sua particularidade no âmbito da profissão.

Os princípios do nosso Código de Ética profissional (1993) são categóricos, no todo, quanto à dimensão ético-política que processos de investigação e de produção de conhecimentos (de natureza teórico-metodológica ou diversa) revelam – desde as motivações para sua realização até os seus resultados (parciais e finais) indicadores de intervenção. Destacando, um dos deveres em nossa relação com usuários e usuárias constitui o ato de devolver-lhes o conteúdo do que foi estudado, “no sentido de que estes possam usá-los para o fortalecimento dos seus interesses” (CFESS, 2012, p.29).

A disponibilização de um conjunto de produções acadêmicas sobre o MESS no *blog* da ENESSO constitui-se enquanto uma ferramenta estratégica, uma vez que tratam de aspectos históricos, ético-políticos, socioculturais, teórico-metodológicos, político-organizativos entre outros que particularizam as lutas do Movimento Estudantil de Serviço Social.

Este dado também possui relação com o perfil de pesquisadoras, as quais foram majoritariamente militantes do MESS. Construindo entidades de base (Centros Acadêmicos), gerais (Diretório Central de Estudantes/DCE) ou mais especificamente, a ENESSO, muitas destas assumiram representações estudantis: membro de gestão de CA, de Coordenação Regional (CR) e Nacional (CN) da ENESSO, discente ABEPSS regional e nacional, secretária(o) de escola, como Vasconcelos (2003, p.07-08):

[Agradeço] A minha militância estudantil, as lutas que encapamos na PUC/SP contra seu processo de elitização, os companheiros e companheiras que construímos o CASS – Centro Acadêmico de Serviço Social; - foi lá que tudo aconteceu. [...] Ítalo Marcos (SP) um verdadeiro socialista, a nossa militância na universidade e no MESS deixou marcas profundas na minha formação política e profissional, boa parte da minha formação se deve a você. Valeu cara! Não posso deixar de agradecer os companheiros (as) que contribuíram para esta viagem: Marcelo Sitcovisk (PE) e Charles Toniolo (RJ); vocês contribuíram muito para minha reflexão neste trabalho (valeu pelos toques) e não esquecerei a nossa militância no MESS. [...] A ENESSO gestão “Compromisso e Resistência” 00/01; sem a permissão de vocês, este trabalho provavelmente não teria sido realizado. A memória não apagará os companheiros (as) da militância do MESS, pautados na construção de novos valores e de uma nova ordem societária sem dominação e exploração [...].

Importa registrar outras mediações que perpassam a trajetória política do autor, que dedicou bons anos de sua vida as lutas as quais a profissão trava e se articula. Até os seus últimos suspiros, literalmente, ele esteve em processos de construção política, quando foi subitamente acometido por um infarto, no ano de 2019.

[Ailton Vasconcelos] Era destaque nos encontros de estudantes organizados pela ENESSO (Executiva Nacional dos Estudantes de Serviço Social), defendendo bandeiras importantes como a luta pela redução de mensalidades nas universidades privadas. [...] se tornou um grande articulador das escolas de toda a Região VII da ENESSO [...]. Foi protagonista, inclusive, da organização do primeiro Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESS) que foi realizado no estado de São Paulo, no ano de 2000, em Lins. [...] participava de todos os fóruns nacionais do MESS, e passou a conhecer profundamente todas as 7 regiões da ENESSO, seus militantes, entidades e perspectivas de luta. Sua militância foi imediatamente reconhecida e admirada pelos CA's e DA's de todo o Brasil. Participava inclusive de Encontros de outras regiões, sobretudo as mais próximas de São Paulo. [...] Mesmo nunca tendo sido membro oficial da diretoria nacional da ENESSO, Ailton passou a fazer parte da vida orgânica da entidade, fosse em São Paulo ou nacionalmente. [...] Sua contribuição foi determinante para que o primeiro *site* da ENESSO fosse ao ar, em 2002. (CRESS-SP, 2019).

O autor destaca o contexto que motivou a realização da presente pesquisa, sublinhando um desejo de situar a trajetória da organização política dos estudantes de Serviço Social no Brasil e o debate da formação profissional (no período que compreende os anos de 1978 a 2002). Vasconcelos (ibidem) destaca uma “inquietação” também com o panorama quantitativo de produções sobre o tema e as decorrentes implicações históricas para o MESS. Conforme o próprio autor, optou-se por uma busca para entender o processo que se estabelece entre o MESS e a formação profissional:

O que é esta relação produziu? Como se constituiu esta relação? Quais foram às contribuições ou implicações? Para esta tarefa no primeiro capítulo [do TCC] pontuamos o significado da Reforma do Ensino Superior na década de 90 que responde as mudanças societárias do capitalismo. E quais foram seus impactos na formação profissional dos assistentes sociais. No segundo capítulo tratamos da constituição do projeto do profissional, que expressa a renovação do Serviço Social brasileiro na ruptura com o conservadorismo profissional e o debate da formação profissional que culminou coma aprovação das diretrizes curriculares na década de 90. Tratamos no terceiro capítulo sobre o movimento estudantil geral e do surgimento do Movimento Estudantil em Serviço Social, o que ele produziu neste período, como se constituiu sua estrutura organizativa, qual é a sua relação com o debate da formação profissional e suas lutas. (VASCONCELOS, 2003, p.13).

Embora o autor não enuncie expressamente o seu referencial teórico, identificamos que há uma vinculação com o projeto hegemônico da nossa categoria profissional, que se pauta na teoria social de Marx. Não se pode identificar uma perspectiva teórica apenas pelo que se enuncia no texto. Em razão de limites concretos que particularizam a realização de uma pesquisa em nível de mestrado, não nos debruçamos diretamente à uma investigação sobre as tendências ético-políticas dos TCC's a partir de suas referências teórico-metodológicas. Aqui, o que pretendemos sinalizar, contudo, é que, não necessariamente, a indicação (ou omissão) de escolha de uma matriz teórica pelas autoras será condizente com a real matriz que virá a pautar a pesquisa. Tal fenômeno pode acontecer por razões de fragilidades no percurso da formação profissional, por exemplo, mas também, como estratégia para arrefecer embates abertos com o projeto hegemônico da categoria profissional.

De acordo com o CRESS-RJ (2013), no Código de ética da/o assistente social (1993):

[...] ressalta-se a necessidade de que o pluralismo seja um horizonte a ser garantido nos debates profissionais sobre o papel social do Serviço Social, sobre a vida social e sobre os mais distintos fenômenos que lhe são correlatos. [...] Há, contudo, outro aspecto junto a profissionais que atuam em Serviço Social no Brasil que afirmam defender o projeto ético-político profissional. Pode haver, aqui, uma apropriação formal, descolada da realidade concreta e dos desafios postos ao exercício profissional. [...] O projeto, então, serviria como uma espécie de “guarda-chuva”, sob o qual encontrariam guarida diferentes, e até mesmo divergentes, perspectivas profissionais. (p.06-07).

Em um processo de aproximações sucessivas e níveis de assimilação teórica correspondentes com o grau de ensino, podemos dizer que o TCC de Vasconcelos (2003) se constitui como mais uma produção no campo do projeto hegemônico da profissão. Nota-se sua escolha de fundamentação a partir da obra marxiana e da tradição marxista (Sergio Lessa, Ricardo Antunes, David Harvey, Eric Hobsbawn, Perry Anderson, José Paulo Netto, Marilda Vilela Iamamoto), situando o Serviço Social e a organização estudantil da área no contexto das lutas de classes nas relações sociais vigentes.

Mas é importante destacar que notamos nos TCC's uma tendência de omissão da opção teórica que fundamentam as pesquisas, como o caso de Vasconcelos (2003). De todo modo, ainda que considerando o tempo histórico de sujeitos que se

encontram na graduação, um tal dado nos convoca a pensar sobre tamanha incidência. Trata-se de insegurança para afirmar-se como pesquisadora, que faz escolhas conscientes sobre os termos em que realiza a pesquisa? Ou trata-se de uma fragilidade no campo da formação profissional, o que abarca os conhecimentos relacionados à Pesquisa Social, Matrizes teóricas do pensamento e a própria teoria social de Marx? Ainda há outros elementos, dentre os quais, o ideológico, conforme Netto:

[...] na medida em que a teoria social de Marx se vincula a um projeto revolucionário, a análise e a crítica da sua concepção teórico-metodológica (e não só) estiveram sempre condicionadas às reações que tal projeto despertou e continua despertando. Durante o século XX, nas chamadas “sociedades democráticas”, ninguém teve seus direitos civis ou políticos limitados por ser durkheimiano ou weberiano – mas milhares de homens e mulheres, cientistas sociais ou não, foram perseguidos, presos, torturados, desterrados e até mesmo assassinados por serem marxistas. [...] é preciso levar tal referência sempre em conta, porque uma parcela considerável das polêmicas em torno do pensamento de Marx parte menos de motivações científicas e mais de recusas ideológicas. (NETTO, 2009, p.668-669).

De qualquer maneira, o trabalho de Vasconcelos evidencia o comprometimento com o PEP, como podemos identificar em vários momentos, inclusive, em oportunidades que apresenta diretamente suas posições políticas quanto o significado do MESS para a profissão.

O movimento estudantil e os movimentos e entidades da área educacional, remando contra a maré buscaram resistir à lógica neoliberal que permeou esta reforma. Nesta mesma linha o projeto de formação profissional do Serviço Social, através da ABEPSS juntamente com o CFESS e a ENESSO em seus fóruns e debates sintonizou também esta resistência. Neste contexto mais do que nunca é necessário que os sujeitos políticos lutem pelo ensino público, gratuito e de qualidade comprometido com toda a população brasileira. No sentido de romper com o ciclo de pobreza e exclusão que amplas parcelas da sociedade brasileira vivem a décadas. (VASCONCELOS, 2003, p.118).

Quanto aos “achados” de sua pesquisa, Vasconcelos nos oferece um balanço, de fato, como enuncia em um dos subitens do terceiro capítulo do seu TCC (3.4. “Movimento Estudantil em Serviço Social: um balanço necessário”). Há uma avaliação positiva quanto ao saldo político, ou seja, quanto o direcionamento sociopolítico da ENESSO perante a profissão, quanto ao legado que se constrói no período de 1978 a 2002.

O percurso analisado da SESSUNE/ENESSO coloca que esta entidade vem fortalecendo a organização política dos estudantes de

Serviço Social, através de suas lutas e as deliberações dos ENESS's. Apontando para um projeto de formação profissional crítico e comprometido com os direitos sociais das classes trabalhadoras, na defesa da universidade pública de qualidade e gratuita e na construção de um projeto societário socialista. Através do material analisado, a ENESSO historicamente só pode ser entendida como expressão das atividades realizadas pelos C.A's e D.A's e demais ações estudantis. Neste sentido a ENESSO expressa uma ação que assume conteúdo educativo, político e ideológico, através das bandeiras de lutas deliberadas nos encontros, nos debates dos fóruns estudantis, manifestações e atividades culturais com repercussões no cotidiano acadêmico dos estudantes de Serviço Social. (VASCONCELOS, 2003, p. 100).

Contudo, desafios e contradições também se gestam nesse percurso e não escapam a análise do autor, que identifica, no início dos anos 2000, tensões que eclodem no bojo do MESS.

[...] na trajetória desse movimento [...] criaram-se diferenças [...] entre as regiões, o que resultou no fortalecimento de algumas e o não crescimento de outras e inclusive com o isolamento de algumas. Pelos dados, às regiões I, IV e principalmente as regiões VI, VII, foram mais prejudicadas, não participando das contribuições ao conjunto do movimento. Há uma significativa diferenciação quanto à participação estudantil por regiões da ENESSO, demonstrando as suas particularidades o acúmulo nas experiências políticas e as próprias fragilidades internas do movimento em torno de pequenas disputas. (VASCONCELOS, 2003, p.101).

Aqui cabe sinalizar que a organização da ENESSO em regiões (07, no total) não corresponde a divisão regional do território brasileiro (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul). Também não é a mesma do Conjunto CFESS/CRESS (que basicamente, é instituída por autarquias de abrangência estadual – sem prejuízo da criação de seccionais) nem mesmo a da ABEPSS – que se organiza em 06 regionais: Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Pará, Piauí, Rondônia, Roraima e Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe), Centro Oeste (Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso), Leste (Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), Sul I (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e Sul II (Mato Grosso do Sul e São Paulo).

No Estatuto da ENESSO (2019) não localizamos os critérios para estabelecer essa divisão regional, mas o acúmulo não documentado do MESS situa que a divisão considera a questão geográfica e quantidade de escolas por região. Problematicamos a questão da divisão geográfica com base, por exemplo, na Região I, a qual reúne 7 Estados, e abarcam uma dimensão territorial extremamente vasta. Inclusive, por meio

da pesquisa de Vasconcelos (2003) percebemos que este fator organizativo persiste enquanto um desafio a ser enfrentado.

Outro ponto que constitui elemento deste balanço sistematizado pelo autor (p.102-108) diz respeito à existência de grupos políticos, de natureza partidária ou não, atuantes no MESS no período correspondente da pesquisa. Tal processo é compreendido como fenômeno legítimo, não sendo tratado com reação, apartidarismo (geralmente, de cariz anticomunista) nem mesmo com indiferença. Nas palavras de Ailton:

A disputa entre os grupos partidários no Movimento Estudantil em Serviço Social não se deu como na UNE, com conflitos entre grupos na disputa da entidade. Aqui há apenas o reconhecimento da participação dos estudantes independentes de sua filiação, ou seja, as organizações partidárias não se organizaram para disputar a entidade. A presença do partido se deu de forma individualizada de seus militantes. As tentativas de ingerências foram rejeitadas pelos estudantes, visto que desrespeitavam e desconheciam a tradição e o acúmulo do Movimento Estudantil em Serviço Social, transportando mecanicamente suas bandeiras de lutas e suas formas de organização para o movimento. [...] No Movimento Estudantil em Serviço Social podemos verificar que os grupos políticos vêm contribuindo para a organização política dos estudantes de Serviço Social. Porém, é necessário deixar bem claro que esses não são responsáveis pela direção política, apenas contribuem, pois a verdadeira direção política do movimento estudantil de sua entidade – ENESSO – historicamente, quem vem dando nesses anos de luta, são os estudantes. Os grupos políticos que se consolidaram no Movimento Estudantil em Serviço Social só ocorreu com a legitimação dos estudantes, dessa forma, não há como colocar que um grupo ou outro seja responsável pelas conquistas estudantis, pois eles apenas vêm ajudando a organização estudantil. (p. 103, 107).

O autor apresenta sua concepção sobre a presença de grupos políticos no MESS, no campo do pluralismo – este que reivindicamos enquanto um princípio do nosso Código de Ética profissional (1993). No MESS não é vetada a propaganda de grupos políticos, nem mesmo é impedida a manifestação individual de cada estudante quanto suas posições e possíveis vinculações político-partidárias. Esse destaque quanto à autonomia política e financeira de um movimento social e/ou entidade representativa (organizações políticas, de modo geral) podem nos ser muito úteis para conhecer o seu respectivo programa político. Afinal, o que esperar de um coletivo/grupo que se dispõe a flexibilizar valores, princípios, pautas/reivindicações (rebaixar seu programa) para atender interesses outros, à revelia daqueles vinculados a quem efetivamente o constrói?

Não obstante, é importante também notar: uma vez que determinada/determinado militante no MESS se apresenta em um ENESS (por exemplo) como membro de determinada organização política, certamente, isso se realiza individualmente. O ato de carregar os símbolos desta organização em panfletos, camisetas, adesivos e bandeiras; de fazer intervenções públicas ou informais alinhadas com a direção sociopolítica de sua organização; de participar de várias ações enfim: isso envolve a ação de uma pessoa vinculada como estudante de graduação em Serviço Social e que, por mais que esteja agindo sozinha, carrega consigo os elementos que constituem o projeto/programa político que escolheu sobrescrever. Indispensável assinalar que este projeto/programa foi/é construído por um grupo de sujeitos os quais podem organizar-se com parâmetros que diferem do ponto comum dos sujeitos no MESS (se neste, somos um todo de estudantes de Serviço Social, naquele, não necessariamente; aliás, muito provável que não, posta as incontáveis entidades políticas existentes com base em critérios de identidade muitíssimo diversos). Talvez, o que nos interessa demarcar em torno desta persistente tensão seja, justamente, dar a conhecer o que objetivam as organizações que se aproximam e/ou atuam no MESS. À despeito de nossas suspeitas em torno dessa relação, de todo modo, ela nos parece saturada de determinações que merecem maior folego do que dispomos para desenvolver nesta pesquisa.

Não podemos prescindir de demarcar a importância das reflexões postas quanto ao que o autor identifica enquanto “equívocos” presentes na trajetória da organização estudantil em sua relação com o debate da formação profissional. Preocupa-o que se possa ocorrer uma confusão pelos estudantes, em “[...] atribuir a ação profissional uma perspectiva de militância política”, com uma “transposição mecânica da experiência da organização estudantil para a ação profissional” (p.111-112). Continua:

Sabemos que a organização estudantil contribui para a intervenção profissional dos futuros Assistentes Sociais, pois possibilita um acúmulo prático e reflexivo, mas transpor essas experiências sem as mediações necessárias, corre-se o risco de cair no “militantismo profissional”. (p.111)

Vejamos que, neste ensejo, recorre-se à literatura crítica da profissão, em obras de Iamamoto, Silva (Maria Ozanira) e Simionatto, alertando para duas tendências que representam riscos advindos dessa confusão quanto à relação entre Serviço Social (profissão) e militância política: o messianismo e o fatalismo. Oportuna e necessária

contextualização feita pelo autor, que a justifica, como exemplo, a partir da ênfase que alguns grupos políticos imprimiram na construção de “teses” apresentadas ao MESS, em que se evidenciou uma sobreposição dos projetos societários sobre o projeto profissional.

[...] Não restam dúvidas de que, na literatura do Serviço Social, encontram-se exemplos de diluição de fronteiras entre a prática profissional e a militância político-partidária, com superdimensionamento do potencial político da profissão, à qual são atribuídas, muitas vezes, tarefas partidárias, ignorando-se as reais possibilidades do exercício profissional. [...] A perspectiva da modificação de consciência, no contexto do voluntarismo tende a reforçar um projeto de ação profissional orientado pela “magia” do compromisso, ignorando, muitas vezes, as mediações presentes, nas diferentes conjunturas, no processo de transformação social, percebido não como uma possibilidade histórica, mas como uma categoria vazia da dimensão do real. (SILVA. 1995, p.226, 244, apud VASCONCELOS, 2003, p.112-113).

As teses podem ser compreendidas como “um conjunto de concepções e propostas para o MESS apresentadas pelos grupos políticos no interior das entidades” (SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2006, p.70). Este tema é tratado em outros TCC’s e abordado de modo privilegiado na pesquisa de João Paulo Valdo e Sócrates Pereira Silva: “Movimento estudantil de Serviço Social e as organizações políticas: contribuições e entraves.” Não localizamos o TCC, no *blog* da ENESSO e repositório institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mas os autores socializaram, em 2016, um artigo com os resultados da pesquisa. Conferir: “As contribuições e os entraves das organizações políticas no interior do Movimento Estudantil de Serviço Social”, publicação na revista Universidade e Sociedade, vinculada ao Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES) na edição nº 57, do ano XXVI (2016, p.136-147).

Disponível

em:

https://www.andes.org.br/img/midias/8ea654c4a4eef264f92f12e3cfb6d925_1548264638.pdf . Ambos autores foram militantes no MESS e membros de gestão da ENESSO; Valdo – CR da RV 2013-2014 e CN 2014-2015; Silva – CR da RV em 2014-2015 (ENESSO, 2021).

O panorama traçado por Vasconcelos (2003) é contraditório de certo modo, mas muito interessante: se podemos dizer que a militância do MESS evidencia historicamente diversas fragilidades políticas, também não podemos deixar de reconhecer que o momento da graduação é curto e a permanência no MESS é

passageira, o que afeta em comparação ao desenvolvimento e aprofundamento teórico que sujeitos de outros movimentos sociais podem alcançar.

Sobre o projeto de formação profissional do Serviço Social, Vasconcelos (2003) aponta que ele se constitui com incidência ativa do MESS, direta ou indiretamente: através da realização de Seminários Nacionais e Regionais de Formação Profissional e Movimento Estudantil em Serviço Social; da Campanha do Anteprojeto pela Formação Profissional; da elaboração de uma proposta de pesquisa do Perfil dos estudantes de Serviço Social; da criação da Secretaria de Formação Profissional da ENESSO e da representação de Discente em ABEPSS (além de fomentar o debate em vários encontros, como tema central e/ou constitutivos da programação) (p. 108). Em suma, o MESS:

[...] constituiu sua intervenção principalmente no debate da formação profissional e posicionando-se nas lutas sociais; a favor dos direitos sociais, democráticos, na defesa da universidade pública e gratuita, e das lutas das classes trabalhadoras na perspectiva de uma nova ordem societária.[...] tornou-se um espaço socioeducativo contribuindo para a formação profissional dos futuros assistentes sociais e de sujeitos políticos comprometidos com valores democráticos, libertários, de justiça social, igualdade social e para uma sociedade além do capital. Somando-se aos demais movimentos sociais, partidos e sindicatos, etc. (VASCONCELOS, 2003, p.118).

Vasconcelos (2003, p.117) recusa, por fim, “[...] a tese que coloca a organização estudantil na perspectiva de ‘alianças’ com outros sujeitos, precisamente com a categoria profissional.” O autor reforça assim a dimensão política na formação profissional em Serviço Social, que vem sendo destacada na literatura, desde, pelo menos, o início da década de 1990 em pesquisas como a de Ramos (1992; 1996) e, politicamente, desde os anos finais da década de 1970.

O processo de reorganização dos estudantes de Serviço Social sintoniza-se com o debate da renovação do Serviço Social na sua vertente de ruptura com o conservadorismo e com a dinâmica da organização sindical da categoria profissional com o I Encontro Sindical em 1978. A expressão dessa efervescência no Serviço Social culminou no III CBAS o “Congresso da virada”, no qual estudantes e profissionais contestaram a direção política e os rumos que as entidades da categoria assumiram. As intervenções estudantis expressaram-se através do “Repúdio à participação restrita de apenas dois estudantes de Serviço Social, porque entendemos que não é legítimo estabelecer a separação entre estudante e profissional de Serviço Social, uma vez que compreendemos ambos como parte de uma mesma categoria, possuindo objetivos e anseios comuns, lutando juntos pela transformação do Serviço Social” (Anais III CBAS, 1979:253). (VASCONCELOS, 2003, p.59).

A presença de expressões da arte nos TCC's destaca-se expressivamente em forma de poema. No TCC de Vasconcelos (2003), identificamos versos de Bertol Brecht, poeta revolucionário alemão e militante comunista, e um trecho da música “Caminhos do coração”, de Gonzaguinha.

Também é fundamental destacar que vários trabalhos são adensados por anexos de extremo valor histórico. Encontramos documentos que versam sobre a história e o processo de lutas do movimento estudantil de Serviço Social.

Destacamos os Estatutos da SESSUNE e ENESSO, os quais não estão disponíveis no *site* oficial da ENESSO, por exemplo, encontrados no TCC de Vasconcelos (2003). Além disso, também foram inseridos no trabalho os seguintes documentos:

- “Relatório I ENESS 1978”; “Relatório II ENESS 1979”;
- “Estatuto SESSUNE: Contribuição ao debate e aprovação/UFES”;
- “Estatuto SESSUNE, 1992”; “Estatuto ENESSO, 1993”; “Estatuto ENESSO, 2001”;
- “Jornal Nacional das Entidades de Serviço Social”;
- “Proposta de Curso de capacitação Política à distância - Remando contra a maré/gestão 1997/1998”;
- “Ofício UNESP aprovação para realização do ENESS 97 em SP”;
- “Cartazes, folders, campanhas SESSUNE/ENESSO”.

O relatório dos primeiros encontros nacionais da ENESSO (respectivamente, em 1978 e 1979) elucidam, nitidamente, a perspectiva crítica do MESS quanto ao Serviço Social tradicional, comprometendo-se com a reconstrução da direção social da profissão, situando-a no contexto da luta de classes, demarcando sua dimensão política e socioeducativa. Apresenta registros dos debates realizados, nos quais estudantes tratam de questões como reforma do currículo mínimo; enfrentamento do Serviço Social de caso, grupo e comunidade. Não obstante, o pesquisador organizou outras informações sobre o MESS em documentos que incluiu no TCC (Apêndices). Os mesmos referem-se à:

- a. um levantamento sobre as unidades de ensino em Serviço Social no Brasil no ano de 2003, segundo região, estado, instituição, cidade e natureza (pública/privada);
- b. um mapa de escolas de Serviço Social, divididas a partir das regiões da ENESSO (com 115 escolas mapeadas em todo o país);

c. uma sistematização de dados de encontros nacionais realizados pelo MESS desde 1978, com data (ano), edição, escola/região/cidade sede do encontro (VASCONCELOS, 2003, p.139-148);

d. uma revisão de documento inicialmente formulado por Ramos (1996), complementando e atualizando informações que registram a história de composição das gestões da ENESSO (nacionais e regionais), a partir de 1988 (ibidem, p.162-169).

Nessa rica elaboração intelectual de Vasconcelos (2003), é válido retomar apontamentos do autor sobre o processo de criação de um Estatuto para a entidade. Assim sublinhamos esta temática considerando que a ENESSO tem passado por diversos e intensos debates a respeito desse documento, especialmente, desde 2016.

O debate em torno da criação da SESSUNE tem sinais desde 1981, registrado no documento Pro Dia Nascer Feliz e Barbosa (1995, p.48-50) [...]. Ramos (1996) sintetiza este processo, destacando que em 1985 um grupo de estudantes do Rio de Janeiro propôs a criação da SESSUNE; esta mesma proposta foi apresentada em 1986 no IX ENESS/RJ, mas não foi aprovada. Para alguns estudantes era necessário aprofundar o debate antes da criação da entidade; para outros a criação de uma entidade iria burocratizar o Movimento Estudantil em Serviço Social. Segundo Pequeno (1990:68) “O grupo defensor da entidade foi acusado de autoritário e manipulador por trazer pronto o estatuto e por defender que as lideranças ali presentes representavam as bases.” Com a criação da SESSUNE, houve alterações na dinâmica do Movimento Estudantil em Serviço Social, centrando a preocupação na organização política estudantil, tendo como tarefa inicial das primeiras gestões a divulgação acerca da nova entidade. Segundo o documento Pro Dia Nascer Feliz, no XI ENESS de 1989 houve a aprovação do primeiro estatuto da SESSUNE. Esse estatuto, ao que tudo indica é resultado de propostas apresentadas pelos estudantes da UFES. Consta que estas propostas foram também à base do estatuto redigido em 1992. Ramos (1996) observa que a cada ENESS se reformula o estatuto da ENESSO. **Entendemos ser este um instrumento jurídico importante para orientar a organização estudantil, mas é necessário pontuar que o fundamental da organização estudantil é a aglutinação dos estudantes em suas reivindicações.** (VASCONCELOS, 2003, p.61-62, grifo nosso).

Essa iniciativa de anexar documentos no TCC se repete em trabalhos posteriores. Schultz, Taquetti e Mattos (2006) juntam duas artes que foram base para confecção de adesivos, com temas que constituíram ações de duas campanhas da ENESSO: uma contra a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) - “Diga Não à ALCA”. A deliberação mais antiga que encontramos da ENESSO sobre o tema encontra-se no Caderno de Deliberações de 2005:

- Contra a ALCA, pela construção de uma alternativa soberana de integração para a América Latina que atenda aos interesses da classe trabalhadora. (ENESSO, 2005, s/p, apud SANTOS, 2007, p.246).



Fonte: SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2006, p.82

Outra campanha teve como mote a luta contra o Exame Nacional do Ensino Superior (ENADE). Esta última foi desenvolvida pela gestão 2004/2005 (“Viver na luta”), que “construiu em conjunto com o coletivo de estudantes de todo o Brasil, um vitorioso boicote ao ENADE, através da entrega das provas em branco, com o adesivo característico da campanha colado à prova” (2006, p.84).



Fonte: SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2006, p.85

Rodrigues (2008) inseriu o Estatuto da ENESSO de 2007. Em seu TCC também há registros em fotos, com várias pessoas reunidas. Embora a baixa resolução das imagens, é possível perceber que na maioria das fotografias há muitos jovens, com mochilas nas costas, mãos levantadas, com os rostos pintados, segurando cartazes. Remetem à momentos assembleias, atos e passeatas estudantis.

A partir dos anexos no TCC de Vasconcelos, identificamos que o estatuto foi formulado, muito provavelmente, por um grupo de estudantes da UFES, no ano de 1989. Consta, no rol de autoria da proposta inicial de estatuto da SESSUNE, o nome da Professora Doutora Ana Targina Rodrigues Ferraz, que atualmente é professora no Departamento de Serviço Social e no Programa de pós-graduação em Política Social vinculados à mesma instituição na qual ela se vinculou anteriormente como estudante de graduação. Estes achados de pesquisa nos fomentam um anseio por continuar desenvolvendo estudos na área, posto que suscitam uma série de novas questões. A ENESSO já se apropriou do seu próprio processo histórico, inclusive, de criação do Estatuto? Conhece as razões pelas quais fora incluído no Estatuto um artigo determinando a realização de revisão estatutária a cada 03 anos? Existem elementos que justifiquem esta disposição com fundamentos políticos, teóricos e históricos? FOTO? Inclusive, no Estatuto de 1992 anexo, consta um endereço: Rua Olavo Bilac, 1133 - bairro São Gerardo - CEP: 60.000 - Fort. Ce. (p.183); no Estatuto de 1993, consta outro: Parque Costa Verde, Rua C, casa 15, Piata – CEP. 41650-010 Salvador – BA. A ENESSO completou 36 anos em 05 de agosto de 2023, com base no Estatuto de 1993 (Conferir SANTOS, 2007, p.187), e a sede era a Escola sede do coordenador geral. Na p.190, achamos tbm o Estatuto de 2001, o qual estabelece que o documento “**será** revisto a cada 3 anos, salvo mediante solicitação de pelo menos 1/3 das Escolas ou pela ENESSO, extraordinariamente”. Mas não se entende qual a necessidade? O que motivou essa decisão?

No estudo do TCC de Vasconcelos (2003), tivemos a feliz oportunidade de encontrarmos referências de outros TCC's sobre o MESS que desconhecíamos, realizados em sua maioria na década de 1990.

- OLIVEIRA, Cristiane G. de. Contribuição do movimento estudantil para a formação profissional do assistente social da ESSUSAL (1963-1969). (Trabalho de Conclusão de Curso). Salvador: UCSAL, 1993.
- BARBOSA, Kátia C. Trajetória Histórica do Movimento Estudantil em Serviço Social - 1995. (Trabalho de Conclusão de Curso). Franca: UNESP, 1995.
- LABIGALINI, Vanessa M. A organização política dos estudantes de serviço social da PUC/SP no período de 92-95, e sua relação com o projeto de profissão que pressupõe uma direção social. (Trabalho de Conclusão de Curso). São Paulo: PUC/SP, 1995.

No bojo dos TCC's elaborados no período que delimitamos para a presente pesquisa, encontramos:

- AMORIM, Paula, K. A construção do projeto ético-político com os estudantes de serviço social: o que somos, porque se luta, contra quem se luta e que formação necessita. (Trabalho de Conclusão de Curso). Porto Alegre: PUC/RS, 2001 – Citado no TCC de Vasconcelos (2003).
- OLIVEIRA, Joel Américo Barros de. Uma análise do movimento estudantil em serviço social (MESS) e sua relação com o debate de formação profissional no período de 1978-2003. Trabalho de conclusão de curso, Graduação em Serviço Social. UNIVALE, Governador Valadares, 2003 – Citado no TCC de Schultz, Taquetti e Mattos (2003).
- VIEIRA, Daniela Araújo. M.E. “Compromisso e resistência”: uma história de vidas na construção de Serviço Social. São Luís: UFMA, CCSA. Trabalho monográfico, 2003. – Citado no TCC de Andrea Alice (Silva, 2008a).
- BASTOS, Amanda Suelen F. A Reforma do ensino superior nos marcos do Governo Lula: as formas de enfrentamento da - Executiva Nacional de estudantes e Serviço Social – ENESSO. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2005. – Citado no TCC de Santos (2007).
- VERONICA, Jaqueline Fernanda. A participação dos estudantes de Serviço Social no Movimento Estudantil e sua relação com o processo de formação profissional. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social, Universidade de Taubaté/UNITAU. Taubaté, 2005. – Citado no TCC de Santos (2007).
- SILVA, Celso Severo da. Ação política estudantil como estratégia para construção e fortalecimento do projeto ético-político profissional. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social, CSSA – UFPE. Recife, 2006. – Citado no TCC de Santos (2007).
- VIEIRA, Daniela da Silva. A contribuição do Movimento Estudantil de São Paulo em Serviço Social com a formação profissional. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade Mauá/FAMA. Mauá, 2008. – Citado no TCC de Santos (2007).

O TCC de Ailton Vasconcelos (2003) se constitui como uma fonte de pesquisa, por registrar a história da organização política do MESS e, ainda, uma análise da trajetória histórica. É um trabalho que reúne elementos sobre marcos históricos, polêmicas, contradições, lacunas, relatos de militantes, acesso à outras produções teóricas prévias e à documentos atualmente não localizados.

No estudo do TCC de Vasconcelos (2003) e outros que se desenvolveram ao longo das duas décadas, é interessante perceber como as entidades da categoria profissional têm protagonismo nos mais variados debates da conjuntura. Pelas referências estudadas pelas autoras dos TCC's, encontramos variadas produções de autoria da ABESS/ABEPSS, do Conjunto CFESS/CRESS e da própria ENESSO. São materiais diversos, em formatos diferentes (cartilhas, relatórios, notas, cadernos, anais de eventos) que representam anos de luta, de construção crítica incessante. Guardam muitos processos construídos, guardam muito da nossa história! Além das entidades, destacam-se produções como as das professoras Marilda Iamamoto, Kátia Lima e do professor José Paulo Netto.

E concluindo o trabalho, o autor reforça: “[...] entendemos que há uma necessidade de produções nesta temática no sentido de cobrir as lacunas desse trabalho.” (VASCONCELOS, 2003, p.119).

Felizmente, outras pesquisadoras se lançaram nos estudos sobre o MESS, e um dos TCC's fora inclusive, elaborado por mais de uma autora. Trata-se do trabalho de Aline Pinheiro (SCHULTZ), Camila Lopes (TAQUETTI) e Marilucia dos Santos (MATTOS). Assim como o trabalho de Vasconcelos (2003), não localizamos o TCC das autoras no repositório institucional da UFES, mas no *blog* da ENESSO.

Esta pesquisa (“Movimento Estudantil e Formação Profissional: conexões possíveis de uma trajetória de lutas e contribuições”) traz uma bagagem histórica que ratifica a leitura quanto o papel do MESS na renovação das referências profissionais na defesa do PEP – mais especialmente, nos referindo ao quadro de docentes das universidades públicas brasileiras. Esta pesquisa, publicada em 2006, desenvolveu-se no bojo do Departamento de Serviço Social da UFES, orientada pela Professora Doutora Ana Targina, a qual identificamos ser coautora da primeira proposta de Estatuto da SESSUNE.

O TCC foi feito na modalidade de coautoria e em conjunto, as pesquisadoras construíram um agradecimento coletivo. Mas são nos agradecimentos de cada uma

das pesquisadoras que se registram elementos mais específicos sobre o significado do processo de construção do TCC.

Agradeço ao MESS, por contribuir nessa trajetória com minha formação política e crítica. Obrigado por promover espaços como o VER-SUS, onde exercitei a reflexão da profissão junto com estudantes de outros cursos da saúde. (SCHULTZ, 2006, p.08).

Ao CALSS e ao MESS e todos os companheiros e companheiras que passaram pela minha vida durante esses quatro anos [...]. (TAQUETTI, 2006, p.09).

Aos amigos que fiz no decorrer da trajetória militante, nos tempos do Grêmio da Escola Técnica Federal do Espírito Santo, na militância na UFES, e àqueles que encontrei pelo Brasil graças ao MESS. Compartilhar com vocês a luta pela construção de uma nova ordem societária, mantém aceso o sonho por dias melhores... (MATTOS, 2006, p.10).

A pesquisa tematiza o Movimento Estudantil e sua contribuição para a formação e prática profissional de Assistentes Sociais graduadas/os pela UFES, com ênfase no período de 1985 a 2002. É bem interessante notar como as autoras sublinham suas impressões e impactos esperados. São objetivas e diretas ao apresentar uma concepção notoriamente ética-política, o que se constitui enquanto um elemento imprescindível na produção de conhecimentos, conforme Minayo e Deslandes (2016). Este dado pode nos indicar uma maturidade teórico-metodológica das autoras, como podemos perceber através dos objetivos elencados:

[...] pretendemos ressaltar como a atuação no ME contribuiu para formação e prática profissional dos Assistentes Sociais graduados neste espaço de tempo. [1985-2002]. [...] pretendemos, ao estudar a relação entre o movimento estudantil e a formação profissional em Serviço Social, contribuir para as discussões acerca dessa temática no interior do MESS em encontros, registros históricos, debates e outras construções coletivas. Almejamos também contribuir para a produção de conhecimento acerca dessa temática, servindo como documentação de uma trajetória importante para a construção do movimento estudantil e de análise dos aspectos que perpassam o processo de militância na sua relação com a formação profissional. Destacamos o fato de este trabalho ser o primeiro a abordar a temática movimento estudantil no curso de Serviço Social da UFES. Além disso, buscamos reafirmar a importância que vemos nessa relação, por ter se constituído historicamente numa ação política conjunta de construção de um projeto de profissão pautado por um projeto de transformação societária. (SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2006, p.21).

As autoras tiveram uma experiência enriquecedora no MESS, que relatam ter impactado em suas vidas. Não são todos os trabalhos que evidenciam tamanho impacto na vida social das autoras, e esse TCC em específico destaca tais incidências de forma menos “tradicional”, conforme as citações abaixo.

Este trabalho, antes de tudo, representa um pouco da paixão pela militância política adquirida em nossa trajetória de vida, através da participação no movimento estudantil e em outros movimentos sociais. Acreditamos que nossa atuação no movimento estudantil na universidade e também como secundaristas foi fundamental para o desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre os problemas e temas que atravessam a sociedade, além de ter sido um momento de descoberta da política e da luta pela justiça social. Foi através da participação nesse movimento que desenvolvemos uma visão mais ampliada do Serviço Social, visão esta que não se aprende somente na sala de aula. (p.18).

Assim como em Vasconcelos (2003), o TCC não anuncia a matriz teórica da pesquisa, embora seja uma produção que evidencia uma sintonia com o PEP, fomentando quanto à importância da organização política, na defesa do projeto profissional crítico hegemônico do Serviço Social e no compromisso com a dimensão da produção de conhecimentos.

Na pesquisa, Schultz, Taquetti e Mattos (2006) destacam a importância do papel político exercido pelo MESS na formação de profissionais com direcionamento crítico, com contribuições no processo histórico da profissão e para o próprio exercício profissional.

[...] este trabalho constatou que a formação política adquirida no interior do ME imprimiu aos militantes competências que podem se transportar para a prática profissional como, por exemplo, a habilidade para uma leitura mais crítica da realidade, a capacidade de articulação política junto a outros atores sociais coletivos e às entidades da categoria.”. (p.19).

Revelam ter se defrontado com dificuldade de acesso à documentos importantes que versam sobre a história do MESS, tanto a nível local como nacional.

É importante ainda, falar sobre as dificuldades encontradas para o desenvolvimento desse trabalho. A primeira diz respeito à precariedade dos registros encontrados no CALSS sobre a trajetória da entidade, as gestões, as atividades desenvolvidas, entre outros e o fato de os registros que existem encontrarem-se bastante desorganizados. A segunda questão reside no fato de nem todos os entrevistados se recordarem com exatidão de questões específicas de seu período de militância, das ações desenvolvidas, entre outros. Uma outra questão é o fato de este trabalho se apresentar como o primeiro estudo sobre o Movimento Estudantil em Serviço Social na UFES, não podendo contar com sistematizações e contribuições anteriores. O acesso às informações sobre a organização do MESS em nível nacional foi restrito, uma vez que os arquivos do movimento encontram-se na Escola Sede da ENESSO, hoje localizada na região II na UFPE. (SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2003, p.24).

Mesmo diante essa situação, as estudantes conseguiram desenvolver a pesquisa, com aporte em estudos prévios já realizadas sobre o tema do MESS.

Dessa forma tomamos como principal orientação os trabalhos de conclusão de curso de Joel Américo Barros de Oliveira, intitulado “Uma Análise do Movimento Estudantil em Serviço Social (MESS) e sua Relação com o Debate de Formação Profissional no Período 1978 – 2003” e de Ailton Marques de Vasconcelos intitulado “A trajetória política da organização dos estudantes de Serviço Social, 1978 – 2002. E a sua relação com o projeto de Formação Profissional.” Contamos também com a dissertação de mestrado de Sâmia Rodrigues Ramos, de nome “A ação política do Movimento Estudantil de Serviço Social: caminhos históricos e alianças com outros sujeitos coletivos”. (SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2003, p.24)

O desenho da pesquisa chama atenção: pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa; com levantamento de dados por meio de pesquisa bibliográfica e de entrevistas semiestruturadas (com 01 militante do Movimento estudantil geral e 14 do MESS na UFES que estudaram entre as décadas de 1960 até 2000), realizadas pessoalmente ou por *e-mail*.

Alguns trechos das entrevistas realizadas nos reacendem aquela “chama” que vivenciamos no MESS; dizemos da inquietação, do desejo pelo saber, da intensa atividade política em torno da construção dos espaços coletivos, da oxigenação permanente de reflexões que incidem no processo de formação de consciência. O relato de um sujeito de pesquisa resgata uma experiência vivida pela entrevistada em um marco histórico da profissão – o “Congresso da Virada” (III CBAS), realizado em 1979:

[...] quando nós chegamos em São Paulo, nós fizemos um movimento que tirou tudo que tinha de oficial, governo, prefeito da mesa. Buscou Lula, José Ibraim, todas as lideranças sindicais do ABC, mudamos a mesa de abertura do congresso nacional e teve um momento histórico que era o seguinte, tinha umas visitas oficiais à prefeitura de São Paulo, os ônibus esperando. E as mulheres pelegas, não sei se era Secretária de Ação Social, organizadoras, e nós lá naquele impasse de mudar mesa, pauta, critérios do congresso, aí ela foi lá na frente e falou – Gente, vamos logo, porque os ônibus estão esperando, o prefeito está esperando a gente não sei onde. Aí Z., que é uma assistente social capixaba, formou depois de mim, [...] foi lá, estudante, pegou o microfone e falou – Que prefeito, que ônibus que nada, o que que é mais importante, o prefeito esperando a gente, ou milhares e milhares de trabalhadores desse país esperando um posicionamento dos Assistentes Sociais, do Serviço Social? O auditório veio abaixo! A mulher ficou desmoralizada, a Z. virou a heroína daquele congresso nacional de 1979, uma capixaba, estudante, não era das de mais destaque, mas a lucidez, entrou e botou pra quebrar. [ENTREVISTADO 2] (SCHULTZ, TAQUETTI; MATTOS, 2006, p.53).

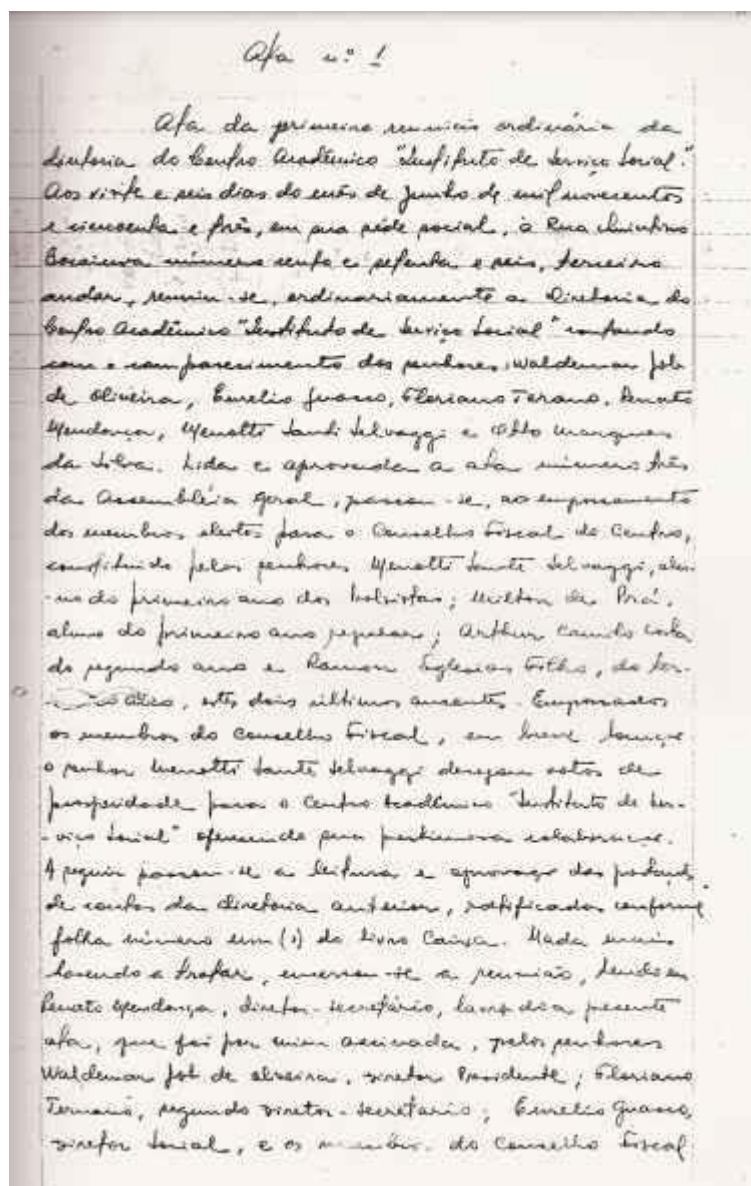
A pesquisa destas autoras e das demais, de modo geral, vão paulatinamente nos permitindo mapear algumas das principais lacunas em torno da história do MESS

e conhecer processos ainda pouco pesquisados. Conforme depoimentos de outro sujeito da pesquisa de Schultz, Taquetti e Mattos (2003) identifica-se a existência de articulação política de estudantes de Serviço Social mesmo antes do período da autocracia burguesa no Brasil – o que será retomado posteriormente no TCC de Santos (2008).

Tinha uma entidade nacional chamada ENESS [...] a gente tinha essa estrutura, a UNE tinha essa Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social. [...] A ENESS era dentro da UNE. E a gente tinha essa estrutura regional, e a deliberação mais ampla do ME era da UNE e do DCE. Mas a executiva fazia essa articulação por campo temático. [ENTREVISTADO 1]. (SCHULTZ, TAQUETTI; MATTOS, 2006, p.62).

É o que a pesquisa de Tiago Santos veio a revelar, posteriormente:

Encontramos registros históricos da existência do CAISS – Centro Acadêmico do Instituto de Serviço Social – Atual Centro Acadêmico 3 de Março da FAPSS/SP, cujo documentos são datados de 26 de Maio de 1953. No entanto no corpo do documento notamos evidências da organização política dos estudantes em sua entidade de base anterior a tal data. “Ata da primeira reunião ordinária da diretoria do Centro Acadêmico “Instituto de Serviço Social” [...]. A seguir passou-se a leitura e aprovação da prestação de contas da diretoria anterior, ratificada conforme folha número um (1) do livro caixa”. Em uma rápida leitura do material encontramos atas de reuniões, entre elas da reunião do dia 29 de março de 1954 que demonstra a existência de uma articulação nacional entre os estudantes entorno da regulamentação do curso de Serviço Social. (SANTOS, 2007, p.110).



"Livro ata nº1 do CAISS, reunião ordinária da diretoria datada de 26/05/1953, fls. 1. [...] Esta documentação pode ser encontrada na sede do CA 3 de Março – FAPSS/SP" (SANTOS, 2007, p.110).

Fonte: SANTOS (2007, p. 236).

Vasconcelos (2003) também procedeu com esse resgate histórico, a partir de um TCC datado de 1993 (OLIVEIRA):

A ENESS se manteve em atividade até o ano de 1968, quando foi desestruturada pela ditadura militar. Tais informações provêm, sobretudo, do depoimento dos sujeitos que participaram da articulação desse momento, uma vez que os registros dos movimentos sociais, em sua maioria, foram queimados, extraviados e/ou destruídos pela ditadura militar. Cabe acrescentar ainda, 'que devido à censura alguns pontos de pautas de reuniões não eram registrados em Atas das entidades estudantis' (OLIVEIRA apud VASCONCELOS, 2003, p. 57).

O marco histórico da rearticulação estudantil datado dos finais dos anos 1970 vem sendo legitimado política e teoricamente por seu impacto no processo mais geral

das lutas travadas pela sociedade brasileira que construiu ações de massa pautando as liberdades democráticas, tensionado a crise da ditadura militar. É importante situar nesse processo que uma tal escolha não pode acarretar um apagamento da história de sujeitos que já vinham avançando nessa construção política que hoje reconhecemos como MESS.

A propósito do debate sobre a atuação dos movimentos sociais antes e durante o período ditatorial no Brasil, as autoras também contextualizam o movimento estudantil mais geral, sobretudo no primeiro capítulo do TCC (“A trajetória do Movimento Estudantil no Brasil”).

Posteriormente, discorrem sobre a presença de organizações políticas e de teses no MESS que, durante a década de 1990, contou com intensa movimentação de agrupamentos políticos em seu interior. Segundo as pesquisadoras, foi no XIV ENESS (sediado na UCSAL) que, em caráter inédito, houve apresentação de teses (SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2003, p.70). As autoras realizam uma interlocução com a pesquisa de Vasconcelos (2003) para abordar o tema:

Ao todo, quatro teses foram apresentadas sendo que duas apresentaram chapa para a coordenação da SESSUNE [...]. A apresentação das teses veio concretizar a correlação de forças já existente até então no MESS [...]. Esse processo expressou “as disputas políticas de projetos e concepções sobre os caminhos do movimento. Se de um lado demonstra a diversidade no interior do movimento, de outro coloca o acirramento e a preocupação com a entidade”. (VASCONCELOS, 2003, p. 64). [...] O espaço de luta do MESS, sempre foi permeado por influências de forças de esquerda existentes em cada momento histórico. Entre estas podemos citar os partidos políticos e o movimento religioso apoiado na Teologia da Libertação. Mas identificamos o PT como uma das forças políticas de presença marcante na trajetória histórica do MESS, tanto em nível nacional como regional.” (SCHULTZ; TAQUETTI; MATTOS, 2006, p.71, 134).

De modo mais geral, Schultz, Taquetti e Mattos ainda nos convidam ainda à uma importante reflexão sobre a construção política do MESS, o que muito nos interessa tendo em vista o objeto de estudo delimitado por nossa pesquisa:

A defesa do ensino público, gratuito, laico e de qualidade e do tripé ensino, pesquisa e extensão nas universidades, além de se consolidarem como princípios do MESS, colocam-se ainda como importante elemento na afirmação da dimensão investigativa da profissão. Isso reafirma a importância da produção de conhecimento no âmbito acadêmico, proporcionando também um suporte para a intervenção profissional e leitura da realidade. (2006, p.121).

Há uma avaliação, com a qual coadunamos, de que o MESS constitui “fator decisivo ou muito relevante” no exercício profissional dos sujeitos de pesquisa quanto ao seu compromisso ético-político (SCHULTZ; TAQUETTI; MATTOS, 2006, p.123). Em outro TCC (SANTOS, 2007), é interessante notar como as próprias estudantes entrevistadas indicam a importância e a contribuição do MESS para a formação profissional:

- Amadurecimento, conhecimento e mudança de valores e atitudes;
 - Ampliação de conhecimentos e de relações;
 - Compreensão política e conjuntural da realidade;
 - Fortalecimento da luta por direitos;
 - Luta pela qualidade do ensino;
 - defesa das Diretrizes Curriculares;
 - defesa do Projeto Ético-Político;
 - Espaço de fortalecimento da categoria mesmo enquanto estudante;
 - espaço privilegiado de formação, articulação e participação política;
 - desenvolve habilidade de comunicação;
 - reforça capacidade teórico-metodológica, técnico-operativo e ético-político;
 - integração cultural e regional;
 - desvelar problemas;
 - capacidade de propor coisas novas;
 - análise crítica da realidade;
 - amplia espírito transformador;
 - é a realização da relação teoria e prática;
 - compromisso com usuários;
 - novos valores e atitudes;
 - percepção de falhas no processo de formação profissional;
 - amplia-se visão de mundo;
 - ajuda a ser um melhor profissional;
 - prática democrática;
 - a participação no MESS deveria ser parte integrante da formação profissional;
 - amplia conhecimentos para além da sala de aula;
 - potencializa as capacidades do ser social;
 - contribui com oficinas, debates, seminários e mesas temáticas; etc.
- (SANTOS, 2007, p.157-158).

As autoras Schultz, Taquetti e Mattos (2008) apresentam elementos de forma sistematizada que tratam justamente desta relação, na qual evidenciam importantes contribuições do MESS:

- quanto à instrumentalidade do Serviço Social, com ênfase no desenvolvimento de habilidades e competências profissionais (ibidem, p.124) e na ampliação do arcabouço teórico-metodológico (p.126-127);
- para o fortalecimento das demais entidades representativas da categoria profissional;
- para conquistas na esfera das condições de formação acadêmica;

- para o compartilhamento de experiências que se ampliam por meio da participação nos encontros, que ocorrem em várias cidades do país (p.125);
- quanto à sensibilização para a dimensão investigativa da profissão (p.128);
- para a diversificação dos métodos-processos de aprendizagem e assimilação dos conteúdos estudados na graduação;
- quanto à uma “diminuição” dos limites territoriais que dificultam a disseminação dos principais debates que a profissão tem feito (por exemplo: uma estudante enquanto representante discente ABEPSS participa de reuniões/encontros, retornando para seu *lôcus* de atuação com uma bagagem atualizada, que a maioria das estudantes não poderia acompanhar – p.126);
- sendo comum que a maioria atuante no MESS continue a ter uma vida política, mais ou menos ativa, dentro e fora do Serviço Social, após o término da graduação (p.132).

Outros elementos conclusivos mais gerais são tecidos pelas autoras ao longo do TCC, indicando a dimensão do MESS quanto suas incidências históricas na profissão e em especial, na construção do projeto de formação profissional em Serviço Social.

[...] a ação do MESS sempre esteve vinculada ao pensar da formação profissional da categoria. Desempenhou um importante papel na ruptura com o projeto de profissão conservador, através de sua organização, inserção nos espaços de discussão e articulação com as entidades da categoria. Impulsionou junto aos estudantes a discussão a respeito da revisão curricular, elaborando propostas que aglutinavam os anseios do coletivo dos estudantes para a formação profissional. A ação do MESS coloca-se ainda como importante na consolidação do Projeto Ético Político hegemônico do Serviço Social, em sua articulação com as entidades da categoria, na participação das discussões de elaboração do Código de Ética de [19]86 e, posteriormente, na sua reformulação e na discussão das novas diretrizes curriculares. Cabe ressaltar também o papel desempenhado pelo MESS na recusa dos processos de avaliação de curso impostos pelo MEC, especialmente nas discussões sobre o Provão, em que o MESS na UFES se colocou como um dos articuladores do Plebiscito do Provão na universidade e, no ano de 2004, foi o grande articulador do Boicote ao ENADE entre os cursos de Serviço Social do Espírito Santo. (SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2006, p.117-118).

Esse destaque quanto ao protagonismo do MESS na discussão que envolve o projeto de formação é presente de forma predominante nos temas abordados pelos

TCC's pesquisados, apresentando-se também como elemento que constitui a história do MESS no âmbito mais local, a partir dos estudos realizados pelas autoras:

Uma das bandeiras, que foi encontrada como transversal na trajetória histórica da organização dos estudantes da UFES, foi a luta pela qualidade na formação profissional. Os estudantes se tornaram atores legítimos de crítica e de proposição, adquirindo ao longo dos anos representação nos espaços de debate da categoria, quanto às reformas curriculares, aos campos de estágio, a contratação de professores, a afirmação das diretrizes curriculares e do projeto ético-político do Serviço Social. (SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2006, p.134).

Mais especificamente sobre a particularidade do MESS na UFES, as autoras apresentam uma contextualização que se destaca por situar uma atuação local no processo mais amplo das lutas do MESS.

[...] o MESS na UFES possui um papel de destaque no sentido da sua contribuição para a formação política dos estudantes, para a organização do CALSS, para o fortalecimento das relações dos estudantes com o Departamento de Serviço Social, para a articulação com as bandeiras de luta da ENESSO a qual contou, por várias vezes, com militantes da UFES em coordenações nacionais e regionais da executiva. [...] também teve um histórico de participação em importantes momentos para as definições de cunho político local e nacional, além de ter contribuído em debates sobre os rumos da orientação da formação profissional na academia, inclusive tendo participado em processos de reformulação curricular.” (SCHULTZ, TAQUETTI, MATTOS, 2006, p.133).

Destacamos o significado dessa postura investigativa sublinhando o quanto ela é importante para elucidar uma história que não é abstrata, vazia, que se opera em uma generalidade. O MESS e a ENESSO são construídos por sujeitos históricos, que se vincularam e vinculam aos mais diversos cursos de graduação em Serviço Social no tempo e no espaço de forma diversa, rica e sobretudo, real. São sujeitos que tem nome, que estudaram em determinadas IES's, orientados por determinadas professoras, vivendo momentos muito específicos da profissão na história. Essa materialidade nos encanta, pois é portadora da riqueza que nos particulariza enquanto ser social.

Quanto aos sujeitos da pesquisa de Schultz, Taquetti e Mattos (2006) afirmam:

Identificamos uma gama de contribuições da militância para esses profissionais, antigas lideranças no movimento, seja na formação política, no aprimoramento de uma visão crítica da realidade e no aguçamento do aparato técnico e ético-político profissional. Tais contribuições se expressaram na prática do debate, da articulação e da mobilização junto aos estudantes, e em muitos dos espaços que ocuparam depois da conclusão do curso. *Em todos os depoimentos fica claro que a atividade militante no MESS contribuiu para a*

qualificação da formação profissional e da prática cotidiana dos assistentes sociais. (SCHULTZ; TAQUETTI; MATTOS, 2006, p.134-135).

Em uma interlocução com as Diretrizes Curriculares (ABEPSS, 1996), sobretudo quanto a importância de uma formação que contemple a vida social, as autoras finalizam sublinhando que “[...]a militância é uma vivência importante não só para a formação profissional da categoria, mas para a vida em sociedade, como forma de reforçar a democracia e os anseios de construção de uma nova realidade social.” (SCHULTZ; TAQUETTI; MATTOS, 2006, p.135).

Também observamos a citação de poema no documento (*Para os que virão*, de autoria de Thiago de Mello, poeta brasileiro, natural de Amazona/MA). Essa interlocução com poesias segue presente nos demais TCC's. É possível identificar que muitos dos temas dos encontros e nomes das chapas candidatas às gestões da ENESSO têm sido historicamente marcadas por essa característica, conforme ENESSO (2020 e 2021).

No ano seguinte, Tiago Barbosa Santos desenvolve também uma pesquisa sobre o MESS (2006). Através do curso de Serviço Social da primeira escola na área que tivemos no Brasil (vinculada atualmente à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP), a pesquisa foi realizada sob a orientação de uma militante com ativa vida política nas entidades da categoria profissional e nas lutas mais gerais da classe trabalhadora – a professora Doutora Maria Beatriz Costa Abramides.

Este é mais um trabalho que só foi localizado no *blog* da ENESSO, reforçando a importância das ações do MESS na socialização dos conhecimentos construídos na universidade brasileira.

Militante no MESS, Santos exerceu a representação de Secretário de Escola (PUC-SP) no âmbito da Região VII da ENESSO, entre os anos 2006 e 2007. O autor faz referência à essa construção nos agradecimentos do seu TCC:

O que despertou o interesse em discutir a relação entre os conhecimentos apreendidos na formação profissional e a prática política direcionada na perspectiva do Projeto Ético-Político deve-se, dentre outros fatores, à inserção do autor no MESS. Em 2004, ainda na condição de calouro, participou da gestão do Centro Acadêmico de Serviço Social da PUC/SP - CASS na qualidade de Coordenador de Formação Profissional e Movimento Estudantil [...]. Nesse processo pode desfrutar da rica troca e acúmulo de experiências participando dos fóruns do MESS - Encontros Nacionais (ENESS) e Regionais (ERESS) de Estudante de Serviço Social e Seminários de Formação Profissional de 2004 a 2007. (SANTOS, 2007, p.01-02).

Instigado quanto as possibilidades formativas desencadeadas e potencializadas pela dinâmica do MESS, Santos realizou uma pesquisa junto à estudantes que participaram do 29º ENESS, que aconteceu no ano de 2007 no município de Contagem/MG. Conforme elucidado pelo próprio autor, o TCC apresenta um “perfil do estudante presente neste ENESS, o que pensam a respeito da formação profissional e do próprio movimento, possibilitando uma reflexão crítica dos desafios contemporâneos desse segmento que compõe a categoria profissional.” (ibidem, p.IV).

Sentimos a necessidade de aprofundar a reflexão teórica tanto da profissão quanto do Movimento Estudantil para que assim pudéssemos problematizar a relação entre ambos, na direção de uma sólida formação em Serviço Social contemplando a indissociabilidade entre as três dimensões formativas – teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política – e a superação da falsa dicotomia entre a teoria e a prática. (SANTOS, 2007, p.02)

Em um tópico inserido no TCC sob o título “Apresentação”, o autor explicita suas intenções delimitadas para a pesquisa e alguns procedimentos metodológicos adotados:

O presente Trabalho de Conclusão de Curso - TCC é fruto do processo de estudos durante os quatro anos do curso de Serviço Social na PUC/SP. Trataremos da relação estabelecida entre “a direção social da formação profissional e a participação política dos estudantes” com o objetivo de problematizar como o Movimento Estudantil em Serviço Social - MESS pode contribuir no processo de formação profissional reafirmando a direção social expressas nas diretrizes para a formação profissional. [...] Para o desenvolvimento dessa pesquisa exploratória realizaremos [...] levantamentos e leituras de bibliografias referentes à área de Serviço Social e, mais especificamente, aos temas relacionados à Formação Profissional e ao Movimento Estudantil em Serviço Social - MESS, bem como o contato com alguns materiais produzidos pelo MESS no período de 2004-2007, a partir das deliberações dos [...] ENESS e das contribuições das teses apresentadas nestes fóruns. [...] O levantamento de dados via questionário, objetivou traçar um perfil dos mesmos [estudantes no ENESS Contagem] e o que pensam sobre o MESS. Ou seja, possibilitou conhecer a “quantas anda” a organização do MESS e como os sujeitos concebem alguns elementos centrais da formação profissional.” (p.01, 03, 04).

Nos chama atenção que segue presente a ausência de menção sobre a matriz teórica que sustenta o TCC. Ao longo de todo o TCC, Santos (2008) destaca o significado da teoria social de Marx para a renovação do Serviço Social brasileiro, mas não encontramos a reivindicação enunciada de forma direta, explícita no texto deste mesmo referencial teórico-metodológico. A citação mais próxima que encontramos é

a que segue, em ocasião na qual o autor versa sobre o processo do Movimento de Reconceituação Latino-americano:

É inegável a contribuição do Movimento de Reconceituação e o contato com a teoria social crítica no meio acadêmico, para a formulação e fundamentação das bases do Projeto Ético Político hegemônico nos dias de hoje, voltadas para à análise da realidade social de forma a almejar o aprofundamento e o rigor teórico, que outrora não havia sustentação nas determinações sociais, políticas, econômicas e históricas, para além dos muros da profissão desvendando as bases concretas sob as quais se estrutura a sociedade. A teoria social crítica em Marx “é absolutamente necessária para a compreensão atual da ordem burguesa” (NETTO, 2003:29) para nos ajudar a decifrar os desafios contemporâneos.” (SANTOS, 2007, p.23).

Mais adiante, no capítulo II, Santos diz que: “os fundamentos do PEP estão calcados na teoria social crítica de Marx como seu pilar principal de aporte teórico.” (2007, p.46). Em se tratando da opção crítica do autor, suas intenções residem nesta mesma base de fundamentação teórico-metodológica, traçando um caminho coerente com o método de Marx. Valoriza o elemento da historicidade, da contradição, da totalidade, da mediação, como pode ser observado:

Ao tratarmos do significado social da profissão de Serviço Social e, posteriormente, da sua direção social filiada aos marcos de intenção de ruptura, se faz necessária sua contextualização, pois somente assim poderemos compreender as determinações que envolvem as metamorfoses da direção social da profissão em seus diferentes contextos históricos, para além dos muros do Serviço Social. [...] Temos como pressuposto do significado social da profissão e sua direção social que ambas só poderão ser compreendidas a partir da sua inserção nas relações sociais, o que significa compreendê-las como fruto de um processo histórico, na dinâmica de relações entre as classes sociais e do protagonismo dos seus sujeitos coletivos.” (SANTOS, 2007, p.09).

O elemento que nos parece contextualizar a ausência de afirmação mais objetiva sobre a escolha pelo método em Marx diz respeito ao processo de apropriação inicial, introdutória do autor com a referida teoria, o que condiz, no geral, com a nossa realidade nos momentos de graduação e mesmo, de pós-graduação. Conforme sinaliza, em seu TCC, Santos (2007, p.46) pontua não ter a pretensão de “esgotar o debate sobre os fundamentos e conceitos da teoria social crítica de Marx”, se dispondo a trazer à tona alguns de seus elementos por ele elencado como significativos para a discussão proposta.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, com aporte em revisão bibliográfica (no tema Serviço Social, com ênfase no debate da Formação Profissional e do MESS) e

pesquisa documental (materiais oficiais da ENESSO datados do período 2004-2007, que registram deliberações dos ENESS e teses apresentadas), com foco no eixo 'Formação Profissional' e temas correlatos. (SANTOS, 2007 p.02-03).

O autor realizou pesquisa de campo com a aplicação de questionário, junto à estudantes presentes no XXIX ENESS Contagem/MG em 2007, com *“perguntas abertas, fechadas e mistas, contendo questões de caracterização dos estudantes bem como perguntas mais gerais sobre o MESS e a Formação Profissional”* (ibidem, p.03). A participação dos sujeitos se deu por demanda de interesse espontânea. O questionário tinha 29 perguntas, o que significa um volume quantitativo e qualitativo bastante considerável para interpretação. No total, obteve-se 54 respostas; das 07 regiões da ENESSO, o autor alcançou 05 delas; de 70 escolas, 29, o que evidencia uma boa representação do real.

Quanto ao estudo dos documentos, destacamos a importância de um recurso muito valioso que foi realizado pelo pesquisador:

Na pesquisa aos arquivos da SESSUNE/ENESSO notamos que os registros da história do MESS são feitos de forma ainda muito precária. Encontramos boletins, revistas, cartas, jornais, cartazes, teses, deliberações, dentre outros, no entanto é tímida a presença de relatórios que retratem minuciosamente as discussões que permeiam os ENESS como: atas, registro de conflitos e disputas internas, rachas políticos, tendências, quantificação de participantes nos encontros, etc. (p.06)

Onde se encontram estes documentos, atualmente? Conforme a ENESSO (2019), existe um arquivo físico documental que constitui seu patrimônio. Como a guarda destes materiais demandam uma organização e estrutura para armazenamento, e a ENESSO não dispõe de sede fixa própria, é de se esperar que a dispersão destes arquivos aconteça. A falta de articulação entre as gestões (rotativas) na Executiva é um outro fator que adensa o desafio de preservação documental da ENESSO.

§2º A ENESSO tem como sede para seus arquivos documentais e históricos um local com condições objetivas para manutenção e conservação destes documentos. - Em caso de impossibilidade de se manter o local definido como sede, a Coordenação Nacional se responsabilizará em garantir um novo espaço. - A CN é responsável pela organização da catalogação desses arquivos e sua disponibilização digital.

§3º A ENESSO tem como endereço sede o local que for definido pela Coordenação Nacional. (EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL, 2019, p. 04).

Aqui a possibilidade de arquivamento em locais alternativos é uma resposta construída pelo Movimento Estudantil frente a inexistência de uma sede própria. Segundo pesquisa prévia (ZANELLI, 2019) os documentos da ENESSO encontravam-se dispersos, e as informações quanto à localização dos mesmos não eram precisas. No Planejamento Estratégico Nacional (PEN) que ocorreu em Londrina/PR (2015), a transferência de 27 caixas de arquivos localizadas no CRESS SP para o CFESS ou CRESS RJ é registrada como uma ação a ser desenvolvida pela então CN da ENESSO. Essa proposta foi aprovada, referendando uma deliberação sobre esse ponto que surgiu anteriormente, no ENESS Pantanal, em 2013. A justificativa se ancora na informação de que o CRESS RJ disponibilizou um espaço para sede da ENESSO.

Posteriormente, no CONESS Extraordinário/PEN Carioca - 2016, a proposta se mantém, agora no diálogo entre os Conselhos dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro para avaliar se a disponibilidade do espaço ainda persistia. Observamos que a preocupação com a centralização dos documentos se faz presente para a entidade, porém não foi materializada. Cabe registrar que neste período houve um contratempo com relação ao CRESS RJ, que estava em processo de mudança de sede e de gestão, o que interfere no processo de articulação para efetivar a proposta, acentuando o processo de perdas que identificamos como um todo entre transições de gestão de Movimento Estudantil.

Em que pese tais entraves objetivos representam para o MESS, consideramos que a recuperação e posterior organização destes materiais é imprescindível e imperativa para a história do Serviço Social Latino-Americano, pois registra o processo da organização política de um segmento da categoria profissional que possui uma trajetória legitimada na consolidação do PEP. Recentemente, a utilização de plataformas digitais tem sido um recurso muito utilizado por movimentos sociais, organizações políticas, enfim, a *internet* também evidencia as disputas de projetos políticos. Quanto ao MESS, a ampliação dos instrumentos para a formação política e articulação é bastante significativa, vide os alcances proporcionados por meio da divulgação de vídeos, cartilhas, artigos científicos, notas, informativos, cartas convocatórias de encontros e tantos outros documentos. Mas a esfera digital pode camuflar a realidade, fornecendo indícios de um engajamento que não se consolidaria em práticas que envolvem a interação dos sujeitos fora do contexto virtual.

A impossibilidade de acesso a fontes documentais cria lacunas na história, nos impedindo do contato com os processos que a constituem e produzem. Mas o autor nos permite conhecer alguns materiais e documentos que obteve acesso, embora ele não evidencie individualmente como os localizou (fonte). Um deles é o cartaz de divulgação do I Encontro Nacional de Estudante de Serviço Social – ENESS, que ocorreu em 1978.



Fonte: SANTOS, 2007 (p.115).

Encontramos, ainda, conteúdo das Deliberações da ENESSO referente aos anos 2004/2005, aprovadas no XXVI ENESS Vitória, 2005, além do Estatuto da ENESSO (2007), edição aprovada no XXVII ENESS (Contagem, 2007). Também foi feita a inclusão de arquivos com informações sistematizadas pelo próprio Tiago:

- Tabelas de escolas de Serviço Social nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul (compõem a Região Sul II da ABEPSS)
- Tabela de temas dos ENESS (de 1978 à 2008);
- Listagem das escolas sede dos ENESS (de 1978 à 2008), com mapa das regiões;
- Quadro de Coordenações da ENESSO (de 1988 à 2007), organizado “a partir dos dados encontrados em RAMOS (1996,178-179) e VASCONCELOS (2003:148-155), dado os devidos complementos pelo autor” (SANTOS, 2007, p.197);
- Quadro de representações Discentes ABEPSS nacionais (de 1998 a 2006);

- Quadro das escolas sedes dos Seminários Nacionais de Formação Profissional e Movimento Estudantil em Serviço Social da ENESSO (de 1991 a 2007);
- Quadro de escolas presentes no ENESS Contagem (2007).

Contudo, ainda que com limites, não se pôde suprimir o MESS no contexto mais geral em que a profissão se processa no Brasil. Inclusive, com aporte à obra de Netto (2009), Santos sublinha o papel do movimento estudantil no processo de erosão do Serviço Social tradicional. Quanto aos elementos que contribuíram para a renovação profissional, ele aponta:

O primeiro remete ao próprio amadurecimento de setores da categoria profissional, na sua relação com outros protagonistas (profissionais: nas equipes multiprofissionais; sociais: grupos populares politicamente organizados) e outras instancias (núcleos administrativos e políticos do Estado). O segundo refere-se ao desgarramento de segmentos da Igreja católica em face do seu conservadorismo tradicional; a emersão de “católicos progressistas” e mesmo de uma esquerda católica, com ativa militância cívica e política, afeta sensivelmente a categoria profissional. O terceiro é o espriar do movimento estudantil, que faz seu ingresso nas escolas de Serviço Social e tem aí uma ponderação muito peculiar. O quarto é o referencial próprio de parte significativa das ciências social do período imantada por dimensões críticas e nacional-populares. (NETTO, 2009, p.139-140).

Mas nossa pesquisa bibliográfica foi nos permitindo mapear algumas das principais lacunas em torno da história do MESS. Santos (2008) questiona uma referência temporal que indicada em uma pesquisa prévia, a qual sugere que as primeiras articulações estudantis do MESS se iniciam na década de 1960.

Segundo Vasconcelos (2003), consta nos trabalhos de Silva depoimentos de Assistentes Sociais que participaram do movimento estudantil, na qual apontam as primeiras referências da organização política dos estudantes de Serviço Social no Brasil em 1961 com a realização de Encontros Nacionais de Estudantes de Serviço Social - ENESS. (SANTOS, 2007, p.110).

Aqui, Santos faz menção á tese de doutorado de Silva, Lígia M.M.R: “Aproximações do Serviço Social à tradição marxista: caminhos descaminhos” (1991), desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-SP. Além deste trabalho, importante registrarmos que o TCC de Schultz, Taquetti e Motta (2006) também apresentam dados da realidade que corroboram com o cenário identificado por Silva no início da década de 1990. Contudo, Santos relata:

Encontramos registros históricos da existência do CAISS – Centro Acadêmico do Instituto de Serviço Social – Atual Centro Acadêmico 3 de Março da FAPSS/SP, cujo documentos são datados de 26 de Maio de 1953. [...] no corpo do documento notamos evidências da organização política dos estudantes em sua entidade de base anterior a tal data. [...] Em uma rápida leitura do material encontramos atas de reuniões, entre elas da reunião do dia 29 de março de 1954 que demonstra a existência de uma articulação nacional entre os estudantes entorno da regulamentação do curso de Serviço Social. (SANTOS, 2007, p.110).

Além de construir um importante estudo que recupera processos históricos “escondidos” em documentos, o autor sinaliza rotas de pesquisas importantes de serem realizadas.

[...] tivemos informações no XXIX ENESS/2007 que o CA da PUC/Campinas e DASS/PUC-Minas dispõem em seus arquivos, registros do MESS datado na década de 1960. Tais informações não foram possíveis ser checadas nessa pesquisa. Sugerimos que o tema da organização política dos estudantes de serviço social nas décadas anteriores a realização do I ENESS/1978 seja objeto de pesquisa minuciosa, pois constitui parte da história do MESS. (ibidem, p.112).

Ele nos permite tentar traçar um resgate para achar o “paradeiro” de documentos da ENESSO, que por uma série de razões, estão dispersos pelo país.

Os arquivos da ENESSO são guardados em caixas que são itinerantes. Anualmente, no Encontro Nacional de Estudante de Serviço Social – ENESS, é eleita nova coordenação da entidade, sendo de responsabilidade do Secretário Geral da ENESSO organizar e sediar, em sua escola, os arquivos da entidade. De Acesso público, os arquivos são patrimônios dos estudantes e de toda sociedade, devendo ser zelados como memória viva do MESS. Na ocasião dessa pesquisa (2007), os arquivos encontravam-se no Diretório Acadêmico de Serviço Social – DASS/UFPE. (SANTOS, 2007, p.113).

Santos evidencia uma preocupação com elementos sobre a direção sociopolítica da ENESSO; por isso, se debruça na pesquisa a compreender como se expressa essa direção em um período determinado (2004-2007), mais especificamente, nos ENESS realizados neste intervalo de tempo. O autor tem como foco a busca por conhecer o acúmulo das discussões do eixo Formação Profissional. Interessante que ele aponta limites e contradições sobre as chamadas “teses” e se propõe a pensar a relação das organizações político-partidárias com o MESS (partidos: PT, PSTU e PSOL), tema que persiste nos TCC’s pesquisados.

É plausivelmente compreensível e desejável que a luta do movimento estudantil não crie antagonismos com as lutas mais amplas da sociedade, pois se compreendemos a centralidade das classes sociais no processo de luta social, fundamentalmente o protagonismo da

classe trabalhadora como a classe potencial e historicamente capaz de impor rupturas com a ordem social vigente – uma vez que é ela detentora de interesses materiais e historicamente antagônicos aos da burguesia – a participação dos sujeitos sociais em mecanismos de luta e enfrentamento de classe, como o partido, não pode ser “satanizado”. No entanto cabe ressaltar que a proximidade do movimento estudantil com os partidos é saudável uma vez que aproxima os campos de luta e enfrentamento, mas com a ressalva que o movimento deve construir um canal de diálogo com os mesmos de forma que garanta sua autonomia e independência de sua direção sociopolítica, no caso do MESS próximo a direção do PEP e das lutas gerais na sociedade. (SANTOS, 2007, p.123).

Além do mais, no subitem 3.3 (“A Contribuição do MESS no âmbito da Formação Profissional: do XXVI ENESS/2004 ao XXIX ENESS/2007”), Santos nos permite compreender algumas questões ainda relacionados ao debate das teses: houve uma articulação, partindo da RVII, principalmente, que enfrentou um contexto de tentativa de “aparelhamento” da ENESSO, pois havia uma disputa orientada somente à ocupação de cargos. Segundo o autor, este é o contexto que marca o ENESS de 2007. Tais questões explicam as posições majoritárias da região até hoje, que de forma recorrente opta por não articular chapas para gestão de Coordenação Regional da região, (priorizando a eleição de secretárias e secretários de escola) ou o fazem de forma inorgânica. Resta problematizar se na atualidade, as preocupações são as mesmas de outrora.

Também é muito importante ressaltar a concepção dos eixos da ENESSO, apresentada pelo autor.

[...] os cinco eixos que contemplam as discussões do MESS, articulam-se entre si e fazem parte de uma totalidade. Ou seja, a divisão das propostas por eixos temáticos, serve como recurso didático e pedagógico para facilitar o debate e a sistematização das propostas, porém são expressões do conjunto de discussões acumuladas pelo movimento em torno da realidade social. Dessa maneira as deliberações do eixo de formação profissional tem articulação direta com os demais eixos, fazendo interface, principalmente com as lutas no âmbito da educação superior e da conjuntura. (SANTOS, 2007, p.124).

Esta é uma concepção madura, do ponto de vista de uma interpretação crítica do real, que não fragmenta a realidade, por isso, consegue sistematizar leituras que proporcionam uma apropriação que possibilita o desenvolvimento de uma didática, com finalidades políticas - para os próprios sujeitos do MESS. Permite ainda, como no exemplo abaixo, que se identifique mais facilmente pontos que merecem atenção, propostas de intervenção, enfim:

[...] ao analisarmos as propostas deliberadas pelos estudantes nos ENESS de 2004 a 2007 notamos a existência de grandes blocos de discussões e propostas que se repetem a cada encontro. Isso não quer dizer que o MESS não atualize e aperfeiçoe suas bandeiras e instrumentos de luta, mas, pelo contrário, revela que os estudantes organizados no movimento imprimem uma práxis política que possibilita a continuidade de suas lutas e resistência, reafirmada a cada encontro. Essa reafirmação e continuidade das lutas estudantis, vincula-se diretamente a uma práxis que reflete o acúmulo de experiência e resistência do movimento mediante a contra hegemonia conservadora presente na sociedade e na profissão. (SANTOS, 2007, p.124)

O autor realiza toda a discussão pautada em uma sólida fundamentação, perpassando o debate sobre a categoria ‘movimento social’ e os principais elementos que constituem o movimento estudantil e o MESS. É importante registrar que no TCC aparecem formulações que explicam, com fundamentação teórico-metodológica, inclusive, a posição política do MESS na história, em vários momentos. Por exemplo, a postura contra o ENADE: Santos resgata o processo histórico de reforma universitária do governo FHC e a continuidade da agenda neoliberal assumida pelo governo Lula, que também afetou a educação. Explica o que significa um sistema de avaliação de desempenho de acordo com essa política, traz exemplos de situações gravíssimas apuradas pelo MESS e nos permite conhecer com mais detalhes qual ação política foi realizada pelo movimento.

Os estudantes de Serviço Social deliberaram coletivamente no XXVI ENESS/2004 – Vitória/ES e no XXIX ENESS/2007 – Contagem/MG o Boicote ao ENADE – Campanha “Nota Zero ao ENADE”, por entender que esta avaliação apresenta um caráter produtivista, ranqueador e por estar dentro da lógica privatista da reforma Universitária, baseada na política Macroeconômica de ajuste fiscal. Tal reforma se insere no bojo da contra-reforma do Estado preconizada pelo consenso de Washington/1989, firmada pelos organismos internacionais – FMI, BIRD, BID, orientando para o desmonte do Estado e das políticas sociais para os países Latino-Americanos. (p.84).

A ENESSO na ocasião do fomento do Boicote ao ENADE em 2004 [...] visitou diversas IES e pôde constatar que em algumas delas os conteúdos programáticos foram paralisados para a realização de cursinhos Pré-ENADE e/ou ofereciam premiações como carros aos melhores colocados na prova. Tal quadro vem se agravando e, em 2007, na ocasião da 4ª edição do ENADE, o Movimento Estudantil denunciou casos de IES que formalizou a compra de estudantes como meio de obter “bom resultado” no ENADE. O fato emblemático é o caso da FAPSS-SP e São Caetano do Sul que ofereceu prêmios no valor de até R\$ 720,00, aos estudantes que obtiverem um bom desempenho no ENADE. [...] Como afirma Bastos: “O Movimento estudantil defende uma avaliação construída pela comunidade universitária e pela sociedade, que tenha como objetivo a recuperação

das instituições públicas de baixa qualidade por meio da destinação de maiores recursos, e no caso das universidades pagas que significasse uma maior fiscalização na qualidade do ensino e regulamentação de sua expansão. (p.84-85).

O mesmo ocorre em relação à crítica feita ao PROUNI e, posteriormente, ao Exame de Proficiência. Vejamos que desta forma, o MESS dispõe de um histórico de lutas. Isso lhes permite percorrer sua própria construção histórica, para compreender o legado da sua ação política a respeito de determinadas pautas. Isso é muito valioso, até porque, muitas das vezes, a mesma pauta contra a qual lutamos reaparece na conjuntura sob outros enunciados, ou de forma escamoteada, com cortinas de fumaças.

Santos nos faz lembrar o contexto de surgimento de executivas de curso como algo estratégico, o que é de grande valia em tempos que se evidencia a polemica relação ENESSO x UNE.

[Na década de 1990] “Em relação a UNE, as disputas no interior da entidade tornaram-se despolitizadas, uma vez que os interesses partidários pela direção da UNE se sobressaíram à construção das lutas estudantis, afastando a UNE das lutas estudantis, burocratizando-a e tornando-a uma “fábrica de dinheiro” através da venda de carteirinhas. [...] a atual direção da UNE comandada pela UJS e JPT operam uma política no interior da entidade que dificulta a tomada de hegemonia por grupos de esquerda e democráticos. [...]Mediante o retrocesso das lutas estudantis [na UNE], uma alternativa que se abre aos setores mais combativos e aos estudantes de base foi o fortalecimento do movimento de área como as executivas e federações de curso, por serem entidades que estão próximas aos estudantes cujo papel, além do engajar-se no movimento mais amplo da sociedade, é de discutir as áreas de interesses profissionais dos estudantes (questões acerca da organização curricular, o papel social e profissional entre outras), sendo estratégico para aglutinação do movimento. No caso do Serviço Social a executiva de curso é a ENESSO, que congrega esses estudantes nacionalmente. (SANTOS, 2007, p.107-108).

E vai além:

No XV ENESS – São Leopoldo/RS em 1993, os estudantes deliberam pela mudança do nome da SESSUNE para ENESSO, devido divergências com a UNE. Não se trata de apenas uma mudança de nomenclatura, pois essa mudança “[...] refletia a realidade das executivas de curso que questionavam a UNE por falta de articulação com o movimento de área, daí os(as) dirigentes buscarem, através da participação da ENESSO no fórum das executivas de curso, maior autonomia frente à UNE.” (RAMOS, 1997:160). Dessa maneira a ENESSO passa a gozar de maior autonomia frente as lutas específicas do MESS e a compor uma nova correlação de força política junto às executivas de cursos para pressionar a UNE. (SANTOS, 2007, p.119).

Ao tratar da caracterização dos sujeitos da pesquisa, sugere a necessidade de realização de outros estudos, orientados, por exemplo, a investigar a incidência de maior participação proporcional de homens nos encontros do MESS e nos cargos de representação estudantil da ENESSO). Aliás, o tempo todo, a pesquisa de Santos é composta de análises acompanhadas de propostas de intervenção:

[...] 22% dos estudantes presentes no XXIX ENESS/2007, tem o MESS como o primeiro canal de inserção e participação política. Dessa forma o MESS é o primeiro contato com algum tipo de MS ou participação sociopolítica. Este dado reforça uma idéia, que nos parece conveniente, que o MESS é um espaço de inserção político-pedagógica, pois ao mesmo tempo, o estudante ao participar do movimento, contribui com a luta e organização coletiva e, aprende e acumula experiências. Dessa maneira a estrutura dos ENESS deve prever espaços mais formativos e acolhedores para que esse segmento não fique deslocado no encontro – evitando a reprodução de linguajar que não se compreende – e a realização, pelos CA's e DA's, de pré-encontros em suas escolas e regiões, preparando os estudantes e garantindo o processo mais democrático. (SANTOS, 2007, p.140)

A proposito desta análise, cabe sugerir a urgência de construir uma análise sobre quais impactos advindos das constantes (e inconclusas) tentativas de revisão do Estatuto da ENESSO. Há indícios políticos e científicos que permitem dizer que estas tentativas têm freado o seu desenvolvimento, potencializando um contexto mais geral de influxo que já incide nos movimentos sociais populares. Incessantes mudanças na estrutura organizativa da ENESSO não nos parece ser uma estratégia condizente com o quadro de composição transitória de sujeitos do MESS, o que representa na realidade um elemento potencialmente instável. Nos valem aqui de uma importante reflexão desenvolvida por Hobsbawn, em uma citação de obra “Revolucionários” utilizada por Santos (2007) em seu TCC:

“[...] os movimentos políticos jovens ou estudantis não são comparáveis aos movimentos cujos membros podem permanecer neles por toda sua vida [...]. Mas a rotatividade de seus membros é necessariamente de 100% ao fim de alguns anos [...]. [...] quanto mais exclusivamente tais movimentos se definem por critérios não permanentes, isto é, pelo que os separa dos adultos, tanto mais difícil é para eles, manter a continuidade da atividade, da organização e talvez, inclusive, do programa e da ideologia, diferentemente do que ocorre com o estado de ânimo ou com a semelhança dos problemas que cada nova geração enfrenta.” (HOBSEBAWN, 1985, p.260 apud SANTOS, 2007, p.131, 142).

Em termos de um debate sobre desafios de monta como estes postos também ao MESS, endossamos preocupações existentes. Qual a urgência, na atual conjuntura, em revisar periodicamente – em prazos pré-fixados em curto prazo (03 anos, conforme ENESSO, 2019) – um documento de tão relevante conteúdo, que determina não apenas sobre a forma de organização da entidade, mas inclusive sobre sua finalidade? Como fazer o trabalho militante, pedagógico, de construir novos sujeitos no MESS em um contexto de indefinição sobre o Estatuto da ENESSO que se desenrola, mais acentuadamente, desde 2016? E o que é mais preocupante: em detrimento do debate da formação profissional?

Um alerta feito por Santos nos atentou quanto às raízes históricas das quais queremos desenvolver mais discussões:

[...] a partir das experiências vivenciadas pelo autor, e da leitura das teses apresentadas nos ENESS no período de 2004-2007, notamos um relativo equívoco das teses nos seus direcionamentos políticos, tratando os demais eixos do MESS – Formação Profissional, Cultura, Movimento Estudantil e Universidade – de forma superficial, **dando ênfase apenas ao debate conjuntural desvinculado do processo e discussões em torno da formação profissional**. Esse processo nos parece perigoso, pois expressa uma possível concepção de que os problemas no âmbito da formação profissional, da cultura, do movimento estudantil e da universidade, bem como os problemas estruturais advindos da contradição capitalista serão sanados apenas com o debate conjuntural, polarizado atualmente em torno do governo Lula. (SANTOS, 2007, p.143-144, grifo nosso).

Identificar isso nos requer que pensemos nas implicações teórico-práticas decorrentes da situação, o que Santos realiza de forma primorosa:

A partir dos dados obtidos na pesquisa, os estudantes que participaram do XXIX ENESS declararam que **o eixo de formação profissional é o principal interesse que os atrai e motiva a participar no encontro**. Dessa forma podemos inferir que o eixo de formação profissional ocupa hoje um eixo estratégico para o MESS, no sentido de aglutinar e formar novos quadros de estudantes participativos [e que] a priorização do eixo de formação profissional pelos estudantes pesquisados, pode se justificar pelos desafios postos à formação profissional no contexto de precarização do ensino. Assim **os estudantes presentes no ENESS compreendem que os debates em torno desse eixo devem ter certa centralidade para o movimento de área (MESS), não descolado do contexto conjuntural**. (SANTOS, 2007, p.144-145, grifo nosso).

Estes resultados da pesquisa de Santos vêm ao encontro com estudos que realizamos na graduação. A partir de pesquisa documental com base em edições dos Caderno de Deliberações e Estatuto da ENESSO publicados nos anos de 2010 e

2018, identificamos que é evidente o alinhamento do MESS com os princípios do PEP, mas a análise de conjuntura tem se dado de forma fragmentada e o posicionamento sobre as questões que incidem de forma particular na ENESSO têm sido subalternizadas (ZANELLI, 2019).

Ou seja, a partir desta pesquisa, é fato que não se encontram no MESS elementos de fundamento antidemocrático/reacionário; mas sem dúvidas, resta latente e manifesta uma série de contradições, que “expressam-se como fragilidade no campo teórico-metodológico, vide os hiatos e dissonâncias que elencamos em torno da conformação e revisão dos Cadernos de Deliberações e Estatutos” - documentos que instituem, respectivamente: a posição do MESS quanto aos eixos da ENESSO e, a sua estrutura formal de funcionamento. Uma tal realidade nos leva ao indicativo de que o atual curso político da ENESSO não tem correspondido aos anseios do conjunto de sujeitos que ela mesma representa.

Enquanto elementos que constituem sínteses conclusivas a partir de sua pesquisa, Santos ressalta que o MESS coaduna com a proposta de formação profissional das Diretrizes Curriculares da ABEPSS (1996), se contrapondo ao projeto neoliberal e neoconservador; assim, “consolida-se como espaço democrático, participativo e de afirmação da direção social da formação profissional” (SANTOS, 2007, p.165-166). Ele destaca a participação política como forma privilegiada de afirmação do PEP, como práxis política (ibidem, p.166-167).

A participação no movimento estudantil exige, nesse fazer político organizado, que os estudantes potencializem suas capacidades de análise e intervenção da realidade, pondo em prática os conhecimentos teóricos adquiridos e maturados durante o processo de formação profissional e de suas vivências coletivas. [...] o MESS representa mais um espaço sob a qual o estudante pode empregar escolhas e mecanismos capazes de ampliar a participação democrática dos demais sujeitos - ao optar por mecanismos mais democráticos [...], negando a coerção e o autoritarismo, pondo em prática valores, atitudes, conhecimentos e compromissos ético-políticos presentes na direção social da formação profissional. [...] Por fim, o movimento estudantil favorece ao estudante, sujeito da construção coletiva, um espaço de vivência ímpar durante o processo de formação profissional, na qual podem ascender a um outro estágio da consciência, agora mais coletiva. O MESS pode ser um espaço, que somado ao acúmulo em sala de aula, indispensável, represente um lócus na qual o estudante pode reivindicar melhorias para a educação, construir novas propostas no âmbito acadêmico, troca de experiências e a superação da visão de que “a luta é só uma lembrança”. (p.167-168, 171).

São exaltadas as possibilidades político-formativas decorrentes da construção do/no MESS. É importante frisá-las enquanto forças que adensam o movimento mais geral que se implica no enfrentamento ao modo de produção e reprodução da vida burguês. Na esfera da profissão, notamos que o desenvolvimento de um amplo conjunto de habilidades e competências no âmbito do Serviço Social se potencializam, extrapolando ainda em implicações para a vida social.

Quanto principais desafios postos ao MESS, Santos (2007) indica dois deles “a desmobilização (falta de maior ousadia) e o sectarismo” (p.169). Trata-se de elementos que o autor pontua quanto a dimensão política, mais especificamente, o que podemos, tranquilamente, relacionar com o quadro macrosocietário que reverbera desafios mais gerais às organizações e movimentos populares.

O final da primeira década estudada (200-2010) nos presenteia com a elaboração de 03 TCC's, todos publicados no ano de 2008. São eles: “Convite à rebeldia: uma reflexão sobre o Movimento Estudantil de Serviço Social e seus desafios na contemporaneidade”, de Andrea Alice Rodrigues Silva; “O Movimento Estudantil e a formação política do(a) estudante de Serviço Social: contribuições e desafios”, de Larisse de Oliveira Rodrigues; e por fim, “Paixão, resistência e compromisso: o Movimento Estudantil de Serviço Social na luta por uma formação profissional de qualidade” de Lucilene da Silva.

No TCC de Santos (2007) situam-se muitas citações de poemas e trechos de música: “Elogio do aprendizado”, de autoria de Bertol Brecht; “Sonho Impossível”, música com letra composta por Chico Buarque e Ruy Guerra, interpretada por Maria Bethânia; “Vale a pena”, poema de Mauro Luís Iasi. Também há epígrafes com poemas na abertura de capítulos, como os de Tiago de Mello (“O Teatro Mágico”). Lucilene (SILVA, 2008b) vale-se com menos incidência de versos de conotação poética, mas ainda assim, há uma epígrafe com Antoine de Saint-Exupéry (em “O pequeno príncipe”).

Essa expressão da arte segue nos outros trabalhos também. Em Silva (2008a), pesquisa de Andrea Alice, está presente através de versos de Che Guevara, na Introdução do TCC (“Sonhas e serás livres de espírito... lutas e serás livre na vida.”); trecho de canções com letras de diversos artistas: Nora Nery (música não identificada), Ademar Bogo (“Manter a Esperança”, “Marchar e vencer”), Arnaldo Antunes, Sergio Britto e Marcelo Fromer (“Comida”, famosa versão cantada por Titãs - estes que também aparece com seus versos da música “Enquanto houve Sol”) e

Milton Nascimento (“Maria, Maria”), além de referência à canção de Nação Zumbi (“Da lama ao caos”). Também percebemos notória conotação poética em trecho citado no TCC de uma carta, remetida por Rosa Luxemburgo à Sonia Liebknecht (“Uma carta da prisão a Sonia Liebknecht”, disponível em: https://rosalux.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Rosa-Luxemburgo_versao-web.pdf). Poema de Brecht (“Os que lutam”) e, mais uma vez, de Thiago de Mello (“A vida verdadeira”) também estão no TCC de Andrea.

No TCC de Larisse (RODRIGUES, 2008), repetem-se as citações de canções: de Nação Zumbi (“Da lama ao caos”) e Ademar Bogo (“Marchar e vencer”) - esta, registrada aqui, diferentemente, com a letra na íntegra. Gonzaguinha (“Semente do Amanhã”; “O que é, o que é?”); Nando Reis e Arnaldo Antunes (“Não vou me adaptar”); Milton Nascimento e Lô Borges (Clube da Esquina 2 - “Os sonhos não envelhecem”); e Raul Seixas (“Prelúdio”) são outros cantores utilizados. Também há versos de poeta de visibilidade local/regional, como os de Evenice Neta). Na poesia, permanecem Che Guevara (em discurso na Universidade de Las Villas, em 28 de dezembro de 1959) e Thiago de Mello (com “Os Estatutos do Homem”). Ela usa mais poesia em outras oportunidades:

Através de “um convite a rebeldia” o MESS possui o desafio de não se deixar adaptar a crise que segrega e oprime, de não permitir que seus sonhos envelheçam ou percam o sentido da luta. Que através da sua organização, contribui para desorganizar a forma de sociabilidade do capital e (re)encante a juventude para a organização política e a intransigente defesa de direitos sociais, construindo “a beleza de ser um eterno aprendiz” nos corações de seus militantes e a certeza de que “um sonho que se sonha junto é realidade”. (RODRIGUES, 2008, p.19)

Estes 03 TCC's (Silva, 2008a; RODRIGUES, 2008; Silva, 2008b) foram todos desenvolvidos em universidades públicas - respectivamente: UECE, UFRN e UNIOESTE. O primeiro deles, sob orientação do Prof. Ms. Estênio Ericson Botelho de Azevedo. Sua autora, Andrea Alice (Silva, 2008a) foi militante no MESS, participando de gestão de CA e de CR da ENESSO, mencionando ainda a importância da entidade geral de representação de estudantes (DCE) da UECE; a todas, a autora registra agradecimentos em seu TCC. Com relação às motivações para realizar a pesquisa, ela nos diz:

O interesse pelos temas que dizem respeito à organização política desse curso e o direcionamento ético-político do que vem sendo construído ao longo dos anos surgiu em virtude da participação nas atividades do movimento estudantil de Serviço Social e da categoria. Destaco a participação em gestões do Centro

Acadêmico Livre de Serviço Social (CALSS), na gestão da coordenação regional da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO); juntamente com as demais experiências acadêmicas vivenciadas no curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE) desde o segundo semestre de 2003, ano que ingressei na Universidade e pela importância da intervenção desse movimento na conjuntura em que vivemos. (SILVA, 2008a, p.13-14).

Ela se propõe a “analisar o processo dos 30 anos de (re)organização política do MESS (da década de 1970 à de 2000), destacando os rebatimentos conjunturais nesse processo” (SILVA, 2008a, p.07), elencando este enquanto objetivo de pesquisa a partir da qual procedeu com a elaboração de seu TCC.

A construção deste trabalho converge com a percepção, de Santos e Ramos (1997) e de outras autoras como, por exemplo, Vieira (2003) e Rodrigues (2008), que percebem a atuação e participação no MESS enquanto possibilidade de construção de uma postura crítica e comprometida dos futuros profissionais de Serviço Social, e por que não dizer, dos próprios sujeitos históricos que o compõem. Assim, seguindo a reflexão dessas autoras, penso aqui o MESS como espaço de contribuição para o processo de formação política e profissional das(os) estudantes de Serviço Social, espaço no qual se possibilita o envolvimento político de seus atores na construção e consolidação do próprio projeto ético-político da profissão. Isto porque esse espaço proporciona discussões, debates e, conseqüentemente, a construção da luta por um projeto societário comprometido com igualdade, liberdade e justiça social, ao qual se vincula o projeto profissional do Serviço Social, atualmente hegemônico. (SILVA, 2008a, p.11-12).

Pautando-se em um repertório limitado, mas, existente sobre o tema do MESS, a autora traça escolhas consoantes ao acúmulo existente; sem negar o passado do MESS, interpreta o enquanto processo que consolida o seu presente, vislumbrando possibilidades futuras.

Pretendemos assim, contribuir para o processo de acúmulo teórico, organização política estrutural desse movimento de Serviço Social e para o entendimento do direcionamento ético-político desse curso. Além de ter a pretensão de, através deste trabalho monográfico, oferecer subsídios para futuras pesquisas sobre referentes a esta temática que se revela, diante de uma conjuntura tão adversa, cada vez mais necessária de ser aprofundada teoricamente. E, desta forma, contribuir para intervenções que acarretem o crescimento e o fortalecimento do Movimento Estudantil de Serviço Social. (SILVA, 2001a, p.14).

Quanto à matriz de pensamento que a autora se pauta, encontramos apontamento bem demarcados no TCC, mas sem desenvolvimento desta dimensão no processo de pesquisa.

[...] a perspectiva teórica desta monografia [...] tem por base da reflexão as análises de Marx sobre a realidade social capitalista, que

prima por um debate crítico sobre alienação, ideologia, consciência, forças produtivas, mais valia etc. [...] A perspectiva teórico-política que adotarei é orientada pelas ideias marxistas [...]. É essa a concepção que fundamenta este trabalho. A compreensão de que um Movimento Social deve ser entendido como uma ação prática revolucionária e transformadora, conduzida por um projeto coletivo, projeto este que expressa interesses comuns, mas acima de tudo apontam para uma mudança social posta por sujeitos que estabelecem relações entre si. Cabe destacar ainda que enquanto ação transformadora esta atividade prática humana é mediada por condições objetivas, materiais, constitutivas dessa realidade a que a ação visa transformar. (SILVA, 2008a, 26,28, 30-31).

Com esta sustentação, hegemônica nas pesquisas na área, Andrea realiza um debate teórico-conceitual sobre os movimentos sociais, contextualiza a conjuntura política brasileira atual e as particularidades do MESS. Uma tal situação nos reforça a análise de que, sim, é possível (e inclusive, necessário), que se fortaleça a dimensão da pesquisa científica no percurso da graduação em Serviço Social. Foram feitas entrevistas com “militantes da década de 1980, 1990 e de 2000”, privilegiando aquelas que ainda mantinham vínculo com o MESS (SILVA, 2008a, p.51-52).

Conforme destacado pela autora, no início da década de 1990 os sujeitos do MESS e da ENESSO identificam a relevância e dimensão estratégica do debate da formação profissional. O tema “se tornara uma temática de grande relevância e sempre presente nos fóruns de discussão do MESS”, e em 1991, “a ENESSO começa a realizar, anualmente, o Seminário Nacional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social (SNFPMESS).” (SILVA, 2008, p.55-56). Por meio da pesquisa de Andrea, ratificamos o destaque central da formação profissional para o MESS e, ainda, a caracterização deste último como espaço de “porta de entrada” para vários sujeitos na cena política.

Tensões históricas são registradas no TCC, como exemplos, a ausência de uma Coordenação Nacional na ENESSO nos anos 2008; debate sobre mudanças na forma organizativa que incorreram em posteriores alterações no Estatuto e contradições oriundas da relação do MESS com organizações político-partidárias (SILVA, 2008a, p.63-64). Ela também contribui para a disponibilização do acesso à documentos históricos. Encontramos uma carta endereçada “aos Estudantes de Serviço Social, Coordenadores Regionais da ENESSO e Diretorias de C.A.s e D.A.s do país”, remetida por “ex-militantes de várias gerações e correntes do movimento estudantil de Serviço Social” (BEHRING et. al. 2008, apud SILVA, 2008a, p.76), que se encontravam na cidade de Brasília-DF em 2008, participando do 37º Encontro

Nacional CFESS/CRESS. Dentre as remetentes, destacamos sujeitos significativos na história da profissão, como Elaine Rossetti Behring, Sâmya Rodrigues Ramos, Sâmbara Paula Ribeiro, Mauricleia Soares dos Santos, Ivanete Boschetti e Tiago Barbosa dos Santos – este, autor de pesquisa sobre o MESS que referenciamos páginas atrás (SANTOS, 2003). Na ocasião, são quase 50 assistentes sociais que se manifestam na carta, registrando preocupações com a ocasião de ausência de direção nacional eleita naquele período dos anos 2008.

A ENESSO é patrimônio político do Serviço Social brasileiro, e foi construída por muitas mãos e forças políticas desde 1979, tendo sido Executiva Nacional, SESSUNE e ENESSO. Em seu âmbito se formaram gerações de assistentes sociais no campo do projeto ético-político, muitos hoje militantes do Conjunto CFESS/CRESS, da ABEPSS, da ALAEITS e dos movimentos de resistência à barbárie capitalista. Nesse momento de contra-reforma do ensino superior é mais do que nunca fundamental que a ENESSO esteja forte, representativa e estruturada. Daí nosso chamado aos atuais militantes do MESS para que esta crise seja brevemente e de forma consistente superada, já que as tarefas são urgentes. Compreendemos que uma crise pode ter duas saídas: a de sua superação com aprendizado e saldo organizativo e político; ou seu aprofundamento levando a 76 mais fragmentação e enfraquecimento. O entendimento da necessidade de ter uma entidade forte para incidir na luta social nesse momento histórico deve estar acima de diferenças que podem ser decididas no debate democrático. Nesse sentido, esperamos que prevaleça a maturidade, o aprendizado e a busca de uma solução negociada e democrática para o impasse da ENESSO. (BEHRING et. al. 2008, apud SILVA, 2008a, p.75-76).

Interessante dado reside no fato de os TCC's publicados no ano de 2008 coincidem com o marco de 30 anos de reorganização do MESS pós-ditadura militar, desde a realização do I ENESS em 1978. Além de Silva (2008a) e Silva (2008b), celebramos estas 03 décadas de luta com a publicação de outra pesquisa, a de Rodrigues (2008). Essa carta enviada por vários sujeitos é expressão do significado do MESS para a categoria.

Larisse de Oliveira Rodrigues é mais uma das autoras de TCC publicado em 2008, orientado pela Prof^a. Dr^a. Silvana Mara de Moraes dos Santos, intitulado “O Movimento Estudantil e a formação política do(a) estudante de Serviço Social: contribuições e desafios”. Ela foi militante no MESS, destacando o interesse por estudos no tema justamente em razão de sua “experiência vivenciada nas gestões da coordenação do Centro Acadêmico de Serviço Social (CASS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e na Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) [...]” (RODRIGUES, 2008, p.16-17). Novamente, ganha

ênfase o papel do MESS na formação profissional, como um catalisador crítico, que incide, sobremaneira em uma dimensão ética-política - o que notamos, inclusive, como elemento presente e constitutivo no próprio TCC de Larisse:

[...] este trabalho pretende analisar a relação entre o MESS e a formação política do (a) estudante de Serviço Social para identificar as contribuições e desafios dados por este movimento ao processo de formação profissional e política dos discentes. Nosso pressuposto é que a participação no movimento estudantil permite a formação de uma consciência crítica a respeito da profissão e das mais diversas questões da sociedade, contribuindo na formação do Assistente Social e assim, interferindo nas escolhas ético-políticas e profissionais feitas no cotidiano do exercício da profissão. Partindo deste pressuposto estamos nos propondo a analisar o MESS e sua importância na formação ético-política do (a) estudante de Serviço Social. A relevância deste trabalho consiste em analisar como se desenvolve a ação política do MESS atualmente, sua forma de organização, seus desafios e grupos políticos que o tencionam, além de analisar sua importância na formação profissional do (a) estudante de serviço social. Este trabalho pode se constituir, também, como fonte de pesquisa sobre o MESS na perspectiva de apreender a direção social das lutas, e formação dos sujeitos sociais inseridos no movimento na atualidade. (RODRIGUES, 2008, p.16-17).

Pontuando a dimensão política da formação profissional, a autora destaca a luta do MESS para qualificá-la criticamente. Considerando que “historicamente o MESS possui caráter democrático e participativo”, Larisse aborda em seu TCC a importância das “estratégias de enfrentamento da precarização do ensino” pelo MESS, que se constitui enquanto “espaço cotidiano de ação política” e de “formação político-profissional dos estudantes de Serviço Social” (RODRIGUES, 2008, p.10.).

Quanto aos procedimentos metodológicos que orientaram sua pesquisa, ela nos elucida:

“[...] para conhecimento sobre o MESS: sua ação política, estrutura, organização, direção social e sua intervenção na luta por uma formação profissional de qualidade, foram analisados documentos produzidos pela ENESSO e pelo conjunto de estudantes, como o Estatuto da entidade e as deliberações para a gestão 2007/2008. Procedemos também, um resgate histórico do movimento, por meio de artigos, dissertação de mestrado e monografias que analisaram o tema proposto. Entretanto, houve dificuldade quanto a análise teórica do movimento, considerando a insuficiência de material publicado discorrendo especificamente sobre o MESS. De modo complementar, foram realizadas ainda, entrevistas com estudantes que participam do cotidiano das lutas desenvolvidas pelo MESS. São estudantes militantes dos grupos políticos com atuação no MESS e que participam de forma direta da organização e do direcionamento das ações políticas desenvolvidas pelo movimento.” (p.17-18).

Assim como nos outros TCC's aqui aparece também uma lacuna sobre o referencial teórico utilizado, contudo, sem nenhuma menção, ainda que superficial ou, ao menos indireta. Mas ela se refere em obras de Marx e Marx e Engels, além de estudiosos do legado marxiano, dentro e fora da profissão (Raquel Santana, Maria Lucia Barroco, Elaine Rossetti Behring, Ivanete Boschetti, Marcelo Braz, Yolanda Guerra e Marilda Iamamoto – no Serviço Social; Emir Sader e Ademar Bogo, por exemplo, em outras áreas do conhecimento). Além disso, é bastante interessante evidenciar que Larisse também trata, em sua pesquisa, sobre a escolha de referenciais teóricos pelos sujeitos pesquisados:

A resistência e crítica às correntes conservadoras que permeiam na sociedade, sem caráter crítico e politizado, é algo comum entre todos os grupos inseridos no MESS, pois apesar das divergências políticas existe grande convergência teórica entre os grupos. Todos eles afirmam estarem baseados no referencial marxista, na perspectiva de uma transformação societária. Esta é uma luta hegemônica dentro do MESS, que está em consonância, também com a direção social defendida no âmbito da ABEPSS e CFESS. Contudo é relevante explicitar que o projeto éticopolítico profissional contempla outras vertentes teóricas, além da marxista. (RODRIGUES, 2008,p.47).

Merece análise a forma como a autora aponta o que podemos chamar de “escopo” da ação política do MESS:

O movimento estudantil, movimento social que possui uma hegemônica direção social em favor da classe trabalhadora em vista a uma transformação societária, busca organizar-se estrategicamente para que suas lutas tenham sempre o caráter crítico e combativo. Suas ações específicas são direcionadas a educação, visto que esta é uma política pública que deve ser vista pelo Estado de forma prioritária. Entretanto, como as demais políticas públicas, a educação está sendo atingida pelo processo de contrarreforma do Estado. Dessa maneira, o MESS tem a cada dia intensificado suas lutas, com o propósito de agregar mais estudantes e fazer com que suas ações não se restrinjam aos muros das universidades. Atua na defesa da formação profissional de qualidade, em consonância com a direção política da categoria profissional, aliando-se com outras entidades, como a ABEPSS e o CFESS, na defesa do projeto ético-político da profissão. Utiliza, ainda, como uma de suas estratégias de ação a articulação com os demais movimentos sociais para que o processo de organização das lutas contra-hegemônica ganhe efetividade na vida cotidiana. (RODRIGUES, 2008, p.26)

Assim, ela demarca que existe uma área prioritária das lutas do MESS que, pela própria natureza do movimento, situa-se no campo da educação; mas sua

direção sociopolítica tem demonstrado que não se restringem somente a esse campo. Isso nos faz lembrar que no contexto do seu surgimento, o Movimento Estudantil Geral já trazia essa marca, “através de um movimento crítico e contestador” (ibidem, p.28), embora seja necessário um importante cuidado teórico-metodológico para não reproduzir leituras políticas que cristalizem uma concepção de movimento estudantil que é crítico por si só. Esta característica se desenvolve no contexto das relações sociais e suas contradições, a partir da ação de sujeitos concretos que imprimem ao fenômenos uma direção sociopolítica.

Sobre a formação profissional em Serviço Social, Larisse pontua que: “nos dez primeiros anos após a reorganização do MESS, verifica-se que os encontros nacionais priorizavam as discussões a cerca da conjuntura e da formação profissional.” (RODRIGUES, 2008, p.31).

Quanto a realização dos encontros de estudantes, menciona que “o único ano que deixa de acontecer o ENESS, após a reorganização do MESS é no ano de 1987, pois o CASS da UFRN não tem condições de sediá-lo por diversas dificuldades” (ibidem, p.31). Essa realidade mudou significativamente: se, por mais de 03 décadas (1978-2009), apenas um dos ENESS previstos não ocorreu, posteriormente se configura um cenário bem diferente. Desde 2010 (até 2022), se somam 04 anos nos quais não se realizou o ENESS. Esta realidade é um sintoma e impacto na história e consolidação do MESS.

Pensando a principal característica deste TCC, penso que é ser um instrumento muito didático e introdutório. Ela apresenta o tema contextualizando o debate, perpassando por polêmicas, situando os acontecimentos no contexto histórico.

Por meio dessa pesquisa, Larisse também nos endossa a necessidade de um resgate dos documentos físicos do MESS. Ao tratar da representação discente em ABEPSS, por exemplo, a autora se vale de um material denominado “Cartilha da ENESSO: 30 anos (2008)”.

Há, portanto, representação discente na diretoria nacional e regional, estreitando a relação política existente entre as duas entidades, visto que os representantes estudantis em ABEPSS “são membros e direção política do MESS” (**ENESSO, 2008, p. 16**). É importante ressaltar que a articulação existente entre as duas entidades tem facilitado na potencialização das lutas em defesa do projeto profissional defendido historicamente pela ABEPSS e ENESSO. (RODRIGUES, 2008, p.39, grifo nosso).

Fizemos buscas pela internet, especialmente, no blog da ENESSO, mas não encontramos o referido material. Nos parece que esse documento possui uma síntese com contribuições importantes, como identificamos na citação abaixo:

A ENESSO se comunica com os estudantes através de diversos instrumentos: visitas às escolas, participação em eventos e mobilizações estudantis e gerais, contatos telefônicos e por e-mail. Além disto, constantemente, os CA's/DA's recebem textos, jornais e materiais produzidos pela Executiva, com o objetivo de que estes repassem para os estudantes. A ENESSO possui ainda uma lista de discussão na Internet (executivamess@yahoogrupos.com.br), e a página da ENESSO (ENESSO, 2008 apud RODRIGUES, 2008, p.41).

Ela também nos permite conhecer outros elementos constitutivos da história do MESS, ao construir formulações sobre uma prática que se estabeleceu anteriormente, mas perdeu constância com o passar dos anos: a elaboração e apresentação de teses.

No movimento estudantil geral e nos movimentos de área, como o MESS, existem os estudantes que se organizam em grupos políticos defendendo e construindo seu direcionamento político orientados por projetos e propostas políticas. **A tese política é um documento elaborado por um grupo que divulga esse posicionamento.** O encontro do MESS que apresenta maior evidência dos grupos e teses é o ENESS, pois são realizadas as apresentações das teses para o conjunto de estudantes e também ocorre a socialização da articulação nacional das lutas e das chapas que irão concorrer à coordenação nacional da ENESSO. Esses estudantes organizados politicamente acabam por se diferenciar dentre os demais, pois atuam cotidianamente na articulação e lutas do MESS. [...] A maior parte desses materiais [teses políticas] apresentam análises e propostas sobre conjuntura, organização e direcionamento político estudantil, universidade, cultura, formação profissional e temas relevantes para o movimento naquele período. (RODRIGUES, 2008, p.42-43, grifo nosso).

O trecho destacado nos parece a formulação mais qualitativa, dentre as conhecidas, para evidenciar o que são as teses e qual a sua proposta. Com a pesquisa, a autora trata da organização política desses sujeitos, os quais: “[...] desenvolvem cotidianamente ações políticas, dentro e fora do MESS, em inúmeras vezes tendo um papel de protagonista na proposição, articulação e implementação das estratégias de ação defendidas pelo movimento.” (RODRIGUES, 2008, p.43). Destacamos a importância desta e demais pesquisas que abordam a relação do MESS com organizações políticas, sobretudo por possibilitarem acúmulos teórico-políticos para que a própria militância possa construir formulações que aprimorem os termos em que tais articulações se estabelecem.

A pesquisa revela dados da realidade desconhecidos, tratando conhecer melhor quem eram os sujeitos que construíram o MESS em outros momentos históricos. Os sujeitos entrevistados por Larisse falam sobre os grupos políticos atuantes no MESS.

O coletivo “A Saída é pela Esquerda”, nasce em 2004, no Eness de Vitória-ES, no momento em que o então coletivo hegemônico no MESS, “Eu quero é mais”, se desfaz e funda o coletivo “Viver na Luta”. A proposta do coletivo “A Saída é pela Esquerda” era; unificar os estudantes insatisfeitos com a direção da ENESSO, organizar uma oposição e disputar a direção política do MESS. (Militante da tese A saída é pela esquerda).

O PDP surge vinculado com o ME geral e digo, até que, com certo vínculo partidário (quando PT era considerado esquerda declarada, muitas pessoas do PDP eram vinculadas a D.S - Democracia Socialista - uma corrente da juventude do PT), mas este pelo que conheço e vive da história do PDP nunca aparelhou o grupo. [...] (Militante do PDP).

O PDP surge da mobilização política da década de 80, quando emerge o projeto societário de mesmo nome. O movimento estudantil de Serviço Social da época se aliou os demais movimentos sociais na construção desse projeto, e levou para dentro do MESS seus princípios de democracia, liberdade, igualdade, justiça, etc. O PDP fez parte da construção do MESS, na criação das primeiras entidades representativas, no caso, a consolidação da SESSUNE e ENESSO, sendo considerado o primeiro grupo a se organizar enquanto tese no MESS. (Militante do PDP).

O “Viver na Luta” surge no ENESS de 2004 que aconteceu em Vitória-ES, como um grupo político aglutinando vári@s estudantes do Brasil. O contexto em que o grupo surge é pela necessidade que @s estudantes vêm de se organizar como grupo político dentro do MESS. Como a “Eu Quero Mais” havia encerrado a sua contribuição no ENESS em 2003, algumas pessoas que faziam parte do grupo “EQM” acabaram se inserindo também no “VNL”, e aglutinou também estudantes que tinham como o MESS a sua primeira experiência de movimento social. [...] (Militante da antiga tese VNL). (RODRIGUES, 2008, p.44)

Essa diversidade de elementos sobre a história do MESS convida à reflexões sobre o cenário contemporâneo, em que pouco se identifica a presença de grupos políticos no MESS. Considerando que, para apresentarem suas teses, são feitas discussões e elaborações prévias, construindo avaliações políticas que podem (ou não) ser interessantes para o MESS incorporam e/ou se valer. De alguma maneira, é como se estivessem “um passo à frente”, no sentido de chegarem aos encontros do MESS com debates sintetizados, ou seja, com processos antecipados. Sem dúvida, isso pode incorrer em saldos e/ou prejuízos políticos.

As teses e grupos presentes no MESS divergem principalmente na leitura que fazem de conjuntura da sociedade brasileira, essencialmente sobre análise governamental em relação ao governo Lula, como também, as estratégias, ações e organização do MESS. Essas

divergências que muitas vezes acabam por limitar alguns debates no interior do movimento estudantil, sectarizando o movimento e dificultando o fortalecimento das lutas, sendo uma preocupação presente, atualmente, no MESS, que discute o assunto constantemente em seus fóruns [...]. Além da desarticulação das lutas, isso causa, também, um afastamento dos estudantes que não estão inseridos em nenhum dos grupos, os chamados “independentes”. Desta forma, muitos estudantes dizem não se sentirem contemplados com as discussões que ocorrem no movimento estudantil, por acreditarem que essas estão permeadas, apenas, por lógica partidária. Nacionalmente, existe forte presença de militantes do MESS inseridos em partidos políticos, como o Partido dos Trabalhadores - PT, Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados - PSTU e Partido Socialismo e Liberdade - PSOL. Isto irá refletir em divergências em algumas bandeiras de lutas, como a defesa do reconhecimento da UNE como entidade que luta pelo interesse dos estudantes, que é defendida, ativamente, pelos integrantes do PT. (RODRIGUES, 2008, p.45-46).

Ou seja, esse contexto de disputa no MESS também representa o contexto mais geral de disputas políticas no campo da esquerda no Brasil. O contexto dos anos 2000 marca o período de eleição de Luis Inácio “Lula” da Silva, candidato do PT, reunindo uma ampla aliança político-partidária. Além disso, já existia o PSTU (dissidência do PT desde 1994) e o recém-fundado - à época - PSOL (2004). Não mencionado como força presente no MESS neste período, já havia também, de longa data, a atuação do Partido Comunista Brasileiro/PCB e suas dissidências (PCdoB e PPS) nas lutas mais gerais da classe trabalhadora.

Esta pluralidade de projetos societários e programas políticos representados por cada organização político-partidária também afeta a dinâmica dos movimentos sociais. Contudo, como Larisse destaca, apesar das divergências, “a resistência e crítica às correntes conservadoras que permeiam na sociedade [...] é algo comum entre todos os grupos inseridos no MESS” (RODRIGUES, 2008, p.47).

Com base em Ramos, a autora destaca o espaço dos encontros nacionais – ENESS – como a instância nas quais os grupos políticos e suas teses ganham maior visibilidade.

Além do caráter nacional do encontro que aglutina, todas as teses e grupos facilitando sua articulação, existe ainda, o processo de aprovação das deliberações defendidas pela ENESSO durante a próxima gestão. Mas o principal fator desse ser o encontro que mais se evidenciam as convergências e divergências entre os grupos é a eleição para coordenação nacional da ENESSO. As chapas que concorrem à eleição da ENESSO, geralmente, são articuladas pelos grupos e teses, que a partir da sua direção e afinidade política realizam suas alianças. (RODRIGUES, 2008, p.49).

Esses dados reiteram a importância do papel desempenhado pelas entidades representativas da categoria profissional, de modo geral. Grupos políticos, formalmente organizados ou não, se planejam para as disputas na direção das entidades, pois por meio delas, se consolidam ações políticas que afetam um conjunto mais amplo de sujeitos, possuindo impacto histórico.

Acerca do significado social do estudo para o MESS, Larissa endossa que o processo de “formulação de estratégias exige aprofundamento teórico” (p.68) e que o debate da formação profissional possui, indissociavelmente, uma dimensão política. (ibidem).

Nos seus fóruns a discussão sobre a formação profissional está sempre presente, além dessa temática constitui-se como prioridade nas atuações da ENESSO. Isto porque, o MESS luta para que os estudantes tenham formação, de acordo com o projeto ético-político, aprofundada teórica, ética e politicamente. (p.68)

Nesse aspecto, ela cita Santos e Ramos (1997, p.15, apud RODRIGUES, 2008, p.53), que, em debate registrado no Caderno ABESS nº 07, destacam o debate da formação profissional como pauta historicamente prioritária para o MESS, “à medida que contribui, no plano a disputa ideológica e cultural, para a defesa de uma direção social para a universidade e de uma nova direção intelectual e moral para a sociedade.”

Assim, a autora explica o porquê o estudo afeta a direção social do movimento (p.71), sinalizando que o MESS precisa debater a formação profissional em Serviço Social situada no contexto mais amplo, relacionado- o também no campo da discussão que envolve a universidade e a sociedade. Amparada em autoras críticas, como Boschetti, Larisse reforça a análise crítica à (contra)reforma da educação encampada pelos mandatos do PT no Governo Federal.

O que está em questão hoje, com essa política de expansão desmesurada é uma mudança no sentido e conceituação de universidade: trata-se de uma perspectiva que restringe o sentido de espaço de produção autônomo de pesquisa e produção de conhecimento e amplia o sentido de usina de produção e titulação. Sem considerar relevante definir parâmetros para a garantia de um padrão de qualidade técnica, ética e social, se volta, exclusivamente, para responder às exigências do capital financeiro com expansão quantitativa e submissão às demandas do mercado. (BOSCHETTI, 2007, p. 05, apud RODRIGUES, 2008, p.62).

Um importante contributo do MESS o desenvolvimento de uma “percepção da realidade de maneira crítica e propositiva” (p.70). As falas dos sujeitos entrevistados na pesquisa de Larisse evidenciam como essa relação se desenvolve:

“Cada estudante que se organiza politicamente sente a necessidade de estudar mais, se aprofundar nas teorias, pois o ato de resistir e se mobilizar precisa ser fundamentado, ou corre o risco de ser sem efeito [...]. O Movimento estudantil de Serviço Social nos coloca em uma posição crítica, e a meu ver coerente, de não só absorver a formação profissional em sala de aula, mas ir além, e utilizar essa teoria na prática durante sua graduação. Acredito que seja um processo dialético muito enriquecedor, pois conseguimos compreender melhor o conteúdo das disciplinas através dessa relação (conhecimento x prática). Na medida em que essa relação se concretiza, conseguimos transformações cotidianas, ou seja, muitas conquistas, o que estimula outras pessoas a participarem do movimento, e assim construir uma história de luta e resistência.”

“[...] para você sustentar um debate é preciso entender do assunto, e o MESS acaba fazendo com que as pessoas estudem para que possam defender seu ponto de vista. Aprende a fazer uma leitura política, de conjuntura, de forças políticas nos espaços, aprende a lidar com diferentes forças políticas, a compreender qual é a importância de cada espaço, como lidar com as pessoas.” (Sujeitos entrevistados). (RODRIGUES, 2008, p.71).

No MESS residem, latentes e manifestos, mecanismos de mediação para o reconhecimento dos sujeitos e um encontro consigo mesmos, para um reconhecimento de si na sua relação com o outro; mecanismos contra hegemônicos que, em oposição ao processo de alienação, têm criado condições para a formação de consciência do ser social, da descoberta do seu papel de sujeito histórico, na história das lutas de classes, na reconstrução da vida social.

Enquanto elementos conclusivos de sua pesquisa, Larisse pontua:

É posto então, aos militantes o desafio de reaproximar o MESS do conjunto de estudantes e fazer com que estes se compreendam enquanto sujeitos políticos, participando das lutas cotidianas e fortalecendo o MESS, pois ações políticas e mobilização não tomam proporção se realizadas apenas pelos dirigentes das entidades, sendo necessária a organização estudantil como um todo para efetividade das ações do movimento. Esse desafio posto ao MESS requer dos dirigentes e militantes formação teórica e política para que sua argumentação e estratégias estejam em consonância com sua direção social, exigindo, ainda, de seus dirigentes a adoção de postura que vise a articulação do movimento com os diversos sujeitos políticos, mas respeitando a pluralidade de ideias existentes no seu interior e baseando suas estratégias e lutas no que foi deliberado democraticamente pelo conjunto de estudantes. (RODRIGUES, 2008, p.76).

É justamente compreendendo o MESS enquanto espaço de formação política, que tem contribuído com a o processo de renovação da profissão, com “uma visão crítica e comprometida com princípios democráticos e de liberdade” (SILVA, 2008b, p.59), que a então estudante Lucilene desenvolve seu Trabalho de Conclusão de curso. Esta última pesquisa do período 2000-2010 sobre o tema do MESS foi realizada sob orientação da Prof^a. Dr^a. Esther Luiza de Souza Lemos, na UNIOESTE.

Com o título “Paixão, resistência e compromisso: o Movimento Estudantil de Serviço Social na luta por uma formação profissional de qualidade”, o TCC de Lucilene traz, mais uma vez, o debate sobre o MESS no percurso acadêmico da graduação. A autora também foi sujeito ativo desta construção, como militante nas entidades e pesquisadora na área. Buscou identificar quais “as principais contribuições do MESS para a Formação Profissional do Assistente Social na década de 1990” (SILVA, 2008b, p.09), motivada por sua experiência enquanto membro de gestão do Centro Acadêmico de Serviço Social da UNIOESTE e, sobretudo, representante discente ABEPSS em nível de graduação, na Região Sul I.

Embora não explicitado para a autora no texto, acreditamos que a escolha de delimitar a década de 1990 para estudo possa se justificar por tratar-se de uma fase de consolidação/espraiamento da intenção de ruptura do PEP do Serviço Social. A autora realizou uma “pesquisa exploratória com base na pesquisa bibliográfica, documental e de campo” (SILVA, 2008b, p.15), com abordagem tanto quanti como qualitativa.

Definiu-se que a pesquisa seria com as lideranças do MESS. Entre estes, os coordenadores que assumiram a liderança da SESSUNE/ ENESSO na década de 1990, ou seja, as 11 gestões que compuseram a SESSUNE/ENESSO no período que compreende os anos 1989 a 2000, totalizando um universo de 51 sujeitos. [...] nenhum dado foi encontrado sobre a composição da gestão “Remando Contra Maré” que esteve à frente da executiva nos anos de 1996 a 1997. Por essa razão o trabalho foi realizado com um universo composto por 46 sujeitos. [...] O procedimento utilizado para coleta de dados foi o questionário. [...] Foram enviados 46 questionários, destes apenas 09 retornaram dentro do prazo estabelecido. Ou seja, trabalhou-se neste trabalho com uma amostra de 16% dos sujeitos pesquisados. Ressalta-se que nesta pesquisa estão representadas 05 das 10 gestões pesquisadas. E estas compreendem gestões do início, meio e final da década de 1990, possibilitando assim a apreensão da realidade neste período em momentos distintos. (SILVA, 2008b, p.15-16).

Quanto ao processo de realização da pesquisa em si, Lucilene aponta que também teve de lidar com entraves relacionados ao acesso aos arquivos físicos da ENESSO (ibidem, p.15):

A principal dificuldade encontrada foi o acesso aos documentos da ENESSO, pois estes ficam arquivados com a Coordenação Nacional e no período desta pesquisa estavam arquivados no estado de Minas Gerais. Frente à impossibilidade da acadêmica se deslocar até este estado, a mesma teve de esperar uma oportunidade de acesso aos documentos. Esta oportunidade ocorreu somente no mês de julho, quando os documentos foram enviados à cidade de Londrina – Paraná, em função da realização do XXX ENESS [...]” (SILVA, 2008b, p.15).

Curioso que, embora a constante mudança de local de sede dos documentos da ENESSO certamente tenha afetado as suas condições de guarda, conserva, preservação enfim, também permitiu que várias estudantes acessassem um pouco da história da Executiva e produzissem pesquisa com acesso a fontes documentais. Ainda nesse sentido, mais um elemento das “contradições da realidade”:

Outra dificuldade foi constatada neste momento: nos documentos foram levantados os anos e nomes de gestões, nomes dos coordenadores, cargo que ocuparam, bem como universidade em que se graduaram, mas os dados ali contidos como endereço e telefone de contato já possuíam mais de 10 anos, o que dificultava o contato. A partir deste primeiro levantamento, a pesquisadora iniciou um minucioso trabalho de procura aos sujeitos que compõem a pesquisa. Neste caso, o meio mais utilizado foi a Internet, através de pesquisas em sites de relacionamento, listas de discussões, contatos com os diversos Conselhos Regionais de Serviço Social - CRESS e especialmente através de consultas à página do Currículo Lattes. Assim foram levantados os contatos atuais dos 46 sujeitos. (SILVA, 2008b, p.16).

A internet tem sido, inegavelmente uma ferramenta mobilizada pelos movimentos sociais e organizações políticas num geral. Através das redes sociais, debates são travados em formatos simplificados, tais como vídeos e postagens em textos curtos que compartilham informações importantes, incidindo certamente na disputa de consciências. Entretanto, corre-se o risco de vulgarizar discussões e debates, posta a complexidade que carregam, por sua natureza sócio-histórica, por exemplo. Mas de toda maneira, o que nos chama atenção nesta pesquisa, é este elemento da contradição, pois a internet, neste TCC, também foi um recurso que mediou o contato entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa. Claro, com dispendioso trabalho da autora da pesquisa, conforme enunciado, já que tratava-se da procura por

contato de pessoas que foram militantes na ENESSO há cerca de uma década anterior à dela – e obteve êxito em encontrar a todas.

É oportuno frisar que, ao apresentar os procedimentos metodológicos constitutivos da pesquisa, a autora também não fez menções diretas sobre seu referencial teórico – embora tenha feito tratado desta dimensão junto aos sujeitos entrevistados por meio de questionário, vide a pergunta: “Quais referências teórico-políticas deram a direção da sua gestão?” (SILVA, 2008b, p.67).

Outro fator que chama a atenção é que a incorporação de documentos da ENESSO no formato de anexos ao TCC. Entretanto, a versão que localizamos na internet, os documentos não estão acompanhados dos referidos documentos, embora as últimas páginas anunciem que eles tenham sido apensados – são eles “ANEXO 01 - DOCUMENTO “PRO DIA NASCER FELIZ” - SESSUNE/ENESSO 1993” e “ANEXO 02 - JORNAIS INFORMATIVOS DAS GESTÕES 1995/1996 - 1997/1998 - 1998/1999” (ibidem, p.67-68). Essa postura reforça a importância da socialização de informações, e apresenta um compromisso ético-político da pesquisadora, que notadamente, pensou em seu papel na socialização destes materiais históricos às gerações futuras do MESS.

A possibilidade de acesso aos documentos da ENESSO por ocasião do XXX ERESS, permitiu a obtenção de outros materiais como textos produzidos pelas gestões e boletins informativos. Entendeu-se relevante colocar como anexo alguns documentos para subsídio do presente trabalho bem como para consulta posterior daqueles que se interessarem em continuar investigando. (SILVA, 2008b, p.17).

Lucilene também menciona um outro processo no MESS, que faz menção a elaboração de um documento de autoria da ENESSO:

[...] em 1991, o MESS se organiza e realiza o XII ENESS, com o tema “Serviço Social no Desafio do Novo” onde se discutiu prioritariamente a formação profissional. Da sistematização deste debate, foi lançado o “Anteprojeto da Campanha Nacional pela Reestruturação da Formação do Assistente Social no Brasil”. Campanha esta que deu origem ao processo de revisão curricular. (SILVA, 2008b, p.32).

Infelizmente, não temos conseguido localizar documentos que possibilitem conhecermos esse anteprojeto. Mas de qualquer maneira, é muito importante perceber como a ação investigativa conduz a identificação de uma demanda: a de ampliação do acesso a estes documentos, de forma mais aberta, que instigue à pesquisa e novas descobertas sobre o percurso do MESS e suas reverberações políticas.

Mais elementos vêm à tona com esse TCC no que tange às discussões sobre a presença de organizações político-partidárias no MESS. Conforme relatos de dois sujeitos entrevistados por Larisse, identificamos que o debate internacional tem importante contribuição de estudantes que se vinculam à grupos políticos:

“Na época [década de 1990] existia uma articulação muito embrionária com as organizações internacionais dos estudantes de serviço social. A relação era muito mais por dentro das correntes internas dos partidos, que tinham ramificações internacionalista [...]”

“[...] eu peguei os contatos com os companheiros dos demais países, e passei a manter contato. Com uma dificuldade enorme por causa da língua, mas ainda assim mantivemos contato. [...] Em razão das dimensões continentais do Brasil, os demais países se impressionaram muito com o nosso nível de organização política, e tentaram se aproximar. [...] Acredito que esse contato tenha sido o ponto de partida para a criação do cargo de Coordenador de Relações Internacionais, que foi criado na posterior mudança do Estatuto da ENESSO.” (SILVA, 2008b, p.23).

Essa dimensão da articulação internacional é inclusive constitutiva da teoria da revolução marxiana, ao abordar a luta de classes dos trabalhadores. Somos e constituímos uma classe independente das fronteiras nacionais/territoriais que foram estabelecidas ao longo do desenvolvimento sócio-histórico. Essa contribuição que aborda o campo da solidariedade internacionalista pelo MESS, vinda dos partidos tem dimensões políticas significativas, evidenciando, portanto, uma forma do movimento social colher frutos dessa relação com organizações político-partidárias. Ainda, como destacado pela pesquisadora, se nos anos 1960 “o MESS esteve articulado às questões da América Latina”, em 1990 nota-se um retrocesso, conforme indicado pelas entrevistas feitas com militantes do MESS neste período (SILVA, 2008b, p.23).

Mais uma vez Netto surge como autor que legitima a importância do MESS para a renovação do Serviço Social, como já evidenciado nas pesquisas de Vasconcelos (2003), Schultz, Taquetti e Mattos (2006) e Santos (2008).

Parece claro, que também, no marco do Serviço Social, a erosão das formas tradicionais da profissão (e das suas legitimações) foi dinamizada pelo protagonismo discente – e a “rebelião juvenil” foi aí tanto mais eficiente quanto mais capaz se mostrou de atrair para posições estratos docentes.). (NETTO, 2005, p.145 apud SILVA, 2008b, p.27).

Uma importante referência embasa a concepção de Lucilene, com a qual estamos em consonância:

Partimos da compreensão de que o movimento estudantil tem um caráter histórico, e neste sentido, seu papel social altera-se de acordo com a conjuntura, as condições concretas vivenciadas pelos (as)

estudantes, as ideologias e concepções políticas que permeiam suas lideranças e as articulações que o Movimento estabelece com outros MS's, partidos políticos e demais sujeitos coletivos. (SANTOS; RAMOS, 1997, p. 02 apud SILVA, 2008b, p.36).

A autora destaca também o significado do debate sobre formação profissional para o MESS:

Nota-se, portanto que desde o primeiro encontro de Serviço Social ocorrido no ano de 1978, a preocupação com a formação profissional era presente. Este primeiro encontro possuía como tema central o “Serviço Social e a Realidade Brasileira” que objetivou a discussão acerca da conjuntura nacional e sobre a reformulação do currículo mínimo, tirando deste encontro uma comissão para discussão aprofundada sobre a formação profissional. No processo de crítica ao currículo anterior e construção do novo currículo aprovado posteriormente em 1982, o MESS foi propositivo e participativo nos eventos da categoria, interferindo no processo de definição política da Formação Profissional. (SILVA, 2008b, p.38).

E continua, ao falar da criação da Subsecretaria Estudantes de Serviço Social da União Nacional dos Estudantes/SESSUNE, que “buscava articular e expressar a luta dos estudantes de Serviço Social em todo país, realizando assim discussões sobre assuntos relativos à Formação Profissional do assistente Social no Brasil” (ibidem, p.38). Larisse evidencia que a sua fundação, no ano de 1988, a SESSUNE desempenhou atuação voltada para a formação profissional em Serviço Social, “defendendo assim lutas específicas, porém inserida em uma articulação com o M.E de maneira geral e com os demais movimentos sociais. (ibidem).

Conforme a autora, dado o contexto histórico de (re)articulação política mais amplo no fim da década de 1970, estudantes de Serviço Social tiveram a oportunidade de forjar uma cultura política própria, marcada pelo engajamento contra os princípios da autocracia burguesa e da sociedade capitalista de modo geral (p.39). Evidencia-se, desde esse período, uma forte articulação do MESS com as demais entidades representativas da categoria profissional, ao passo que futuramente, se oficializa a escolha por se autonomizar da UNE, em 1993.

Uma questão que esse estudo reforça é quanto as possibilidades que pesquisas nos abrem frente às lacunas mapeadas nos processos investigativos. Lucilene relata ter encontrado dificuldade em localizar algumas fontes que disponibilizassem informações cruciais para sua pesquisa. Vejamos a imagem abaixo, que constitui um recorte de quadro elaborado pela própria autora:

GESTÃO 1996 / 1997 – “REMANDO CONTRA MARE”		
Gestão não identificada nos documentos pesquisados.		
GESTÃO 1997 / 1998 – “UM CONVITE A REBELDIA”		
Cargo que ocupou na gestão	Nome	Universidade que cursou a graduação
Coordenação geral	Dalvanir Avelino	UFRN
Secretaria geral	Elisabeth Cruz	Não identificado nos documentos
Coordenação de imprensa e divulgação	Mirla Cisne	Não identificado nos documentos
Coordenação de finanças	Fátima Tomás	Não identificado nos documentos
Coordenação nacional de formação profissional	Tatiana Raulino	Não identificado nos documentos
GESTÃO 1998 / 1999 – “NOS QUEREMOS MAIS”		
Cargo que ocupou na gestão	Nome	Universidade que cursou a graduação
Coordenação geral	Charles Toniolo de Souza	UFRJ
Secretaria geral	Gabriele Siqueira Bastos	UFF
Coordenação de imprensa e divulgação	Jaime Paulino de Souza Neto	UFRJ
Coordenação de finanças	Loraine Rocha Vigo	UERJ
Coordenação nacional de formação profissional	Wanusa Pereira dos Santos	UFES

Como se poderia inferir, o quantitativo de sujeitos alcançados pela pesquisa foi afetado:

Os sujeitos que compõem a pesquisa [...] são os estudantes que foram lideranças assumindo a coordenação da entidade SESSUNE/ENESSO na década de 1990. Durante esta década onze gestões se sucederam na SESSUNE/ENESSO, dos anos de 1989 – 2000, o que nos remeteu à identificação de 51 sujeitos como lideranças deste processo. [...] uma gestão não pôde ser identificada, o que se deu em função da falta de documentos que registrassem a mesma. Por esse motivo, a gestão “Remando Contra a Maré” que compreendeu os anos de 1996/1997, não foi incluída na pesquisa [...]. (SILVA, 2008b, p.40, 42).

Aqui não pretendemos colocar em xeque a validade e legitimidade da pesquisa, ao trazer essa informação. Mas ao contrário, pretendemos assinalar o quanto é interessante perceber que uma pesquisa pode conter “respostas” que procuramos. Vejamos o extrato abaixo, que compõe um quadro com a composição das gestões da SESSUNE/ENESSO, elaborado pelo pesquisador Ailton Marques Vasconcelos em 2003 (apêndice de seu TCC):

	1996-1997	COORDENAÇÃO NACIONAL <i>"Remando contra a maré"</i>	
		Coordenação Geral: Emanuel P. Sabóia (UECE) Secretaria Geral: Andréa P. Mesquita (UECE) Coordenação de Finanças: Mirian O. Inácio (UFRN) Coordenação de Imprensa: Dalvanir Avelino (UFRN) Secretaria de Formação Profissional: Sandra Mara (UECE)	

Uma vez que Lucilene finalizou sua pesquisa no ano de 2008, poderíamos esperar que a estudante recorresse à pesquisa de Ailton (2002). Contudo, a interlocução entre estes pesquisadores parece não ter ocorrido. Isso nos chama a debater questões de fundo, bastante significativas. Uma primeira, em relação ao desenvolvimento tecnológico-científico, que vem se aprimorando quanto à diversidade de recursos de pesquisa – que não estavam todos disponíveis para muitos em um passado recente. Hoje, há várias fontes digitais de acesso aos mais variados tipos de produção acadêmico-científicas. Um segundo ponto diz respeito ao “lugar” do TCC na formação profissional. Em geral temido por estudantes, exigidos em instituições públicas, desprezados por IES marcadas por relações de compra/venda de diplomas (educação como serviço passível de mercantilização e geração de lucro). A ENESSO, contudo, acumulou um arsenal de produções sobre sua própria história. Atualmente, encontram-se disponíveis em seu blog oficial. Mas suspeitamos que os materiais ali disponibilizados podem ter sido colocados a pedido dos/das próprias autores/autoras - pois existe mais produções sobre o tema do que as relacionadas no blog. Por isso imaginamos que não houve planejamento das representações estudantis e deliberações coletivas que propusessem um levantamento, busca, investigação a esse respeito. Claro que isso também tem relação com o momento vivido pelos sujeitos que majoritariamente constroem esses estudos – o mesmo momento de término do TCC coincide com o momento de término da graduação, logo, de encerramento da vinculação protagonista do sujeito com o próprio movimento. Ele/ela já não está mais no espaço para propor e coordenar alguma proposta/campanha, enfim, neste sentido. Mas há tantos campos em aberto! Não quer dizer, em absoluto, que as coisas se perdem.

O mesmo ocorreu por exemplo, com nossa pesquisa prévia (ZANELLI, 2019): não encontramos todos os estatutos da ENESSO, e um deles estava disponível como anexo no TCC de Santos (2007).

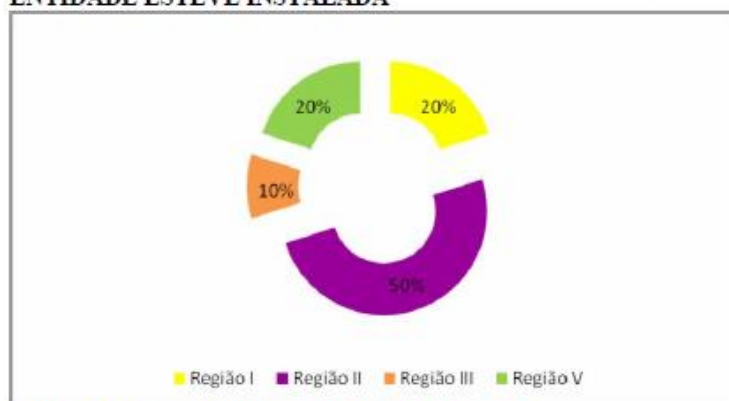
Informações sobre o perfil de sujeitos evidenciados na pesquisa de Lucilene (SILVA, 2008b) proporcionam a ratificação dos apontamentos da pesquisa de Andrea Alice (SILVA, 2008a):

Do universo dos pesquisados, nota-se que 78% corresponde ao sexo feminino e 22% ao sexo masculino. O Serviço Social historicamente se configurou como uma profissão predominantemente feminina, porém nota-se que apesar das mulheres serem a grande maioria na direção desta entidade, a participação dos homens é significativa. A relação entre o número de estudantes do sexo feminino e do sexo masculino de modo geral, possui uma proporção menor se comparado à proporção entre aqueles estudantes que são lideranças no MESS. Os dados do CFESS (2005) indicam que atualmente, a relação entre os profissionais do sexo masculino é de 3 % e do sexo feminino é de 97%. (SILVA, 2008b, p.43).

A desigualdade de gênero também se expressa em espaços políticos e representam um desafio que atravessa as mais variadas dimensões da vida social. Embora atualmente “profissionais do sexo masculino já perfazem mais de 5%, ou precisamente, 6,97%” (CFESS, 2022, p.24) na categoria profissional, há mais de 10 anos atrás as pesquisas sobre o MESS já identificavam uma relação desproporcional quanto ao aspecto da identidade de gênero na representação da ENESSO.

Ainda sobre o perfil de militantes que se constituíram como lideranças do MESS pela ENESSO, Lucilene identificou importantes dados sobre a dimensão geopolítica. Lembrando que, no período da elaboração do TCC da autora (2008), a ENESSO se instalava como sede na escola dos membros da respectiva gestão da Coordenação Nacional, vejamos o gráfico abaixo, de autoria da própria pesquisadora:

GRAFICO 03 – REGIÕES ONDE A DIREÇÃO NACIONAL DA ENTIDADE ESTEVE INSTALADA



Fonte: Análise documental nos registros da ENESSO.

Embora seja elevada a concentração das sedes nas regiões I, II e III (que correspondem às regiões norte e nordeste na divisão geográfica oficial do Brasil), a distribuição dos locais das escolas que sediaram os ENESS registra elementos que contrastam com o gráfico acima:

- 10% dos ENESS ocorreram na Região I;
- 20% na RII;
- 20% na RIII;
- 10% na RIV;
- 20% na RV;
- 10% na RVI e
- 0% na RVII.

Assim, a pesquisa de Lucilene demonstra que, apesar de ter prevalecido maior incidência dos membros da CN da ENESSO nas regiões I, II e III, os espaços máximos de deliberação do MESS tinham uma proporção mais distribuída entre as sete regiões.

Por notar tão forte presença dirigente da ação do MESS no nordeste do Brasil na década de 1990, buscamos levantar dados que nos permitissem identificar como se encontrou esse cenário nas duas décadas seguintes, ou seja, nos anos 2000 e nos anos 2010. Assim elencamos um processo de levantamento de duas frentes de informações: uma primeira, visando identificar qual o local físico de referência da ENESSO em cada ano (a escola sede da Executiva); uma segunda, referente ao local escolhido para a realização do ENESS de cada ano (escola sede do encontro nacional).

Primeiro, vejamos a distribuição das sedes da ENESSO – identificadas a partir da IES da estudante que esteve no cargo de Coordenação Geral da CN da ENESSO, entre os anos 2000 e 2009:

- 0% na RI;
- 10% na RII (UFPE);
- 30% na RIII (UFS, UFAL);
- 10% na RIV (PUC/GO);
- 30% na RV (UNIVALE, UFJF, UFRJ);
- 0% na RVI;
- 10% na RVII (PUC/SP);
- 10% não localizado.

Quanto a distribuição das escolas sedes dos ENESS no mesmo período (2000-2009):

- 0% na RI;
- 10% na RII (UFPE);
- 10% na RIII (UCSAL);
- 20% na RIV (ULBRA/TO, UNB);
- 40% na RV (UERJ, UFES, PUC/MG, UFRJ);
- 10% na RVI (UEL);
- 10% na RVII (UNILINS).

No início dos anos 2000, percebemos que perde-se, com expressão significativa e crescente, o destaque das regiões I, II e III na direção da ENESSO.

A partir de 2010, com uma revisão estatutária, o cargo “Coordenação Geral” da CN foi extinto. Resgatando estudos prévios, já identificamos que as atribuições desse cargo não foram totalmente redistribuídas (ZANELLI, 2019), evidenciando um prejuízo ao processo organizativo interno da ENESSO.

A partir deste ano, uma outra mudança advinda da mesma revisão estatutária, a ENESSO passa a ter, como sede, “a escola que for definida pelas(os) coordenadoras(es) desta” (ENESSO, 2010, p.01), quebrando-se uma dinâmica instituída no MESS, pelo menos, desde o início da década de 1990 (idem, 1992, p.01).

O pressuposto de rotatividade relativa da sede da ENESSO acaba passível da vontade política de todo o conjunto da coordenação nacional e não mais se definia como anteriormente, a partir da IES com a qual a/o estudante no cargo de Coordenação Geral da CN se vinculava. Qual passou a ser o critério de definição então, para escolher um local que se apresentasse como sede? Em que momento a CN deve escolher a sede da ENESSO? Qual foi a última escola sede da ENESSO, após a revisão estatutária de 2010?

Enfim, a ausência destas informações têm sido a herança das incessantes alterações estatutárias na ENESSO. Ainda sobre outra mudança identificada neste período: pelo instituído no Estatuto de 2007, os cargos da diretoria nacional da ENESSO eram ocupados por “estudantes pertencentes a uma mesma escola ou região” (ENESSO, 2007). Desde 2010:

Art. 11º – A Coordenação Nacional de ENESSO, eleita anualmente no ENESS compõe-se de no mínimo 8 coordenadores no máximo 16 [...].
§1º Os cargos descritos no artigo 11 deverão ser ocupados por

estudantes de forma descentralizada, com uma composição das coordenações pertencentes, de no mínimo de 3 regiões [...]. (ENESSO, 2010, p.10-11).

Compreendemos que a alteração aprovada expressa uma do MESS por ampliar a representatividade das regiões na direção da ENESSO. Contudo, ponderamos que o principal elemento que deve balizar a conformação de uma chapa seja a coesão política entre aqueles/as que a compõem. Com a proposta do Estatuto de 2007, identificamos que ela se revestia de elementos mais favoráveis: enquanto membros da mesma região, o conhecimento acerca da visão de mundo entre os estudantes se faz mais propício devido à proximidade geográfica. Existe maior possibilidade de que possam se articular por meio da mesma escola, ou até mesmo entre escolas da mesma região, em espaços como os ERESS.

Problematizamos essas mudanças no sentido de relacioná-las com uma questão política, posto que gestam elementos atrelados à deslegitimação da construção de chapas que não abarquem a totalidade das regiões, impelindo que se conformem articulações não coesas no que tange à sua direção sociopolítica, em nome de uma suposta representação.

Não encontramos nenhuma informação sobre definição de escola sede da ENESSO posterior à revisão do Estatuto em 2010. Vejamos, então, os dados que encontramos quanto a distribuição das escolas que sediaram o ENESS na década seguinte, entre os anos 2010 e 2019:

- 12,5% na RI (UFPI);
- 12,5% na RII (UFPB);
- 0% na RIII;
- 25% na RIV (UFMT, UNB);
- 25% na RV (UNIRIO, UFTM);
- 25% na RVI (UFSC, IFPR);
- 12,5% na RVII (UNESP).

Os dados nos sugerem questionar se houve realmente um processo de descentralização ou uma maior centralização no eixo DF-MG-SP-RJ, que a título de nota, pode ser considerada uma região “central”, que reúne grandes centros urbanos, tangenciando-se o protagonismo antes evidente, das regiões I, II e III da ENESSO no MESS. Acreditamos que tais aspectos na história do MESS são elementos ainda a se desvelar com maior densidade teórico-metodológica.

Retomando o estudo de Lucilene e o perfil de sujeitos entrevistados, que foram ativos no MESS na década de 1990, de 09, 08 pessoas “[...] declaram participar de algum grupo político do Partido dos Trabalhadores. Expressaram diferentes tendências internas, mas todos com vinculação partidária” (SILVA, 2008b, p.48). Esta forte marca das direções políticas no MESS vinculadas ao PT deve ser relacionada ao contexto devido, em que este constituiu-se enquanto um “partido de massa, de resistência ao neoliberalismo e oposição ao governo FHC” (ibidem).

Sobre as referências teórico-políticas da direção da ENESSO na época:

Observa-se a partir das falas dos sujeitos pesquisados que em sua maioria as gestões possuíam referências teórico-políticas de esquerda e que [o] movimento se constituía de maneira plural. Porém, em algumas falas [...] identifica-se a confusão do Pluralismo com o Ecletismo [...]. Identificou-se também que muitos pensadores influenciaram o Movimento Estudantil neste período, entre eles foram apontados Marx, Gramsci e Lênin. [...] Outro dado importante de se observar em relação a fala dos sujeitos é que grande parte deles estiveram vinculados ao Projeto Democrático Popular – PDP, que era formado por militantes do Movimento Estudantil Geral. (p.53-54).

Interessante destacar falas dos próprios sujeitos entrevistados, que apresentam a ação da ENESSO neste período:

“A principal luta foi pela revisão curricular. Essa bandeira era defendida pela SESSUNE desde a quarta gestão (91-92), quando se criou a “campanha nacional pela reestruturação da formação profissional”, antecipando um movimento antes mesmo da ABESS (gestão 91-93). [...] Assim foi durante todo o processo de revisão curricular, pois a ENESSO participou ativamente desse processo, da qual cito alguns elementos (durante as gestões 93-94 e 94-95): buscou articular os representantes estudantis em ABESS, criou uma secretaria de formação profissional, participou de todos os eventos da ABESS, discutiu revisão curricular em todos os eventos promovidos pela ENESSO, teve absoluta clareza da importância de se garantir a direção social do currículo a partir da eleição da “questão social” como eixo do currículo. Enfim, não tenho dúvida que as diretrizes curriculares são produtos também do MESS.”

“O MESS teve papel relevante nesse processo, tendo criado um ante-projeto de formação profissional discutido amplamente nas escolas.”

[...]

“No âmbito da formação profissional, a gestão esteve envolvida diretamente nos processos de discussão da reforma curricular, num diálogo e parceria com as instâncias de organização da categoria: CFESS, ABESS (na época); Defendemos que um projeto de formação profissional tivesse uma opção política pelas camadas populares em sintonia com o código de ética da profissão [...]” (SILVA, 2008b, p.54-55).

Lucilene constrói uma síntese das questões suscitadas pelos sujeitos da pesquisa quanto às principais lutas travadas pelos estudantes no âmbito da formação profissional neste período:

[...] algumas lutas constituem uma constante durante os anos 90: o processo de “revisão curricular”. [...] Observa-se também o espaço de luta que os estudantes conseguiram através da executiva junto à ABESS e ao CFESS. Durante o processo de revisão curricular a ENESSO não só participou de eventos da ABESS compondo a organização dos eventos da categoria, como também realizou em todos os seus encontros momentos de debate em torno da Formação Profissional especificamente da construção das Diretrizes Curriculares. Outro ponto importante a ser destacado diz respeito à concepção de conjunto que as entidades organizativas possuem [...]. Ressalta-se que a ENESSO passou a compor este conjunto através de conquistas históricas, este espaço não foi cedido aos estudantes, mas conquistado. (SILVA, 2008b, p.56).

Por fim, Lucilene trata do MESS como “catalizador da renovação que ocorreu no interior da categoria”, (SILVA, 2008b, p.60), destacando a concepção de sujeitos da pesquisa sobre a imprescindibilidade da organização estudantil neste processo. Em suma, ela evidencia que

[...] a principal contribuição do MESS na década de 90 foi colocar a formação profissional como foco do debate, contribuindo na proposição, discussão e aprovação das novas Diretrizes Curriculares aprovadas pela categoria na assembleia da ABESS em 1996 bem como sua posterior implementação como expressão do projeto ético-político profissional. [...] A Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social – ENESSO nesta década teve um papel de protagonista, especificamente em relação à antecipação de demandas, e a construção do Projeto Profissional do Serviço Social. (ibidem, p.09, 60).

É com esta reflexão que finalizamos a análise de uma primeira década marcada pela elaboração de tcc's nos anos 2000-2009, que cumpriram fundamentalmente, o papel de manter viva a história do MESS e da ENESSO, resgatando, pela pesquisa, os processos históricos que representam a legítima ação política de estudantes de Serviço Social de todo o Brasil, na história.

São estas, as produções teóricas que possibilitam condições de realização de pesquisas posteriores sobre o tema, construindo um arsenal que se aparenta quantitativamente tímido, mas que constitui-se como material de revisão e fundamentação teórica de relevante importância qualitativa, à disposição para as mais variadas possibilidades – entre elas, as investigativas e, sobretudo, políticas – para o MESS.

SISTEMATIZAÇÃO ANALÍTICA – TCC’S ANOS 2010-2020

Passando agora ao segundo bloco de análises, nos centramos nas questões emergentes do estudo dos TCC’s que versam sobre o MESS, contando com data de publicação entre os anos 2010 e 2020.

03 trabalhos datam do ano de 2014, com algumas particularidades já sinalizadas anteriormente, em razão da natureza peculiar: 02 dos TCC’s foram desenvolvidos por estudantes vinculados à instituição de ensino privada – a Faculdade Cearense (FaC) – sendo de autpria de Tamiris (DINIZ, 2014) e Marcelo (MICHILES, 2014).

Tamiris sinaliza que o interesse pelo estudo veio a partir de sua participação no MESS, sobretudo, na gestão “A luta não para” do Centro Acadêmico de Serviço Social (CASS/FaC), entre 2013 e 2014 (DINIZ, 2014, p.18); Marcelo, que também fez parte desta gestão, já havia construído a anterior – “Consciência Para Lutar”, que cumpriu mandato no CASS entre 2012 e 2013.

O foco da experiência de Marcelo, em seu TCC “O Movimento Estudantil de Serviço Social da Faculdade Cearense: são gritos pela necessidade de não calar”, orientada pela Prof^a Ms.^a Valney Rocha Maciel, se dá em torno da organização política estudantil do Serviço Social na FaC.

A pesquisa assumiu como objetivo central buscar compreender a relevância e alcance real do Movimento Estudantil inserido no contexto de uma Instituição de Ensino Superior Privada. Para tanto, elegeu como objeto específico de análise o MESS da FaC, em particular o Centro Acadêmico de Serviço Social da Faculdade Cearense. A pesquisa buscou captar a contribuição do CASS da FaC na formação ético-política e crítica de seus estudantes e nos reatamentos ou não em sua formação profissional, refletindo sobre sua capacidade organizativa e de representação da coletividade, além de abordar suas lutas coletivas e ações cotidianas dentro do cotidiano da instituição e para além dele. (MICHILES, 2014, p.154).

Nesta direção, temos uma pesquisa crítica, que retrata uma experiência em um dos espaços de atuação mais desafiadores para o movimento estudantil, qual seja, o que se desenvolve no âmbito de IES’s privadas. Marcelo enuncia um alinhamento nítido com a direção sociopolítica da profissão que enfrenta o conservadorismo, propondo-se, com sua pesquisa, a “fortalecer a formação crítica e comprometida com o PEP e na construção de um ME classista, combativo e anticapitalista, que lute pelos estudantes na FaC” e que, para além disso, “também rompa os muros da instituição

e fortaleça as lutas maiores da categoria e da classe trabalhadora.” (MICHILES, 2014, p.32).

O autor nos elucida que, no processo de construção do MESS, identificou um diferencial em sua formação, superando as limitações postas no contexto de sua IES, marcada por “poucos espaços de debates e reflexões, de pesquisa e extensão” (ibidem) - contexto típico que caracteriza o projeto de educação do capital para o ensino superior.

O TCC é marcado por debates sobre os movimentos sociais em geral, tratando de questões teórico-conceituais, para na sequência abordar as particularidades do movimento estudantil, em especial, no Brasil. Ao enfatizar o MESS, articula-se o estudo com o necessário aporte crítico à “Reforma” universitária como projeto neoliberal, no contexto de expansão das IES’s privadas. Perpassando pelas questões que engendram o Serviço Social brasileiro, Marcelo tece apontamentos sobre o contexto mais específico que marca a ação política do MESS na FaC. Vale destacar a zelosa apresentação feita quanto aos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa.

No primeiro capítulo, discorro sobre o processo metodológico de minha pesquisa, entendendo que explicitá-lo logo de início tornaria a monografia mais clara ao leitor. Quanto ao caminho percorrido e aos métodos de análise adotados: nisto abordo o método com o qual trabalhei, que se trata do método materialista histórico dialético, numa abordagem qualitativa; os instrumentos utilizados para minha pesquisa se dão com maior qualidade, com a utilização de vasta pesquisa bibliográfica e documental, pesquisa de campo, observação participante e aplicação de questionários com estudantes; trabalho a questão dos sujeitos da pesquisa, quem são e porque foram eles os escolhidos, qual critério foi utilizado para sua seleção e alguns dados dos sujeitos; também retrato o cenário da pesquisa, onde ela se dá, que local é este, sua história, onde ele se insere e as especificidades desta instituição. (MICHILES, 2014, p.17).

Muito embora o autor tenha feito seu trabalho mediante vínculo com um IES’s privada, foi um dos que desenvolveu com mais fôlego sobre o significado das suas escolhas no campo teórico-metodológico. Inclusive, enuncia logo nas primeiras páginas, de forma aberta e acurada, sua opção pelo materialismo histórico-dialético.

O método utilizado em minha pesquisa foi o Materialista Histórico Dialético. A sua escolha se deve pelo método ser criterioso, complexo e, entre outras coisas, defender que o objeto de pesquisa só pode ser exposto depois de ser investigado, analisado criticamente em suas determinações essenciais, por levar em consideração a perspectiva histórica para sua compreensão, basear-se na dialética por entender a existência das contradições que precisam ser compreendidas, por buscar a totalidade do real e a tê-la como processo dinâmico e em constante construção social, além de se colocar na perspectiva de

transformação societária, a pesquisa como instrumento de mudança social e não como “neutralidade” científica, isto não significa que a pesquisa não será criteriosa, pelo contrário, a perspectiva crítica a permeará a todo instante e a busca pela essência se dará nos moldes propostos. [...] Na perspectiva marxista, busco a totalidade, mas sem esquecer as particularidades e singularidades da pesquisa e dos sujeitos (MICHILES, 2014, p.20-21, 23).

Nas considerações finais de seu trabalho, o autor volta a tratar desta dimensão em seu TCC:

A escolha deste método se deu pela sua complexidade e critério, em que o objeto de pesquisa só pode ser exposto depois de ser investigado, analisado criticamente em suas determinações essenciais, por levar em consideração a perspectiva histórica para sua compreensão, basear-se na dialética por entender a existência das contradições que precisam ser compreendidas, por buscar a totalidade do real e tê-la como processo dinâmico e em constante construção social, além de se colocar na perspectiva de transformação societária. A pesquisa como instrumento de mudança social, como no caso desta pesquisa, busca contribuir com o fortalecimento do CASS-FaC, do MESS das demais IES privadas e com as discussões sobre ME nas IES particulares. (ibidem, p.154).

Essa escolha sugere um esforço intelectual do investigador, que busca explicar sobre seu processo de construção da pesquisa, apresentando as razões pela qual procedeu com determinadas escolhas neste campo dos procedimentos adotados. Sem dúvidas, esta dimensão é importante a destacar, tendo em vista as contradições que demarcam o sucateamento, precarização e tecnificação da educação.

Na pesquisa, foi realizada pesquisa com sujeitos, sendo feita seleção de 25 estudantes. O perfil de uma universidade privada se revela nesse momento, afetando até mesmo a dimensão das suas respectivas disponibilidades para responder um questionário (imaginemos, então, os “malabarismos” necessários para realizar a própria pesquisa).

A seleção desses estudantes baseou-se no interesse deles e disponibilidade dos mesmos. A pesquisa se deu entre os dias 6 a 20 de maio de 2014, cuja abordagem era feita dentro da sala de aula. Chegava antes do início das aulas, tanto no turno da manhã como no turno da noite, e pegava aqueles estudantes que chegavam antes e tinham algum tempo para conversar. Também utilizava o tempo do intervalo para a abordagem com eles em sala de aula, com aqueles que não saíam de sala. Esta estratégia foi feita devido aos sujeitos da pesquisa não terem muito tempo e espaço para a abordagem, já que a maior parte, quando chega à faculdade, se dirige à sala de aula, pois esta já iniciou. No intervalo, vai lanchar ou resolver algum

problema burocrático e, no final da aula, já vai embora com toda pressa. Então, os estudantes não têm muito tempo disponível no local da pesquisa (Faculdade Cearense). (MICHILES, 2014, p.29-30).

Essa característica do perfil de estudantes de Serviço Social na FaC nos permite compreender os desafios postos à formação profissional crítica. Não se trata de um processo de dedicação exclusiva à graduação, sendo na verdade, uma realidade na qual estudantes reúnem um já vasto conjunto de atividades em seu cotidiano, dentre as quais, o curso é mais uma delas, porém, com o horário reservado, em suma, às restritas ações de ensino – embora a expressiva participação na própria pesquisa venha a revelar um considerável esforço por parte de Marcelo, em uma verdadeira “busca ativa”, como do conjunto discente.

Estes elementos nos revelam uma negação ao direito da educação com qualidade. Um processo de formação que vigora orientado pela busca de um diploma, como mediação para inserção no mercado de trabalho em melhores condições. Em se tratando de uma sociedade na qual o trabalho é meio de vida, a busca da educação, via de regra, não se opera pela via da criticidade, mas pela promessa de ascensão e mobilidade social em termos de classe. Esta falácia tem, na prática, contribuído para engrossar as fileiras do grande contingente de profissionais “à disposição” do mercado. A partir de Marx, sabemos que uma tal realidade contribui para o movimento de arrocho salarial e concorrência entre a própria categoria profissional – impactando ideológica e politicamente em seu interior.

Seguindo a tônica dos demais TCC's, Marcelo faz críticas ao alinhamento dos governos petistas brasileiros com a agenda neoliberal (MICHILES, 2014, p.52), tecendo uma análise crítica a este projeto que possui como marco o Consenso de Washington, sendo esta a base do autor para analisar a conjuntura da educação e do ensino superior (consequentemente, dos movimentos sociais e do MESS) no Brasil. O neoliberalismo é elencado como um entrave ao PEP, sendo a pós-modernidade sua expressão teórica (ibidem, p.108), e a sociedade capitalista como terreno de emergência da profissão.

O autor faz um debate sobre como a reforma do ensino superior em 1968 veio para atender interesses do capital e posteriormente, se volta para massificar diplomação – qualificar/especializar força de trabalho – o que, sem dúvidas, afeta a dimensão crítica e consequentemente, as condições para participar do ME (MICHILES, 2014).

Quanto ao Serviço Social, Marcelo se vale de Yazbek para tratar da reconceituação. A propósito deste tema, arriscamos uma analogia. A profissão se articulou com os conhecimentos de Marx por meio da tradição marxista, ou seja, não se operou uma fonte direta ao pensamento de Marx e Engels – o que constitui a obra marxiana, propriamente dita. Este movimento incorre em um marxismo vulgar; enfim, depreende-se que houve uma reivindicação do “referencial”, mas que se deu de modo enviesado.

No entanto, é com este referencial, **precário em um primeiro momento, do ponto de vista teórico**, mas **posicionado do ponto de vista sociopolítico** que a profissão questiona sua prática institucional e seus objetivos de adaptação social ao mesmo tempo em que se aproxima dos movimentos sociais. (YAZBEK, 2009, p.09, grifos nossos).

Acreditamos que, de alguma maneira, esse seja um processo aproximado ao que vive o MESS, no que tange à sua dimensão teórico-metodológica e escolha pelo referencial no método em Marx. Trabalhamos com a hipótese de que este elemento explica o pouco trato que as pesquisas de TCC estudadas deem a questão de suas escolhas pelo materialismo histórico-dialético. Não queremos, necessariamente, afirmar que se trata de interpretação equivocada por parte das estudantes pesquisadoras, uma vez que este não constituiu direta e objetivamente, nosso foco de análise; mas através da pesquisa, podemos afirmar que se trata de indícios de pouca apropriação no processo de realização de pesquisa, bem como de pesquisa tendo por base, esse referencial pautado em Marx.

Hoje me pego refletindo o quanto falamos da ENESSO/MESS ao abordar o PEP. Isso é preciso ser bem dimensionado, pois não pode ser mero formalismo falar das “entidades”. Entidade por si mesma não quer dizer “garantia” nem promessa de materialização do PEP. Mas certamente que, mesmo um pretense formalismo (visto em falas de mesas, artigos, etc) indica que esse sujeito “conquistou” o seu protagonismo, legitimou o seu papel – ainda que esse papel esteja em xeque, ameaçado, etc.

Muitas vezes, me pego me perguntando o que nós temos de “concreto” sobre o papel do MESS no movimento de reconceituação. É bem interesse ver relato de sujeitos da pesquisa, que contribuem com apontamentos a partir de sua realidade – estudante de SeSo em instituição privada e militante.

[Sobre contexto político da FaC] Lembro que em 2009 iniciamos um processo de “greve” para debatermos o processo avaliativo [...]. Ai você imagina o primeiro curso de Serviço Social com apenas sete meses e já com o CA fundado e eleito, com as três salas existentes na época, uma turma pela manhã e duas à noite, já se articulam e mostram força dentro da IES que tem dono, uma audácia. Lembro que algumas pessoas falaram: “Aqui não é a UECE não” como se na Faculdade privada não poderíamos abrir um debate ou uma reunião com a Direção da Faculdade para discutir uma coisa ou outra, com algumas ações do CA que demonstrou maturidade e crescimento, proporcionou um fortalecimento do movimento estudantil e credibilidade, respeito dos professores, direção e estudantes. [...]

[Sobre perfil de estudantes] Outro grande desafio foi a preocupação de trabalhar uma formação política em estudantes que trabalhavam e que não tinham uma vivência de militância política-estudantil e nem política-partidária, então passamos a nos preocuparmos com encontros de formação política e filmes de debate teórico e profissional, com a compreensão do papel dos estudantes e do Centro Acadêmico, assim foi possível uma transformação de muitas ideias em realidades. (Integrante da I Gestão do CASS-FaC). (MICHILES, 2014, p.125).

Como o próprio Marcelo complementa:

[Na] terceira gestão, Gestão Consciência para Lutar! 2012-2013, o CASS criou seu primeiro grande projeto como resultado de um processo teleológico de muitas discussões, reuniões, organização e debates, o I Curso de Formação Profissional e Política, com o apoio de pesquisadores, docentes, sujeitos dos movimentos sociais e sociedade civil. Tal projeto surgiu pela necessidade de buscar mecanismos de reforço para uma formação profissional de qualidade, trazendo os/as estudantes aos espaços de debates que contemplem uma compreensão teórico-política do MESS. Estimulando a reflexão crítica acerca do projeto ético-político profissional do Serviço Social, proporcionando uma análise teórico-metodológica da importância do MESS. (p.127 - OBS: não sabemos como se deu a transcrição das falas, então pode ocorrer inconformidade da pontuação nos textos; contudo, respeitamos a citação em sua forma literal).

Muito interessante esses relatos que nos apontam a possibilidade concreta de desenvolvimento de ação política mesmo em um espaço com menores condições de atuação. Marcelo afirma que:

De acordo com Cordeiro, Kluwen e Michiles (2012), foi apenas no ano de 2010, no dia oito de novembro, através da Gestão Remando contra a Maré [...] que observamos o início de uma elevação política [...]. A política da qualidade da formação profissional foi a bandeira desta gestão, que conseguiu articular diversas parcerias de estágios para os/as estudantes e que também colocou mais em pauta a discussão sobre o projeto avaliativo da FaC, que contava trinta e seis provas por semestre. [...] Nesta realidade complexa de avaliações, não há uma absorção profunda e qualitativa de todos os conteúdos e disciplinas estudados. (MICHILES, 2014, p.127, 131)

Ou seja, o movimento foi se radicalizando, e Marcelo vai mostrando o quanto os estudantes participaram de/protagonizaram construções políticas importantes, não só “dentro” como “fora” da universidade:

Na atual gestão “A Luta Não Para! (2013.2-2014.1), passamos por um excelente momento dentro do contexto do Movimento Estudantil, em que tivemos uma gestão que vivenciou um processo de formação política interno intenso de seus integrantes mais presentes e participativos, com reuniões semanais de organização das lutas, debates e atividades, resultando que a militância de vários integrantes foram além da militância do ME e do MESS da FaC, como a participação de integrantes da entidade em espaços como: a Frente Cearense em Defesa do SUS e Contra a Privatização da Saúde; participação e criação com outros sujeitos do Fórum em Defesa do SUS e Contra as Seleções Públicas; criação do Comitê do Fórum Permanente do Passe Livre da Faculdade Cearense e comunidade. Além disso, o CASS-FaC alcançou um alto nível de maturidade política e de projeção nacional como entidade estudantil dentro do contexto de uma faculdade privada, em um curto espaço de tempo, se posicionando sempre de forma crítica e comprometida com a construção de um outro projeto societário e com uma presença política muito forte, inclusive nos encontros de estudantes da categoria, encontros que até pouco tempo atrás não participávamos nem conhecíamos [...]. (MICHILES, 2014, p.129-130).

É até um pouco “assustador” perceber que existe trabalho político na história do MESS em instituições privadas. Porque ler o trabalho de Marcelo é se defrontar com essa realidade. Não podemos dizer que não histórico de lutas em IES dessa natureza. Existe ainda potencialidades! Latentes.

Algumas ações da gestão foram dar continuidade à gestão anterior, como: realizar o II Curso de Formação Política e Profissional do CASS-FaC (tendo como um dos palestrantes o doutor em Serviço Social Marcelo Braz Moraes dos Reis); continuar fortalecendo a participação política nos colegiados do curso; e a recepção dos calouros, que já ocorre a quatro semestres seguidos em todas as turmas ingressantes do Serviço Social. Ademais de todas estas atividades, o CASS-FaC deu sua contribuição, apoio e solidariedade às lutas sociais, como: a greve das estaduais; na ocupação do Cocó; nos atos contra a copa; e nas lutas do passe livre na cidade. O CASS-FaC promoveu o I Ciclo de Debates, levando temas atuais e polêmicos, como: legalização do aborto, legalização das drogas, questão LGBT, maioridade penal. O CASS-FaC conseguiu, também nesta gestão, espaço físico no Campus I para se organizar, realizar suas reuniões e atividades. Também foi nesta gestão que se tentou avançar na discussão do ENADE, na qual a gestão defendeu seu boicote por não legitimar o processo. (MICHILES, 2014, p.131).

Mas não podemos romantizar; a realidade é bem mais dura:

Todo este trabalho e empenho teve suas respostas por parte da instituição, com diversos enfrentamentos à liberdade de atuação do CA e uma série de reuniões para prestar satisfações, como a reiterada arrancada de comunicados do CA, seja do mural, como das salas, o que resultou em termos delimitado um lado do mural para o CASS-FaC e ao MESS. (ibidem, p.132).

Como desafios, para o MESS, Marcelo aponta: tensões e limites na relação entre estudantes em luta e instituição privada (perspectiva empresarial); “falta de participação” de estudantes; descontinuidade de ações em gestões; sobrecarga de “deveres de estudante, que muitas vezes também são trabalhadores, além de estarem em processo de estágio, algumas vezes é pai ou mãe também e tem papel importante no sustento da família”; “falta de cultura de militância”; pouco tempo de socialização na faculdade (ibidem, p.132).

As entrevistas realizadas por Marcelo revelam uma experiência política que me faz viajar e pensar em estar dentro dessa escola. Fico pensando no movimento vivendo e revivendo por meio das alunas, a história se criando e recriando; conhecemos 25 sujeitos, que revelam suas histórias e evidenciam como o MESS desempenha um papel significativo para a profissão.

Quanto ao papel do Centro Acadêmico e do movimento estudantil, as entrevistadas destacam a importância que têm na defesa de direitos; em dar visibilidade às reivindicações; democratizar a construção do curso de Serviço Social; de formular críticas às práticas de aparelhamento político-partidário; defesa da articulação com um projeto societário antagônico ao do capital; defender uma formação profissional crítica enfrentando a precarização do ensino e a importância da articulação com outros movimentos sociais.

De forma minoritária, mas presente nas falas, identificamos algumas leituras de estudantes que atribui ao CA e ao ME um papel democrático representativo e de mediação de conflitos. Dessa forma, percebemos que as contradições convivem na dinâmica do MESS e há disputas em torno da direção sociopolítica - de forma consciente ou inconsciente, persistem forças que a tensionam.

De acordo com o autor, 96% dos sujeitos de pesquisa avaliam que o Centro Acadêmico de Serviço Social da Faculdade Cearense (CASS-FaC) os representa e contribui na formação profissional, como apontam as falas:

“O CA tem se preocupado em fortalecer o conhecimento político, tem se colocado à disposição na luta de um projeto educacional que sabe as necessidades da comunidade estudantil, tem participado

ativamente das lutas em defesa de um projeto societário diferente.” (7º semestre, noite, feminino, 32 anos).

“O CA de fato me representa, pois é um CA que embora esteja na instituição privada, está atento para discussões totalizantes, lutando por educação universalizante, universidade popular. Principalmente, é um CA que não tem como fim o espaço físico da FaC e sim o cotidiano da cidade.” (6º semestre, manhã, feminino, 36 anos).

“Após o ingresso no ME minhas ideias e visão do mundo mudaram, pois comecei a me engajar nas lutas dos estudantes e com o tempo fui amadurecendo e acabei entrando no CA para dar continuidade às lutas em prol de melhorias.” (8º semestre, noite, feminino, 27 anos).

“Após o ingresso no ME minhas ideias e visão do mundo mudaram, pois comecei a me engajar nas lutas dos estudantes e com o tempo fui amadurecendo e acabei entrando no CA para dar continuidade às lutas em prol de melhorias.” (8º semestre, noite, feminino, 27 anos). (MICHELIS, 2014, p.145, 148, 149).

E não obstante, há ainda uma reivindicação por maior criticidade na formação, como aponta uma estudante do 7º semestre do curso/manhã, sexo feminino, 28 anos: “É preciso de mais cursos de formação política, pois não temos esta noção nas disciplinas obrigatórias da faculdade, ainda é dada de forma muito superficial.” (p.152).

Como anexo, há várias fotos conforme identificadas nas legendas: registros do período eleitoral, com membros das várias chapas concorrentes ao CA, posse de gestão, dos cursos de formação política (um deles, com o prof Marcelo Braz, referência para debate sobre o PEP, política e SeSo), assembleias, palestras, oficinas de cartazes, participação de estudantes da FaC em encontros do MESS, recepção de calouros, “Encontro das Escolas”, artes convocatórias do CA para atividades, ato político em prol de melhorias na instituição, “trotos” (p.180-187).

Sobre o trote, um dos sujeitos de pesquisa entrevistado aponta:

[..] realizamos por três vezes o Trote Social onde arrecadamos alimentos para uma organização e em troca tínhamos uma palestra de um profissional sobre a atuação do Assistente Social e sobre a entidade, o trote social colaborou com algumas instituições como o Lar Torres de Melo, Centro Espiritual Uirapuru dentre outras. Para contribuir com a sociedade o CASS parcerizou em 2009 com o HEMOCE para que dentro da IES privada ocorresse um grande processo de cidadania onde ocorrem as doações de sangue dos estudantes, este evento também pensado por nós para contribuir com o movimento estudantil e com a sociedade. (p.125).

Essa é uma forma de se buscar construir uma alternativa às “tradicionais” práticas de trotes que tem ocorrido, de forma bastante violenta.

Outra dimensão importante da pesquisa diz respeito à possibilidade de conhecer mais referências sobre o tema, as quais não localizamos em levantamentos que fizemos na *internet*.

- CHAGAS, Samuel Britto das. Concepção e Papel do Movimento Estudantil: uma reflexão necessária. UFLA: Lavras, 2006. Trabalho de Conclusão de curso. Curso de graduação em Serviço Social. (Extraído das referências utilizadas por Michiles, 2014).
- CORDEIRO, Marisa Albuquerque; KLUWEN, Emilie Collin Silva; MICHILES, Marcelo Matos. Movimento Estudantil de Serviço Social na Faculdade Cearense: a militância entre a necessidade e a liberdade. Seminário Nacional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social. Fortaleza, 2013. (Extraído das referências utilizadas por Michiles, 2014).
- KLUWEN, Emilie Collin Silva; SILVA, Isalenny Gonçalves da; VIEIRA, Tamiris Gomes Diniz. A Contribuição do Movimento Estudantil na formação política e profissional dos discentes de Serviço Social da Faculdade Cearense. Seminário Nacional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social. Fortaleza, 2013. (Extraído das referências utilizadas por Michiles, 2014).
- OLIVEIRA, Renata Priscila; RIBEIRO, Ana Camila; SILVA, Samuel Germano Moreira. A transitoriedade do Movimento Estudantil e o Trabalho de Base: Desafios para o enraizamento da ENESSO nas Unidades de Formações Acadêmicas Privadas. Seminário Nacional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social. Fortaleza, 2013. (Extraído das referências utilizadas por Michiles, 2014).

Quanto à expressão poética, Marcelo inovou ao anexar poemas de sua própria autoria, os quais apontam que, apesar da diversidade de formatos identificados, todos os TCC's são marcados pela dimensão artística, revelando este imbricamento do MESS com formas de objetivação humana muito sensíveis.

Em suas considerações finais, a poesia segue presente, como forma de denúncia, em um provocativo chamado do autor, que faz apontamentos críticos que endossam a importância do MESS, em suas particularidades na FaC:

O que fica nesta pesquisa é a necessidade de ampliar as lutas e resistências coletivas do MESS da FaC, através do MESS-FaC e do CASS-FaC enquanto instrumentos legítimos de organização dos/as

estudantes, sem peleguismo. E ampliar a análise e entendimento destes instrumentos de luta e organização coletiva (ME e CA) como defesa do Projeto Ético Político e de uma formação crítica e comprometida com a classe trabalhadora e de construção de uma outra sociabilidade no cotidiano e nas mentes e corações de estudantes e Assistentes Sociais. Ficam também outros questionamentos que surgiram durante a pesquisa, como de o que fazer para se aproximar ainda mais dos estudantes, como os espaços de debate e discussão do ME podem sair do espaço fora da sala de aula e também adentrar o cotidiano da instituição, assim conseguindo chegar naqueles que não podem participar ou até mesmo não querem, na perspectiva de uma ampliação do despertar político para todos os sujeitos deste curso. Assim como de que forma lutar para que uma formação crítica e comprometida no Serviço Social não seja papel apenas do ME e sim, preferencialmente, das IES privadas, que têm este papel formativo de todos os estudantes e de estarem em consonância com o PEP. Por fim, fica o desejo de que esta pesquisa, que já representa um acúmulo dentro do ME da FaC, signifique um processo de maturação intelectual e prático de participação na produção anterior de dois artigos sobre o ME da Fac (2012 e 2013) e de vivência e militância em duas gestões do CASS-FaC, sirva para outros sujeitos que desejem pesquisar sobre o ME, assim como para outros militantes que desejem se apropriar da temática. Que permaneça cada vez mais viva a memória do MESS da FaC, fortalecida com esta monografia e com os relatos de seus estudantes, para salientar que é possível sim fazer um ME combativo dentro das IES privadas, mais do que preciso, é necessário, **é necessário gritar, pela necessidade de não calar.** (p.158-159, grifos nossos).

Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Geórgia Patrícia Guimarães dos Santos, Tamiris apresenta uma discussão que também consolida importante contribuição neste debate. Com o título “A gente quer ter voz ativa e a nossa luta tocar: o encontro das escolas e sua contribuição para o Movimento Estudantil de Serviço Social”, a autora apresenta em seu TCC um debate que também aparece nos demais TCC's publicados em 2014 (de Michiles e Oliveira): o Encontro de escolas organizado no estado do Ceará. Ela constrói uma ênfase na análise em torno de uma experiência que permitiu o fortalecimento de várias entidades de representação estudantil de Serviço Social, inclusive privadas.

Nos valem de reflexões de Marcelo, que nos apresenta informações que contextualizam essa prática do Encontro das escolas que se instituiu em nível estadual (no Ceará), embora ela não seja prevista no Estatuto da ENESSO.

Este espaço foi criado a partir de uma conversa minha com uma então estudante da Ratio, Juliana Ribeiro, militante do Movimento Estudantil de Serviço Social de sua escola, e da necessidade que víamos de fortalecer o estreitamento de laços entre os/as estudantes das IES privadas de Fortaleza e RM, na perspectiva de unir e qualificar o nosso ME. A partir de então, entramos em contato com os representantes da

ENESSO de nossa região, no caso: Inaê Soares e Sijone Oliveira, para as articulações necessárias para que o espaço fosse possível. Hoje, este espaço é usado para além de espaço de sociabilidade e vivência entre as escolas. Ele também é utilizado para formações abertas para todos/as estudantes, nas quais se debate o que tem se discutido nos encontros estudantis (movimento estudantil, conjuntura, cultura, combate às opressões, universidade, formação profissional). É um espaço rotativo, que a cada encontro se dá em uma escola diferente, ou em espaços públicos e já se planeja construir no próximo semestre o I Encontro Cearense de Serviço Social (ECESS). (MICHILES, 2014, p.127-128).

Essa importante iniciativa nos convida a refletir sobre a importância que uma análise da situação concreta vivida pelo MESS é que deve pautar suas formulações organizativas. E se, em razão da inexistência de parâmetros estatutários sobre encontros estaduais de escolas de Serviço Social, o MESS deixasse de ter tido essa importante experiência histórica? Seguramente, seria uma cessão ao burocratismo, que viria a cercear o desenvolvimento do próprio movimento.

Como isso, felizmente não ocorreu – mas ao contrário, se sucedeu por alguns anos e incidiu na formação de várias e vários profissionais cearenses – a pesquisa de Tamiris versa justamente sobre essa experiência.

contribuiu para a integração das escolas e a organização do MESS de Fortaleza e Região Metropolitana através do apoio à criação dos Centros Acadêmicos” (DINIZ, 2014, p.18-19), além de impactar diretamente no processo de formação (política e profissional) das estudantes da FaC e demais faculdades privadas, no período da pesquisa: Faculdade Terra Nordeste (FATENECAUCAIA), Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO), Centro Universitário Mauricio de Nassau (UNINASSAU) e Faculdade RATIO – todas, faculdades privadas.

Tamiris elencou os seguintes objetivos de pesquisa:

- a) compreender o Movimento Estudantil (ME) do Ensino Superior no debate dos Movimentos Sociais (MSs);
- b) analisar a trajetória de lutas do ME e, em específico, do MESS no Brasil;
- c) traçar a conjuntura política e econômica mundial a partir da década de 1970;
- d) analisar a contrarreforma neoliberal do Estado Brasileiro nos anos 1990 e as implicações para o ensino superior no país;
- e) resgatar por intermédio da pesquisa documental, entrevista semiestruturada e observação participante todos os dados possíveis relativos ao Encontro das Escolas de Fortaleza e Região Metropolitana durante o período de 2013.2 a 2014.1. (DINIZ, 2014, p.19).

A pesquisa de Tamiris não entra no debate sobre o referencial teórico adotado, algo que já mencionamos como uma tendência bastante presente nas demais pesquisas. Tal omissão se dá, contudo, em concomitância com o alinhamento do debate da autora com o PEP, ou seja, com a direção crítica da profissão.

Também há poemas no TCC de Tamiris, que cita a versão completa de “Dissidência ou a arte de dissidir”, de autoria de Mauro Luís Iasi. Não obstante, destacamos também a presença de versos de uma música - “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte” - o que a autora explica:

A escolha da música “Comida” do grupo Titãs expressa os significados da reorganização do capitalismo nos anos 1970 para os trabalhadores. Neste período há a emergência de uma crise estrutural e do neoliberalismo como um dos elementos dessa reorganização rebatendo em um cenário de aprofundamento das contradições fundantes deste sistema, de intensificação da exploração do trabalho e de regressão de direitos. Contexto de uma nova fase insaciável de acumulação capitalista, com a regressão dos direitos dos trabalhadores em um discurso manipulativo de que todos os rebatimentos nas condições objetivas de sobrevivência das forças produtivas são reflexos da crise e não de um projeto que visa buscar estratégias para reversão dos momentos de depressão do sistema. A música nos mostra descontentamentos, insatisfações e questionamentos acerca do que conquistamos como direitos e de que é preciso lutar cada vez mais. (DINIZ, 2014, p.55).

Encontramos uma informação interessante nos agradecimentos. Tamiris registra seus cumprimentos à várias pessoas, dentre elas, às que travou relações a partir do MESS. Identificamos o nome de Inaê Soares (p.06), quem conduziu pesquisa sobre o MESS em instituições privadas, no mesmo ano de 2014 – TCC este que constitui nosso objeto de estudo, o próximo a ser abordado neste capítulo. Depreende-se que a execução das tarefas de Inaê no MESS possibilitou um fortalecimento da formação de estudantes de escolas privadas na região. Inclusive porque, não se veem muitos trabalhos de estudantes de IES's privadas.

A autora comenta sobre a realização do Encontro das escolas, algo mais que ocorreu com caráter mais regional.

A integração do MESS da universidade pública e das [instituições de ensino superior] particulares ocorreu a partir do surgimento do Encontro das Escolas em 2012. Entretanto, ressaltamos a complexidade para resgatar a história do Encontro, uma vez que quase não existem documentos que possam atestar com precisão sua dinâmica de surgimento, e em decorrência do movimento ser de natureza transitória, muitos sujeitos que estiveram presentes em sua gênese, encontram-se atualmente afastados, tendo em vista que já estão graduados ou em processo de finalização do curso. (p.22)

Uma das principais dificuldades no decorrer da pesquisa foi encontrar documentos como atas, primeiro porque não se tem o costume de fazê-las e, segundo, porque quando as elaboram, geralmente fica na responsabilidade dos estudantes que no momento da Reunião se dispõem, mas que não há uma iniciativa de sistematizar e guardar esses registros. Então isso, é uma observação pertinente que deve ser feita aos movimentos sociais de forma geral e, ao próprio movimento estudantil que acaba secundarizando e deixando à revelia o registro documentado de sua atuação. (DINIZ, 2014, p.24).

Interessante que, aqui, evidenciam-se novamente os desafios para realização de pesquisas na área: transitoriedade dos sujeitos; dispersão/inexistência de documentos. Ou seja, esses são fatores já consolidados, que aparecem como constante nas demais pesquisas que estudamos. Em contrapartida, a pesquisa na área do MESS tem contribuído para fazer cumprir esse papel – creio que não chega a reverter o cenário, mas certamente, incide significativamente sobre ele.

Sobre o supracitado Encontro das escolas, no período pesquisado por Tamiris, houve participação de estudantes da Universidade Estadual do Ceará/UECE e de 04 instituições privadas: FaC; FATENE-CAUCAIA; UNINASSAU; FAMETRO e Faculdade RATIO Fortaleza, todas criadas a partir dos anos 2000 – como bem aponta a autora, no contexto de contrarreforma do ensino superior (DINIZ, 2014, p.22).

Sobre o Encontro das escolas, a autora explica que começaram ocorrer reuniões em 2012, buscando reunir escolas de Serviço Social próximas, no estado do Ceará. Em 2013, isso foi se consolidando; explica que ele pode ser análogo à um ELESS – o Encontro Local de Estudantes de Serviço Social (DINIZ, 2014, p.100), porém, reconfigurado para abarcar escolas de todo um estado, e não somente de uma cidade.

Em sua pesquisa, Tamiris entrevista estudantes das escolas privadas e nas falas, há muito destaque para o papel que interações sociais presenciais diretas tem cumprido. Isso é uma ponte para o debate sobre modalidades de curso (presencial x EaD. É por intermédio da conversa, do olhar, da troca que se cria e potencializa condições para que a mobilização ocorra, e ocorra de forma impactante. Vejamos:

[...] hoje em dia eu sei que a minha grade curricular ainda não é a ideal... Mas como eu sei? Porque eu sei que existe um problema, inclusive em outras faculdades que também passaram por esse problema e que eles conseguiram resolver... Resolveram como? Se mobilizando! Como é que eu ia saber que minha grade curricular não era ideal? Foi a partir daí...trocando essas informações no Encontro das Escolas [...]. (p.90, sujeito pesquisa Tamiris).

É nítido, nesse trecho o significado das atividades presenciais e seu potencial para as lutas sociais. Sobre formação política e seu significado, interessante que Tamiris recorre à algumas formulações de Guimarães, que são bastante presente nos próximos TCC's analisados também:

Para que o MESS não perca seu caráter de movimento social, de mobilização para as lutas, é fundamental a formação política de seus militantes. Compreendemos formação política como um processo no qual o indivíduo se percebe como ser histórico capaz de intervir nos rumos da sociedade. Perpassa a apropriação de conhecimentos teóricos e da prática política que instrumentalizem o sujeito para a análise da realidade e para a elaboração de alternativas visando à sua transformação. Portanto, a formação política é um aspecto complementar e indissociável do exercício da militância, justamente por ser indispensável na luta pela emancipação humana. “Compreende-se formação política como desafio de despertar nos(as) jovens o encanto pelo movimento político, com esperança na organização coletiva, na possibilidade de construção de ações políticas democráticas” (RAMOS, 1996, p. 133). Com esse horizonte, a necessidade de um processo sistemático de formação política dos(as) dirigentes estudantis estaria vinculada, de acordo com Ramos (1996), à enorme dificuldade de articulação das entidades de base (Centros e/ou Diretórios Acadêmicos); ao número limitado de indivíduos que estão preocupados com a coletividade; à baixa renovação dos(as) dirigentes; e à falta de discussão política sistemática entre os(as) dirigentes das entidades estudantis e o conjunto dos(as) estudantes. Embora exista um esforço dentro do MESS para estar, constantemente, fomentando espaços de discussão entre os(as) estudantes, por meio da promoção de debates, oficinas e cursos, várias fragilidades podem ser identificadas no campo da formação teórico-política da militância do movimento estudantil, com ênfase para o fato desta vir se dando muito mais no plano individual do que coletivo, considerando ainda a transitoriedade da condição estudantil. Realmente a dinâmica do Movimento Estudantil (ME) no sentido da rápida rotatividade de suas lideranças, decorrente do curto período de vinculação à universidade, muitas vezes, reflete em uma certa imaturidade política das lideranças estudantis, porém, este é um aspecto que apenas reforça a necessidade da formação, que é de suma importância para a construção da consciência política. O papel da formação no processo de construção da consciência é demonstrado pelo fato da formação significar um momento teórico da prática política, que consiste na socialização da teoria acumulada, relacionando-a com um contexto concreto e, desse modo, incorporando-a como um novo horizonte para futuras ações do movimento. Com relação ao MESS, a fragilidade no campo da formação política é ainda maior quando se refere às escolas privadas, o que não é ausente de determinações. (GUIMARÃES, 2014, p.70-71).

É uma longa citação, mas acreditamos necessária para nos deter sobre alguns aspectos desta reflexão. A pesquisa e a produção de conhecimentos têm sido ferramenta primordial para o trabalho de base, ou seja, de formação teórica para o

conjunto dos sujeitos das lutas no MESS. Elas constituem o campo da instrumentalidade do Serviço Social, mais especificamente, no campo da formação profissional. Com a realização de pesquisa, é possível formular estratégias mais consolidadas para atuação do MESS, por exemplo: como identificar quantas escolas de Serviço Social existem nos estados, nas regiões, no país? Como saber suas respectivas naturezas acadêmica e jurídica, número de matrículas e de concluintes? Conhecendo os recursos utilizados nas próprias pesquisas (como o sistema E-MEC), o MESS pode fazer mapeamentos com aporte científico para planejar sua ação política.

Destacando a particularidade das questões tratadas pelos sujeitos entrevistados na pesquisa vinculados às IES's privadas, o fortalecimento criado a partir do Encontro das Escolas é fundamental. Este dado evidencia o quanto os encontros entre escolas próximas acabam facilitando a possibilidade de participação. São mais potentes para viabilizar um vínculo com a ENESSO. A proximidade territorial média a criação de uma identidade com o MESS, abrindo caminho para um processo de pertencimento, dando sentido e significado para sujeitos construírem o MESS como protagonistas.

[O encontro das escolas] não vai ser um encontro qualquer, mas é onde a gente vai fazer repasse às vezes de um problema que a gente está passando na própria instituição, mas a gente vai também fazer um espaço formativo, um espaço deliberativo, então eu vejo sim o Encontro das Escolas como um espaço que consegue fortalecer e dar uma maior ênfase a isso, se tratando de Movimento Estudantil de Serviço Social aqui no Estado, porque por mais que a gente não tenha esse contato com as escolas que estão mais distantes, a gente consegue manter esse vínculo com as escolas que estão participando [...]. (Sujeito pesquisa, DINIZ, 2014, p.101).

Fica explícito a particularidade das lutas do MESS nas escolas privadas, recorrendo à voz dos sujeitos entrevistados.

Em seu TCC, Tamiris constrói um percurso marcado por importantes explanações sobre aspectos teórico-conceituais, no campo dos movimentos sociais e da profissão. Destacamos algumas delas:

Segundo a tradição marxista, as “lutas sociais” gerais são consideradas derivações, manifestações, desdobramentos específicos das “lutas de classes”, e delas constitutivas, “[...] na medida em que as questões específicas em torno das quais se organizam e lutam são entendidas como manifestações variadas da central ‘questão social’ (fundada na contradição capital-trabalho) (MONTAÑO E DURIGUETTO, 2011, p. 118 apud DINIZ, 2014, p.35).

Importante elucidação, que ela também realiza com relação à diferença entre movimento social e mobilização social, ainda com base em Montañó e Duriguetto. Uma outra contextualização fundamental é feita a partir de citação de Chauí:

A baixa qualidade do ensino público nos graus fundamental e médio tem encaminhado os filhos das classes mais ricas para as escolas privadas e, com o preparo que ali recebem, são eles que irão concorrer em melhores condições às universidades públicas, cujo nível e cuja qualidade são superiores aos das universidades privadas. Dessa maneira, a educação superior pública tem sido conivente com a enorme exclusão social e cultural dos filhos das classes populares que não têm condições de passar da escola pública de ensino médio para a universidade pública. Portanto, somente a reforma da escola pública de ensino fundamental e médio pode assegurar a qualidade e a democratização da universidade pública. A universidade pública deixará de ser um bolsão de exclusões sociais e culturais quando o acesso a ela estiver assegurado pela qualidade e pelo nível dos outros graus de ensino público. (CHAUI, 2003, p.13 apud DINIZ, 2014, p.37).

Essa fundamentação é construída como elementar para a abordagem das particularidades do MESS, e em especial do MESS no âmbito das faculdades privadas. Além do mais, sobre a relação entre o MESS e a UNE, a autora também nos possibilita compreender os termos desta polêmica articulação, com aporte à mesma obra, que compõe a biblioteca Básica do Serviço Social:

Dos anos 90 até a cena contemporânea, uma das principais divergências do ME e especialmente do MESS, diz respeito a UNE, pois sabemos que existe uma crise de representatividade com a entidade, inclusive alguns grupos políticos argumentam que ela não representa mais os interesses estudantis, caracterizando-se como governista, burocrática e convergente com a reforma do ensino superior promovida no governo FHC e fortalecida no governo de Lula, a partir de 2003. A UNE juntamente com a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) estão lideradas pela União da Juventude Socialista (UJS) coletivo de juventude do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) presente no ME e Partido dos Trabalhadores (PT), no qual o segundo promoveu o novo ciclo da reforma universitária e o primeiro se manteve favorável. [...] Diante disso, há uma grande tensão no ME por aqueles que defendem a ruptura com a UNE e propuseram a construção de uma alternativa de entidade estudantil. Inclusive, criaram em 2004 a Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes (CONLUTE) e, em 2009, a Assembleia Nacional dos Estudantes Livre (ANEL) e os que defendem a permanência da UNE e o fortalecimento de uma oposição interna (MONTAÑO & DURIGUETTO, 2011, apud DINIZ, 2014, p.49).

Vale a pena destacar que estas reflexões considerando que o TCC de Tamiris possui vasta e sólida fundamentação teórica. Ela faz notas de rodapé, explica conceitos, constrói análises pautadas em elementos históricos, situa o debate apresentado. Usa referências consolidadas nas áreas temáticas.

Quanto ao debate do REUNI, ela tece uma interlocução com importante referência do Serviço Social no debate das políticas sociais:

O objetivo do REUNI é levar as universidades públicas a atingirem a meta estabelecida no acordo assinado com o FMI, de inserir 30% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos nas universidades públicas e privadas até 2011. Essa meta seria louvável e é defendida por todo o movimento docente e discente. O problema é que essa proposta de expansão não está associada ao aumento do corpo docente e de ampliação de infraestrutura das universidades. Nesse sentido, a expansão quantitativa, sem as devidas condições, coloca em risco a qualidade da formação. O REUNI estabelece uma relação de 18 alunos por docente, afirmando que essa relação nas Universidades Públicas é de apenas 9. Registre-se que nenhum país do mundo tem tal relação, e que muitas das universidades brasileiras já atingem e mesmo superam essa relação, sobretudo após o acelerado processo de aposentadorias desencadeadas pelas reformas da previdência social. (BOSCHETTI, 2007, p.05-06 apud DINIZ, 2014, p.78).

Em suas considerações finais, a autora constrói um importante resgate de todas as suas referências utilizadas, sistematizando o campo de contradições que situa o seu objeto de estudo. Em particular, ela pontua:

A partir dos dados da pesquisa apresentados, podemos enumerar quatro contribuições do Encontro das Escolas ao MESS das particulares em 2013.2 a 2014.1: 1) integração desse movimento em nível de Fortaleza e Região Metropolitana; 2) fortalecimento de sua organização enquanto escola, fornecendo apoio a implementação de Centros Acadêmicos, que embora não se tenha dado em todas as instituições pesquisadas, somente nos casos da UNINASSAU e RATIO, uma vez que não foi possível estabelecer uma relação entre as entidades representativas do MESS da FaC, UECE e FAMETRO com o Encontro; 3) fortalecimento organizativo a nível de Região II, podendo ser verificada em decorrência de uma maior participação organizada nos encontros da ENESSO; 4) contribuição para a formação política e profissional dos militantes através das formações promovidas no espaço. (DINIZ, 2014, p113).

Destaca-se, portanto elementos fundamentais que constituem, podemos dizer, em apontamentos estratégicos para o MESS. Tanto, que na sequência, abordaremos mais um trabalho que enfatiza mais uma vez, a ação política de estudantes de Serviço Social na esfera das IES's particulares (com a pesquisa de Inaê Soares Oliveira, 2014).

Por fim, nas referências de Tamiris, encontramos a citação de um documento conhecido como “Caderno da ENESSO”, o qual data dos anos 2011 e encontra-se disponível *online* (<https://enessooficial.files.wordpress.com/2011/06/cadernoenesso-2011.pdf>). Mas, há também a menção a um outro “Caderno da ENESSO”, publicado em 2006. Desconhecemos este material, nos questionando se não se trata de uma

primeira edição, que teria sido revisada no ano de 2011. Seja o que for, está por ser evidenciado, reforçando a necessidade de se reunir os documentos físicos que são patrimônio propriamente dito da ENESSO, mas que têm também uma importância histórica e política para a profissão.

Tamiris anexa em seu TCC uma espécie de “ata” que contém registros sobre a realização do referido de uma das edições do Encontro das Escolas (p.125-126), além de 26 fotos destes espaços e 03 artes elaboradas como convites para chamar o MESS à compor o Encontro.

Como supracitado, este ano de 2014 é marcado pela publicação de mais um TCC – a pesquisa de Inaê Soares Oliveira, orientada pelo Prof. Dr. Estenio Ericson Botelho de Azevedo, no âmbito da UECE, intitulada “A contribuição do movimento estudantil na formação política e cultural dos/as estudantes de Serviço Social”. A discussão “salienta a importância do movimento estudantil no ensino superior, em particular, nas instituições privadas.” (OLIVEIRA, 2014, p.08).

“O interesse neste tema surgiu das indagações vivenciadas cotidianamente no Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) [...]. Veio também através das reflexões e questionamentos possibilitados pela vivência em duas gestões no Centro Acadêmico Livre de Serviço Social (CALSS) e na participação na Coordenação Regional da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) (2012-2013) [...]” (*ibidem*, p.16).

Os desafios da atuação do MESS no âmbito das IES's privadas foi confrontado por uma experiência política de sujeitos que viabilizaram, em meio às contradições, possibilidades de resistência e construção de alternativas à ordem. O trabalho de Inaê soma-se aos de Marcelo e Tamiris, acrescentando elementos sobre a experiência de participação da pesquisadora na construção da Coordenação Regional da Região da II da ENESSO.

O interesse neste tema surgiu das indagações vivenciadas cotidianamente no Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS) [...]. Veio também através das reflexões e questionamentos possibilitados pela vivência em duas gestões no Centro Acadêmico Livre de Serviço Social (CALSS) e na participação na Coordenação Regional da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) (2012-2013), sendo esta última vivência imprescindível para este trabalho, pois possibilitou **visitas nas IES privadas** e trocas dialógicas com os sujeitos participativos ou que tinham intenção de participar do MESS nessas IES. Outros espaços que contribuíram para o interesse no tema foram os debates e as participações nos encontros e nas reuniões do MESS [...]. (OLIVEIRA, 2014, p.16-17, grifo nosso).

A autora segue explicitando o contexto em que começa a pesquisar o tema e, evidencia que, foram justamente as limitações postas que, analisadas criticamente, mobilizaram-na para o enfrentamento.

Neste sentido, os principais questionamentos perpassaram sobre as reais possibilidades da ENESSO e do MESS de contribuírem para a construção e o acúmulo político dos/das estudantes no interior das IES privadas. Vale ressaltar que esse acúmulo deveria ser baseado na apreensão dos valores, legitimados pelo Projeto Ético-Político defendido pela profissão, e ter como horizonte último contribuir para a construção de outra sociabilidade. Essas inquietações se intensificaram ao visualizar a manutenção internacional e hegemônica da ideologia neoliberal; o avanço das teorias pós-modernas que apontavam para o fim da história, para o escamoteamento da luta de classes e para a desqualificação dos processos emancipatórios; a impactante e recorrente criminalização dos movimentos sociais; o reducionismo do direcionamento das políticas sociais ao caráter emergencial e focalista; a flexibilidade e a liquidez no mundo do trabalho; a privatização e mercantilização de direitos sociais; e a descrença nas lutas coletivas.” (ibidem, p.17).

No campo de um debate crítico, Inaê nos situa a pesquisa a partir de um panorama mais amplo, de mudanças estruturais no mundo e no Brasil, para em seguida, trata do contexto do ensino superior brasileiro. Posterior à tais reflexões, ela adentra o debate mais específico quanto ao MESS nas IES's privadas.

A problematização sobre a contribuição do MESS nas IES privadas veio no sentido de que compreender como estava se dando a formação dos/as estudantes e militantes nas IES privadas, pois se pressupunha que a formação poderia não estar corroborando com a defesa dos valores legitimados pelas entidades representativas do Serviço Social. Vale destacar que não cabe aqui julgar as IES privadas, mas questionar e refletir sobre as contradições inerentes ao modo de produção capitalista, as legislações que propiciam a mercantilização da educação e a possibilidades de atuação do ME na perspectiva de se contrapor a determinadas situações presentes nesses estabelecimentos e em defesa de outro projeto de sociedade, baseado na liberdade e emancipação humana. Outro questionamento importante foi guiado para apreender como os estudantes das IES privadas entendiam e percebiam a perda da dimensão da garantia de direitos, sendo eles mesmos sujeitos que foram cerceados de seu direito à educação, como isso poderia repercutir nas suas análises sobre as políticas educacionais desencadeadas nos últimos anos e como esses estudantes visualizavam sua formação: ela está sendo direcionada para os valores comprometidos com as transformações sociais ou engajada na perspectiva de reprodução da ordem vigente? um dos espaços iniciais para a constituição de formação política cidadã dos estudantes.” (p.17).

É de suma relevância elencar que, de algum modo ou de outro, todos os trabalhos parecem partir de um pressuposto, elaborado por Inaê, segundo o qual

O debate sobre a relevância do Movimento Estudantil (ME) na contemporaneidade e quais as contribuições deixadas por este na formação profissional e pessoal dos seus participantes exige uma explanação que vem da necessidade de desvendar onde está inserido esse movimento e em que cenário econômico, político, social se encontram as universidades brasileiras na contemporaneidade. (OLIVEIRA, 2014, p.15).

Isso nos parece indicar que, apesar de não ser anunciado de forma expressa nos TCC (e nos demais, em geral) que o referencial teórico adotado é o hegemônico na formação profissional em Serviço Social, que sustenta o PEP. Vejamos com a própria autora discorre a respeito de sua perspectiva:

A intencionalidade desta pesquisa foi contribuir com a produção teórica e registro histórico do MESS e para a construção de espaços contra-hegemônicos. Dessa forma, compreende-se que a metodologia utilizada se baseia na direção escolhida pelo pesquisador que juntamente à sua carga histórica e com suas vivências sociais, teóricas, políticas e criativas, trilha os caminhos que podem lhe aproximar do objeto estudado. Esta pesquisa estabelece que o objeto pesquisado, por ser de caráter social e histórico, é dinâmico, multifacetado e jamais se esgotaria na análise temporal e espacial. (ibidem, p.18).

Percebemos aqui, o percurso da pesquisadora, que vai compartilhando suas intenções:

Na fase exploratória, esta pesquisa se baseou em análises documentais e bibliográficas de livros, artigos, documentos históricos, pesquisas monográficas, dissertações e teses, tendo como horizonte compreender a relação entre conjuntura, ensino superior e ME. [...] Já no processo de tentativa de apreender temporal e, especialmente, a dinâmica da realidade a qual se desejava pesquisar, ou seja, os/as militantes do MESS nas IES privadas, foi que se construiu um instrumental para traçar o perfil econômico e sociocultural dos/as estudantes/militantes entrevistados, a partir de entrevista semiestruturada com nove estudantes [...]. Outra técnica também utilizada neste trabalho foi a de participação observante. [...] a dinâmica do MESS é tão veloz que a cada nova entrevista realizada surgia necessidade de compreender outros elementos e outras dimensões. Ao final das entrevistas, já havia a necessidade de se realizar outra pesquisa. Porém, os elementos que surgiram na realização desta exigiram uma maior explanação e maturação.” (OLIVEIRA, 2014, p.18).

Dos TCC's pesquisados, o de Inaê inaugura o foco de análise sobre o MESS a partir da realidade de IES's privadas – ao considerarmos o objeto de estudo das pesquisadoras vinculadas às instituições públicas. As IES's privadas, apesar de constituírem a maioria quantitativa na oferta de vagas no país, não é o centro em torno do qual se identificam, comumente, práticas de investigação científica, no debate do

MESS. Isso requer é claro, um debate no campo da reforma do ensino superior brasileiro e as tensões entre o público e o privado na educação.

Inaê também constrói um debate que prioriza a “cobertura” de lacunas deixadas pelos outros TCC’s, contextualizando que “[...] o reconhecimento da primeira universidade no Brasil se deu de forma tardia, somente em 1920, se comparado a outros países da América Latina, em 1538.” (ibidem, p.13). A vinda da família real para o Brasil é um marco histórico que reconfigura a dimensão da qualificação da força de trabalho, mas “[...] foi apenas no período republicano, mais precisamente no governo de Getúlio Vargas, que se definiu o primeiro regulamento para educação no Brasil” (p.14). Ela também destaca o período da autocracia burguesa e suas incidências na esfera da educação, como os acordos entre o Ministério da Educação com a USAID (United States Agency for International Development), esta que “[...] propunha a retirada de disciplinas como filosofia e educação política por considerá-las obsoletas e perigosas ao desenvolvimento capitalista do país.” (OLIVEIRA, 2014, p.14).

A autora desenvolve um resgate sucinto sobre o histórico do ensino superior no Brasil, e então, menciona na sequência, a Constituinte em 1988, quando “[...] se legitimou a educação como direito social e um dever do Estado, o qual deveria assegurar seu caráter gratuito, laico, de qualidade e socialmente referenciado”, além de decretar “a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nas universidades.” (ibidem, p.14-15).

Entretanto, já na década de 1990 ‘coleccionamos derrotas’, como a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (1996), com um texto que abriu caminhos ao aprofundamento da mercantilização da educação (fazer uma citação para evidenciar). Assim ganha força o projeto neoliberal nesse período, conforme Inaê, com consequências que “[...] não se limitaram à educação e ao ensino superior, podendo destacar um controverso desmonte geral das políticas sociais brasileiras” (OLIVEIRA, 2014, p.15).

O item “*Da crise de 70 à hegemonia neoliberal: o impacto nas políticas sociais e na organização da classe trabalhadora*” do TCC de Inaê é um dos melhores resumos sobre o tema que encontramos nas pesquisas. Ela contextualiza de forma muito sintética, mas ao mesmo tempo, bem fundamentada, explicando a crise do Estado de Bem-estar social como estratégia de reestruturação produtiva após a crise de 1929 e, posterior à crise desse modelo, a consolidação do neoliberalismo, no qual a tecnologia e o conhecimento científico são redimensionados no sistema produtivo. E o que

chama atenção é que ela usa autoras que foram do MESS (a própria Behring, e outras contemporâneos, como Santos, Cavalcante). Isso mostra como nós contribuimos uns nas formações dos outros, mesmo em temas que não são “estritamente” sobre o MESS (além disso, importa dizer que isso não significa que estamos só repetindo o que outras estudantes pensam. A própria Inaê, afinal, se ancora no acúmulo dos clássicos - Iamamoto, David Harvey, Marx e Frigotto.

Para compreender o surgimento de alguns organismos responsáveis pelo receituário neoliberal que passam a ser hegemônicos mundialmente, faz-se jus contextualizar sua origem. Ainda na II Guerra Mundial começou a se gestar o acordo Bretton Woods (1944), que tinha como objetivo gerenciar, reconstruir e regulamentar o capitalismo em nível internacional. Esse acordo teve seu fim em 1971. Porém, foi dele que surgiram o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (BM), ambos criados em 1944 e atuantes de forma enfática ainda hoje. Esses dois órgãos multilaterais têm papel relevante na formulação, focalização, fragmentação e implementação das políticas sociais na contemporaneidade sob o viés neoliberal. Em 1989, o que ficou conhecido como Consenso de Washington, propôs-se a definir uma série de recomendações ou receituários baseados no avanço do capital em cenário neoliberal que tinha como objetivos privatizar as empresas estatais, reduzir os gastos públicos, incentivar a responsabilidade fiscal, os juros de mercado, o câmbio de mercado, garantir o direito à propriedade intelectual (patentes), abertura comercial e investimento estrangeiro direto, além de desregulamentar os setores da economia, do trabalho e reforma tributária. (OLIVEIRA, 2014, p.29-30).

Inclusive, consideramos oportuno destacar três elementos destacados como centrais nas mudanças do modo de acumulação capitalista no pós anos 1970; segundo Inaê (2014, p.28, são eles:

1. A reestruturação produtiva – modelo de acumulação flexível;
2. A influência ideológica neoliberal nos currículos educacionais (teorias pautadas na dimensão singular dos fenômenos, abolindo as análises macroeconômicas que pautam os fundamentos das classes sociais: pós-modernas);
3. A legitimação política da agenda neoliberal pelo Estado.

Isso em um contexto de (p.29) que condiz com a crise do socialismo simbolizada no fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e queda do muro de Berlim, na Alemanha, enfraquecimento do movimento operário e sindical no cenário de crescimento do desenvolvimento tecnológico (aumento taxa desemprego e contexto de instabilidade e insegurança, com demissões em massa).

No próximo item (*“As trilhas de um país complexo: o Brasil entre a política neoliberal e neodesenvolvimentista”*), Inaê situa as particularidades nacionais que nos constituem.

[...] a década de 1990 foi marcada pela (contra) reforma do Estado brasileiro, sendo essa reforma composta por elementos externos e internos. Entre os elementos externos, teve-se a exorbitante dívida com o Fundo Monetário Internacional, que vinha se acumulando desde 1950 com o governo de Juscelino Kubitschek (JK) e a discrepância entre a importação de bens industrializados e a exportação de matéria-prima, gerando taxas de inflações cada vez mais incontrolláveis. Segundo Behring (2008, p. 137), entre os aspectos internos estavam o desemprego, a crise dos serviços sociais públicos, o empobrecimento e a informalização da economia. Sendo assim, esse foi o fermento necessário “para a possibilidade histórica da hegemonia neoliberal em solos brasileiros”. Foi nessa década que se iniciou o ajustamento do Brasil aos condicionantes neoliberais, primeiro através do governo de Collor (1990-1992) e Itamar (1992-1994), depois do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), sendo este o responsável pela consolidação dos ditames e acordos internacionais sob o viés da política neoliberal, e, mais recentemente, através dos governos de Lula (2003-2006 / 2007-2010) e Dilma (2010-2014). (OLIVEIRA, 2014, p.30-31).

Acerca da educação, ela destaca que no início da década de 1990,

Estava na ordem do dia o projeto de consolidação do neoliberalismo no Brasil. E essa consolidação refletiu diretamente na educação das piores maneiras possíveis. O governo de FHC sucateou as instituições públicas e desresponsabilizou o Estado das demandas educacionais, principalmente do ensino superior. A educação passou a ser tida como um “bem público”, ou seja, de responsabilidade de todos e não apenas do Estado. Para conseguir respaldo nessas decisões, FHC se valeu da “formação de consensos [que] se deu na dimensão de satanizar o aparelho do Estado, na defesa ideológica de globalizar o país, além da tendência de privilegiar o privado e desqualificar o público” (CAVALCANTE, 2009, p. 79). Esse processo tem nítidas orientações no sentido de estabelecer o Estado mínimo para o social e máximo para o capital. (OLIVEIRA, 2014, p.32-33).

Na sequência, ela aborda a contrarreforma do Estado, conduzida por Bresser-pereira e que contou com um programa nacional de privatização, com venda de estatais (ibidem, p.33). Na sequência, com os Governos do PT, Inaê denuncia a não realização das esperadas Reformas de base, mas ao contrário: aprovação das contrarreformas da previdência e universitária; intensificação das Parcerias Público Privadas (PPP's); criminalização dos movimentos sociais com a Lei “antiterrorismo” (Lei 13.260/2016); financiamento dos organismos internacionais multilaterais (ibidem p.34, 38).

E o capítulo 3 da sua pesquisa é um “panorama do ensino superior no Brasil”, que inicia-se tratando do seguinte:

[...] desde os primórdios nosso país apresenta IES privadas, porém, sem caráter mercadológico, visto que essa característica só passou a ser legitimada através do arsenal jurídico da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) de 1996²³, dentre outras legislações consecutivas que acabaram por admitir a existência de estabelecimentos educacionais com finalidades lucrativas, distorcendo a condição de direito à educação superior pública, gratuita, laica, de qualidade e socialmente referenciada. (OLIVEIRA, 2014, p.40).

Assim, é importante dizer que “a reestruturação dos processos produtivos modifica a intencionalidade e estabelece reformas na organização da educação”, dando-se ênfase à educação técnica e profissionalizante com sufocamento da dimensão política (ibidem, p.42). Inaê pontua o papel da educação na sociedade burguesa e as disputas em torno dela. Fala do surgimento da universidade no Brasil como algo que veio para atender demanda de acesso à educação superior dos filhos de oligarcas, no início do século XX; expansão de faculdades isoladas e instituições universitárias após regulamentação legal na década de 1930; reforma universitária de 1968 durante autocracia burguesa, com o a modernização conservadora, com acordo MEC-USAID, PPP's e concessão de verba pública às IES's; com a abertura democrática, vem o reconhecimento da educação como direito social em 1988 na CF; ofensiva neoliberal a partir dos anos 1990 (FHC: educação como responsabilidade de todos, para além do Estado), com precarização, sucateamento, perda da qualidade, privatização com lucro, flexibilização (enxugamento), implementação EAD, focada na inserção no mercado de trabalho, abertura para fusões de IES's, à capital educacional na bolsa de valores e de capital estrangeiro nas IES do país; com Lula, reforçou-se as PPP's (FIES, PROUNI), mudou-se os sistemas de avaliação (SINAES-ENADE), deu continuidade ao EAD, investiu em IF's vislumbrando formação de mão de obra, REUNI com expansão precária e precarização do trabalho docente; Dilma segue esse processo, promulgando tbm ações para mobilidade internacional e o PRONATEC, cotas sociais. Depois, inicia discussão sobre rebatimentos desse cenário no Serviço Social, em que, a partir do governo Lula 01, evidencia-se uma massificação de IES privadas à distância (ibidem, p.67).

Quanto ao ME no Brasil, a autora faz apontamentos sobre sua dimensão histórica, tratando da diferenciação de classe do perfil de estudantes nos anos 1960 e na atualidade, com base em Foracchi e Tavares.

Sobre o “escopo” de atuação do MESS, Inaê traz contribuições analíticas que nos interessam fundamentalmente, ao dizer que, frente à emergência dos chamados “novos movimentos sociais a partir dos anos 1980, “o movimento estudantil, para não perder espaço, apropriou-se de diversas temáticas, incorporando-a na sua cultura política.” (OLIVEIRA, 2014, p.77).

O ME foi considerado até a década de 1960 o lócus da forte participação juvenil. No contexto contemporâneo, é inegável o aparecimento de novos espaços de participação e mobilização dos estudantes e das juventudes. Dessa forma, o ME se configura hoje, para muitos, como mais um desses espaços plurais e fragmentados, o que não quer dizer que não tenha força e relevância em alguns âmbitos da conjuntura atual do país, pois esse movimento tem um significado histórico importante no que consiste nas formulações de estratégias para reconhecimento de classe, para a formação de quadros políticos e para a construção e participação dos estudantes nas lutas gerais da sociedade e da universidade. [O ME] possui algumas características que parecem permanecer ao longo da história: seu caráter de formação política continuada e sua credibilidade enquanto um articulador com outros movimentos e atores sociais. Isso mostra o seu potencial de resistência e a sua legitimidade de propor novas concepções e significados de mundo, valores e ideologias. O ME se configura, sob essa mesma perspectiva, como um espaço de formação cidadã, formulação de opiniões e de acirradas disputas ideológicas, um espaço de socialização do saber, de organização da ação política e coletiva, possibilitando a reflexão crítica, bem como a incorporação de novos elementos culturais e a apreensão da dimensão coletiva, tão esvaziada de sentido na contemporaneidade. (ibidem, p.77).

Para a autora:

[...] compreende-se neste trabalho que Movimento Estudantil é todo e qualquer grupo de estudantes que se encontram em movimento em prol de algo. Essa movimentação pode ter diferentes motivações e também níveis de organicidade diferenciados. Dessa forma, corrobora-se com a definição de Silva (2008) de que Movimento Estudantil é todo e qualquer grupo organizado de estudantes em torno de objetivos políticos, culturais, acadêmicos, religiosos, entre outros. Corrobora-se também com a autora supracitada quando esta define que “o ME possui ainda um caráter político-acadêmico. Político porque defende valores, ideais, projetos de sociedade, visões de mundo e atua na sociedade para disputar e construir esses valores. Acadêmico porque possui uma vinculação com a academia, a universidade, faculdades etc” (SILVA, 2008, p. 52). [...] O Movimento Estudantil (ME), sob essa análise, está inserido nos Movimentos Sociais (MS), configurando-se junto a eles um movimento social. Pactua-se, assim, com a definição de Guimarães (2011, p. 28) a qual defere que “os movimentos sociais são expressões orgânicas do processo de construção de projetos coletivos a partir de uma consciência política. Referem-se à organização de um sujeito coletivo constituído por um grupo que compartilha identidades”. E com a de Silva (2008) que salienta que “o Movimento Estudantil se insere e pode ser reconhecido

como Movimento Social, justamente quando se caracteriza pelos aspectos fundamentais de protesto e contestação e não deixa de se afirmar como uma ação coletiva de caráter contestador” (SILVA, 2008, p. 52). Vale destacar que o ME tem enquanto MS suas particularidades apresentadas pela sua rotatividade e transitoriedade. (OLIVEIRA, 2014, p.79-80).

Interessante apontar que, em respostas dos sujeitos de pesquisa entrevistados pela autora, foram identificados relatos de transformações significativas dos sujeitos em razão de sua inserção no MESS, no que tange: à orientação sexual, pertença étnico-racial e religião. Além disso, também expressam notório processo de formação de consciência atrelada aos interesses de classe (assuntos ditos como polêmicos: “[...] questão da redução da maioria penal, da legalização do aborto, do casamento homoafetivo e da concepção de família [...] (ibidem, p.81).

Sobre estratégias de trabalho de base, foram relatadas a construção de:

[...] espaços de acolhida, principalmente, aos primeiros semestres, momento considerado de fundamental importância, pois é quando os/as estudantes recém-ingressos não sabem ao certo a dinâmica das IES's, sendo possível a partir daí visibilizar e incentivar a participação e construção do MESS.

[...] cursos de formação política e profissional, as semanas de Serviço Social, as palestras, os seminários, com temas diversos que perpassem a atuação do profissional ou a sociedade em geral, as tardes culturais, os saraus, a organização de ônibus para ida aos encontros. (OLIVEIRA, 2014, p.82).

A respeito das pautas de luta do MESS nas IES'S privadas:

As possibilidades do MESS para agregar estudantes passam pelas lutas cotidianas apresentadas pelas demandas endógenas das IES, o que não deixa de fazer parte do exercício político, porém, essas lutas não podem se limitar somente a melhorias infraestruturais, como foi identificado nas entrevistas dos/as militantes, como mais salas, estacionamentos, tomadas, banheiros, segurança. Esses debates devem ultrapassar as questões endógenas, atingindo discussões que debatam o direcionamento da educação no país, a condição da classe trabalhadora, dentre outras. Contudo, esse processo de amadurecimento das questões mais elementares à formação profissional e exercício de cidadania só é possível com a vivência cotidiana no movimento e o contato com outros atores sociais e coletivos. Os militantes estão construindo sua vivência no próprio fazer cotidiano, o que acaba não possibilitando um tempo maior para amadurecimento de determinadas questões. [...] Essa questão pode ser incentivada quanto ao valor das mensalidades. Todos os CAs das IES entrevistadas lançaram notas, fizeram reuniões, convocaram os estudantes para o debate com relação ao aumento das mensalidades. A dimensão de garantia material e objetiva da vida, advinda pelo salário, acaba por atingir toda a classe trabalhadora e também os estudantes e estudantes/trabalhadores, pois quando ocorre aumento nas mensalidades, atinge diretamente a condição de classe desses

estudantes/trabalhadores, que terão que dispor de maiores recursos para o pagamento daquilo que deveria ser garantido como direito, a educação. O mais interessante é que, nos relatos apresentados, foram os/as estudantes do curso de Serviço Social que puxaram o debate sobre as mensalidades em todas as IES, atingindo os demais cursos.) (OLIVEIRA, 2014, p.83).

As falas de estudantes também evidenciam que foi a partir da experiência nos encontros que “[...] vieram as necessidades de se articularem e de se organizarem coletivamente”. (p.84), como diz “Aroeira”:

Minha aproximação com o ME foi no ERESS de Juazeiro, em 2012. Foi quando tive o primeiro contato e foi a partir daí, e vendo outras realidades dos estudantes, que eu percebi que faltava alguma coisa na instituição na qual eu estudava. Antes, eu não tinha nenhuma noção, não tinha nenhuma participação, desconhecia a vivência. (ibidem, p.84).

A respeito da dimensão política na formação profissional em Serviço Social nas instituições privadas, os sujeitos de pesquisa evidenciam uma importante contradição:

Acho que foi tudo novo pra gente, que é até uma das dificuldades que eu vejo hoje, nas instituições privadas, muitas que estão se aproximando hoje do ME não têm uma cultura política, diferente de algumas universidades públicas, que já tem atuação de movimentos sociais, de partidos políticos na história do ME (JUAZEIRO).

É difícil você fazer um estudo sobre o ME nas privadas, nelas não há uma cultura de militância, na pública isso existe historicamente. E outra coisa, os movimentos sociais estão nas públicas, nas privadas não têm. E eu me aproximo daquilo que eu estou perto. Me aproximei do movimento porque está próximo de mim tanto no sentido ideológico como físico mesmo. Já pensou se aqui rolasse umas reuniões do MST, será que com o tempo as pessoas não iam se apropriando dessa discussão? Tem algumas coisas que estão distantes, os MS, em geral, não estão próximos das privadas (MANDACARU). (OLIVEIRA, 2014, p.86).

Estes apontamentos coadunam com a nossa crítica ao projeto de educação burguês. Ele é tecnicista, pragmatista. Não explora a diversidade de recursos no processo de formação dos sujeitos; seu foco não é emancipatório e sim de atendimento dos interesses restritos do grande capital. Afinal de contas, que esperar de uma assistente social que se envolve e/ou participa de movimentos sociais? De partidos políticos de esquerda? De sindicatos?

Outro tema que surgiu abordou as tensões internas na construção cotidiana do MESS. Inaê pontua:

No MESS, o saber e conhecimento do/ outro/a devem ser respeitados. Porém, esse é um campo difícil, e árduo, pois estabelece embates com o ego e pode culminar em desavenças, expressas pelas “picuinhas”,

que corroboram com a falta de análise e debate político dos/as militantes, caindo no que Gramsci chamaria de pequena política. (ibidem, p.87).

Interessante ela falar a respeito, pois essas situações ocorrem, de forma recorrente (devido a transitoriedade) no movimento. Aliás, estamos suscetíveis a ver e reproduzir isso em muitos espaços de construção política. Sobre o tema da formação profissional nas privadas:

Outro dado interessante desta análise diz respeito à relação do MESS com a formação profissional. Ressalta-se que uma das motivações para aproximação de grande parte dos/as militantes entrevistados foram os debates em sala de aula acerca da profissão e de seu caráter político. Vale destacar que esses debates acontecem de forma diferente nas IES. Os debates sobre formação profissional e participação política dependerão da correlação entre coordenação, docentes e discentes. Esse fato demonstra uma heterogeneidade de IES das quais não se sabe ao certo o embasamento e direcionamento teórico, político e ético em que está sendo constituída a formação profissional. (OLIVEIRA, 2014, p.88).

Percebe-se que foi o MESS o responsável por pautar a direção crítica da profissão! São múltiplas as contribuições do MESS, conforme Inaê:

O MESS constitui-se como o espaço dinâmico, rotativo, que proporciona outras formas de olhar o mundo e a si mesmo enquanto sujeito histórico e coletivo, e, em especial, neste estudo, a olhar a política e cultura como esferas mutáveis e de necessária apropriação para embates e debates mais conjunturais da sociedade. Nesse sentido, as respostas advindas pelos/as estudantes-militantes demonstraram a capacidade de lidar com a pluralidade, bem como a legitimidade e compromisso dado ao PEPSS (ibidem, p.89).

Também encontramos um link para acesso à um documento chamado “Boletim da ENESSO”, contudo, o link não nos leva a nenhuma página ativa. Acreditamos tratar-se de um site antigo da ENESSO. Referência: BOLETIM DA ENESSO (2011-2012). Disponível em: <http://executivamess.files.wordpress.com/2011/06/boletim-da-enesso.pdf>. Acesso em: 23 jul 2014.) Será que é possível recuperar a página? Citação extraída do Boletim:

Participar do movimento estudantil implica assumir uma certa autonomia, a tomar posição crítica com relação à instituição escolar e seus muitos mecanismos. A primeira fronteira se rompe, portanto, é a da própria sala de aula [...]. E as fronteiras físicas da universidade em que estudamos também se rompem [...]. E as fronteiras que se acabam por romper são também ideológicas – rompem-se com muitos preconceitos pequeno-burgueses e aprende-se assim, já em princípio, que as saídas individuais não são saídas, mas adequações e que elas, em definitivo, não resolvem nem os problemas individuais mais imediatos, dirá os problemas históricos e sociais mais graves. Por isso,

rompe-se a fronteira do imediato (ARAÚJO e SOUSA NETO). (ENESSO, 2012 apud OLIVEIRA, 2014, p.89).

É uma pena que o patrimônio político do movimento se perca, mas os TCC's tem demonstrado que ele é maior do que conhecemos, em termos quantitativos e qualitativos.

Com relação à produção de conhecimentos sobre o tema:

[...] o MESS também joga força na disputa ideológica da produção de conhecimentos nas respectivas IES. Dessa maneira, vem a contribuir com debates mais amplos e totalitários nas salas de aulas e nos grupos de pesquisa, no intuito de desvendar os reais sentidos, a relevância social e o direcionamento dos conhecimentos produzidos nas IES. Para isso, vale ressaltar que esses/as militantes precisam se dedicar a outras leituras para tecer análises mais coerentes e comprometidas com a realidade. Os/as militantes do MESS também podem contribuir quando reivindicam conhecimentos para além da dimensão técnico-operativa, fortalecendo o direcionamento dado pelas entidades da categoria em relação à formação profissional (OLIVEIRA, 2014, p.91).

Coadunamos com a autora sobre esse processo. Uma observação, acreditamos que ela quis dizer *totalizante*, no lugar de *totalitário*. Ela também aponta, conforme outros autores que “é pelo MESS que muito/as militantes têm seu primeiro contato com os movimentos de resistência existentes no território” (ibidem, p.92) e se constituírem como militantes, passando a compor esse movimento de resistências e enfrentamentos.

Por fim:

É esse movimento que permite aos/as militantes “reencantarem-se” pela política, pela vivência política, pela ação política, pelo debate político. É esse movimento que fortalece mentes e corações revolucionários, que ao serem conquistados, revolucionam sua maneira de pensar, sentir, ver o outro e estar no mundo. É a partir dele que seus/suas militantes passam a compreender que respeito, humildade, compromisso e resistência são sinônimos da luta por outra sociabilidade. Se há a crença na força e potencial do MESS para formar cidadãos ativos, é urgente que se contribua para sua proliferação. Posto isso, é preciso e urgente unir forças para construir espaços organizados e movimentos estudantis em mais IES privadas. E se há o desejo de manter a legitimidade da profissão atrelada aos interesses dos trabalhadores, bem como manter a hegemonia do PEPSS, é preciso sair da esfera endógena da IES e contribuir tanto com as outras IES, como também avançar nos debates da sociedade em geral, em seus amplos espaços. Os desafios são muitos, porém “a necessidade, a consciência, a vontade” e os sonhos são bem maiores (OLIVEIRA, 2014, p.92).

Aqui cabe refletir se incorre-se em um certo idealismo, romantismo, superestimação de possibilidades. Nem sempre a política é via para o reencantamento; pode ser exatamente o contrário; não temos tantas evidências científicas que nos permitam dizer que o MESS produz o reencantamento; mas sim que dizem que isso é justamente um desafio - não uma realidade. Encantar-se e reencantar-se pelo MESS não é uma consequência para o plano mais generalista e macro da política. A autora faz alguns apontamentos que acabam por reproduzir juízos de valores (associa humildade com anticapitalismo/socialismo). Agora, concordamos quando ela diz da importância de construir o MESS nas privadas.

Em suas considerações finais, a pesquisa de Inaê traz questões fundamentais para o MESS e a profissão, de modo geral, acerca dos desafios que o cenário de expansão do EaD representa:

“[...] apreendeu-se que o ME entra no campo das disputas e direcionamentos político e ideológico das instituições de ensino onde se atua, possibilitando, muitas vezes, o avanço nos processos reflexivos e investigativos da formação profissional no que tange suas dimensões investigativa, interventiva e técnico-operativa. Percebeu-se que era de fundamental importância a existência de espaços de organização contra-hegemônicos através do fomento de espaços formativos críticos e ações diretas nas IES privadas, sendo possível, através desses espaços, ampliar o olhar e conseguir ver de maneira diferente o que estava estabelecido como comum ou como naturalizado. Esse olhar deve se expandir para diversos ramos da vida, buscando apreender o cenário conjuntural e político em que se encontra o país e suas consequências para a produção material cotidiana e para as relações sociais. Já, no que se refere diretamente ao Serviço Social, esses espaços contra-hegemônicos propiciam debates pertinentes à formação profissional baseada no horizonte do Projeto Ético Político e nas determinações contraditórias, históricas e materiais que fundamentam a existência do ser social.” (OLIVEIRA, 2014, p.20-21).

A arte se expressa nesse TCC principalmente pela música, que se fez presente em citação de versos de canção de Belchior (“Do jeito que o Diabo gosta”) e Engenheiros do Hawaí (“Outras Frequências”, “3ª do plural”, “Pose”). A poesia é expressa por meio de Eduardo Galeano (“Noticiário”).

Depois de Inaê, temos mais três pesquisas publicadas no âmbito de universidades públicas. Duas delas, vinculadas à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), ambas orientadas pela Profª Drª Leslieane Caputi. A primeira data de 2016. Com o título “Movimento estudantil de serviço social e o projeto ético-político na formação profissional”, Tales Willyan Fornazier Moreira resgata o tema que esteve no

centro da agenda do MESS nos anos 1990 e do debate das pesquisas sobre o tema na primeira década dos anos 2000 – 2009.

Tales foi militante do MESS, compondo a gestão “TransFormAção” (2014/2015) do Centro Acadêmico de Serviço Social “XV de Maio” da UFTM e representação discente nacional (de graduação) da ABEPSS, na gestão “Ousadia e Sonhos em Tempos de Resistência”, biênio 2015/2016. Foram pelo menos, dois anos construindo mandatos nas entidades representativas do Serviço Social, para dizer apenas do período de curso na graduação do pesquisador. Além disso, Tales também foi membro da diretoria do CRESS-MG, pela Gestão Provisória da Seccional de Uberlândia em 2017 e continuou construindo a ABEPSS em seu percurso de pós-graduação, na gestão 2021-2022 “Aqui se respira luta!”. Atualmente, é conselheiro no CFESS (gestão “Que nossas vozes ecoem vida-liberdade” (2023-2026). Essa trajetória é a mais expressiva experiência do que Ramos (2011) pontuou: o MESS tem sido fundamental na construção de sujeitos que se empenham na defesa e ativa construção das entidades representativas da profissão, com direcionamento sociopolítico crítico.

Em sua pesquisa, Tales aponta que a “experiência na militância estudantil trouxe demanda por mais estudos e conhecimentos acerca do MESS, na UFTM e no Brasil” (FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.12).

Assim, para fins local, foi desenvolvida pesquisa de nível de iniciação científica, intitulada “O significado da militância na formação profissional em Serviço Social: um estudo realizado no curso da UFTM”, a qual teve fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais/FAPEMIG, e para fins de ampliar a pesquisa e as reflexões acerca do MESS em âmbito nacional, realizamos maior aprofundamento no estudo e abrangência, neste Trabalho de Conclusão de Curso/TCC [...] (ibidem).

É elemento que se destaca, a possibilidade de realização de pesquisa de Iniciação Científica, processo que incide na aproximação com o campo investigativo, ou seja, com o significado da pesquisa, com a dinâmica de estudos e protocolos administrativos (como uso da Plataforma Brasil, Plataforma Lattes), com os recursos de pesquisa e instrumentais existentes, entre tantos meandros que lapidam o percurso de quem se propõe à pesquisa, em especial, considerando o campo das Ciências Humanas e Sociais.

Quanto aos objetivos: o geral trata-se da busca por “conhecer o que os/as estudantes que estão nas atuais direções das gestões da ABEPSS e ENESSO,

referente à 2015/2016, pensam acerca do MESS e a importância deste como organização política da categoria profissional e para consolidação do PEP” (FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.10).

Nessa linha do Projeto Ético-político do Serviço Social, o autor enuncia o seu alinhamento teórico-metodológico na formação profissional, conforme as Diretrizes Curriculares da ABEPSS (1996):

Nos pautamos no materialismo histórico dialético por entendermos que este referencial teórico é o único que nos possibilita a análise da totalidade social, bem como se constitui enquanto sustentáculo teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo para a efetivação e legitimação do Serviço Social na sociedade brasileira, com base na perspectiva hegemônica da categoria, construída a partir da década de 1980 (ibidem, p.10).

A pesquisa se pautou no método do materialismo histórico dialético. Referencial este que dá sustentação teórico-metodológica, ético-político e técnico-operativa na efetivação e legitimação do Serviço Social na sociedade brasileira e que, com sua interlocução, a categoria profissional construiu o projeto ético-político a partir dos anos de 1980. O método de pesquisa adotado não é, para Marx, um conjunto de regras formais e pré-estabelecidas que se “encaixam” ou se “aplicam” a um determinado objeto que será pesquisado, tampouco, um conjunto de regras que o pesquisador escolhe, conforme sua vontade, para “adequar” a seu objeto de investigação (ibidem, p.13).

Seu TCC tem muitas inspirações poéticas, contando com vários trechos de poemas: de Bertold Brecht (“Nada é impossível de mudar”); de Carlos Drummond de Andrade (“Nosso Tempo”); de Mauro Luiz Iasi (“Dissidência” ou A arte de dissidir) de Leonardo Boff; da então estudante Bianca Ribeiro (“Do Amor ao MESS – Cartilha ENESSO em Verso v.l). Tales também inclui um poema de sua própria autoria: “Serviço Social na luta contra o capital”.

Algo nos chama atenção é o rigor teórico no TCC, que situa de forma bastante didática (e como a maioria dos demais, cronológica) o surgimento da profissão e seu significado no contexto da luta de classes.

O movimento de reconceituação acompanhou a dinâmica da realidade social. Para fins didáticos, pode-se situar o começo das movimentações no âmbito profissional a partir de meados da década de 1960, passando por diversos momentos durante a década de 1970, tendo como marco decisivo para renovação da profissão, o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, ocorrido em 1979. Todavia, é na construção dos documentos a partir da década de 1980 (currículo mínimo em 1982 e Código de Ética Profissional em 1986), que tem-se delineado, de fato, a nova direção ética e política do Serviço Social Brasileiro. Assim, a construção desses elementos representa a síntese da maturação teórico-metodológica, ético-política

e técnico-operativa da profissão, as quais serão ainda mais adensadas a partir da década seguinte (FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.33).

Uma reflexão elucidada por Tales que nos importa bastante é sobre a importância de significarmos o papel da profissão, o que ele faz com base em Iamamoto, especialmente, no livro “Renovação e conservadorismo no Brasil: ensaios críticos”:

[...] apreender o movimento contraditório da prática profissional como atividade socialmente determinada pelas condições histórico-conjunturais, reconhecendo, no entanto, que estas são mediatizadas pelas respostas dadas pela categoria – dentro dos limites estabelecidos pela própria realidade –, é condição básica para se apreender o perfil e as possibilidades do Serviço Social hoje, as novas perspectivas do espaço profissional (IAMAMOTO, 1994, p. 103 apud FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.25).

A mesma ideia se aplica ao conteúdo da nossa pesquisa, de certo modo – para nós, esse também é o significado de se aprender, estudar sobre o MESS. Reflexão similar à de Iamamoto encontramos também na articulação que Tales faz a partir de José Paulo Netto:

O esclarecimento cuidadoso da inserção da profissão na divisão sociotécnica do trabalho e sua localização na estrutura sócio-ocupacional e a compreensão histórica da sua funcionalidade no espaço de mediações entre classes e Estados redimensionam amplamente o alcance e os limites da sua intervenção, bem como o estatuto das suas técnicas, objetos e objetivos. Ou seja: a renovação crítico-analítica viabilizada pelo desenvolvimento teórico da perspectiva da intenção de ruptura propicia novos aportes no nível prático-operativo da profissão – donde, por exemplo, a circunscrição de formas alternativas de intervenção, no bojo das políticas sociais, junto a movimentos sociais e o reequacionamento do desempenho profissional no marco da assistência pública (NETTO, 2010, p. 303 apud FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.28-29).

Quanto ao debate sobre os seminários de teorização da profissão que marcam o Movimento de Reconceituação, vale uma reflexão. Tales destaca que “não foram todos/as profissionais e estudantes que contribuíram nesta construção” (FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.31) de rompimento com o conservadorismo. Esta discussão feita pelo pesquisador nos convoca a reconhecer que os seminários nos indicam um processo de construção que envolve disputa de hegemonia, o que não é necessariamente, expresso em termos quantitativos – por si só – mas sim, correlacionados aos qualitativos (visto o baixo número de participantes presentes nos seminários, conforme pesquisa de Netto; além disso, Tales aponta que, com o

decorrer dos seminários, ocorreu uma redução progressiva da participação das profissionais (ibidem, p.31).

Uma referência bastante presente no debate feito pelo pesquisador sobre a formação profissional em Serviço Social é Letícia Rodrigues Silva (2016). Essa discussão encontra-se no Capítulo 3 (“Formação profissional e movimento estudantil: relação de unidade no fortalecimento do projeto ético-político do Serviço Social”). Letícia foi militante no MESS, membro de Coordenação Nacional da ENESSO (gestão 2013-2014 “A nossa voz não é apenas nossa”) e, também, estudante na UFTM, compondo a mesma gestão de Centro Acadêmico com Tales. Em seu TCC “A dimensão ético-política do Serviço Social e o ensino a distância: avanços e retrocessos na formação profissional”, Letícia não trata do MESS diretamente como objeto de pesquisa. Nesse ensejo, é interessante resgatar estudos que realizamos em encontros do GEFEPSS – a de que, não necessariamente, o debate do MESS/ENESSO vai aparecer somente no GTP de Movimentos Sociais e Serviço Social da ABEPSS, por exemplo, ou, como no caso de produções acadêmicas, naquelas que delimitam-nos estritamente como objeto na pesquisa.

O mesmo pode ser válido para as buscas que fazemos com operadores nas bases de dados, como o Portal de Periódicos CAPES. Pesquisas com temas diversos da/na profissão também podem conter discussões correlatas com o MESS/ENESSO. Quantas estudantes que foram do MESS pesquisaram outros temas (à exemplo, a própria Letícia) em seus TCC’s, os quais reservam acúmulos teórico-metodológicos onde reside, *implícita*, a relação com a trajetória de militância no MESS?

O estudo/debate/pesquisa pautados nos fundamentos do Serviço Social se apresentam aqui, como expressão da perspectiva de formação generalista. O TCC de Tales carrega em si, essa dimensão, potencializando sua fundamentação.

No bojo de uma crítica à LDB (1996) e do projeto de educação do capital, Tales destrincha as Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996. Ele desenvolve muitas formulações da ABEPSS, nos possibilitando uma aproximação com a história da entidade, seu significado para a profissão, sua estrutura organizativa.

Citando o Estatuto da ABEPSS, o pesquisador nos elucida quanto algumas das finalidades da associação:

I – propor e coordenar a política de formação profissional na área de Serviço Social que associe organicamente ensino, pesquisa e extensão e articule a graduação com a pós-graduação;

- II – fortalecer a concepção de formação profissional como um processo que compreende a relação entre graduação, pós-graduação, educação permanente, exercício profissional e organização política dos assistentes sociais;
- III – contribuir para definição e redefinição da formação do assistente social na perspectiva do projeto ético-político profissional do Serviço Social na direção das lutas e conquistas emancipatórias; [...]
- XV – fortalecer a concepção de ensino de graduação presencial, denso, crítico, laico e numa perspectiva de totalidade (ABEPSS, 2008).

Esta ampla definição de finalidades pela ABEPSS nos provoca a atentar quanto a dimensão que ocupam no sentido sociopolítico que a entidade escolheu se constituir. São delimitadas, objetivas, explicitadas com nitidez em seu enunciado. Sem incorrer em apego à formalismos e equívocos burocratas, o que buscamos pontuar é que um Estatuto possui uma natureza política que não pode ser desprezada. Nos perguntamos o quanto o MESS e a ENESSO puderam se apropriar destes materiais da ABEPSS e do Conjunto CFESS/CRESS, os quais são marcados pela maturidade política que, dentre vários aspectos, se desenvolve em espaços em que a transitoriedade dos sujeitos não é a tônica central, como no MESS.

Estas reflexões nos ratificam as leituras que destacam o papel estratégico da representação discente ABEPSS, em seus níveis de participação na diretoria. Com a pesquisa de Tales, por exemplo, temos a oportunidade de um conhecimento mais aproximado sobre aspectos mais gerais e específicos que constituem a Associação – ele constrói um “raio-x” da ABEPSS; na verdade, ele explica a forma organizativa de todas as entidades representativas da profissão (p.71). Sua pesquisa reserva, assim, contributos fundamentais para conhecermos o significado do MESS para a profissão e suas entidades de representação, bem, como o processo de construção da ENESSO e de representações estudantis do MESS, com ênfase para o papel das Discentes ABEPSS.

Adentrando o estudo do MESS, em citação mais extensa, temos a seguinte reflexão:

Acerca das bandeiras de lutas da entidade, historicamente, o MESS e notadamente a ENESSO, têm protagonizado lutas coletivas na direção social, ética e política da profissão no solo brasileiro que é, indubitavelmente, na mesma trincheira de luta dos/as trabalhadores/as. [...] o MESS e a ENESSO tem encampado lutas bem para além das pautas específicas dos/as estudantes. [...] Ou seja, sem dúvidas o MESS atua nas lutas concernentes aos interesses estudantis, pois é, inclusive, pautas relacionadas às necessidades de ordens objetivas dos/as estudantes que, em grande medida, estão

condicionadas à permanência na universidade. Entretanto, seria um equívoco dizer que as lutas dos/as estudantes de Serviço Social e da ENESSO, se limitam a essas questões. [...] os seis eixos que norteiam as discussões nos encontros (Conjuntura, Movimento Estudantil, Universidade e Educação, Formação Profissional, Cultura e Combate às opressões), os posicionamentos presentes no Caderno de Deliberações da executiva, bem como a organização da entidade expressa no estatuto da ENESSO representam, indubitavelmente, um caráter de classe, alinhado às lutas mais gerais dos/as trabalhadores/as. (FORNAZIER MOREIRA, 2014, p.74-75).

Como diferencial em relação aos demais trabalhos, no debate do MESS, Tales utiliza Doria, 2007 – um artigo de autoria de membro de CN da ENESSO. Mas em consonância com as demais pesquisas, Ramos (2011) e Santos (2007) também constituem as referências do TCC, além de Guimarães (2013; 2014).

A pesquisa de campo foi feita com estudantes que estiveram em representações da ENESSO e na ABEPSS nos anos 2015 e 2016. Por meio de questionário, Tales levantou dados destes sujeitos relacionados: ao período do curso; natureza da Unidade de Formação Acadêmica; tipo de representação que compõe no MESS; percepção sobre as dimensões ético-política e político-organizativa da profissão e sobre o papel político das representações do MESS (FORNAZIER MOREIRA, 2016, cf. p.110). Os resultados da pesquisa indicam que a maioria dos estudantes já havia ultrapassado a primeira metade do curso (77,7%); a maioria vinculava-se à instituições de natureza públicas (55,6%):

Destacamos olhar significativo para o dado de que a maioria dos/as militantes ainda estão nas UFAs públicas, considerando também no aspecto de mais liberdade e autonomia estudantil e da possibilidade de dedicação exclusiva aos estudos para os/as estudantes em relação das UFAs de iniciativa privada, que tem a predominância de estudantes inseridos/as no mundo trabalho, inclusive para custeio das abusivas mensalidades dos cursos. (ibidem, p.82).

Foi identificado como majoritária a leitura, pelos sujeitos entrevistados na pesquisa, de que o MESS tem muito significado na formação profissional – Tales destaca um estudante que apontou “críticas” ao cenário de desafios na ENESSO. No debate da dimensão político-organizativa, as questões apresentadas por um outro sujeito nos chama atenção:

“Sobre a maneira de organizar-se politicamente, o MESS deve ousar mais. A maneira como nos organizamos tem apontado várias lacunas ainda nos tempos de hoje [...]. Sobre ousar mais, quero dizer que a executiva precisa apostar em novas formas de atuação nas regiões (aumento do quantitativo de coordenadores das regiões; promoção dos secretários de escolas; encontros

introspectivos e não somente discursivos como os que participei, dentre outros), trabalho de base acentuado, romper barreiras com instituições de objetivos iguais ou similares na busca pela educação de qualidade, presencial, laica, gratuita, pública e socialmente referenciada.” (Estudante 3). (FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.90).

Conforme Tales, identifica-se já uma necessidade de se reavaliação quanto a forma organizativa na ENESSO, "sua articulação e organização política no âmbito das regionais", vislumbrando potencializar um “trabalho de base que possa incorporar mais estudantes” e proporcionar “uma articulação com outros sujeitos coletivos, que dê mais capilaridade em suas ações e bandeiras de luta na direção de uma educação pública, gratuita, laica, de qualidade e socialmente referenciada” (ibidem, p.90).

O autor realiza na sequência, um debate sobre o pluralismo:

As divergências não podem sectarizar, limitar e dificultar a construção coletiva da entidade, tampouco impossibilitar a unidade na ação política, pois “esse processo fragiliza o MESS, também no sentido de desmotivar alguns(mas) estudantes a participarem dos espaços do movimento” (GUIMARÃES, 2014, p. 77). Não estamos aqui fazendo uma defesa de uma “harmonia” nos espaços do MESS, nem achando que não devam ocorrer as disputas e, menos ainda, defendendo que haja união de concepções antagônicas, o que chamamos atenção é para o fato de que precisamos identificar as contradições, estabelecer o diálogo no diverso e, a partir de então, construir as possibilidades coerentes com os princípios éticos fundamentais do Serviço Social. (FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.92).

Esses apontamentos tão certos estavam que se expressaram na prática, creio, no momento de tensão que ocorreu no ENESS Candango. Além do mais, carregam fundamental pertinência quando o tema é a atuação de organizações políticas e político-partidárias no MESS.

A pesquisa identifica ainda a persistência de fragilidades na compreensão dos sujeitos quanto o significado da dimensão político-organizativa do Serviço Social, por meio da fala de alguns participantes da pesquisa, diante do que o autor expressa preocupação (da qual comungamos) “com a forma como está sendo trabalhada tal dimensão na formação profissional atreladamente com as dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa.” (ibidem, p.93). Sobre a importância do estudo e seu significado, Tales resgata outros elementos contidos em Guimarães:

Obviamente, por mais profunda que seja a formação política, ela é incapaz de gerar a ação por si mesma, até mesmo porque a formação política acontece, sobretudo, na prática concreta da ação política. Contudo, é fundamental que a prática concreta seja mediada pela teoria. Caso contrário, não teremos nada além de um ativismo

inconsequente e estéril, que estará longe de atender às suas finalidades (GUIMARÃES, 2014, p.73 apud FORNAZIER MOREIRA, p.94).

Já sobre o debate da dimensão ético-política, a maioria dos sujeitos de pesquisa a entendem como “[...] basilar e como um dos principais sustentáculos para o fortalecimento do nosso compromisso com a classe trabalhadora, enquanto referência para os posicionamentos e ações estudantis, contribuindo, deste modo, com a práxis transformadora.” (FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.97). Contudo, mais uma vez aparecem elementos da contradição, dos desafios, das preocupações com os rumos do movimento.

Tales destaca a importância de estarmos atentos à nossa práxis política nestes espaços, revendo posturas que não condizem que nosso acúmulo e direcionamento sócio-político estabelecido na atualidade. Por fim, conclui que

[...] ainda precisamos avançar no sentido de uma formação profissional, de fato, alinhada à perspectiva das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996, no fortalecimento dos valores éticos e políticos contidos neste projeto de formação, os quais delineiam para uma direção de formação emancipatória, para a vida social. Entretanto, de modo geral, as falas dos/as participantes da pesquisa ratificam as reflexões construídas ao longo de todo trabalho, as quais afirmam, indubitavelmente, que a participação e fortalecimento do MESS se configuram enquanto fundamental para a potencialização da organização coletiva da categoria, na defesa do projeto profissional hegemônico, construído a partir da década de 1980. [...] Nesse sentido, apesar da atual conjuntura de regressão de direitos, avanço do individualismo, fragilidade na identidade com as lutas, agudizamento da barbárie, bem como todas as contradições postas à realidade do MESS, conforme evidenciadas também a partir das falas dos/as participantes da pesquisa, este ainda se configura enquanto um lócus da luta política, numa perspectiva emancipatória. (FORNAZIER MOREIRA, 2016, p.103-104).

Tanto que, a ENESSO e o MESS seguem construindo sua trajetória. Na UFTM, outro trabalho fora desenvolvido, no ano de 2019, tratando do MESS. Trata-se do nosso próprio TCC, também orientado pela Prof^a. Dr^a. Leslie Caputi, juntamente com Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Oliveira Lopes Mendes.

A pesquisa “Movimento estudantil de serviço social e consciência de classe: um debate a partir da ENESSO” (ZANELLI, 2019) também foi realizada a partir da militância no MESS, inclusive na composição em entidades representativas estudantis (CASS “XV de maio” e DCE da UFTM; Coordenação Regional RV e Comissão Gestora Nacional da ENESSO) entre os anos 2016 e 2019.

A oportunidade de realização de Iniciação Científica, com bolsa FAPEMIG, se colocou diante os indícios apresentados na pesquisa de IC de Fornazier Moreira (2015) que evidenciou a necessidade de continuação de estudos que pudessem fortalecer o conhecimento sobre a realidade do MESS na UFTM.

Essa pesquisa de IC, denominada “Dimensão ético-política do Serviço Social e o debate do Centro Acadêmico do curso da UFTM” foi concluída em 2017, sendo processo que corroborou significativamente para nos aproximarmos dos estudos sobre o tema.

O objetivo geral do TCC consistiu em “analisar de que maneira a crise sistêmica do capital tem ameaçado o alcance das finalidades da ENESSO na última década, no que concerne ao processo de formação de consciência de classe de estudantes de Serviço Social no Brasil” (ZANELLI, 2019, p.16). Para o alcance deste propósito, trilhamos um caminho delineado através de objetivos específicos,

analisando as transformações operadas na estrutura organizativa da ENESSO (e estudando o seu significado); identificando como a entidade tem viabilizado os recursos materiais necessários para atingir suas finalidades e; identificando os princípios, bandeiras de luta e direção hegemônica expressa na análise de conjuntura que tem embasado as deliberações da Executiva, almejando perceber o movimento realizado pelos sujeitos que a compõem, os quais atuam sob condições determinadas” (ibidem,p.16).

Em relação ao referencial teórico

O todo deste TCC se baliza pelo materialismo histórico-dialético como referencial teórico, o qual constitui aporte estruturante do projeto profissional hegemônico do Serviço Social brasileiro, referencial que nos possibilitar compreender o movimento da realidade no sentido das aproximações sucessivas (p.10).

Adotamos como referencial teórico balizador o materialismo histórico-dialético, referencial este que dá sustentação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa na efetivação e legitimação do Serviço Social na sociedade brasileira (ibidem, p.22).

A poesia aparece com a citação dos versos de “Aos que vieram e já foram e aos que ainda virão e irão”, de autoria de Brenda Soares Rodrigues, que à época, era também estudante e militante no MESS, ocupando a representação discente ABEPSS pela Regional Leste, na gestão 2017-2018 “Quem é de luta, resiste!”. Também estão presentes várias citações de poemas e palavras de ordem no TCC, como epígrafe dos capítulos do trabalho – de Florestan Fernandes, Gyorgy Lukács, Hugo Chavez, Ferreira Gullar e Mauro Iasi.

Procedemos com a inclusão de apêndices: documentos de elaboração própria, incluindo no TCC, alguns relatórios nos quais registramos o processo de desenvolvimento da pesquisa, tabelas com as fontes documentais e listagem de vários endereços digitais da ENESSO (em grupos e páginas de redes sociais). Também foram inseridos anexos, documentos importantes que versam sobre a história e o processo de lutas do movimento estudantil de Serviço Social. São eles:

- Carta acerca da criação do eixo de Meio Ambiente – ENESS “Gralha Azul” (Uberaba/2018);
- Manifesto da campanha “Sem finanças não dá!! Por que pagar a anuidade?” (ENESSO, 2012);
- Campanha “Anuidade da ENESSO - Sem Finanças Não Dá!!! (ENESSO, 2019);
- Carta da C.O. [Comissão organizadora] do ENESS CANDANGO (Brasília/2016) – Dívida – Contribuição (ENESSO, 2016);
- Manifesto sobre a dívida da ENESSO – Caixa do ENESS (Brasília, 2016);
- Carta da Comissão organizadora do XXXIX Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social (2017);
- Comunicado de mudança da escola sede do ENESS 2018;
- Carta convocatória do ENESS “Gralha Azul” (Uberaba/2018);
- Memória do Debate sobre o tema do XL ENESS (2019).

Enquanto considerações finais, condensamos alguns acúmulos:

Concluimos que a ENESSO permanece na direção sócio-política expressa no projeto profissional hegemônico da categoria profissional, porém, tem sofrido os rebatimentos da conjuntura a qual obstrui o processo da formação de consciência de classe de estudantes de Serviço Social e ameaça o direcionamento historicamente construído pelo MESS. (p.10)

As preocupações que motivaram a escolha do objeto [...] se acentuaram frente ao movimento de apreensão da realidade demarcadas nos limites deste TCC. [...] No âmbito da ENESSO, [...] desafios se expressam nas dificuldades enfrentadas para promover os encontros, garantir a dinamicidade da Executiva e seu direcionamento sociopolítico consoante ao PEP. Expressam-se como fragilidade no campo teórico-metodológico, vide os hiatos e dissonâncias que elencamos em torno da conformação e revisão dos Cadernos de Deliberações e Estatutos, que salientamos mediante a imperativa necessidade de um debruçar dotado de mais afinco do MESS nas formulações que tangem os eixos de Universidade e Educação e Formação Profissional. Esse impasse vem acompanhado justamente

no contexto em que a tecnificação da formação profissional se acentua por meio do ensino privado e à distância e de desmonte da Universidade Pública - o que certamente, não é um acaso (p.97, 99).

Finalizamos o TCC convidando à continuidade da realização de novas pesquisas sobre o tema, como possibilidade de seguirmos construindo acúmulos para o fortalecimento do MESS. Aprofundando cada vez mais o nosso conhecimento da sua realidade, desvelando sua história, recuperando memórias e formulando um conjunto de elementos que potencializem o protagonismo estudantil na formação profissional em Serviço Social.

Ainda neste ano de 2019, mais um TCC sobre o MESS vem à público. A pesquisa “Saúde não é mercadoria: participação do movimento estudantil de serviço social na Frente Nacional Contra a Privatização da Saúde” de Mariele Cavalcante Cunha, inaugura uma abordagem que apresenta contribuições do MESS em uma luta social que transcende o escopo de sua atuação propriamente dita. No curso da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, essa pesquisa se dá mediante a orientação da Prof^a Dr^a Sâmia Rodrigues Ramos, pioneira nos estudos sobre o MESS no campo da pesquisa acadêmica e ex-militante da ENESSO.

Mariele construiu o MESS, com a particularidade de não ter, entretando, participado de gestão da ENESSO, apesar de sua experiência em mandato de Centro Acadêmico do curso na UERN (gestão 2018-2019), como também ocorreu com outras pesquisadoras. O que enfatizamos é que, seja em gestão de Coordenações Regionais e Nacionais ou Secretaria de Escola da ENESSO, seja nas entidades de base que são os Centros Acadêmicos, até aqui, todas as pesquisadoras têm trajetória militante. Este dado nos aponta a práxis política de sujeitos que tomam por objeto de estudo a realidade em que se inserem e constroem ativamente.

Quanto ao seu processo de vinculação com o tema da pesquisa:

O interesse baseia-se na busca de conhecer um pouco mais sobre a realidade da saúde no nosso país, bem como compreender como tem atuado o movimento estudantil em relação aos desmontes, provocados pelo neoliberalismo, que o SUS vem sofrendo nos últimos anos no Brasil. Essa iniciativa foi motivada por uma proposta do PIBIC da qual faço parte, a pesquisa pretende analisar a contribuição ético-política do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) na construção de ações e lutas da Frente Nacional Contra Privatização da Saúde. Daí surgiu a ideia de aliar as discussões da pesquisa ao movimento estudantil, o qual tem sido uma das minhas paixões no curso, o que me levou a estudar e me aprofundar no assunto (CUNHA, 2019, p.13).

Mais uma vez a pesquisa de Iniciação Científica se faz presente, elemento que merece ser estimulado de forma constante na formação em Serviço Social, sobretudo considerando os desafios postos à universidade pública brasileira na contemporaneidade.

o objetivo desta monografia foi analisar as contribuições do MESS na construção das ações e lutas da FNCPS. Tal objetivo geral desdobra-se em três objetivos específicos, quais sejam: mapear as ações e lutas em que o MESS esteve presente na Frente, identificar quais foram às contribuições dadas no processo, apreender a direção ético-política da intervenção do MESS na Frente (ibidem, p.14).

O TCC é composto de debates que abordam o contexto brasileiro mais geral dos movimentos sociais, em especial, na saúde; posteriormente, os embates travados entre os projetos de saúde em disputa (privatista x Reforma Sanitária), com destaque para as lutas da Frente Nacional contra a privatização da Saúde e contribuição do MESS e da ENESSO nesta construção.

Mariele enfatiza suas expectativas para que seu TCC possa contribuir para o debate sobre o SUS, fomentando discussões e subsidiando um estreitamento do MESS com a Frente, bem como que a pesquisa tenha um sentido documental, de preservação da história do MESS: servindo como “registro das ações e lutas da ENESSO travadas nesse contexto de retrocessos e que sirva de inspiração para outros/as estudantes que se interessem pelo tema” (CUNHA, 2019, p.17).

A pesquisadora se pauta no debate das principais referências críticas da saúde: a Prof^a Dr^a Maria Inês Bravo (BRAVO; BRAVO et.al.) que, além de exímia especialista no tema da saúde e Serviço Social, é militante pioneira no Movimento da Reforma Sanitária no Brasil e constitui a gênese da articulação da Frente Nacional Contra a Privatização da Saúde.

Foi realizada pesquisa bibliográfica, documental (delimitada entre os anos 2010 e 2018) e de campo. Nesta última, Mariele se valeu de entrevista semiestruturada, com uma das representantes da ENESSO na FNCPS.

A perspectiva materialista histórico dialético é a que consideramos a mais apropriada para analisar os fenômenos sociais que perpassa esse estudo, por dar ênfase a discussões que levam em conta a contradição, a mudança, o momento histórico, a totalidade, e as particularidades da forma como o capital intervém na estrutura da saúde. (p.09).

No início do TCC, citação longa da letra de uma canção de Chico Buarque, famosa na interpretação de Maria Bethânia (“Sonho Impossível”).

Logo no início do TCC, mais especialmente na página que relaciona o nome das examinadoras, encontramos uma informação belíssima. Uma das professoras que compôs a banca é Inaê, mestre em Serviço Social, que na época, estava como professora substituta na UERN. Como já mencionado nesta dissertação, Inaê foi militante no MESS, publicando seu TCC sobre o tema (OLIVEIRA, 2014) há aproximadamente 05 anos antes de compor a banca avaliadora de Mariele. Hoje, Inaê é doutora na área, servidora pública, professora adjunta na UECE (conforme <http://lattes.cnpq.br/8421344475286909>).

Sobre o ME no período de reabertura política no Brasil, Mariele se pauta em Ramos e Santos (1997), referência bastante presente no TCC da autora. De modo geral

“[...] até a primeira metade da década de 1980, o ME não via as discussões sobre formação profissional e demais dimensões acadêmicas como discussões políticas, restringindo sua prática na maioria das vezes a um discurso conjuntural genérico e distante da universidade (RAMOS e SANTOS, 1997, p.154 apud CUNHA, 2019, p.21).

Isso me remete à análise que fizemos no meu trabalho final de curso, quando identificamos as dificuldades vividas pelo MESS e a necessidade de se desenvolver ações no campo da construção de mediações. As reflexões de Mariele a partir de Ramos e Santos nos sugerem que esse discurso genérico retoma forças no presente. Nos preocupamos quanto este contexto, pois o MESS certamente se beneficia da articulação com as lutas mais gerais, contudo, perde sua razão de ser ao deixar de priorizar seu foco de atuação e lutas em torno de pautas bastante específicas.

Pudemos nos reencontrar como sujeito do MESS a partir do TCC de Mariele.

[...] apesar de seguir ampliando as deliberações na defesa pela real implementação do SUS [...], não se observa até 2018 um chamado direto [da ENESSO] a participação na FNCPS. Só é possível verificar essa referência no caderno de deliberações de 2018, quando a Executiva se posiciona novamente contra o financiamento público em iniciativas privadas, bem como contra a privatização dos espaços públicos como Hospital Universitário e Restaurante Universitário, expressando uma posição contrária a Lei 9.637 de 1998, que autoriza as formas privatistas da saúde pública através das OS's, OSCIPS e EBSEH. Nesta perspectiva, defende a real implementação do Sistema Único de Saúde – SUS, buscando incentivar a participação das Conferências de Saúde e na Frente Nacional Contra a Privatização da Saúde[...]. Assim, conclama o segmento estudantil a participar de frentes, fóruns e mobilizações [...]. Esse chamado tem fundamental importância, por ter repercussão nos espaços de organização do movimento estudantil locais, que muitas vezes acabam não se integrando aos fóruns e não despertam para a

participação nesse espaço, os quais os CA's deveriam integrar, isso é importante tendo em vista o grande número de estagiários no campo da saúde e que muitas vezes estes desconhecem essa frente de luta. (CUNHA, 2019, p.44).

Essa deliberação ocorreu a partir de um Grupo de discussão no ENESS 2018, que ocorreu em Uberaba/MG, encontro no qual tivemos a oportunidade de participar, inclusive, como membro da Comissão Organizadora. Nos vem a lembrança a importância de pensar o impacto futuro que nossas ações carregam, para as futuras gerações construírem sua militância no MESS. Não percebemos, necessária e provavelmente, o impacto de nossas ações no momento presente, correspondente com nossa atuação política. Isso provoca a pensar sobre a responsabilidade e a dimensão ético-política que o MESS nos proporciona desenvolver; reviver essa memória, nos permite pensar nos retrocessos do imediatismo, na falta de leitura sobre as condições necessárias para o desenvolvimento crítico da nossa própria formação de consciência - o que também vale para compreendermos o processo histórico do MESS e a da ENESSO, seus saltos e recuos.

Mariele salienta ter identificado várias ações da ENESSO vinculadas a Frente (participação em encontros e seminários da FNCPS, além de articulação conjunta na participação da Frente em espaços mais amplos, como as Conferências de Saúde e eventos diversos de natureza acadêmica). Pontualmente, ela também localizou iniciativas próprias da ENESSO que abordaram o tema da saúde e o MESS. De toda maneira, vêm contribuindo

[...] com o debate sobre os atuais projetos de saúde e societários em disputa, desempenhando um trabalho de base; produzindo vídeos, oficinas, cartilhas e provocando os estudantes de Serviço Social a construírem os fóruns de saúde locais/estaduais vinculados à Frente por meio de seus cadernos de deliberações anuais e pelas suas mídias sociais (facebook e blog). Foi possível notar também, por meio da entrevista e da análise documental, que a discussão, adesão à luta e construção tanto do colegiado quanto dos Fóruns locais/estaduais, ainda é dispersa e não tem muita adesão nacional, ficando mais concentrada nas regiões III e V da ENESSO. Portanto, é possível perceber como é necessário divulgar e fomentar o debate, para que o trabalho de base consiga atingir todas as regiões que compõem a ENESSO. Com relação à direção ético-política da intervenção do MESS na Frente, é nítida a defesa de um Sistema Único de Saúde público, 100% estatal, com posição definida em defesa dos interesses da classe trabalhadora, com vistas a um horizonte estratégico anticapitalista, estando assim, em total consonância com o Projeto Ético-Político Do Serviço Social. (CUNHA, 2019, p.50).

Em suma, ela aponta que a ENESSO vem consolidando uma importante contribuição junto à Frente Nacional Contra a Privatização da Saúde; mesmo que de forma ainda tímida, se soma na “resistência pela defesa do projeto de saúde da Reforma Sanitária e se alinha às lutas por uma nova sociabilidade, entendendo a saúde como parte de uma totalidade que precisa ser defendida (ibidem, p.09). Ao final, ela registra um apelo:

Considero importante destacar que a ENESSO precisa registrar melhor essas ações e lutas, a fim de aprofundar o debate em torno dessa Frente ampla, que se construiu baseada em princípios compatíveis com os princípios defendidos pelo Serviço Social. Nesse sentido é fundamental ampliar o debate sobre a privatização e a defesa do SUS 100% público e estatal junto ao segmento estudantil, mostrando os prejuízos que esse processo tem trazido aos usuários do SUS, e como isso pode impactar na nossa vida, não só enquanto usuárias(os) do SUS, mas também futuras(os) trabalhadoras(es) da política de saúde, assim como mostrar o quanto isso tem impacto sobre a seguridade social. (CUNHA, 2019, p.51).

Encerramos a pesquisa com o estudo de um último TCC encontrado via plataforma Google Scholar, para nossa surpresa. Também datado do ano de 2019, mais uma pesquisa se propôs ao debate do MESS, vinculado à uma instituição de ensino de natureza privada, no norte do Brasil – a Faculdade da Amazônia (FAMA), com sede do curso de Serviço Social na cidade de Vilhena (RR). O TCC “Movimento estudantil e Serviço Social na redemocratização acadêmica”, de autoria de Valdinei de Souza Oliveira. Com relação à sua trajetória, o autor afirma

O presente estudo se constitui a partir da participação do autor em um evento do Movimento Estudantil de Serviço Social (MESS). Por meio dessa participação que acabou surgindo o questionamento sobre a redemocratização do ensino superior, na formação acadêmica em Serviço Social. (ibidem, p.10)

Entretanto, não há informações no TCC que nos possibilitem significar o processo pelo qual se constituiu a relação do pesquisador com o MESS – se por meio de participação nas ações do MESS, se por meio de construção do Centro Acadêmico do curso, encontros da ENESSO e suas respectivas gestões de representação.

No resumo do seu trabalho, buscando identificar elementos que pudessem evidenciar a proposta da pesquisa.

Considerando a relevância dos diversos estudos relacionados ao Movimento Estudantil este trabalho tem como objetivo fazer um estudo sobre esse Movimento desde o contexto histórico até a atualidade e as questões referentes ao Ensino Superior e a Redemocratização Acadêmica na formação em Serviço Social. O estudo se dá através de uma pesquisa qualitativa em consonância com uma pesquisa em

ênfase bibliográfico, pretende-se aprofundar o conhecimento sobre a temática e viabilizar Políticas Públicas de impacto a esse público estudado. Viabilizar maior conhecimento para possibilitar uma visão crítica e reflexiva sobre a temática estudada. (OLIVEIRA, 2019, p.04).

Dentre esta e outras várias particularidades que esse trabalho apresenta, sublinhamos algumas considerações, no início deste capítulo. Com relação às condições de organização política na região I da ENESSO, a distância regional das principais escolas é fator a se destacar como entraves que dificultam a articulação. A RI possui território bastante vasto, abarcando os seguintes estados: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Pará, Piauí, Rondônia e Roraima. Concentra, também, o maior número de estados em uma única região.

O TCC foi orientado pela Prof.^a Esp. Elizângela Gomes Marinho o que o caracteriza com a especificidade de ser o único em que a orientadora não é titulada em nível de pós-graduação *strictu sensu*; demais membros da banca não possuem nenhuma formação pós-graduada. Esse cenário nos diz não sobre a competência profissional das assistentes sociais envolvidas na avaliação do trabalho de Valdinei, mas sim, sobre a realidade mais geral que compõe a precarização da formação profissional no ensino superior, com destaque para a falta de investimento e incentivo na formação permanente do corpo docente das IES privadas.

Tais fragilidades se refletem no todo da pesquisa. Ao longo do TCC, os tópicos são apresentados de forma descritiva em detrimento de reflexões que expressem a visão do autor. A dimensão investigativa e crítica aparece timidamente, sufocada pelo aspecto mesmo informativo que o texto carrega. Em alguns momentos, elementos que expressam confrontos com o projeto de educação do capital, se fazem presentes, em geral, sinalizados a partir da realidade empírica que atravessa o sujeito.

Expandir o acesso ao Ensino Superior é um grande desafio para aumentar a escolaridade média da população. Aumentar o número de vagas e criar mecanismos de inclusão de populações carentes são algumas medidas que devem ser desenvolvidas para que a meta seja atingida. Nesse longo caminho, as políticas públicas têm um papel fundamental, mesmo assim a questão financeira ainda é um grande entrave para que os jovens brasileiros cursem o nível superior (OLIVEIRA, 2019, p.18).

Em suma, os cursos superiores ofertados nas IES privadas e filantrópicas são em grande parte, de qualidade questionável e voltados somente ao interesse do capital (OLIVEIRA, 2019, p.20).

O Estado é responsável pela disponibilidade da educação pública para todos os cidadãos. Todavia, o sistema educacional ofertado pelo Estado é bastante precário. Muitas escolas não têm sequer condições adequadas para funcionamento e as Universidades

Públicas oferecem um número pequeno de vagas, não proporcionando oportunidades para todos. Em razão disso, o setor privado de educação vem crescendo gradativamente (OLIVEIRA, 2019, p.23).

Em muitas ocasiões se percebe a ausência de articulação das ideias apresentadas, e em alguns momentos, incorre-se na falta de citação em conformidade com normas ABNT (citação direta sendo utilizada como indireta), as quais podem se expressar como desafios nos quesitos da ética em pesquisa.

Notamos lacunas importantes, como na abordagem feita pelo autor sobre a importância do movimento estudantil, mas não se explicita de que forma essa contribuição de deu e se dá no processo histórico.

Em detrimento do debate das Diretrizes Curriculares (ABEPSS, 1996) que se pautam na concepção de “questão social” ou expressões da questão social, aparece outra categoria empregada por Valdinei:

A melhora na educação hoje não é mais um dever e sim uma necessidade. O país possui os piores índices nesse setor e os resultados da omissão do Estado em investimentos nos colocam entre os países mais violentos do mundo. Entre outros **problemas sociais**, como a miséria, a falta de moradia digna, saneamento básico, qualidade de vida, está a precariedade do ensino público. (OLIVEIRA, 2019, p.23, grifo nosso).

Também encontramos a incorporação de ideias antagônicas quanto ao debate do ensino superior no Brasil.

O processo de reforma do ensino superior no Brasil sob os moldes neoliberais tem início ainda nos anos de 1990, no governo de Fernando Henrique Cardoso-FHC. [...] Nos governos de Lula (2003 – 2010), presencia-se a continuidade da expansão da educação superior, mediante o financiamento público indireto para o setor privado por meio do Programa de Financiamento Estudantil (FIES), implantado em 1999, ainda no governo FHC e do Programa Universidade para Todos (PROUNI), de 2005. A ênfase recai sobre o incentivo à educação privada, em detrimento da melhoria da qualidade das IES públicas (CAVAIGNAC e COSTA, 2017, p.416). Dessa forma, tem-se o aumento do número de IES privada no país, oferecendo diversos cursos, dentre eles os de graduação tecnológica, cuja duração tem em média de dois a três anos, fazendo com que o tempo de formação se reduza e o número de profissionais certificados cresça rapidamente. (OLIVEIRA, 2019, p.12).

Na sequência, é feita uma outra leitura desta realidade, caminhando para uma renúncia à leitura crítica anteriormente sinalizada no TCC:

Durante o governo Lula, reivindicações do movimento estudantil históricas foram atendidas e debatidas, dessa forma a juventude **deixava de ser um problema policial** como era tratada nas políticas

anteriores e se tornava então um importante **instrumento** do planejamento e do desenvolvimento nacional, mostrando a nova forma do governo em lidar com a juventude, o movimento estudantil passava também por uma nova forma de agir, **tendo o governo agora como aliado**. Neste governo foram criados diversos programas voltados para a juventude, conseguiu-se construir um conjunto de ações no intuito de **superar** novos desafios para as políticas de juventude [...]. (ibidem, p.23-24).

Nessa ocasião, o movimento social é situado não como polo de tensão com o projeto neoliberal, mas como meio de construção de coalizão, de colaboracionismo e passível de *instrumentalização* pelos governos do país.

Com relação aos resultados da pesquisa, Valdinei afirma:

As etapas dessa pesquisa compreendem revisão bibliográfica sobre o assunto com isso, obteve profundo conhecimento sobre o tema estudado e estratégias de transformação social no âmbito das políticas públicas voltadas ao público alvo com destaque para o seu potencial de impacto sobre suas vidas, individual, familiar e societária. Desta maneira, a metodologia aplicada para a construção desse estudo foi a pesquisa bibliográfica, em consonância com a metodologia qualitativa utilizada em todo contexto da estrutura dessa pesquisa (ibidem, p.26).

Não encontramos no material, contudo, a exposição dos resultados da referida pesquisa bibliográfica. Valdinei lista em referências um conjunto de 04 obras de Anthony Giddens:

GIDDENS, Anthony. (1989 [1984]), A construção da Sociedade. São Paulo, Martins Fontes.

[...] As consequências da Modernidade. São Paulo, UNESP.

[...] Para Além da Esquerda e da Direita. São. Paulo, UNESP.

[...] A Vida em Uma Sociedade Pós-Tradicional". In Anthony GIDDENS, Ulrich Beck e Scott Lash, Modernização Reflexiva. São Paulo, UNESP. (OLIVEIRA, 2019, p.31).

Porém, as ideias deste não são desenvolvidas, no texto, sendo utilizadas apenas em um parágrafo, sem correlação com o debate do tópico apresentado.

Para ele [Giddens], a dinamicidade que caracteriza e distingue a sociedade moderna das tradicionais é consequência da separação do tempo e do espaço das relações sociais à luz da aquisição contínua de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos. O levantamento das publicações referentes ao Movimento Estudantil, Juventude, Universidade e Ensino Superior brasileiro delimitou marcos temporais, cidades e entidades a serem contemplados no estudo (OLIVEIRA, 2019, p.25).

Outras referências mais são listadas sem que se tenha as utilizado no TCC.

CATANI, Afrânio Mendes et al. PROUNI: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior?. Educar em Revista, 2006.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012. Regulamenta a Lei, n. 12.711, p. 6.

JÚNIOR, João Feres, and Verônica Toste Daflon. "Políticas da igualdade racial no ensino superior". *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense* 5 (2014): 31-44.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; RAIZER, Leandro; FACHINETTO, Rochele Feline. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. *Sociologias*. Porto Alegre. Vol. 9, n. 17 (jan./jun. 2007), p. 124-157, 2007.

Nos trouxe maior preocupação ainda, o fato de nada ter sido tratado no TCC sobre o Movimento Estudantil de Serviço Social. O MESS e a ENESSO não fazem parte do estudo de Valdinei, que ao invés de discutir “Movimento Estudantil de Serviço social na redemocratização acadêmica”, só se propôs, na realidade, a um debate *do Serviço Social* sobre o Movimento Estudantil (geral) na redemocratização acadêmica - com estrutura similar à de artigos publicados em periódicos científicos.

Buscamos confirmar se esta não seria uma versão preliminar, ou ainda, o projeto de pesquisa; mas, vide folha anexa na p.03, identificamos a ata de defesa do TCC, que conta no total com 33 páginas.

É um desafio finalizar este capítulo, no qual condensamos os principais elementos da pesquisa bibliográfica com dados que nos provocam a seguir investigando outras dimensões possíveis e necessárias a se estudar. Mas é importante dizer que, no percurso do mestrado, tivemos a feliz oportunidade de nos defrontarmos com o desenvolver da realização de outras pesquisas sobre o tema.

É com alegria que podemos registrar a existência de outros TCCs, disponíveis digitalmente, a partir de 2021, período que não compreende a delimitação temporal que elencamos para fins desta dissertação. São eles:

- SILVA, Helen Cristina Ferreira da. **Olhos atentos braços fortes pra enegrecer, juventude negra organizada para tomar o poder: Serviço Social, raça/etnia o debate no interior do movimento estudantil**. 2021. 93 f. Monografia (Graduação) - Curso de Serviço Social, Campus Universitário de Miracema, UFT.
- SANTOS, Mirelle Patrino Araujo; BARROS, Yasmin Patricia dos Santos Ferreira Cardoso de. **Movimento estudantil em Serviço Social: desafios de ontem e de hoje**. 2021. 72f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

- SILVA, Juliana Fracaro da. **Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social - ENESSO Região VII**: relato de experiências na militância estudantil. 2022. 88 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos.
- COSTA, Ana Carla. **Movimento Estudantil de Serviço Social e pandemia COVID-19** - “O desafio é (re) encantar-se!”. 2022. 74f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba.
- ARAÚJO, Beatriz Alves. **ENESSO no combate ao racismo**: contribuições do movimento estudantil de Serviço Social na luta antirracista. 2023. 90f. TCC (Graduação). Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba.

Contudo, não poderíamos deixar de salientar algumas considerações mais gerais, uma vez que tomar conhecimento de tais pesquisas foi fundamental para nos fortalecer durante estes mais de 02 anos de pesquisa, nos renovando os anseios para conhecer as tantas dimensões que o MESS e a ENESSO são compostos.

Tivemos a feliz ocasião de dividir a militância, em período pregresso, junto à 03 destas autoras, conhecendo seu afinho na construção das nossas entidades representativas, dividindo momentos de aprendizado e aprendendo a conhecer o universo da pesquisa e das lutas sociais.

Vemos (com expectativas de que essa tendência se consolide), a persistência do debate em torno do MESS e da formação profissional, situando desafios e possibilidades, mantendo viva a direção das pesquisas que centram análises que venham a contribuir para o fortalecimento da ENESSO. Além disso, seguramente, é promissora a emergência de pesquisas que pautem as relações étnico-raciais e a luta antirracista – e que essa direção venha a constituir com ênfase, o todo que fundamenta as demais pesquisas realizadas, no sentido do adensamento dos debates sobre a realidade da formação sócio-histórica brasileira e latino-americana. O estudo que privilegiou o contexto da pandemia da COVID-19 indica a postura vigilante de sujeitos atentos às contradições conjunturais, e dispostos a enfrentá-la, inclusive, no plano da produção de conhecimentos.

Por fim, nosso vigor se renova ao encontrar trabalhos, também, de outras naturezas diversas, em diferentes níveis de pesquisa e construção do conhecimento, a partir de 2020:

- Artigos:
 - FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan. Movimento Estudantil de Serviço Social e os desafios contemporâneos: um balanço crítico do contexto pós-golpe. In: Universidade e Sociedade, Brasília (DF), ano XXX, v. 65, p. 70-81, 2020.
 - FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan. Movimento estudantil de serviço social e o projeto ético-político na formação profissional. Revista Serviço Social Em Perspectiva, [s. l.], v.1, n.1, p.250–251, 2020.
 - GISLER, Giulia Valentina Giacomolli; SOUZA, Larissa. ÀQUELAS QUE VIERAM E QUE VIRÃO: ENESSO em meio à pandemia da Covid-19. Revista Pindorama: O Serviço Social em Destaque. Florianópolis, v. 1, n. 1, dezembro, 2020.
- Capítulos de *e-book*:
 - SOBRINHO, Jodeylson Islony de Lima. O Movimento estudantil de Serviço Social (MESS): uma mediação ético-política na formação profissional em Serviço Social. In: OLIVEIRA, Thaislayne Nunes de. (org.). Processos de subjetivação no serviço social. v. 2 [recurso eletrônico]. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.
 - GUEDES, Mirtes Nayanne Freitas Costa. O movimento estudantil de serviço social: uma análise acerca das lutas, alianças e desafios. In: GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro (org.). Serviço social e movimentos sociais: debates contemporâneos. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande - EDUEFCG. 2021.
- Dissertações:
 - SOARES, L. M. S. Universidade e participação política: um estudo de caso com os estudantes da Escola de Serviço Social da UFRJ. 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
 - GUEDES, Ana Cristina Farias. Movimento Estudantil de Serviço Social e COVID-19: desafios e reflexões na articulação da região II da ENESSO.2022. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.
- Comunicação Oral/Anais de eventos

- COSTA, Ana Carla da; Félix, Patrícia Oliveira. As contribuições do Movimento Estudantil de Serviço Social para uma formação profissional crítica. *In: Anais do Seminário Nacional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social*. 2020.
- TEIXEIRA, Ana Cecília de Araújo; COSTA, Gabriela Cleusa; DE JESUS, Gislayne; CHAGAS, Juan Rafael Mirê Sanchez. Coletivo Negro De Serviço Social Magali Da Silva Almeida: a historicidade do coletivo e uma reflexão acerca dos desafios ligados às questões étnico-raciais na formação em Serviço Social. 2020.
- ALMEIDA, Raline Santana. Executiva Nacional de Serviço Social e a Questão Racial: contribuições para a formação profissional. *In: Anais do Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais*, v. 17, n. 1 (2022).
- FERREIRA, Wellington Monteiro, PORTELA, Luana; SILVA, Priscila Ketlyn Firmino; SIQUEIRA, Guilherme; SILVA, Natália Costa. O Serviço Social e sua dimensão político-organizativa: perspectivas sobre a representatividade estudantil na ABEPSS. *Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*. v.17, n.2 (2022).

São muitas abordagens que nos permitem-nos dizer que a produção de conhecimentos no MESS não é parca, mas sim, carece de maior divulgação e apropriação pelos sujeitos e a categoria profissional. Que o MESS pesquisa sua própria história e disputa, também teoricamente, sua direção. Que o conjunto de pesquisas existentes é campo também de tensões, mas é marcada pela hegemonia crítica e por constantes esforços históricos para resgatar sua própria construção política. Que a tendência de continuidade de realização de estudos na área merece continuar ser endossada. Que os desafios se adensam em termos da disputa de projetos educação - que são, também, expressão dos embates de projetos societários que representam interesses de classes sociais antagônicas - nos conclamando a permanecer lutando pela preservação do patrimônio político do Serviço Social brasileiro, que carrega a marca da renovação imprimida pela ação da juventude, oxigenando nosso projeto rumo a emancipação humana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, penso que a experiência do mestrado nos apresentou, como contribuição pessoal, um valioso entendimento que permite dizer, é um passo importante no aprendizado quanto a realização de estudos. Como fazer fichamento, leitura, como dialogar criticamente com autores. Uma sensação de que, conforme avançamos no estudo analítico dos TCC's, pudemos nos aprimorar na dimensão técnica-operativa que constitui o Serviço Social.

Importante dizer que isto nos requer que seja registrado uma percepção quanto o aspecto “inacabado” que percebemos na estrutura da dissertação. É deveras desafiador proceder com a apresentação de um conjunto ordenado das reflexões apreendidas. Compreendemos como movimento processual que compõe a construção do conhecimento, da interpretação do real – que não se divide em suas dimensões para que possamos, facilmente, assimilá-lo. Ele é caótico, imbricado em múltiplos processos não lineares, porque históricos e complexos. E assim a finalização da pesquisa nos deixa, felizmente, provaocadas à permanecer no compromisso com a investigação científica, mas, sobremaneira, à seguir buscando recursos que, ao fim, nos forneça coletivamente, ferramentas de transformação do mundo em que vivemos.

Aqui, encerramos uma trajetória em que descobrimos os sabores e dissabores do percurso coletivo. Indivíduos da sociedade burguesa, em constante processo de conformação, a descobrir que somos um ser social, ainda que tenhamos produzido modos de vida que insistem em confrontar – e destruir – essa condição inerente de nossas vivências.

Este vem sendo o sentido que nos motiva a estudar a organização política e o Serviço Social. Mantemos-nos, agora com ainda mais convicção, quanto a necessidade de continuarmos nessas trilhas, partindo da crítica das relações sociais de produção e reprodução social da vida.

Com a proposta de estudar a produção de conhecimentos sobre o MESS nos anos 2000 à 2020 registradas em Trabalhos de Conclusão de Curso, chegamos a um entendimento de que há muita história a se desvelar. Encontramos 13 TCC's disponíveis em meios digitais, mas identificamos que existe um arsenal de outros tantos em versões físicas que, de certo modo, podem se perder em meio à “crítica roedora dos ratos”. Temos de resgatá-los.

No ensejo, articulamos estas reflexões para tecer questionamentos sobre frequentes críticas que encontramos nas mais variadas produções acadêmicas, qual seja, às que apontam “lacunas” em debates específicos pelo Serviço Social. Nos parece, que na construção do conhecimento, estas afirmações carregam lastros de ordem mais relativa aos limites encontrados por pesquisadores e pesquisadoras (dentre esses, a falta de aprimoramento teórico-metodológico) do que, realmente, na necessidade de estudar temas “negligenciados”. Em suma, nos questionamos quanto às incidências do campo pós-moderno e da crescente especialização no mundo trabalho nas pesquisas em geral. Ora, acreditamos que uma jovem profissão – perante o todo da história da humanidade – que se ocupa da intervenção nas expressões da questão social, não poderia, superar a realidade, saturada de determinações, múltipla e diversa.

Sobre a participação de estudantes na construção do projeto de formação profissional, percebemos incontáveis vezes nos TCC’s, uma certa cristalização do MESS e da ENESSO como homogêneas e isentas da reprodução de equívocos de natureza política. Os TCC’s dizem que a articulação de estudantes possui uma importância “inconteste”, “inegável”, “indubitável”. Pensamos que o recurso à argumentos de autoridade não apagam o processo real e contraditório em a contribuição do MESS e da ENESSO vem construindo *historicamente*, sobretudo, com pouca *documentação* histórica a respeito.

Sentimos a necessidade de ter acesso à arquivos que registram os processo que envolveram a construção das Diretrizes Curriculares (ABEPSS, 1996) e da organização do III CBAS (“Congresso da Virada” – 1979), por exemplo, para nos apropriarmos com maior riqueza de elementos sobre o protagonismo do MESS na profissão. Além disso, pensamos quanto seria crucial desenvolver investigações nesta área que abarquem o recurso da história oral, como possibilidade que reserva fonte à conhecimentos que nenhum livro pode proporcionar.

O acúmulo central dos TCCs sobre o MESS reside na “reescrita” da própria história, apresentando-se como concreto pensado. Vem acompanhada, sobretudo, de uma compreensão sobre a dimensão sociopolítica que evidencia o movimento estudantil como potencializador crítico, que atravessa a formação de sujeitos os quais se envolveram de forma pública na luta pela defesa e ampliação de direitos sociais – muitas vezes, passando a radicalizar-se na disputa pela construção de um projeto societário de horizonte socialista e comunista.

Abrem-se muitas possibilidades para os próximos anos, tanto em termos de pesquisa, quanto em relação à direção sociopolítica do MESS e da ENESSO – vale dizer, inclusive com participação de sujeitos que querem a profissão em trilhos conservadores.

As construções poéticas autorais e que serviram de inspiração às pesquisadoras relevam a dimensão dos impactos diversos que a militância política possibilita desenvolvermos. São palavras de ordem, músicas e versos de denúncia e promessas afetivas, são enfim, indicativas do desenvolvimento da diversidade humana em seus afetamentos e significados – inclusive, políticos.

De norte à sul do Brasil, pulsam experiências de práxis políticas mediadas pela relação MESS/ENESSO e pesquisa acadêmica, imprimindo à realização de tantos TCC's, a possibilidade de ressignificarmos a experiência de formação universitária na sociedade burguesa.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS). **Diretrizes Gerais para o curso de Serviço Social** (Com base no Currículo Mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996.). 1996. Disponível em:
http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311138166377210.pdf .
 Acesso em: 17 out. 2022.
- BOURGUIGNON, Jussara Ayres. A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 46-54, 2007. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S1414-49802007000300005/3911> . Acesso em: 17 out. 2022.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2022**: notas estatísticas. Brasília: Inep/MEC, 2022. Disponível em:
https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2022.pdf . Acesso em: 05 ago. 2023.
- BRAZ, Marcelo. Notas sobre o projeto ético-político do serviço social. In: CRESS 7a Região. (org.). **Assistente social: ética e direitos** - coletânea de leis e resoluções. 5 ed. Rio de Janeiro: Daugraf, 2008, v. 1, p. 78-85.
- CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Código de Ética do/a Assistente Social comentado**. São Paulo: Cortez, 2012.
- CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Serviço social, memórias e resistências contra a ditadura**: depoimentos. Brasília, DF: CFESS, 2017. Disponível em: <https://issuu.com/cfess/docs/livro-memoriaseresistenciascontradi> . Acesso em: 22 fev. 2023.

CFESS. **Conferência Popular Nacional de Educação**. CFESS Manifesta. CFESS: Brasília, 2022. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2022-AStrabalhaEduca-Site.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

CFESS; ABEPSS; ENESSO (orgs.). **Sobre a incompatibilidade entre graduação à distância e serviço social**: volume 2. CFESS: Brasília, 2014.

CFESS; ABEPSS; ENESSO (orgs.). **Sobre a incompatibilidade entre graduação à distância e serviço social**: volume 1. 2. ed. CFESS: Brasília, 2015.

CRESS-RJ (CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL 7ª REGIÃO). Apresentação. In: CRESS-RJ (org.). **Projeto ético-político e exercício profissional em Serviço Social**: os princípios do Código de Ética articulados à atuação crítica de assistentes sociais. Rio de Janeiro: CRESS-RJ, 2013. p.05-09.

CRESS-SP (CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL 9ª REGIÃO). Gestão “Ampliações – Trilhando a Luta, com Consciência de Classe” (2017/2020). Colaboração de: Charles Toniolo de Sousa; Ítalo Marcos Rodrigues; Giselle Cristine Muniz; Maria Beatriz Costa Abramides; Márcia Merisse e Andresa Lopes dos Santos. **Homenagem do CRESS-SP ao companheiro Ailton Marques**. Notícias. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://cress-sp.org.br/homenagem-do-cress-sp-ao-companheiro-ailton-marques/> . Acesso em: 15 set. 2023.

COMISSÃO DA VERDADE PUC-SP. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/igreja-e-a-puc-contextualizacao.html>

CNPQ. **Instituição de ensino superior – IES**. Glossário. Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil. Lattes. Acesso em 20 set. 2023.

CURSO BACHARELADO EM SERVIÇO SOCIAL. **Projeto Pedagógico do Curso Bacharelado em Serviço Social**. Faculdade Cearense (FaC). 2013. Disponível em: [http://www.faculdadescearenses.edu.br/images/docimp/PPC_servi%C3%A7o_social_\[18.8.14\]_web.pdf](http://www.faculdadescearenses.edu.br/images/docimp/PPC_servi%C3%A7o_social_[18.8.14]_web.pdf). Acesso em: 22 set. 2023.

DUARTE, Catarina. **‘Perseguição política’**: alunos são condenados a pagar R\$ 21 mil por ocupação antirracista na PUC-SP. Ponte Jornalismo. Disponível em: <https://ponte.org/perseguiacao-politica-alunos-sao-condenados-a-pagar-r-21-mil-por-ocupacao-antirracista-na-puc-sp/>. Acesso em: 05 set. 2023.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

DURIGUETTO, Maria Lúcia; MONTAÑO, Carlos. **Estado, classe e movimento social**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. Movimentos sociais e serviço social no Brasil pós-anos 1990: desafios e perspectivas. In: ABRAMIDES, Maria Beatriz; DURIGUETTO, Maria Lúcia (org.). **Movimentos sociais e serviço social**: uma relação necessária. São Paulo: Cortez, 2014. p. 177-94.

ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. **Germinal**: Marxismo e Educação em Debate. Salvador, v. 4, n. 2, p.131-166, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9391/6829> . Acesso em: 06 mar. 2023.

EXECUTIVA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL (ENESSO). **ENESSO que bicho é esse?** [s.l.] 2014. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2014/04/cartilha-enesso-1.pdf> . Acesso em: 26 out.2022.

EXECUTIVA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL (ENESSO). **A quem serve o teu conhecimento?** [s.l.] 2015. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2015/08/a-quem-serve-teu-conhecimento-enesso2015.pdf> . Acesso em: 18 dez. 2022.

EXECUTIVA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL (ENESSO).

Estatuto da ENESSO. Curitiba, 2019. Disponível em:

<https://enessooficial.files.wordpress.com/2020/10/estatuto-revisado-2019-3.pdf> .

Acesso em: 26 out. 2022.

EXECUTIVA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL (ENESSO).

ABC DO MESS. Biblioteca. Blog da ENESSO. Disponível em:

<https://enessooficial.wordpress.com/enesso/historia/> . Acesso em: 08 dez. 2022.

EXECUTIVA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL (ENESSO).

Biblioteca. **Textos, artigos, TCC's e dissertações sobre o mess.** Biblioteca.

Textos

acadêmicos. Blog da ENESSO. Disponível em:

<https://enessooficial.wordpress.com/enesso/historia/> . Acesso em: 08 dez. 2022.

ENESSO. **Caderno de Deliberações.** 2011. Franca: ENESSO, 2011. Disponível

em: [https://enessooficial.files.wordpress.com/2011/06/caderno-de-](https://enessooficial.files.wordpress.com/2011/06/caderno-de-deliberac3a7c3a3o-da-enesso-2011-2012.pdf)

[deliberac3a7c3a3o-da-enesso-2011-2012.pdf](https://enessooficial.files.wordpress.com/2011/06/caderno-de-deliberac3a7c3a3o-da-enesso-2011-2012.pdf) . Acesso em 25 set. 2023.

ENESSO. **Quadro de temas dos ENESS.** ABC do MESS. *Blog da ENESSO.* Última

atualização: 2020. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1NWaMjWmiQm-](https://drive.google.com/file/d/1NWaMjWmiQm-XtJx8YYGJvj-HKoR-gryh/view)

[XtJx8YYGJvj-HKoR-gryh/view](https://drive.google.com/file/d/1NWaMjWmiQm-XtJx8YYGJvj-HKoR-gryh/view). Acesso em: 20 set. 2023.

ENESSO. **Coordenações Nacionais e Regionais da ENESSO.** ABC do MESS.

Blog da ENESSO. Última atualização: 2021. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1i3KJHClhTYdEhnS0PlsXCw0dYzMv2bLn/view> .

Acesso em: 20 set. 2023.

FAMA. **Quem somos.** Disponível em: <https://fama-ro.com.br/quem-somos/>. Acesso

em: 20 set. 2023

FAMA. **Serviço Social.** Disponível em: <https://fama-ro.com.br/servico-social/> .

Acesso em: 20 set. 2023.

FARAGE, Eblin. Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida

e de uma educação emancipadora. Conferência de abertura. **XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. [2022]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XCDcNDf8tuA> . Acesso em: 04 mar. 2023. In: TV ABEPSS. YouTube Canal.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Grupo GEN, 2022. *E-book*. ISBN 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#!/books/9786559771653/> . Acesso em: 05 mar. 2023.

GRUPO DE TRABALHO E PESQUISAS MOVIMENTOS SOCIAIS E SERVIÇO SOCIAL. **Relatório do GTP Serviço Social e Movimentos Sociais Gestão 2017-2018**. ABEPSS. Vitória, 2018. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/relatorio-gestao20172018-movimentos-sociais-e-servico-social-201912021622508947260.pdf> . Acesso em 29 nov. 2022.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Proposta de interpretação histórico-metodológica. In: IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 41 ed. São Paulo: Cortez, 2014, p.33-130.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Nas trilhas coletivas da resistência: Serviço Social e lutas sociais na América Latina. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 22, n. 44, p. 18-42, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/39451/26133> . Acesso em: 28 ago. 2023.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CESAR, Mônica de Jesus; MELO, Ana Inês Simões Cardoso de. Produção acadêmica e formação profissional: desafios e perspectivas para o serviço social. **Em pauta** (RJ), v. 21, p. 1, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/75919/46359> . Acesso em: 22 set. 2023.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

IASI, Mauro Luís. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARQUES, Morena Gomes; GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. Movimentos sociais e serviço social: uma análise das publicações sobre o tema. **Temporalis**. Brasília, DF, ano 19, n. 38, p. 24-36, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/24175/20063> . Acesso em 30 nov. 2022.

MARRO, Katia. Et al. **Temporalis**.

MARX, Karl. Posfácio da segunda edição [alemã]. In: MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. Livro I. p. 77-91.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; LENIN, Vladimir Ilich Ulianov. **Manifesto comunista; Teses de Abril**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC**. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>

NETTO, José Paulo. Notas introdutórias ao estudo do método de Marx. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Serviço Social**: direitos e competências profissionais. Brasília: CFESS, 2009^a.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social**: uma análise do serviço social no Brasil pós64. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2009a.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011a.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

POERNER, Arthur José. **O poder jovem**: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

QUINTINO, Marilene Rodrigues. A reitora e a invasão: violência, enfrentamento e notícia. In: QUINTINO, Marilene Rodrigues. **Nadir Gouvêa Kfourir**: a reitora, a universidade e a democracia puquiana (1976-1984). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/24601/1/Marilene%20Rodrigues%20Quintino.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.

RAMOS, Sâmia Rodrigues. A importância da articulação entre ABEPSS, Conjunto CFESS/CRESS E ENESSO para a construção do projeto ético-político do serviço social brasileiro. In: **Temporalis**, Brasília, DF, v. 11, n. 22, p. 113-22, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1727/1601> . Acesso em: 30 nov. 2022.

RAMOS, Sâmia Rodrigues; SANTOS, Silvana Mara de Moraes do. Projeto Profissional e organização política do Serviço Social: lições históricas e lutas contemporâneas. In: SILVA, Maria Liduína de Oliveira e (Org.). **Serviço Social no Brasil**: História de resistências e de ruptura com o conservadorismo. São Paulo: Cortez, 2016.

SANTOS, Tiago Barbosa. **A participação política dos estudantes de serviço social na defesa e consolidação da direção social da formação**: a práxis política dos estudantes e a relação com a formação profissional. 181 f. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

SILVA, Maria Liduína de Oliveira e. Apresentação. In: SILVA, Maria Liduína de Oliveira e (Org.). **Serviço Social no Brasil**: História de resistências e de ruptura com o conservadorismo. São Paulo: Cortez, 2016.

TERRA, Sylvia Helena. Código de ética do(a) assistente social: comentários a partir de uma perspectiva jurídico-normativa. In: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Código de ética do/a assistente social comentado**. São Paulo: Cortez, 2012, p. 111-250.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os fundamentos históricos e teórico--metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. In: CFESS. **Serviço Social**: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS, 2009.

YAZBEK, Maria Carmelita. Serviço social e seu projeto ético-político em tempos de devastação: resistências, lutas e perspectivas. In: YAZBEK, Maria Carmelita; IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço social na história**: América Latina, África e Europa. São Paulo: Cortez, 2019.

ZANELLI, Lucila de Souza. **Movimento estudantil de Serviço Social e consciência de classe**: um debate a partir da ENESSO. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Serviço Social. Universidade Federal do Triângulo Mineiro/UFTM. Uberaba, 2019. 128f. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/17GbO9b75ioXi9WphCxp22jDP-gLg2LXi/view> .
Acesso em: 24 out. 2022.

APÊNDICE

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

ARTIGOS:

PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de; DURIGUETTO, Maria Lucia. Um convite à rebeldia: movimento estudantil de serviço social no diretório acadêmico Padre Jaime Snoeck - Faculdade de Serviço social/UFJF. *In: Revista Libertas*, Juiz de Fora, v. 6 e 7, n. 1 e 2, p. 149 - 174, jan-dez/2006, jan-dez/2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18151/9403>. Acesso em: 18 mar. 2022.

PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de. As entidades representativas enquanto estratégias político-organizativas dos assistentes sociais –um resgate histórico. *Revista Serviço Social em Perspectiva –Montes Claros/MG*, v.2, n.1, jan/jun-2018. p.390-434. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/377/409>. Acesso em: 21 set. 2023.

ZANCANELO, Juliano; SILVA, Laira Lucia dos Santos. O Diretório Acadêmico Padre Jaime Snoek: considerações a partir de experiências e trajetórias militantes entre 2015-2018. *In: Revista Libertas*, Juiz de Fora ,v. 18, n. 2, p. 186-203, jul. a dez./2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18602/9728>. Acesso em: 18 mar. 2022.

LIMA, Isabelle Cristina Custódio de. 40 anos do movimento estudantil de serviço social: desafios e perspectivas na atualidade. *In: Temporalis*, Brasília (DF), ano 19, n. 38, p. 37-51, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/24093/20064>. Acesso em: 18 mar. 2022.

BRAZ, Marcelo; MATOS, Maurílio Castro de. 30 anos de rearticulação do

Movimento Estudantil em Serviço Social. Revista Serviço Social & Sociedade. São Paulo, nº 96, p. 174-182, novembro 2008.

RAMOS, Sâmya Rodrigues; SANTOS, Silvana Mara Moraes. O Movimento Estudantil de Serviço Social: parceiro na construção coletiva da formação profissional do(a) assistente social. In: **Cadernos ABESS**. n. 07. São Paulo: Cortez, 1997. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/08-caderno-abess-n7-movimento-estudantil-do-servico-social-201702011419597144220.pdf>. Acesso em 21 mar. 2022.

RAMOS, Samya Rodrigues. A importância da articulação entre Abepss, Conjunto CFESS/Cress e Enesso para a construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social brasileiro. Temporalis, 2011. (completar).

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan; CAPUTI, Leslieane ; SILVA, Gabriele Ponciano ; ZANELLI, Lucila de Souza. Movimento Estudantil e dimensão político-organizativa: um debate necessário na formação profissional em Serviço Social. In: **Emancipação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1–16, 2019. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/11013>. Acesso em: 18 mar. 2022.

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan; CAPUTI, Leslieane. O protagonismo do movimento estudantil de serviço social brasileiro: contribuições para a (re)construção da profissão. In: **Universidade e Sociedade**, Brasília (DF), ano XXVII, v. 59, p. 128-141, 2017. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/7b58579d29466efd39d459fd4dcc3260_1548264693.pdf. Acesso em: 21 mar. 2022.

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan. Movimento Estudantil de Serviço Social e os desafios contemporâneos: um balanço crítico do contexto pós-golpe. In: **Universidade e Sociedade**, Brasília (DF), ano XXX, v. 65, p. 70-81, 2020. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/e6044942a65bd14f8e145ac61c2db303_1581944312.pdf. Acesso em: 21 mar. 2022.

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan *et al.* Discente em ABEPSS: que bicho é esse?. *In: Temporalis*, Brasília (DF), ano 16, v. 31, p. 419-428, jan/jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/12372/10115>. Acesso em 21 mar. 2022.

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan. Movimento estudantil de serviço social e o projeto ético-político na formação profissional. *Revista Serviço Social Em Perspectiva*, [s. l.], v.1, n.1, p.250–251, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/964> . Acesso em: 29 mai. 2023.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. Movimento estudantil de serviço social e dilemas atuais: o desafio é (re)encantar-se. *In: Universidade e Sociedade*, Brasília (DF), ano XXIII, v. 54, p. 70-81, ago. 2014. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/f0ad39a0654e722857480980e1cc8674_1548264560.pdf. Acesso em: 21 mar. 2022.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. A construção sócio-histórica dos movimentos sociais: notas sobre o movimento estudantil. *Revista Universidade e Sociedade*. Brasília (DF), ano XXII, n. 51, 2013. p. 92-103. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0cc898fd8f46837c1cf744e09bb2b8c6_1548264469.pdf. Acesso em: 21 set. 2023.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. A construção sócio-histórica dos movimentos sociais: notas sobre o movimento estudantil. *In: Universidade e Sociedade*, Brasília (DF), ano XXI, v. 48, p. 131-140, jul. 2011. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0a9783f9c30e1cc83b69fe1d47cde792_1548264050.pdf. Acesso em: 21 mar. 2022

VALDO, João Paulo da Silva; TEIXEIRA, Rafael Vieira; SILVA, Sócrates Pereira. As contribuições e os entraves das organizações políticas no interior do Movimento Estudantil de Serviço Social. *In: Universidade e Sociedade*. Brasília: Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, 2016, ano XXVI, n. 57. p. 136-147. Disponível em:

https://www.andes.org.br/img/midias/8ea654c4a4eef264f92f12e3cfb6d925_1548264638.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

ZANELLI, Lucila de Souza; RODRIGUES, Brenda Soares; SILVA E BRIGO, Bruna Alexandra; COSTA, Ana Carla; SILVA, Letícia Fernanda Alves. Consciência de classe e formação profissional em serviço social: ação política do movimento estudantil em cena. *In: Revista Serviço Social em Perspectiva*, [S. l.], v. 4 (Especial), p. 417–428, 2020. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/1430>.

Acesso em: 21 mar. 2022.

ZANELLI, Lucila de Souza; CAPUTI, Leslieane. Consciência de classe e o movimento estudantil de serviço social brasileiro. *In: Revista Serviço Social em Perspectiva*, [S. l.], v. 4 (Especial), p. 429–442, 2020. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/1431/1638>. Acesso em: 21 mar. 2022.

ZANELLI, Lucila de Souza. O contexto político brasileiro e a produção de conhecimentos sobre o movimento estudantil de Serviço Social. *In: Revista Serviço Social em Perspectiva*, [S. l.], v. 6 (Especial), p. 440–455, 2022. Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/6611/6424>. Acesso em 11 jun. 2023.

ZANELLI, Lucila de Souza. Legado Político Marxiano: Significado Social do Conhecimento Científico para o Movimento Estudantil de Serviço Social. **Revista da APG**, São Paulo, v. 1 (n. 1), janeiro-junho, 2022. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/apg/article/view/56596/41714>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GISLER, Giulia Valentina Giacomolli; SOUZA, Larissa. ÀQUELAS QUE VIERAM E QUE VIRÃO: ENESSO em meio à pandemia da Covid-19. *Revista Pindorama: O Serviço Social em Destaque*. Florianópolis, v. 1, n. 1, dezembro, 2020. Disponível em: <https://revistapindorama.paginas.ufsc.br/files/2021/02/%C3%80QUELAS-QUE->

VIERAM-E-QUE-VIR%C3%83O-ENESSO-em-meio-%C3%A0-pandemia-da-Covid-19.pdf . Acesso em: 29 mai. 2023.

CAPÍTULO DE E-BOOK/LIVRO

FREITAS, Ivaneide Duarte de; DE LIMA, Isabelle Cristina Custódio. O movimento estudantil de serviço social como instrumento de defesa na reafirmação do projeto ético-político de serviço social nas IES privadas. In: SILVESTRE, Luciana Pavowski Franco (org.). **Políticas públicas no Brasil: exploração e diagnóstico**. v. 6. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. (e-book). p. 90-7. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/01/E-book-Pol%C3%ADticas-P%C3%ABlicas-6.pdf>. Acesso em 18 mar. 2022.

DINIZ, Tamiris Gomes; SILVA, Aline Maria da. A gente quer ter voz ativa e a nossa luta tocar: o encontro das escolas e sua contribuição para o movimento estudantil de serviço social. In: BIÉ, Solange Lima Simão; et al (Orgs.). Saúde no Brasil, formação acadêmica, práticas e exercício da profissão. (v. 1) Políticas públicas de assistência social: atenção à saúde coletiva e individual. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://wap.precog.com.br/bc-texto/obras/2019-pack-023.pdf#page=503> . Acesso em: 29 mai. 2023.

SOBRINHO, Jodeylson Islony de Lima. O Movimento estudantil de Serviço Social (MESS): uma mediação ético-política na formação profissional em Serviço Social. In: OLIVEIRA, Thaislayne Nunes de. (org.). Processos de subjetivação no serviço social. v. 2 [recurso eletrônico]. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Disponível em: <https://cdn.atenaeditora.com.br/documentos/ebook/202008/24bfa5da42b3f16149786d1f68440cfed866e83a.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2023.

GUEDES, Mirtes Nayanne Freitas Costa. O movimento estudantil de serviço social: uma análise acerca das lutas, alianças e desafios. In: GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro (org.). Serviço social e movimentos sociais: debates contemporâneos. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande - EDUFCG. 2021. p.215-261. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/29627/SERVI%C3%87O%20SOCIAL%20E%20MOVIMENTOS%20SOCIAIS%20-%20E->

[BOOK%20EDUFCG%202021.pdf?sequence=1&isAllowed=y](#). Acesso em: 21 set. 2023.

DISSERTAÇÕES E TESES

SILVA, Maria Guimaraes. **Movimento estudantil na Universidade Federal de Uberlândia/UFU**: um estudo na visão dos seus sujeitos. 1995. Mestrado em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.¹

CARVALHO, Izabella Bonifacio de. **A Democratização na Reorganização do Movimento estudantil Universitário em João Pessoa (1979-1985)**. 1996. Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.²

RAMOS, Sâmya Rodrigues. **A ação política do Movimento Estudantil de Serviço Social: caminhos históricos e alianças com outros sujeitos coletivos**. 1996. Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal De Pernambuco, Recife.³

FREITAS, Adriana da Silva. A repressão sobre os estudantes da UFRJ no período ditatorial. 2008. Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CAVALCANTE, Maria Lenira Gurgel. **Movimento estudantil e serviço social no capitalismo contemporâneo**: tendências e particularidades. 2009. Mestrado em Serviço Social. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/movimento-estudantil-e-servic3a7o-social-no-capitalismo-contempor3a2neo-tendc3aancias-e-particularidades-2009.pdf>. Acesso em 21 mar. 2022.

SILVA, Andréa Alice Rodrigues. **Movimento estudantil de serviço social e partido**

¹ Apesar de não se tratar especificamente do Movimento Estudantil de Serviço Social, optamos por relacionar esta pesquisa no levantamento bibliográfico, por se tratar de estudo sobre o Movimento Estudantil (sem delimitação de área de atuação, ou seja, geral), em Programas de Pós-graduação em Serviço Social.

² idem.

³ idem.

político na contemporaneidade: contradições no período dos governos Lula (2007/2010). 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9757>. Acesso em 21 mar. 2022.

RIBEIRO, Sara Cristina Mendes. Movimentos e Lutas Estudantis em Serviço Social nas últimas décadas em Portugal e no Brasil – uma primeira aproximação. 2011. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Altos Estudos, Instituto Superior Miguel Torga. Disponível em: <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/192> . Acesso em: 29 mai. 2023.

SILVA, Maria Guimaraes da. O movimento estudantil na Universidade Federal de Uberlândia - UFU: um estudo na visão de seus sujeitos. São Paulo, 1994. 228f.

SOARES, L. M. S. Universidade e participação política: um estudo de caso com os estudantes da Escola de Serviço Social da UFRJ. 2002. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

GUEDES, Ana Cristina Farias. Movimento Estudantil de Serviço Social e COVID-19: desafios e reflexões na articulação da região II da ENESSO.2022. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

RESUMOS TCC/DISSERTAÇÕES/TESES

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan. Movimento Estudantil de Serviço Social e o Projeto Ético-Político na Formação Profissional. Resumo de trabalho de conclusão de curso. *In: Revista Serviço Social em perspectiva*. Montes Claros, 2017. 1(1), p. 250–251. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/964/1018>. Acesso em: 21 mar. 2022.

ZANELLI, Lucila de Souza. Movimento Estudantil de serviço social e consciência de classe: um debate a partir da ENESSO. Resumo de trabalho de conclusão de curso.

In: Revista Serviço Social em perspectiva. Montes Claros, 2017. 1(1), p. 250–251.

Disponível em:

<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/456/190>

2. Acesso em: 21 mar. 2022.

RIBEIRO, Sara Cristina Mendes. Movimentos e Lutas Estudantis em Serviço Social nas últimas décadas em Portugal e no Brasil – uma primeira aproximação. 2011.

Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Altos Estudos, Instituto Superior Miguel Torga. Disponível em: <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/192>

ENCONTROS CATEGORIA E AFINS

SANTOS, Tiago Barbosa. Eu vou à luta com essa juventude: contribuição acerca do movimento estudantil de serviço social e o processo de formação profissional. *In:*

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL.

Anais do XII ENPESS. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/eu-vou-c3a0-luta-com-essa-juventude-contribuic3a7c3a3o-acerca-do-movimento-estudantil-de-servic3a7o-social-e-o-processo-de-formac3a7c3a3o-profissional-2010.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SANTOS, Tiago Barbosa. Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar: a participação do movimento estudantil no Método BH. *In:* CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Anais do XIII CBAS. Brasília, 2010. Disponível em:

<https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/um-passo-c3a0-frente-e-vocc3aanc3a3o-estc3a1-mais-no-mesmo-lugar-a-participac3a7c3a3o-do-movimento-estudantil-no-mc3a9todo-bh-2010.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

CAVALCANTE, Maria Lenira Gurgel. Atuação da Executiva Nacional Dos

Estudantes De Serviço Social no contexto da contra-reforma do ensino superior. *In:*

Anais da IV Jornada Integrada de Políticas Públicas: Maranhão, 2009. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/9_estados-e-lutas-

sociais/atuuacao-da-executiva-nacional-dos-estudantes-de-servico-social-no-contexto-da-contru-reforma-do-e.pdf. Acesso em 21 mar. 2022.

CAVALCANTE, Maria Lenira Gurgel. Movimento estudantil de serviço social na universidade do estado do Rio Grande do Norte: trajetória histórica na luta por uma universidade pública e de qualidade. *In: Anais da III Jornada Integrada de Políticas Públicas*: Maranhão, 2007. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoJ/3caad1aac60790a1dde3Maria_Lenira.pdf. Acesso em: 21 mar. 2022.

COSTA, Ana Carla da; Félix, Patrícia Oliveira. As contribuições do Movimento Estudantil de Serviço Social para uma formação profissional crítica. *In: Anais do Seminário Nacional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social*. 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1dPeGOIQLco3KSK4QoenP69uMKF1IC3Rd/view>. Acesso em: 12 set. 2022.

ROSA, Beatriz Antunes da; Silva, Chaiane Guterres da; SANTOS, Joyce; CARICATE, Mathaus Nascimento; DOMINGOS, Vanessa Zoraide. Atuação do Coletivo Negro Magali Da Silva Almeida no período da greve estudantil da UFSC. *In: Anais do Seminário Nacional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social*. 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1B_5p_cwGCQwQy0vzPrYVvMHaOQrUY-Te/view. Acesso em: 12 set. 2022.

TEIXEIRA, Ana Cecília de Araújo; COSTA, Gabriela Cleusa; DE JESUS, Gisllayne; CHAGAS, Juan Rafael Mirê Sanchez. Coletivo Negro De Serviço Social Magali Da Silva Almeida: a historicidade do coletivo e uma reflexão acerca dos desafios ligados às questões étnico-raciais na formação em Serviço Social. 2020. *In: Anais do Seminário Nacional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social*. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1L7GFG1x7N9bwIM4kAgo3t_kMCXg4JW1L/view. Acesso em: 12 set. 2022.

SOBRINHO, Jodeylson Islony de Lima. O Movimento estudantil de Serviço Social (MESS): uma mediação ético-política na formação profissional em Serviço Social. Congresso Brasileiro de Assistentes sociais, v.16, n.1 (2019). Disponível em: <https://brosequini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1762/1722> . Acesso em: 04 jun. 2023.

LEÃO, Pedro Paulo Telles; SILVA, Ana Claudia Fontes da. A formação profissional em Serviço Social e o movimento estudantil de serviço social: a ENESSO somos todos nós! Congresso Brasileiro de Assistentes sociais, v.16, n.1 (2019). Disponível em: <https://brosequini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1091/1067> . Acesso em: 04 jun. 2023.

GUEDES, Ana Cristina Farias; PEREIRA, Diana Vanessa. “Da imensa satisfação, da vontade de mudar”: o MESS e a direção crítica na formação profissional. Congresso Brasileiro de Assistentes sociais, v.16, n.1 (2019). Disponível em: <https://brosequini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/192> . Acesso em: 21 set. 2023.

GUEDES, Ana Cristina Farias; PEREIRA, Diana Vanessa. “Minha voz não é só minha”: o MESS como movimento social. Anais do Congresso Brasileiro de Assistentes sociais, v.16, n.1 (2019). Disponível em: <https://brosequini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/191> . Acesso em: 21 set. 2023.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro; ELIAS, Maria Aparecida; FIGUEIREDO, Cosma Caldas de. Movimentos sociais e serviço social: reflexões a partir de uma experiência de extensão universitária. In: Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social-ENPESS. 2018. v. 1 n. 1 (2018). Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22694> . Acesso em: 21 set. 2023.

ALMEIDA, Raline Santana. Executiva Nacional de Serviço Social e a Questão Racial: contribuições para a formação profissional. In: Anais do Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, v. 17, n. 1 (2022). Disponível em:

<https://www.cfess.org.br/cbas2022/uploads/finais/0000001441.pdf> . Acesso em: 21 set. 2023.

SOARES, Raí Vieira; GONÇALVES, André de Menezes. Movimento estudantil de serviço social e formação profissional: contribuições do protagonismo político-organizativo da ENESSO. In: Anais do Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, v. 15, n.1 (2016). Disponível em:

https://cbas2016.bonino.com.br/arquivos_artigos/0153.pdf . Acesso em: 21 set. 2023.

FERREIRA, Wellington Monteiro, PORTELA, Luana; SILVA, Priscila Ketlyn Firmino; SIQUEIRA, Guilherme; SILVA, Natália Costa. O Serviço Social e sua dimensão político-organizativa: perspectivas sobre a representatividade estudantil na ABEPSS. Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. v.17, n.2 (2022). Disponível em: <https://www.abepss.org.br/enpess-anais/public/arquivos/00486.pdf>. Acesso em: 21 set. 2023.

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan; SILVA, Gabriele Ponciano da; SILVA, Leticia Rodrigues; VALDO, João Paulo. A necessidade do fortalecimento do movimento estudantil de serviço social: contribuição para a manutenção do legado crítico da categoria profissional. XV Encontro Nacional de Pesquisadores (as) em Serviço Social - ENPESS, Ribeirão Preto, 2016.

FORNAZIER MOREIRA, T. W.; CAPUTI, L. . O Projeto Ético-Político do Serviço Social e a relação com o Movimento Estudantil: caminhos para o fortalecimento da organização política da categoria profissional. In: II Seminário Nacional de Teoria Marxista: O capitalismo e suas crises, 2016, Uberlândia-MG. II Seminário Nacional de Teoria Marxista: O capitalismo e suas crises, 2016.

FORNAZIER MOREIRA, T. W.; LIMA, T. R. . O Assistente Social e a Identidade Atribuída?. In: X Seminário Regional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social, 2014, Ituiutaba-MG. X Seminário Regional de Formação Profissional e Movimento Estudantil de Serviço Social, 2014.

FORNAZIER MOREIRA, T. W.; CAPUTI, L. . A dimensão política do Movimento Estudantil de Serviço Social. In: XVI Encontro Nacional de Pesquisadores/as em Serviço Social (ENPESS), 2018, Vitória-Es. Anais do XVI ENPESS, 2018.

FREITAS, Ivaneide Duarte de; LIMA, Isabelle Cristina Custódio de. O Movimento Estudantil de Serviço Social como instrumento de defesa e reafirmação do projeto ético-político de serviço social nas IES privadas. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas. Anais da IX Jornada Internacional de Políticas Públicas: civilização ou barbárie. São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2017.

Disponível em:

<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo13/omovimentoestudentildeservicosocialcomoinstrumentodedefesaereafirmaaodoprojetoeticopoliticodeservicosocialnasiesprivadas.pdf> . Acesso em: 22 set. 2023.

LIMA, Isabelle Cristina Custódio de; SILVA, Alexandre Lourenço da Costa. “Se muito vale o que já feito, mas vale o que será”: uma análise da construção do Movimento Estudantil de Serviço Social na Estácio/FATERN. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas. Anais da IX Jornada Internacional de Políticas Públicas: civilização ou barbárie. São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2019.

Disponível em:

http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_878_8785cbcc2b560f26.pdf . Acesso em 22 set. 2023.

OUTROS/DIVERSOS

PEQUENO, A. C. História dos encontros nacionais de estudantes de Serviço Social (1978 – 1988). Rio de Janeiro: ESS/UFRJ, 1990. (*mimeo*).⁴

CRESS-RJ. Especial 80 anos: Movimento estudantil do Serviço Social. Práxis, Ano IX nº 89. CRESS: Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: praxis-089.pdf (cressrj.org.br). Acesso em 21 mar. 2022.

⁴ Arquivo não localizado.

DORIA, André Luiz Novais. Resgate histórico da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social: história de luta e organização política do movimento estudantil. *In*: EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL. **Textos, Artigos, TCC's e Dissertações Sobre o MESS e a ENESSO**. s.d. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/histc3b3ria-do-mess.pdf>. Acesso em 21 mar. 2022.⁵

SILVA, Mario Pereira de Nascimento. Uma gota de história do movimento estudantil de serviço social - MESS: resgate das duas últimas discussões na lista de e-mails “executiva-mess” - ano de 2012. *In*: EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL. **Textos, Artigos, TCC's e Dissertações Sobre o MESS e a ENESSO**. s.d. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/histc3b3ria-mess-resgate-das-duas-ultmas-discussc3b5es-do-grupo-nacional-da-enesso-executivamess.pdf>. Acesso em 21 mar. 2022.⁶

EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE SERVIÇO SOCIAL. Documento: Pro dia nascer feliz. Contribuição para o movimento estudantil de serviço social. Brasil, 1994. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/pro-dia-nascer-feliz-contribuic3a7c3a3o-para-o-mess-julho-1994.pdf>. Acesso em 21 mar. 2022.

ABREU, J. B.; LADEIRA, J. Movimento estudantil faz escola na formação do profissional crítico. Inscrita, Brasília, ano II, n.4, maio 1999.

TCC's

AMORIM, Paula, K. A construção do projeto ético-político com os estudantes de serviço social: o que somos, porque se luta, contra quem se luta e que formação necessita. (Trabalho de Conclusão de Curso). Porto Alegre: PUC/RS, 2001.

⁵ Não publicado em periódico com ISSN. Disponibilizado através do *blog* oficial da ENESSO.

⁶ Não publicado em periódico com ISSN. Disponibilizado através do *blog* oficial da ENESSO.

MOREIRA, S. S. A formação profissional e o papel do movimento estudantil de serviço social na década de 90: um estudo sobre o processo de construção das diretrizes curriculares. Rio de Janeiro, 2002. Trabalho de conclusão de curso - Curso de Serviço Social, Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de. Movimento Estudantil de Serviço Social: caminhos históricos e contribuições na formação profissional. 2003. Universidade Federal de Juiz de Fora.

OLIVEIRA, Joel Américo Barros de. Uma análise do movimento estudantil em serviço social (MESS) e sua relação com o debate de formação profissional no período de 1978-2003. Trabalho de conclusão de curso, Graduação em Serviço Social. UNIVALE, Governador Valadares, 2003.

VASCONCELOS, Ailton Marques de. A organização política dos estudantes de Serviço Social, 1978-2002. E a sua relação com o projeto de formação profissional. PUC: São Paulo, 2003. (Monografia de Graduação). Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/tcc-airlton-mess1.pdf> . Acesso em 11 jun. 2023.

BASTOS, Amanda Suelen F. A Reforma do ensino superior nos marcos do Governo Lula: as formas de enfrentamento da - Executiva Nacional de estudantes e Serviço Social – ENESSO. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2005.

VERONICA, Jaqueline Fernanda. A participação dos estudantes de Serviço Social no Movimento Estudantil e sua relação com o processo de formação profissional. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Universidade de Taubaté/UNITAU. Taubaté, 2005.

SCHULTZ, Aline Pinheiro; TAQUETTI, Camila Lopes; MATTOS, Marilucia dos Santos. Movimento Estudantil e Formação Profissional: conexões possíveis de uma trajetória de lutas e contribuições. (Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Serviço Social). Vitória: UFES/CCJE/DSSO, 2006. 114f. Disponível em:

<https://enessoooficial.files.wordpress.com/2012/04/movimento-estudantil-e-formac3a7c3a3o-profissional-as-conexc3b5es-poss3adveis-de-uma-trajetc3b3ria-de-lutas-e-contribuc3a7c3b5es-2006.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SILVA, Celso Severo da. Ação política estudantil como estratégica para construção e fortalecimento do projeto ético-político profissional. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, CSSA – UFPE. Recife, 2006.

SANTOS, Tiago Barbosa. A Participação Política dos Estudantes de Serviço Social na defesa e direção social da formação. PUC: São Paulo, 2007. (Monografia de Graduação). Disponível em: <https://enessoooficial.files.wordpress.com/2012/04/a-participao-politica-dos-estudantes-de-servio-social-na-defesa-e-na-consolidao-da-direo-social-da-formao-a-prxis-politica-dos-estudantes-e-a-relao-com-a-forma.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

CAVALCANTE, Maria Lenira Gurgel. Movimento Estudantil de Serviço Social na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: trajetória histórica na luta por uma universidade pública e de qualidade. 2007. 80f. Monografia (graduação em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró-RN, 2007.

OLIVEIRA, Adriana Silva; NOVAES, Luiz Eduardo Rodrigues. A organização Política dos Estudantes de Serviço Social na década de 1960 e 1970 -Trajetória Histórica e suas lutas frente à ditadura militar. PUC: São Paulo, 2008. (Monografia de Graduação).

VIEIRA, Daniela da Silva. A contribuição do Movimento Estudantil de São Paulo em Serviço Social com a formação profissional. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade Mauá/FAMA. Mauá, 2008.

SILVA, Andréa Alice Rodrigues. Convite à rebeldia: uma reflexão sobre o Movimento

Estudantil de Serviço Social e seus desafios na contemporaneidade. Fortaleza-CE, 2008. (Monografia de graduação). Disponível em:

<https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/conviterebeldia-1.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

RODRIGUES, Larisse de Oliveira. O Movimento Estudantil e a formação política do(a) estudante de Serviço Social: contribuições e desafios. Natal: UFRN, 2008. Disponível

em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/o-movimento-estudantil-e-a-formac3a7c3a3o-polc3adtica-doa-estudante-de-servic3a7o-social-contribuic3a7c3b5es-e-desafios-2008.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SILVA, Lucilene da. Paixão, resistência e compromisso: o Movimento Estudantil de Serviço Social na luta por uma formação profissional de qualidade. UNIOESTE: Toledo, 2008. Disponível em: [https://cac-php.unioeste.br/cursos/toledo/servico_social/arquivos/2007_lucilene_da_silva.pdf](https://cac.php.unioeste.br/cursos/toledo/servico_social/arquivos/2007_lucilene_da_silva.pdf). Acesso em: 21 mar. 2022

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro. Nosso sonho não faz silêncio: os desafios do movimento estudantil de Serviço Social. Mossoró, UERN, 2011. (Monografia de Graduação).

OLIVEIRA, Inaê Soares. A contribuição do movimento estudantil na formação política e cultural dos/as estudantes de serviço social. 2014. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2014) – Universidade Estadual do Ceará, , 2014. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=80335>. Acesso em: 21 mar. 2022.

DINIZ, Tamiris Gomes. A gente quer ter voz ativa e a nossa luta tocar: o encontro das escolas e sua contribuição para o movimento estudantil de serviço social. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2014) – Centro de Ensino Superior do Ceará, Fortaleza, 2014.

MICHILES, Marcelo Matos. O Movimento Estudantil de Serviço Social na Faculdade Cearense: São os gritos pela necessidade de não calar. (Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Serviço Social). Fortaleza, 2014. 187f. Disponível em: https://enessooficial.files.wordpress.com/2012/04/o-movimento-estudantil-de-servic3a7o-social-na-faculdade-cearense_sc3a3o-os-gritos-pela-necessidade-de-nc3a3o-calar.pdf. Acesso em 21 mar. 2022.

VALDO, João Paulo; SILVA, Sócrates Pereira. Movimento estudantil de Serviço Social e as organizações políticas: contribuições e entraves. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Serviço Social) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

FORNAZIER MOREIRA, Tales Willyan. Movimento estudantil de serviço social e o projeto ético-político na formação profissional. Uberaba, 2016. (Monografia de graduação). Disponível em: https://biblioteca.sophia.com.br/5362/asp/download.asp?codigo=170&tipo_midia=2&iIndexSrv=1&iUsuario=0&obra=18868&tipo=1&iBanner=0&iIdioma=0. Acesso em: 26 ago. 2023.

COSTA, Mirtes Nayanne Freitas Costa. O Movimento Estudantil de Serviço Social da UFCG, Campus Sousa/PB: uma análise acerca das lutas, alianças, desafios e o combate à precarização da assistência estudantil. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Campina Grande.

CUNHA, Mariele Cavalcante. Saúde não é mercadoria: participação do movimento estudantil de serviço social na Frente Nacional Contra a Privatização Da Saúde. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual do Ceará. Mossoró, 2019. 55f. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1WJHs0r5_JtesL84cHBQb__TffXy4MYrD/view. Acesso em: 21 mar. 2022.

ZANELLI, Lucila de Souza. Movimento estudantil de Serviço Social e consciência de classe: um debate a partir da ENESSO. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, 2019. 128 p. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/17GbO9b75ioXi9WphCxp22jDP-gLg2LXi/view>. Acesso em: 21 mar. 2022.

OLIVEIRA, Valdinei De Souza. Movimento estudantil e serviço social na redemocratização acadêmica. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Curso de Serviço Social, Faculdade da Amazônia, Vilhena, 2019. 33 f. Disponível em: <http://repositorio.fama-ro.com.br/handle/123456789/137> . Acesso em: 29 mai. 2023.

SILVA, Mariana Oliveira. Movimento Estudantil de Serviço Social: uma década de luta e resistência. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Helen Cristina Ferreira da. Olhos atentos braços fortes pra enegrecer, juventude negra organizada para tomar o poder: Serviço Social, raça/etnia o debate no interior do movimento estudantil. 2021. 93 f. Monografia (Graduação) - Curso de Serviço Social, Campus Universitário de Miracema, UFT, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/2716> . Acesso em: 29 mai. 2023.

SANTOS, Mirelle Patrino Araujo; DE BARROS, Yasmin Patricia dos S. F. C. Movimento estudantil em Serviço Social: desafios de ontem e de hoje. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/7989> . Acesso em: 29 mai. 2023.

SILVA, Juliana Fracaro da. Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social - ENESSO Região VII: relato de experiências na militância estudantil. 2022. 88 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/xmlui/handle/11600/63353> . Acesso em: 29 mai. 2023.

COSTA, Ana Carla. MOVIMENTO ESTUDANTIL DE SERVIÇO SOCIAL E PANDEMIA COVID-19 - “O DESAFIO É (RE) ENCANTAR-SE!”. 2022. 74f. TCC

(Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2022.

ARAÚJO, Beatriz Alves. ENESSO no combate ao racismo: contribuições do movimento estudantil de Serviço Social na luta antirracista. 2023. 90f. TCC (Graduação). Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2023.